

Este exemplar é a redação final
defendida por Cristiane Cagnoto
Mori

e aprovada pela Comissão Julgadora em
06 / 05 / 94

M. Scarpa
PROFA. DRA. ESTER MIRIAN SCARPA

O DESENVOLVIMENTO GESTUAL DE UMA CRIANÇA OUVINTE E OUTRA DEFICIENTE AUDITIVA: UM ESTUDO CONTRASTIVO

*Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre
em Lingüística*

AUTORA: CRISTIANE CAGNOTO MORI 824

ORIENTADORA: ESTER MIRIAN SCARPA Scarpa

UNICAMP - 1994

M824d

21838/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

"Acabou?"

"Falta muito?"

"Deste tamanho? Mas não era conclusão?"

A você, Evandro, por sua eterna paciência comigo.

"Mamãe acha que vou ser médica."

"Papai acha que vou ser professora"

Aos meus pais que, como muitos, escreveram seus palpites sobre meu futuro e, como poucos, passaram muito perto.

AGRADECIMENTOS

Este não é somente um trabalho sobre os gestos e sua constituição ... é sobretudo o resultado do gesto de muitas pessoas que, nas mais diversas fases e das mais diferentes maneiras, participaram e contribuíram para a sua elaboração. Cada um destes gestos foi realizado num certo espaço do tempo, numa determinada ordem e é assim - cronologicamente - que farei meus agradecimentos.

Ao meu pai por me ensinar o valor da humildade e da responsabilidade. À minha mãe por sempre me fazer ver a luz quando tudo parecia escuro e insolúvel. A eles agradeço por tudo e para sempre.

À Prof. Dra. Roxane Rojo por ter me introduzido nos mistérios da Psicolíngüística e à minha querida amiga Xane por ter permitido, numa atitude de singular altruísmo, que outros terminassem a tarefa. A você, minha gratidão e carinho eternos.

À Prof. Dra. Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka que, desde que esta tese era ainda um incipiente projeto, acreditou nele e me ajudou com seus conhecimentos, materiais bibliográficos e, principalmente, com sua amizade.

À Prof. Dra. Ester Scarpa de quem abusei da paciência e, mesmo assim, com uma sabedoria "matemática", soube me conhecer profundamente e guiar meus passos com a precisão e a firmeza necessárias para que eu terminasse o "interminável". A você Ester, meu eterno agradecimento.

Ao Wagner e à Mayara pelos seus gestos. Que um dia vocês possam saber o quanto eles são valiosos!

À Márcia, Ernan, Jose e Valdeci não só por terem permitido que eu entrasse em suas vidas, mas principalmente pela sorridente paciência com que participaram de todas as coletas. Com vocês pude aprender também sobre ser pai e mãe.

Ao Evandro por ter tornado possível inúmeras fases deste trabalho: das pacientes filmagens às intermináveis sessões de digitação. Agradeço-lhe por tudo mas, principalmente, por ter me ensinado o sentido do amor e da cumplicidade. A você, todo o meu amor.

Às Professoras Dras. Maria Cecília Perroni e Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka pelas cuidadosas observações junto ao meu exame de qualificação. Espero tê-las compreendido e aplicado devidamente.

Ao Wilson por tornar tão claro e acessível aquilo que sempre fora um mistério para mim. Ao meu amigo por ter extrapolado, em todas as suas "assessorias", aquilo que eu, enquanto aluna do IEL, poderia merecer. É verdade que esta tese não existiria sem a sua ajuda, mas quero lhe agradecer ainda mais por ter me conhecido tão bem, em circunstâncias tão adversas. A você, meu eterno obrigado.

A todos os meus alunos que através daquelas dúvidas, cujas respostas eu considerava já tão bem sabidas, fizeram-me revisitar autores que, por fim, acabaram por iluminar este trabalho. Ao Adalberto que sequer imagina a extensão de sua ajuda. Agradeço-lhe pelos equipamentos, pelas assessorias e, principalmente, por sua disponibilidade e solicitude.

A todos os meus amigos que me acompanharam nesta longa estória. Em especial, à Rita, Cristina, Silvana, Giane e Rose das quais tantas vezes me afastei em nome desta tese, mas que se mantiveram sempre presentes nos momentos em que precisei delas.

Ao CNPq, cujo financiamento contribuiu para que todas as etapas deste trabalho pudessem ser realizadas.

RESUMO

Este trabalho visa investigar contrastivamente os desenvolvimentos gestuais de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva, ambas filhas de pais ouvintes, e se insere numa abordagem sócio-construtivista de aquisição da linguagem.

Foram estabelecidas três submetas a serem cumpridas: a) como se dá a transformação de um movimento em um gesto; b) qual a importância dos gestos e do discurso do outro na determinação deste processo; c) qual a função dos gestos da criança em seu processo de desenvolvimento de linguagem. Para alcançar estes objetivos, foram filmadas uma criança ouvinte (de 08m a 1a 6m) e outra deficiente auditiva (de 1a 3m 21d a 2a 4m 24d), perfazendo um total de 20 coletas com, aproximadamente, 30 minutos de duração cada uma.

Foram realizadas dez coletas com cada um dos sujeitos, mas somente com a criança ouvinte manteve-se inalterado o intervalo de um mês entre elas. Foram registrados momentos de interação entre a mãe ou um outro membro do respectivo círculo familiar e cada uma das crianças. Tendo em vista que se visava investigar o processo pelo qual as crianças desenvolveriam seus sistemas gestuais, o método de análise adotado foi o longitudinal observacional.

Quanto ao sujeito ouvinte, a análise dos dados mostrou que, inicialmente, a criança apresenta movimentos generalizados que, após serem recortados e interpretados pelo discurso do outro, transformam-se em gestos, indicativo, demonstrativo e representativo. Após passarem por variadas formas, os gestos se estabilizam e passam, a partir da interpretação adulta, a desempenhar diferentes funções e a participar do processo de constituição da contraparte oral da linguagem. Quanto ao sujeito deficiente auditivo, constatou-se que os interlocutores se utilizam de recursos comunicativos e demonstrativos visando obter, respectivamente, a ação e a atenção infantis. Os gestos indicativo, demonstrativo e representativo integram o repertório gestual desta criança e são concatenados entre si por ela, e pelos seus interlocutores, o que determina a construção de uma sintaxe gestual e demonstra que esta díade está privilegiando esta modalidade em suas interações, enquanto a oralidade fica circunscrita àqueles episódios originados em atendimentos fonoterápicos.

ÍNDICE

	Pág.
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	
1- APRESENTAÇÃO	1
2- A TEORIA	
2.1- Teoria de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem	3
2.2- O Papel e o Lugar do Gesto na Construção da Linguagem de Crianças Ouvintes	5
2.3- O Papel e o Lugar do Gesto na Construção da Linguagem de Crianças Deficientes Auditivas	10
3- OBJETIVOS	15
4- METODOLOGIA	
4.1- Os sujeitos	17
4.2- A coleta	18
4.3- A transcrição	21
4.4- O método	23
5- CATEGORIAS DE ANÁLISE	
5.1- Introdução	24
5.2- Categorias	
5.2.1- Movimentos	25
5.2.2- Gestos	25

CAPÍTULO II -.ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA OUVINTE

1- Em direção à gestualidade: a emergência dos esquemas corporais	28
2- Gesto Indicativo: um percurso de muitas formas	31
3- Gesto Indicativo: um percurso de muitas funções	39
4- Gesto Representativo: sua constituição e sua função enquanto senhas gestuais	48
5- Gestualidade X Oralidade: aspectos de uma relação de interdeterminação	60

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA

1- Recursos comunicativos: em busca da atenção infantil	70
2- Recursos demonstrativos: em busca da ação infantil	73
3- Os gestos dêiticos e sua multifuncionalidade.	77
4- A sintaxe gestual como forma de funcionamento da interação 4.1- Os gestos representativos	80
4.2- A sintaxe gestual em ação	83
5- Gestualidade X Oralidade: algumas considerações	90

CAPÍTULO IV- CONCLUSÃO: em busca de uma Análise Contrastiva.

1- Sujeito Ouvinte (M.)	94
2- Sujeito Deficiente Auditiva (W.)	98
3- Análise Contrastiva: algumas possibilidades	100

BIBLIOGRAFIA	103
------------------------	-----

APÊNDICE

- A- Transcrição dos dados do sujeito ouvinte
- B- Transcrição dos dados do sujeito deficiente auditivo

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1- APRESENTAÇÃO

Embora este estudo tenha sido inspirado em trabalhos atestadamente acadêmicos, nele não deixa de subjazer uma nossa dúvida bastante cotidiana: se somos seres ouvintes e falantes, por que então gesticulamos concomitantemente ao ato de falar, até mesmo naquelas situações de ausência do interlocutor (como por exemplo, ao telefone)?

Talvez devamos avisar desde já que a resposta para esta pergunta não constitui nosso grande objetivo, mas é certo que muito do que poderemos aqui explicar estará de alguma forma implicado na resolução desta questão.

Se nos valermos dos estudos sobre aquisição da linguagem realizados com crianças pequenas, é possível encontrar dados fidedignos a respeito da eficácia comunicativa que estas crianças conseguem através de seus gestos, quando sua linguagem é ainda rudimentar e indiferenciada. A partir do momento, porém, que esta linguagem diferencia-se e se torna mais efetiva, a gestualidade é relegada a um segundo plano e não mais estudada. Ora, mas se os adultos gesticulam - e isto é não só um fato indiscutível como também é domínio do senso comum o fato de que há diferenças culturais nos diversos sistemas gestuais - é lógico pensar que as crianças falantes também o façam. Assim sendo, por que não estudar o destino dos gestos infantis quando do aparecimento da linguagem verbal? Não estaria aí a resposta para nossa pergunta inicial? É bem provável que sim!

A outra grande pergunta de nosso trabalho tem suas origens numa preocupação profissional, a saber, nosso trabalho clínico conduziu-nos a pensar sobre o desenvolvimento gestual de crianças deficientes auditivas. Em virtude do grande número de crianças brasileiras que não são expostas a uma linguagem de sinais sistematizada, o conhecimento do quanto estas crianças deficientes auditivas são capazes de produzir gestualmente é de grande interesse não só para os fonoaudiólogos, como também para os lingüistas, como pretendemos mostrar ao longo desta pesquisa.

Pois bem, uma vez explicitados os motivos pessoais que determinaram a escolha desta investigação, cabe-nos agora esclarecer ao leitor como este trabalho foi realizado, ou seja, apresentar quais discussões foram realizadas em qual momento. Este CAPÍTULO I traz, em seus cinco itens, as discussões necessárias à realização da análise dos dados e à conclusão.

Assim, o ítem 2 traz uma discussão sobre o que significa adotar uma visão sócio-construtivista de aquisição da linguagem, seguida da resenha de alguns trabalhos que de alguma forma apontam para a relação entre gestualidade e oralidade na aquisição de linguagem de crianças ouvintes. Por fim, apresentam-se os resultados de pesquisas que visaram estabelecer a origem e / ou o desenvolvimento da gestualidade em crianças deficientes auditivas.

No ítem 3, esclarecer-se-á ao leitor qual foi o objetivo perseguido nesta investigação. Tendo em vista que estabelecer uma comparação entre os desenvolvimentos gestuais de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva é um tema por demais amplo, foi necessário que se delimitassem alguns tópicos a serem tratados. Assim, neste ítem o leitor conhecerá as três submetas que guiaram esta pesquisa.

No ítem 4, o leitor encontrará uma caracterização dos sujeitos investigados relativamente à idade; classe sócio-econômica-cultural; profissão dos pais e posição na constelação familiar. A seguir, esclarecem-se os motivos que impediram que os sujeitos tivessem caracterizações semelhantes. Relativamente à coleta dos dados, além das condições em que foram realizadas, há também a apresentação das datas em que o foram e as respectivas idades dos sujeitos. Após esclarecer os critérios utilizados para a transcrição dos dados, fundamenta-se o porquê da escolha pelo método longitudinal.

O ítem 5 introduz as categorias que serão utilizadas na análise dos dados, bem como a maneira pela qual elas foram construídas.

Nos CAPÍTULOS II e III apresentam-se as análises dos dados dos sujeitos ouvinte e deficiente auditivo respectivamente, sendo que os gestos infantis são discutidos relativamente à categoria em que se encaixam, aos processos que lhe deram origem e às suas relações com a modalidade oral. Durante as discussões buscou-se determinar como o discurso e o comportamento do outro determinavam as características destes sistemas gestuais.

Finalmente, durante o CAPÍTULO IV, retomam-se as principais conclusões apontadas ao longo das análises e, a partir delas, estabelecem-se, quando possível, as semelhanças e as diferenças entre os desenvolvimentos gestuais de ambos os sujeitos.

Após a BIBLIOGRAFIA, o leitor encontrará os APÊNDICES A e B que trazem a transcrição integral dos dados das crianças ouvinte e deficiente auditiva.

2- A TEORIA

2.1- TEORIA DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Fazer uma opção entre tantas teorias de aquisição e desenvolvimento da linguagem que vem se desenvolvendo ao longo dos anos é uma tarefa difícil e explicar os motivos de uma dada opção também o é. Sendo assim, limitar-nos-emos a explicar brevemente o que implica adotar os pressupostos de uma visão sócio-construtivista de constituição de linguagem, visto que assim pretendemos proceder no interior desta pesquisa.

Dentro desta perspectiva entende-se que o acesso da criança ao objeto lingüístico (verbal ou gestual) é feito através do outro que é quem media a relação da criança com o mundo físico e social. A ênfase no termo "construtivista" é necessária para diferenciar tal abordagem daqueles estudos que, apesar de investigarem a interação mãe-criança, apostam num acesso direto desta última à linguagem, ou seja, numa criança que já seja um sujeito constituído.

Assumir uma visão sócio-construtivista significa afirmar que a linguagem tem uma função de construção de conhecimento, ou seja, é pela linguagem que a criança pode constituir o mundo. Através da atividade dialógica entre a criança e a mãe - ou adulto mais próximo - é que o conhecimento do mundo e da linguagem são construídos.

Ao mesmo tempo em que a linguagem é uma atividade constitutiva do conhecimento, ela é também o espaço em que a criança "se constitui como sujeito e em que o conhecimento do outro e do mundo é segmentado e incorporado" (SCARPA, 1987: O3). Assim sendo, a linguagem e o conhecimento do mundo estão intrinsecamente ligados (portanto não se encontram determinados hierarquicamente) e ambos "passam pela mediação do outro, do interlocutor" (op cit).

Quando se aposta nesta visão construtivista de conhecimento (e de linguagem), acredita-se numa criança que inicia seu processo de construção desde o nascimento, ou seja, adota-se necessariamente uma visão diacrônica do processo de desenvolvimento. Desta forma, a criança tem um longo caminho a percorrer, onde os conhecimentos (do mundo e da linguagem) não são acumulados gradativa e hierarquicamente para promoverem, num determinado momento, um salto qualitativo. Antes, as reestruturações e reorganizações estão presentes a todo momento e são, acima de tudo, ricas indicações do processo em si.

Entre os trabalhos de inspiração sócio-construtivista, os de LIER (1983; 1985) interessam-nos mais de perto, dado o escopo de sua pesquisa. Para esta autora, a linguagem é entendida "como parte de um sistema maior - o comunicativo - do qual ela faz parte emergindo e se desenvolvendo" (1983:28), sendo necessária a observação da comunicação para se descobrir as bases interacionais que embasam a interação lingüística propriamente dita. Assim, LIER (op cit) mostra que a "linguagem só vai poder ser entendida como comunicação quando o som humano for constituído como objeto lingüístico", ou seja, quando ele já possa ser introduzido para a negociação entre os parceiros.

O dar-e-tirar, atividade que determina a estrutura da permuta, é realizado através da troca motora dos objetos e, sendo amplamente utilizado nas interações iniciais entre mãe e criança, é o responsável pela construção do sistema comunicativo. Quando se encerra este trabalho, começam os primeiros recortes no contínuo sonoro inaugurando-se o trabalho sobre o objeto lingüístico. Segundo LIER (1985), " (...) o conjunto das ações específicas da díade sobre um determinado objeto ou face deste objeto cujo estatuto comunicativo, lingüístico e cognitivo está sendo negociado, é denominado JOGO" (pg. 48).

Os recortes dos contínuos sonoros e gestuais realizados nas trocas da díade dão origem ao primeiro jogo denominado rítmico (presente na emergência das cantigas infantis). Neste jogo rítmico, o contínuo sonoro é segmentado ritmicamente. A seguir, apresentam-se os jogos de nomeação ("o que é x?"), e o de reconhecimento ("cadê x?"), onde são trabalhadas as faces articulatória e auditiva do som da fala. Posteriormente há o jogo dramático ("como é que x faz?") que representa o primeiro passo visando a síntese das faces auditiva e articulatória do som e, finalmente os jogos vocais onde o som da fala é, definitivamente, o veículo privilegiado de comunicação. Assim, através destes jogos, as faces rítmica, articulatória e auditiva do objeto lingüístico são trabalhadas pela díade, isoladamente num primeiro momento, para posteriormente as faces discretizadas passarem a ser "analisadas e articuladas entre si, compondo unidades arbitrárias maiores" (LIER, 1985:53).

Já tivemos a oportunidade de afirmar que o conhecimento não é entendido como cumulativo, isto é, não é a soma de produtos obtidos que está em jogo. Antes, é necessário adotar uma análise que possibilite a compreensão das mudanças qualitativas que caracterizam o processo de construção da linguagem; e esta análise deve "entender a transformação como propriedade constitutiva do desenvolvimento" (op cit:47). Somente desta forma será possível atentar para as condições de aparecimento dos produtos ou saltos qualitativos e assim

privilegiar o trabalho de produção de conhecimento, entendido como " o conjunto de ações necessárias e partilhadas que resultam em momentos discretos de constituição de produtos de conhecimento " (op cit:47). Ainda nesta perspectiva, os produtos se articulam ao conjunto de ações precedentes e compõem as ações futuras, as quais, por sua vez, determinarão outros momentos de constituição de conhecimento.

Somente perseguindo este modo de compreensão da linguagem é que se adota, verdadeiramente, uma perspectiva de entendimento diacrônica, em oposição a uma análise sincrônica (constituída de estágios estanques ou da soma de produtos) tão amplamente realizada nos estudos sobre aquisição de linguagem.

Os trabalhos de LIER (1983; 1985) foram ressaltados sobretudo por dois aspectos: a) a constatação de que o som humano uma vez privilegiado nas situações interacionais, é que propicia o desenvolvimento do sistema comunicativo-lingüístico da criança ouvinte e; b) a importância que o jogo tem nesse processo, enquanto momento privilegiado da ação conjunta. O conceito de "jogo" nos é particularmente importante, na medida que será utilizado como uma categoria auxiliar de análise, isto é, como um recurso que nos auxiliará na observação dos momentos de interação conjunta em que tanto a modalidade gestual quanto a oral estão sendo negociadas.

2.2 - O PAPEL E O LUGAR DO GESTO NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DE CRIANÇAS OUVINTES

Segundo PEREIRA (1989), mesmo com o advento da chamada lingüística científica, ou seja, do Estruturalismo, que de alguma forma resgatou a oralidade da linguagem, o gesto permaneceu à sombra. Porém, esta omissão é, ao nosso ver, um fato justificável na medida que isto fugiria do escopo do que, para SAUSSURE é a tarefa da lingüística, ou seja, a "langue" e não a "parole" ou a "langage".

Ainda para a autora, é preciso notar que a fonética, ao reivindicar a materialidade da linguagem, discute o lugar do gesto na produção da fala classificando-o, porém, como um fenômeno paralingüístico.

Rastreando o estatuto do gesto na Psicologia, PEREIRA (op cit) identifica um maior interesse pelos gestos nos psicólogos adeptos da filosofia materialista dialética, amplamente representados por Mead, Vygotsky e Wallon.

Segundo estes autores, "o movimento do corpo é que está na origem dos processos simbólicos que vão explicar os processos mentais" (op cit:O8) e é através da interação social que o movimento será significado e, sofrendo transformações qualitativas, resultará num plano mental, intra-subjetivo. Entendem-se, assim, as transformações do movimento através de processos de simbolização como condição de possibilidade para a linguagem e para a inteligência discursiva. VYGOTSKY (1930a) preocupou-se com a questão da internalização das funções psicológicas superiores. Para ele, internalização é a reconstrução interna de uma operação externa e o exemplo mais claro desse processo aparece em sua obra na discussão sobre a internalização do signo indicativo, sobre a construção do gesto de apontar. Nesta discussão, o autor lança mão dos conceitos hegelianos de "em si", "para o outro" e "para si", os quais também utilizava em VYGOTSKY (1930).

Inicialmente o gesto de apontar é simplesmente um gesto de pegar fracassado, dirigido ao objeto, e que representa a ação iminente. Isto é somente um movimento em direção ao objeto que se pode chamar de gesto indicativo em si. Quando a mãe vem em auxílio e interpreta seu movimento como uma indicação, o gesto indicativo se converte em gesto para o outro, por meio do discurso e recorte maternos. Assim, o outro é que introduz, pela primeira vez, sentido a este ato fracassado da criança e, só posteriormente, sobre a base de que o ato fracassado já esteja relacionado para a criança com toda a situação objetiva, é que a criança começa a ver este gesto como uma indicação. Assim, segundo ROJO (1991), "de um movimento dirigido ao objeto, converte-se num movimento dirigido a outra pessoa comunicativo. O pegar se transforma no indicar. Graças a isso o próprio movimento se reduz, simplifica-se e se elabora naquela forma de gesto indicativo que podemos chamar de "gesto para si". Desta forma, para VYGOTSKY (1930: 160), "... a criança (...) é a última a ser consciente de seus gestos. A significação e as funções são criadas, no princípio pela situação objetiva e, depois, pelas pessoas que cercam a criança".

A discussão vygotskyana acima explicitada será de grande valia quando da análise de nossos dados, onde podemos observar que esse processo realmente se efetiva, especialmente no que concerne ao papel desempenhado pelo adulto.

Nos anos 70, o interesse pelos aspectos pragmáticos da linguagem floresceu, devido ao estabelecimento da noção de atos de fala (AUSTIN, 1962), e os fenômenos paralingüísticos, incluindo os gestos, passaram a despertar interesse a partir do papel que pareciam desempenhar no processo de comunicação. Porém, segundo PEREIRA (1989), na

tentativa de explicar a relação entre gesto e fala, o foco tem continuado na linguagem oral e o gesto, encarado como fenômeno paralingüístico, tem sido visto como dependente desta.

Motivados pela teoria dos atos de fala é que os pesquisadores começaram a se interessar pelo papel que o gesto teria no desenvolvimento da linguagem de crianças ouvintes, buscando uma relação explicativa entre interação social, ou comunicativa, e o processo de aquisição da linguagem. Dentro desta perspectiva, poderíamos citar, entre outros:

1- O trabalho de BATES et al (1975) onde a autora afirma que as intenções comunicativas (ou performativos) aparecem na expressão gestual antes de aparecerem na expressão vocal. Ou seja, os "Proto-performativos" são realizações não lingüísticas de intenções comunicativas.

2- O trabalho de BRUNER (1975) onde, estudando jogos em que participam o adulto e a criança pequena, tenta demonstrar que as estruturas lingüísticas têm, como pré-requisitos para sua aquisição, o domínio pela criança das estruturas de ação e atenção conjugadas. Assim, o estabelecimento de papéis no discurso; as funções gramaticais de agente/ ação/ paciente; a noção de tópico-comentário; a marcação de tempo e aspecto; etc, serão construídos primeiramente em nível pré-lingüístico, através de gestos e vocalizações e, posteriormente, em nível verbal.

3- O trabalho de LOCK (1980) que se preocupou com a hierarquia temporal entre gestual e vocal. Para ele o significado das ações da criança reside primeiramente na atividade da mãe que, atribuindo aos primeiros movimentos da criança uma intenção comunicativa, imprime a eles um valor social. É através das respostas da mãe aos movimentos do filho que estes se transformam em gestos que a criança vai, posteriormente, usar intencionalmente.

Os trabalhos de BATES et al (1975) e BRUNER (1975) acima apresentados podem ser classificados como interacionistas por buscarem a explicação para suas questões, na interação entre fatores sociais ou comunicativos e o desenvolvimento lingüístico. Esta relação explicativa está assentada, para estes autores, na continuidade funcional ou estrutural do período pré-lingüístico para o lingüístico. É justamente isso, segundo LEMOS (1986), que impede esta compreensão, na medida que consideram estes períodos como pertencentes a diferentes domínios e também por subordinarem a construção do conhecimento lingüístico à construção de outro domínio.

No caso de BATES et al (1975), a intencionalidade dos comportamentos comunicativos gestuais, vocais ou prosódicos é produto do desenvolvimento cognitivo geral, ou seja, as autoras buscam uma explicação cognitiva para os comportamentos não-verbais e subordinam a linguagem a essa capacidade. No caso de BRUNER (1975), segundo LEMOS (op cit), fica "difícil imaginar o papel da interação nesse mecanismo projetivo, nas categorias de ação e atenção pré-verbais e na construção de seus equivalentes lingüísticos" (pg. 241). Assim, a criança tanto frente ao social quanto frente ao lingüístico deverá, por fim, analisar e organizar os dois tipos de "input" através de seus próprios recursos.

Em suma, estas hipóteses de continuidade funcional ou estrutural não dão conta de explicitar como a interação transforma "os recursos da criança, ou suas capacidades iniciais, biologicamente dadas" (LEMOS, op cit: 241).

LOCK (1980), por sua vez, representa um avanço ao considerar o papel da interação mãe-criança no processo de aquisição de linguagem. Para ele, a continuidade estrutural dos gestos e suas combinações para as primeiras combinações sintáticas, só é possível na medida que a mãe interpreta o movimento da criança e o devolve a ela dotado de significação. Entretanto, também para este autor, linguagem gestual e oral são ordenadas temporalmente, isto é, não são considerados os gestos conjugados à fala que então se inicia.

O avanço representado pelos três trabalhos apresentados deve-se, sobretudo, ao reconhecimento e à atenção dispensados aos comportamentos não-verbais.

PEREIRA (1989) chama a nossa atenção para os trabalhos de BATES et al (1979; 1983) onde, estudando a relação entre gesto e fala e entre ambos e o desenvolvimento cognitivo, estabelecem gesto e fala como dois tipos de comportamento simbólico resultantes do amadurecimento de uma competência cognitiva subjacente comum. Assim neste estudos, segundo PEREIRA (op cit), os gestos produzidos pelas crianças ouvintes eram considerados simbólicos mas não comunicativos.

Movendo-se dentro desta perspectiva cognitivista piagetiana, encontramos o trabalho de CASELLI, OSELLA e VOLTERRA (1983), que considera os gestos produzidos pela criança ouvinte como tendo função comunicativa. Através da observação da comunicação gestual de seu filho Luca, dos 09 aos 27 meses, CASELLI e colaboradores notaram que inicialmente, aos 10 meses, Luca apresentava "gestos comunicativos intencionais (ou dêiticos)" cujo referente é dado inteiramente pelo contexto. Estes gestos de indicar, dar e mostrar apareciam um de cada vez e podiam ser usados com intenção de pedido ou de declaração. Esta

intenção, segundo as autoras, era atestada tanto pelo contexto, como por sinais vocais e modulações de voz que normalmente acompanhavam tais gestos.

Aos 12 meses, Luca passava a apresentar os " gestos referenciais ", nos quais a criança usa um símbolo não-verbal como significante para representar uma determinada realidade significada. O significado é convencionalizado pela criança e por seus interlocutores e o conteúdo semântico não varia de acordo com o contexto. Os primeiros destes gestos referenciais nascem a partir das ações da criança sobre o próprio corpo (fingir cair, dançar, fazer tchau, etc.); posteriormente aparecem os gestos referenciais originados nas ações da criança sobre o mundo físico. Estes últimos, segundo CASELLI e colaboradores (op cit), parecem derivar mais do reconhecimento da função característica de um determinado objeto do que da imitação das formas destes objetos. Os dois tipos de gestos referenciais, no entanto, "eram usados inicialmente em esquemas interacionais com o adulto ("rotinas") e posteriormente eram recontextualizados" (PEREIRA, 1989:53).

Para CASELLI et al (1983), num primeiro momento a criança explorando o objeto reconhece seu uso apropriado. A partir disto, passa a reinstaurar na comunicação esquemas de ação conhecidos de forma reduzida para, finalmente, usar gestos para pedir ou nomear objetos ausentes. Desta forma, é no término do processo de decontextualização que emergem as expressões de dois ou mais elementos.

Segundo CASELLI (1983a, apud PEREIRA, 1989) foi possível isolar três momentos na comunicação oral/gestual de seu filho:

- I- gesto referencial como suporte ou concomitante ao gesto dêitico;
- II- gesto referencial usado produtivamente pela criança, ao mesmo tempo que os vocábulos emergem em situações interacionais ritualizadas e;
- III- o sistema vocal se consolida e o gesto é gradativamente substituído pela linguagem oral. O gesto passa a ser usado como alternativa para uma oralidade mal-sucedida, para expandir um enunciado ou ainda para representar elementos ainda inexistentes na linguagem oral da criança.

CASELLI et al (1983), analisando os dados de Luca e de outras duas crianças ouvintes (G. e F.), ainda afirmam que as primeiras palavras referenciais não são acompanhadas de gestos referenciais. Embora num estágio precedente haja gesto dêitico + palavra ou gesto dêitico + gesto referencial, estas crianças passam a usar duas palavras

referenciais sem nunca terem combinado dois gestos referenciais. Assim, os gestos referenciais usados pelas crianças ouvintes foram considerados como precursores da comunicação vocal.

Apesar de interacionista, a posição teórica piagetiana se distingue daquela por nós adotada pelo papel constitutivo que estamos atribuindo ao social "enquanto lugar de inserção do organismo na ordem simbólica, condição necessária para o pensamento e para a construção do conhecimento" (LEMOS, 1989: 61) (grifo nosso). Assim sendo, encarar gesto e fala como dependentes de uma capacidade cognitiva maior (cf. BATES et al 1979; 1983) é incompatível com nossos pressupostos. Também o é, da mesma forma, considerar os gestos referenciais da criança pequena (cf. CASELLI et al, 1983) como pré-requisitos da comunicação vocal, uma vez que estes gestos não desaparecem num período posterior, mas sim constituem as ações que determinarão novos momentos de construção do conhecimento e, sobretudo, transformam-se, como tentaremos demonstrar durante a análise dos dados.

2.3 - O PAPEL E O LUGAR DOS GESTOS NA CONSTRUÇÃO DE LINGUAGEM DAS CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

Ao rastreamos a literatura sobre aquisição de linguagem nos deficientes-auditivos, uma importante contribuição nos é dada pelos trabalhos de CASELLI et al (1983) e CASELLI (1983). Segundo a autora, as etapas do processo de aquisição da linguagem se sucedem numa ordem fundamentalmente igual para todas as crianças, independente da modalidade (vocal ou gestual) na qual a língua se exprime. As crianças ouvintes e deficientes auditivas, no primeiro período, comunicam suas necessidades e estados usando somente gestos dêiticos, cujo referente está presente no contexto. No período seguinte aparecem os gestos referenciais, cujo significado é construído pela criança em interação com a mãe, e as palavras. Estes gestos, no início, não se referem a referentes precisos, mas a "complexos esquemas de ação e derivam das trocas ritualizadas com a mãe" (CASELLI, 1983a:139). Posteriormente, eles destacam-se e passam a representar uma parte do esquema (objeto, ação, etc.). Neste período, a interação comunicativa com a mãe tem grande importância; a mãe estimula a produção de gestos e palavras através de pedidos de nomeação e apresenta um modelo muito simples, adaptado ao nível da criança, contextualizado e em relação à própria experiência da criança. Além disso,

a autora mostra que os gestos desenvolvidos pelas crianças ouvintes são dos mesmos tipos observados na comunicação de crianças deficientes-auditivas.

Em 1983, por exemplo, CASELLI et al nos mostram que os gestos utilizados por M., uma criança deficiente-auditiva por elas analisadas, pareciam seguir, a exemplo das crianças ouvintes, um processo de decontextualização. Assim, M. produz de maneira comunicativa, primeiramente os gestos de "dormir", "beber" e "comer" para, posteriormente, utilizá-los na ausência do objeto. À semelhança das crianças ouvintes, M. combina dois gestos dêiticos ou um gesto dêitico e outro referencial. Diferentemente das crianças ouvintes, no entanto, M. combina ou um gesto referencial e uma palavra ou dois gestos referenciais, contemporaneamente ao momento em que as crianças ouvintes passam a combinar duas palavras. Para VOLTERRA et al (1982) esta diferença a nível de combinação de símbolos entre crianças ouvintes e deficientes-auditivas realmente se efetiva, começando a se tornar mais evidente por volta dos 15/16 meses de idade. Como conclusão, CASELLI et al (1983) consideram gesto e fala como pertencentes a uma mesma capacidade simbólica.

Recentemente, PETITTO e MARENTETTE (1991) empreenderam um estudo comparativo do balbucio em cinco crianças, sendo duas deficientes-auditivas (expostas a uma língua de sinais) e três ouvintes, entre as idades de 10 a 14 meses. Seus resultados demonstraram que o balbucio manual das crianças deficientes-auditivas apresentava as mesmas características do balbucio das crianças ouvintes. Dentre elas, poderíamos citar:

- a) surdos e ouvintes encontram-se, aos 10 meses, dentro do estágio do balbucio silábico;
- b) as crianças deficientes-auditivas produzem um balbucio manual jargão semelhante ao balbucio vocal jargão das crianças ouvintes, ou seja, um balbucio sem sentido mas que soam como sentenças e;
- c) as primeiras palavras das crianças ouvintes coincidem com tipos fonéticos e silábicos encontrados no balbucio vocal, bem como os primeiros signos da criança deficiente-auditiva coincidem com as formas fonéticas e silábicas utilizadas no balbucio manual.

Além disso, os primeiros sinais das crianças deficientes-auditivas e as primeiras palavras das crianças ouvintes emergiram em idades semelhantes, a saber, entre 10 e 12 meses.

Para estas autoras, tais resultados refutam a noção de que o balbucio seja determinado pela maturação de mecanismos articulatórios, pois se assim o fosse, não teriam identificado nem o balbucio manual, nem muito menos suas semelhanças com o balbucio vocal. Assim, sustentam a idéia de que o balbucio seja uma "expressão da linguagem baseada-no-cérebro, amodal, que está ligada a uma capacidade expressiva capaz de processar fala e sinal" (op cit:1495, tradução nossa). Dado que tanto o balbucio vocal quanto o manual apresentam unidades e comparações de unidades comparativas com as propriedades fonéticas e silábicas da linguagem humana, então "a forma e a organização do balbucio estão unidas à estrutura lingüística abstrata da linguagem" (op cit:1495, tradução nossa). Para elas, ainda, é o balbucio que ajudará as crianças a identificar o repertório de unidades básicas e as combinações possíveis entre elas, a partir do "input" a que estão expostas.

Em PEREIRA (1989) é possível encontrar uma extensa resenha de trabalhos realizados com crianças deficientes-auditivas, filhas de pais ouvintes. Representantes destes trabalhos GOLDIN-MEADOW & MYLANDER (1984, apud PEREIRA, 1989), concluem que as crianças deficientes-auditivas podem desenvolver um sistema gestual mesmo sem serem expostas a um "input" gestual, ou seja, este sistema gestual deve ser orientado por disposições internas ou inatas. Para PEREIRA (op cit:67), no entanto, "a análise dessas autoras se limita à verificação da presença de itens idênticos ou semelhantes nos enunciados dos participantes ouvintes e deficientes-auditivos, dando, assim, ênfase aos produtos e não aos processos em curso".

As diferentes contribuições oferecidas pelos trabalhos aqui apresentados são muitas. Em CASELLI et al (1983), um cuidadoso estudo da gestualidade de crianças ouvintes e sua comparação com a gestualidade de crianças deficientes-auditivas; em PETITTO e MAREN-TETTE (1991), uma descrição minuciosa do balbucio manual de crianças deficientes-auditivas que aponta semelhanças com o balbucio vocal de crianças ouvintes e, finalmente, em GOLDIN-MEADOW & MYLANDER (1984, apud PEREIRA, 1989) a análise da comunicação gestual de crianças deficientes-auditivas que são expostas a uma abordagem oralista de ensino de língua.

Conforme já explicitamos, cada um destes trabalhos apresenta diferentes origens e/ou explicações para a capacidade de comunicação gestual das crianças deficientes-auditivas. Nenhum, porém, e esta é sem dúvida uma crítica que pode unir a todos em um único grupo,

faz uma análise cuidadosa e efetiva dos processos interacionais que ocorrem entre pais e criança deficiente-auditiva. Assim, a atividade interpretativa da mãe que preenche de intenção comunicativa a linguagem da criança (conforme acreditamos), ou não é sequer considerada, ou o é de forma descritiva mas não explicativa.

O alçamento do papel da díade, porém, é encontrado no trabalho de PEREIRA (1989). Esta autora investigou o desenvolvimento gestual de quatro crianças deficientes-auditivas em interação com seus pais ouvintes e com seus coetâneos também deficientes-auditivos. As idades variavam entre 02 anos e 07 meses e 04 anos e nenhuma criança apresentava outros comprometimentos aparentes.

Observou-se que todas as mães utilizavam as modalidades gestual e vocal para se comunicarem com seus filhos, porém cada uma privilegiava uma das-modalidades o que, segundo a autora, parece estar intrinsecamente ligado à representação ou imagem que cada mãe construiu de seu filho enquanto portador de deficiência auditiva. A opção feita pela mãe refletiu no desenvolvimento de cada criança.

Também nas duplas de deficientes-auditivos observou-se um desenvolvimento gestual. Em uma das duplas, o tipo de interação foi semelhante ao que cada criança desenvolvia com sua mãe na mesma época, a saber, estabelecimento de formas de interagir. Assim nesta dupla (R. e Vi.), o número de gestos só aumentou quando a interação se estabeleceu. A outra dupla (Va. e M.) já apresentava um sistema gestual em desenvolvimento, mas os gestos não eram necessariamente partilhados pela outra criança. É bastante interessante, no entanto, que o fato de Va. apresentar uma comunicação oral bem mais complexa que a gestual, contribuiu para que M. desenvolvesse sua própria oralidade.

Com relação às transformações qualitativas dos gestos, a autora observa um percurso que se inicia com gestos basicamente indicativos, que servem para regular a participação do outro. Logo após surgem os gestos referenciais de natureza icônica, utilizados para fazer referência a objetos ou figuras presentes no contexto e, finalmente, estes gestos passam a ser usados para "referência a fatos passados, para a instauração do jogo simbólico e (...) para a construção dos primórdios de relato ficcional" (op cit:232). Este percurso demonstra um processo de descentração dos gestos em relação à presença e atividade imediatas sobre o objeto.

Todas as crianças apresentaram as duas modalidades para se comunicar. Na dupla R. e Vi. ficou claro que as vocalizações eram pano de fundo para o primeiro plano constituído

pelos gestos, o que caracterizaria uma "matriz comunicativa" (cf. McNEILL e KENDON, apud PEREIRA, 1989). O mesmo ocorre entre M. e sua mãe em que fragmentos de vocábulos adulto acompanham seus gestos. Já V. e sua mãe usam gesto e fala para se comunicarem, numa relação ora de complementação, ora de ênfase, ora de alternância, onde tanto a fala quanto o gesto podem aparecer em primeiro plano.

Na medida que, como já dissemos, tanto a(s) modalidade(s) eleita(s) pelas mães para se comunicarem com seus filhos incide(m) diretamente na modalidade (ou modalidades) eleita pela criança para se comunicar; como também diferenças entre os desempenhos das crianças podem influir no desenvolvimento lingüístico de outras, parece-nos confirmado que os processos interativos têm um papel determinante no desenvolvimento da linguagem, seja gestual ou vocal, das crianças deficientes-auditivas.

Finalizando, gostaríamos de notar que em nenhum trabalho, à exceção de PEREIRA (1989), houve uma preocupação com o gesto concomitante à fala, uma vez que estas modalidades foram sempre encaradas sob uma hierarquia temporal. Visto que o trabalho de PEREIRA (op cit) abrange somente a população de crianças deficientes-auditivas; a relação de concomitância entre gesto e fala fica ainda por explicar junto à população de crianças ouvintes.

3- OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é investigar contrastivamente os desenvolvimentos gestuais de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva. Tendo em vista que o tema escolhido é bastante complexo, encerrando, por conseqüência, um grande leque de aspectos a serem investigados, vimo-nos obrigados a delimitar quais seriam os tópicos pesquisados. Quando já se contava com o corpora integralmente colhido e comentado, foi possível realizar esta delimitação que respeita, antes de tudo, os pressupostos teóricos adotados. Assim, ao se considerar que a linguagem é, para a criança, um objeto a ser recortado e significado pelo outro e que este ao fazê-lo não está somente proporcionando o conhecimento da linguagem mas também o próprio conhecimento do mundo, seja qual for o objeto de investigação há de se encará-lo desta forma, ou seja, como algo a ser recortado e constituído. Assim sendo, são nossas submetas:

- a) o que é necessário para que um dado movimento se transforme em um determinado gesto e, conseqüentemente, como se dá esta transformação;
- b) qual o peso do discurso do outro e qual a importância dos gestos pelo outro apresentados na determinação deste processo;
- c) conseqüentemente, qual a função destes gestos infantis no processo de construção da linguagem pela criança.

Necessariamente implicados nos itens acima apresentados estão os jogos interacionais propostos por LIER (1983) uma vez que, considerando-se que eles objetivam o trabalho sobre as muitas facetas do objeto sonoro, valerá observar se estes jogos aparecem nas interações observadas e, em caso afirmativo, identificar o que os instanciou e o que se negociou a partir deles. Entretanto, antes de se constituírem num objetivo de investigação, estes jogos funcionam como mais um recurso observacional.

É preciso considerar que o fato de não ter sido possível encontrar sujeitos ouvinte e deficiente auditivo que fossem coetâneos (cf. item 4, pg.17), impediu que a primeira das submetas acima apresentada fosse investigada com a mesma abrangência para ambos os

sujeitos. De qualquer forma, será a somatória das análises realizadas com os sujeitos ouvinte e deficiente auditivo respectivamente que poderá nos levar à realização da análise contrastiva que, como apontamos inicialmente, configura-se na meta diretriz deste trabalho.

Assim, a partir dos resultados parciais obtidos, investigaremos quais são as semelhanças e as diferenças no processo de constituição da gestualidade pelas crianças, bem como o modo pelo qual esta gestualidade se comporta com relação ao sistema lingüístico oral de cada uma delas.

4- METODOLOGIA

4.1- OS SUJEITOS

Sujeito Ouvinte: M. é uma menina brasileira, proveniente de nível sócio-econômico-cultural médio. O pai é advogado e cursa o Programa de Pós-Graduação na PUC-SP. A mãe é professora primária, atuando na área no período matutino. O casal não tem outros filhos e reside no interior de São Paulo.

Sujeito Deficiente Auditivo: W. é um menino brasileiro, proveniente de nível sócio-econômico-cultural baixo. O pai é motorista e a mãe não trabalha. Ambos ouvintes, este casal tem ainda um outro filho, também ouvinte, dois anos mais novo que W. A família reside em Mauá (Grande São Paulo).

W. foi diagnosticado como portador de Deficiência Auditiva Neurosensorial Bilateral Severa (origem desconhecida) e não se encontrava aparelhado durante o período de coleta, uma vez que não possuía um A.A.S.I. (Aparelho de Amplificação Sonora Individual). Frequentou de Agosto a Dezembro de 1991, após o início das coletas portanto, um grupo de terapia fonoaudiológica na DERDIC (Divisão de Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação) em São Paulo onde, durante as terapias, era protetizado com um A.A.S.I. pertencente à instituição. W. interrompeu este atendimento devido à gravidez da mãe e, principalmente, ao desemprego do pai.

OBSERVAÇÃO: Nosso objetivo inicial consistia em proceder a uma análise contrastiva entre os desenvolvimentos gestuais de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva que fossem coetâneas, pertencessem a níveis sócio-econômicos semelhantes e não apresentassem outros comprometimentos aparentes. Uma criança ouvinte com tal caracterização foi encontrada sem maiores dificuldades e sua família concordou com o trabalho a ser realizado. Quanto ao sujeito deficiente auditivo, porém, não nos foi possível encontrar uma criança que respondesse por tal caracterização, sobretudo por três motivos:

1º- quanto à família: encontramos crianças menores de um ano de idade já diagnosticadas como deficientes auditivas, mas as famílias, em sua maioria, pertencentes a classes sociais mais altas, não se dispuseram ao trabalho;

2º- quanto à idade: a deficiência auditiva raramente é diagnosticada em idade tão precoce e assim aquelas crianças cujas famílias concordavam com o trabalho, em sua maioria pertencentes a classes sociais mais baixas, já contavam com mais de um ano de idade e;

3º- quanto à presença de outros comprometimentos: encontramos também uma criança menor de um ano de idade, já diagnosticada como deficiente auditiva, pertencente a uma classe social-econômica média, mas que foi descartada por apresentar um atraso em seu desenvolvimento motor global.

Tendo em vista as dificuldades acima apresentadas, partimos para a escolha de um sujeito deficiente auditivo junto àquelas famílias que haviam concordado com o trabalho proposto. Considerando-se que eram todas as famílias pertencentes a uma classe sócio-econômica de nível baixo, nosso critério de seleção foi o etário e a criança de menor idade encontrada foi W. que estava com 1 ano, 3 meses e 21 dias de idade quando de nossa primeira coleta.

4.2- A COLETA

As coletas dos dados de ambos os sujeitos foram realizadas através de equipamento de vídeo, na medida que esta foi a maneira mais precisa de registrarmos suas produções gestuais.

SUJEITO OUVINTE (MAYARA)

M. foi filmada mensalmente durante um período de 10 meses. As sessões de filmagem aconteceram majoritariamente na própria casa do sujeito, mas houve uma sessão relativa a sua festa de aniversário (ocorrida em uma salão de festas) e outra realizada em casa de sua tia materna. As filmagens tiveram duração média de 30 minutos cada sessão e a mãe esteve

presente a todas elas. O pai, a tia materna, uma prima e uma amiga da família estiveram presentes esporadicamente a algumas sessões.

Como esta família reside no interior de São Paulo, não nos foi possível realizar pessoalmente as filmagens e, ao contratar um profissional para esta tarefa, orientamo-lo a centrar-se nas interações ocorridas entre a criança e os outros presentes. A mãe foi orientada a escolher para filmagens período de tempo, espaço físico e objetos a que a criança estivesse habituada, pois interessava-nos o registro das interações espontâneas da criança com seus pares. Desta forma, situações de banho, alimentação e até festas fazem parte de nosso corpus. Nenhuma orientação específica quanto a realização de gestos foi oferecida.

DATAS DAS FILMAGENS E AS RESPECTIVAS IDADES DE M. (D.N.: 22/01/90)

1ª: 22/09/90 - 08 meses

2ª: 17/10/90 - 08 meses e 25 dias

3ª: 22/11/90 - 10 meses

4ª: 22/12/90 - 11 meses

5ª: 26/01/91 - 01 ano e 04 dias

6ª: 25/02/91 - 01 ano 01 mês e 03 dias

7ª: 22/03/91 - 01 ano e 02 meses

8ª: 20/04/91 - 01 ano 02 meses e 29 dias

9ª: 25/06/91 - 01 ano 04 meses e 14 dias

10ª: 22/07/91 - 01 ano e 06 meses

SUJEITO DEFICIENTE AUDITIVO (WAGNER)

Durante um período de aproximadamente 13 meses, foram realizadas 10 filmagens, cada uma delas com duração média de 30 minutos. O intervalo entre as filmagens não foi de um mês, conforme tínhamos previamente estabelecido, sendo que a mudança pela família de residência e a gravidez da mãe, foram os principais responsáveis pelo aumento no tempo dos intervalos.

Todas as coletas foram realizadas em casa do sujeito, sendo que a mãe esteve presente a todas elas. O pai, uma tia materna e algumas crianças vizinhas de W. participaram

esporadicamente de algumas sessões, conforme se fará notar quando da transcrição dos dados. Embora em relação a este sujeito tenhamos estado presente a todas as gravações, não participamos ativamente de nenhuma delas, a não ser quando éramos requisitados, normalmente pela mãe. Explicamos inicialmente a ela que nossa intenção era registrar a maneira como ela se relacionava com seu filho e que a escolha do local, horário e os brinquedos para isso, ficariam a seu critério. O quintal da casa acabou sendo o local escolhido para as filmagens por ser mais espaçoso, mas nenhuma restrição foi feita quanto ao horário para as coletas que se realizaram majoritariamente no período vespertino, durante os finais de semana. À semelhança do sujeito ouvinte, nenhuma orientação relativa à produção de gestos foi por nós oferecida.

DATAS DAS FILMAGENS E AS RESPECTIVAS IDADES DE W. (D.N.: 02/03/90)

- 1ª: 23/06/91 - 01 ano 03 meses e 21 dias
- 2ª: 02/08/91 - 01 ano e 05 meses
- 3ª: 22/09/91 - 01 ano 06 meses e 20 dias
- 4ª: 10/09/91 - 01 ano 08 meses e 08 dias
- 5ª: 15/12/91 - 01 ano 09 meses e 13 dias
- 6ª: 02/02/92 - 01 ano e 11 meses
- 7ª: 22/03/92 - 02 anos e 20 dias
- 8ª: 17/05/92 - 02 anos 02 meses e 15 dias
- 9ª: 28/06/92 - 02 anos 03 meses e 26 dias
- 10ª: 26/07/92 - 02 anos 04 meses e 24 dias

4.3- A TRANSCRIÇÃO

Tendo em vista que era nosso objetivo investigar comparativamente o desenvolvimento gestual de uma criança deficiente auditiva e de outra ouvinte, visando estabelecer a relação gestualidade / oralidade, fez-se necessário que toda e qualquer produção gestual, vocal e verbal fossem anotadas, tanto em relação às crianças-sujeito quanto em relação aos seus pares.

Num primeiro momento, os fluxos experienciais e comunicativos entre mães e crianças foram integralmente transcritos. Os exemplos aqui usados são recortes deste fluxo que ilustram, ao longo do texto, pontos levantados do assunto desta tese. Procurou-se, com o recorte, configurar um todo "dialógico" e não um fragmento aleatório. A estes recortes dá-se o nome, neste trabalho, de situação. Contudo, o leitor ainda poderá encontrar, sobretudo nos dados referentes à criança ouvinte, situações para as quais, embora longas, manteve--se a transcrição integral, para que se pudesse dar uma visão completa do que se estava negociando. Para facilitar a leitura e a compreensão da análise que se fez destas situações, dividimo-las em subítens que são marcados pelo número da situação em questão mais o acréscimo de uma letra minúscula (por exemplo: 54c) refere-se à situação 54, terceira subdivisão).

a) ORALIDADE

Os dados relativos às produções vocais / verbais foram transcritos de duas maneiras distintas:

- das produções das crianças fez-se uma "transcrição larga" utilizando-se, para tanto, dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional.
- as produções dos adultos interagentes foram transcritas majoritariamente através da ortografia regular, excetuando-se as situações em que a semelhança fônica entre a produção do adulto e da criança pudesse ser relevante do ponto de vista explicativo. Nestes casos, também as produções adultas foram transcritas foneticamente.

b) GESTUALIDADE

Na medida que entendemos que as produções gestuais das crianças (ouvinte e deficiente auditiva) são construídas na interação com o outro, onde o discurso deste é que recorta e significa a movimentação da criança, a natureza de nosso objeto de investigação é necessariamente processual. Desta forma, atribuir a este objeto que, segundo acreditamos, é fluído e está em constante transformação, categorias de análise formuladas a partir de objetos já constituídos não só seriam um equívoco metodológico, como também levaria a falhas na própria análise dos dados. Assim sendo, em relação às produções gestuais das crianças-sujeito, recorreremos a uma transcrição literal de todos os movimentos realizados que incluísse:

- parte (ou partes) do corpo que realizava(m) o movimento;
- localização desta(s) parte(s) em relação ao restante do corpo, bem como em relação ao espaço físico circundante;
- descrição da forma ou "desenho" definida pelo movimento.

Não foram raras as vezes em que demos uma "tradução" através de palavras as produções gestuais das crianças e indicamo-las na transcrição através da seguinte notação: "gesto interpretado como..."; onde uma determinada produção gestual estava sendo por nós interpretada como significante para um determinado significado. Antes de ser absolutamente incoerente com o que acabamos de expor acima, este tipo de notação justifica-se na medida que esta nossa "interpretação" nada mais é que a interpretação oferecida pela mãe (ou adulto participante) àquela produção gestual específica e, assim, demonstra o recorte e a interpretação realizados naquela prática interacional em questão. Além disto, espera-se com esta notação, proporcionar ao leitor uma melhor identificação da produção gestual realizada, uma vez que uma sua transcrição não consegue apresentá-la completamente.

As produções gestuais do adulto seguiram, majoritariamente, os mesmos critérios de transcrição acima explicitados. Alguns gestos, como indicação e meneios negativo e positivo com a cabeça, por exemplo, foram somente nomeados, considerando-se que eram realizações adultas de gestos amplamente reconhecidos do ponto de vista sócio-cultural. Além disso, a atribuição de uma categoria como, por exemplo, "gesto indicativo", justifica-se perante as

produções gestuais adultas na medida que, neste caso, trata-se de um objeto de investigação já constituído e que aceita, portanto, a atribuição deste tipo de categoria onde o carácter processual está ausente.

Deve-se ressaltar que, embora a totalidade dos dados coletados que foram transcritos venham a ser apresentados em apêndice, os mesmos não se constituem em um simples adendo a este trabalho. Apresentá-los no momento em que eles fossem ser analisados dificultaria a leitura do próprio texto, além do fato de que, podendo uma mesma situação interacional servir como ilustração de diferentes análises, seríamos obrigados a transcrevê-las mais de uma vez. Assim, tendo em vista os argumentos apresentados, a colocação dos dados em apêndice foi mais uma decisão estética, do que metodológica.

4.4- O MÉTODO

O processo de constituição da gestualidade de uma criança passa, inevitavelmente, por uma série de transformações. Quando se depara com uma mudança qualitativa, entende-se que a mesma teve origem em práticas interacionais anteriores, assim como a própria mudança engendra a possibilidade de novas transformações. Sendo então uma construção entendida como contínua, necessitávamos de um método que contemplasse esse seu carácter processual. Além disso, não intervimos, em nenhum momento, nas interações entre as crianças e seus parceiros, limitando-nos, quando presentes, a observar as situações. Assim sendo, adotamos o método longitudinal observacional.

5- CATEGORIAS DE ANÁLISE

5.1- INTRODUÇÃO

Durante a análise dos dados de ambos os sujeitos, a necessidade de uma classificação dos movimentos apresentados pelas crianças mostrou-se cada vez mais eminente, sobretudo nos dados de nosso sujeito ouvinte.

Exatamente por tal classificação ter sido uma demanda dos próprios dados, é que enquadrar os movimentos em um sistema de classificação já definido não seria suficiente. Necessitávamos de uma taxonomia que definisse o que seria ou não classificado como gesto e, conseqüentemente, qual a categoria legada aos movimentos restantes. Além disso, a própria categoria gesto engendrava a necessidade de sub-classificações, também a partir de algum critério.

Ademais, uma tal classificação precisaria ser coerente com a teoria adotada e, na medida que estávamos apostando numa construção conjunta da gestualidade, precisávamos de um sistema que categorizasse os movimentos não só em função de suas características intrínsecas (sua forma, por exemplo), mas também em função das diferentes interpretações maternas oferecidas aos diferentes movimentos.

Desta forma, numa primeira análise dos dados, procedemos a uma descrição dos movimentos apresentados pelas criança tendo como critério, por um lado, a forma por eles apresentada e, por outro lado, como o discurso do outro recortava e significava esses movimentos e o que se negociava a partir disto. Posteriormente, pudemos categorizar os movimentos dentro destes critérios e formular, a partir disto, duas grandes categorias: movimentos e gestos. Dentro de cada uma destas categorias, entendemos ainda necessárias outras subdivisões que foram feitas também a partir dos dois critérios acima mencionado.

Essas categorias e suas subdivisões não aparecem necessariamente nos dados de ambos os sujeitos, mas optamos por tecer tal diferenciação no decorrer da análise dos dados pois fazê-lo neste momento não teria qualquer valor elucidativo e/ou explicativo.

5.2- CATEGORIAS

5.2.1- *MOVIMENTOS*

a) movimentos generalizados: sua característica mais marcante é a ausência de uma forma que os definam. Assim, esses movimentos podem ocorrer com uma única parte do corpo ou com várias ao mesmo tempo, podem ser amplos ou não, ocorrerem repetidamente ou uma única vez. Suas formas não guardam relação com nenhum referente preciso ou algum gesto socialmente convencionalizado. Parece-se muito com um agitar de todo o corpo, podendo ser usado para demonstrar satisfação, ou sua ausência, desconforto, euforia, etc.

b) esquemas corporais: são movimentos que a criança realiza cuja forma ainda não está totalmente definida, mas diferenciam-se dos movimentos generalizados por serem usados somente em situações específicas, seja para delas participar, seja para requisitá-las. Além disso, embora possam realizar-se também com várias partes do corpo ao mesmo tempo, aspecto(s) de sua forma repete(m)-se, permitindo seu reconhecimento. Nesse sentido, pode-se dizer que estes esquemas corporais apresentam um caráter indicial.

5.2.2- *GESTOS*

Entendemos gesto como um signo motor, a saber, um movimento delimitado espaço-temporalmente cuja forma arbitrária está intrinsecamente ligada a um conceito também arbitrário. Ou seja, estamos adotando o termo "gesto" para signos, no sentido saussuriano do termo, realizados através de possibilidades expressivas do corpo que não a voz humana. Em suma, signos motores em contraposição à signos verbais. Como consequência, exceções à arbitrariedade dos signos lingüísticos fazem-se observar também nos signos motores.

a) gestos dêiticos: caracterizam-se por um movimento de uma única parte do corpo, normalmente os braços, para referir-se um determinado referente presente no contexto.

b) gestos icônicos: à semelhança das onomatopéias, podemos dizer que estes gestos são não-arbitrários, motivados e parcialmente convencionalizados. Sua forma (ou desenho) guarda uma relação motivada com o referente que representa, o que permite seu imediato reconhecimento e este referente por sua vez, é composto majoritariamente por objetos ou estados / características destes.

c) gestos demonstrativos: assim como os gestos icônicos, sua forma guarda uma relação motivada com a realidade que representa porém, diferentemente destes, os gestos demonstrativos prestam-se a representar ações.

d) gestos representativos: são os gestos motores cuja relação significado/significante é arbitrária e convencionalizada podendo ser, em muitos casos, parcialmente motivados. Assim como se efetivam em gestos de amplo reconhecimento social (meneios negativos e positivos com a cabeça, por exemplo), podem também fazê-lo através de gestos cuja relação forma/significado foi construída na interação entre adulto e criança, fazendo parte integrante, portanto, do repertório gestual da díade em questão.

Pode parecer ao leitor que somente a forma (ou desenho) do movimento foi considerada nesta classificação, na medida que somente características desta natureza foram abordadas. De fato, embora tenhamos levado em conta também o critério "interpretação", optamos por não explicitá-lo neste momento pois, além de tornar o texto extremamente longo, torná-lo-ia também redundante, na medida que as considerações a esse respeito fazem parte essencial da análise dos dados que visará mostrar como os movimentos das crianças são recortados pelo discurso materno e se transformam, a partir destes recortes e suas conseqüentes interpretações, em outras formas de movimentos, a saber, em gestos.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA OUVINTE

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA OUVINTE

1- Em direção à gestualidade: a emergência dos esquemas corporais

Quando iniciamos a coleta dos dados, M. estava com 08 meses de idade e, nesse momento, a característica mais marcante no que concerne ao seu sistema gestual era, justamente, a ausência de um movimento que pudesse ser socialmente reconhecido como gesto, ou seja, um movimento cuja forma fosse a mesma de algum gesto do sistema gestual adulto. A observação de suas interações com seus pares, referentemente a sua gestualidade, apontava para uma movimentação generalizada, onde todo o corpo (cabeça, tronco e membros) participava integral e conjuntamente de seus movimentos. Esta movimentação generalizada aparecia como resposta a situações de euforia, desconforto ou insatisfação.

É no olhar do outro, entretanto, que parece residir a possibilidade da transformação desta movimentação. "Reconhecendo" na mesma qualquer movimento que guarde uma semelhança com gestos e/ou ações culturalmente codificados, o mesmo é recortado e interpretado pelo discurso do outro ganhando, assim, um significado reconhecido socialmente. Somente desta forma é que se pode explicar uma primeira diferenciação, ainda que rudimentar, entre esta movimentação generalizada e aquela outra a que denominamos esquemas corporais. À diferença da primeira, esta última tem como característica fundamental comparecer em situações altamente específicas e guardar, mesmo que minoritariamente, alguma relação com elas.

Desta forma encontramos que, por um lado, a criança apresenta uma movimentação generalizada usada em situações diversas, cuja forma não remete para qualquer situação específica. Quando o discurso do outro, entretanto, vem recortar tais movimentos interpretando-os, eles se transformam em movimentos dotados de significação. Este parece ser o caminho que explica a emergência dos esquemas corporais, onde um movimento mais

delimitado, e cuja forma remete a uma determinada situação, aparece realizado pela criança, seja para requisitar um dado jogo, seja para dele participar.

Neste ponto, é fundamental ressaltar o tipo de negociação que se instaura a partir destes esquemas corporais. Em primeiro lugar, deve-se apontar para o fato de ser a mãe quem mais prontamente reconhece o significado dos mesmos, o que de certa forma, parece corroborar nossa hipótese de que a construção conjunta tenha sido, de fato, o modo de constituição destes esquemas. Uma vez reconhecido, o esquema é interpretado como forma de requisição de uma dada prática interacional que é, a partir de então, instaurada pela mãe, majoritariamente, e endossada pelo pai que, se presente, tende a imitar a ação e a vocalização da mãe.

Se considerarmos que, dentre os movimentos generalizados da criança, aquele que mais foi recortado e interpretado aparentava-se com um "bater de palmas", torna-se coerente que os primeiros jogos a figurar no repertório desta díade sejam justamente Jogos Rítmicos, cuja contraparte motora consista em bater palmas. Da mesma forma, os esquemas interacionais realizados pela criança, não só guardam uma relação com este ato motor, como também são, ou interpretados pelos adultos como forma de requisição deste tipo de jogo, ou aceitos por eles como forma de deles participar. Ou seja, o outro mostra-se atento à movimentação corporal de criança, reconhece nestes indícios de gestos socialmente reconhecidos, recorta-os e os interpreta. Esta interpretação faz-se realizar não só pela instauração de práticas interacionais onde este "gesto" tenha um papel, como também passa, gradativamente, a ser utilizada pela criança como forma de participação nelas.

É interessante notar que os esquemas corporais que foram inicialmente utilizados pela criança como forma de requisição e/ou participação em Jogos Rítmicos, cuja contraparte motora consistia em bater palmas, não desaparecem por completo no decorrer do desenvolvimento da criança. O critério para o seu "desaparecimento" parece ter sido o da semelhança, uma vez que, ao contrário de "olhar as mãos de quem bate palmas" e "bater as mãos na cama e/ou no chão", o esquema corporal que consistia em "manter as mãos semi-abertas na altura do peito, com as palmas voltadas uma para outra" não só mantém-se no repertório da criança, como também convive com a ação de bater palmas propriamente dita. Antes de ser este um fato indicador de uma capacidade interna da criança para a gestualidade, o que ele parece apontar é justamente o peso da interpretação na construção desta gestualidade, sendo que a interpretação, gradativamente, começa a restringir seu escopo para

aqueles movimentos cuja forma guardem uma relação de semelhança com os gestos e/ou ações pertencentes ao sistema lingüístico em questão, e a "negar-se" para os movimentos restantes. Além disso, e parece estar aqui o cerne da questão, o que estes esquemas corporais desencadeiam nos adultos participantes é, majoritariamente, a realização dos gestos e/ou ações dos quais são eles seus índices e isto garante, também de forma majoritária, a possibilidade de espelhamento dos mesmos pela criança. Desta forma também para o sistema gestual, à semelhança do sistema lingüístico verbal, o processo de especularidade funciona como a primeira, e nesse momento única, possibilidade de participação da criança na linguagem, seja ela verbal ou gestual. É necessário lembrar que a especularidade se define pela incorporação de partes ou de todo o enunciado anterior sem qualquer análise (cf. LEMOS, 1981).

Além destes jogos rítmicos, mais dois jogos foram propostos pela mãe nestes momentos iniciais do desenvolvimento lingüístico de M: o "peek-aboo" e "jogar beijinho". Quanto ao primeiro, sorrisos, vocalizações, direcionamento do olhar e, até mesmo, movimentos generalizados, eram entendidos pelos adultos como formas adequadas de participação da criança, enquanto à mãe, adulto privilegiado nas interações desta criança, cabia toda a parte verbal, bem como sua contraparte motora. Relativamente ao segundo destes jogos, também cabia à mãe formular a ordem mas, neste caso, diferentemente do "peek-aboo", a criança já apresentava um esquema corporal específico (no caso, mexer os lábios) que, dada a sua forma, já apresentava um caráter indicial frente à perspectiva adulta e era, portanto, aceito como forma de participação. Deve-se frisar que "jogar beijinho" foi inicialmente proposto pela mãe também a partir de um movimento generalizado da criança, a saber, olhar firmemente para um ponto no espaço e jogar o corpo nesta direção. Mais uma vez, o caminho para a transformação deste esquema em uma ação ou gesto não difere daquele acima traçado em relação ao "bater palmas", ou seja, o desenvolvimento dar-se-á através da interpretação que é oferecida pelo discurso do outro, bem como pela própria gestualidade realizada pelo outro que pode, portanto, ser espelhada pela criança.

As situações 1a, 1b e 2b (Cça.: 08 meses) são representativas não só da presença dos movimentos generalizados, como também de sua diferenciação relativamente aos esquemas corporais utilizados pela criança como forma de participação/ requisição nos jogos rítmicos. Já a situação 06 (Cça.: 08m 25d) demonstra-nos o esquema corporal que será ainda utilizado pela criança até aproximadamente seus 10 meses, quando então poderemos observar este

mesmo esquema convivendo com a ação de bater palmas propriamente dita, conforme situação 11 (Cça.: 10m).

Quanto ao "peek-aboo", sua primeira instanciação aparece na situação 2a (Cça.: 08m) e sua segunda e última instanciação, aparece 25 dias depois (cf. situação 7a), onde somente os movimentos generalizados são utilizados pela criança como forma de participação. Já em relação ao jogo de "jogar beijinho", sua primeira instanciação acontece aos 08 meses e 25 dias e, nesse momento, a participação da criança se dá através de um esquema corporal (cf. situação 7a). Este jogo reaparecerá em nossos dados quando a criança está com 11 meses e, nesta época, a criança participa do jogo beijando o objeto referido pelo discurso adulto em seu pedido (cf. situação 18). Já aos 10 meses podemos encontrar a criança "mandando um beijo" (cf. situação 08a), mas deixaremos para analisar tal fato quando da discussão sobre a construção do gesto indicativo.

Assim, o caminho para a constituição do sistema gestual de M. parece embasar-se na transformação de seus movimentos iniciais que podem ser indefinidos, inespecíficos e podem, até mesmo, aparecer uma única vez em sua história. De fato, o que faz com que alguns, dentre os inúmeros movimentos corporais apresentados por uma criança, venham a se constituir em gestos ou ações dotadas de significado social, é o recorte feito pelo outro que, através de seu discurso, interpreta este movimento e gradativamente vai transformando-o em um gesto ou em uma ação. Não é somente a sistematicidade da interpretação a responsável por este desenvolvimento; a realização pelo adulto dos gestos a serem construídos pela criança é condição *sine qua non*, pois através dela é que a criança terá a possibilidade de espelhar os gestos de seus interlocutores para, gradativamente, incorporá-los enquanto tal.

2- Gesto Indicativo: um percurso de muitas formas

Ao lado dos movimentos generalizados e dos esquemas corporais explicitados acima, um outro movimento é observado nestes momentos iniciais do desenvolvimento gestual de M., a saber, o primeiro momento em direção àquilo que virá a se constituir no gesto indicativo.

Na verdade, o que nos faz identificar tal movimento com a futura indicação é, antes de tudo, a interpretação materna oferecida a ele. É esta mais uma vez que faz com que o movimento de "estender o braço na direção do objeto desejado, com a mão semi-aberta" figure como uma indicação deste objeto. Neste momento inicial, este movimento parece-nos

muito mais uma tentativa de pegar frustrada que sendo porém interpretada pelo outro, adquire o status de um gesto indicativo. A situação 3 (Cça.: 08m) é bastante significativa deste momento, onde se pode observar tanto a mãe interpretando tal movimento como uma indicação, dando o chocalho para a criança, como também que esta tentativa de pegar da criança convive, lado a lado, com aqueles movimentos generalizados utilizados por ela para demonstrar satisfação.

Esta "tentativa de pegar" está sendo diferenciada dos esquemas corporais, por já apresentar uma forma mais definida e restrita em sua configuração corpórea, uma vez que o braço está sempre direcionado para o objeto desejado. Além disto, este movimento independe do reconhecimento de uma situação ritualizada (um jogo, por exemplo) da qual a criança logre participar, estando mais assentado no desejo da criança em obter um determinado objeto. Embora este movimento de pegar possa estar, de alguma forma, decontextualizado de seus contextos originais, ele ainda necessita que o discurso do outro atribua-lhe a intenção de indicação e, além disso, este movimento somente irá se transformar em gesto, quando a interpretação dada a ele pela linguagem houver sido incorporada pela criança e relacionada por esta com toda a situação objetiva de que o (então) gesto faça parte.

Excluir da categoria gesto estes movimentos cujas formas são ainda imprecisas, se comparadas com aquelas reconhecidas socialmente como a forma ou desenho de um determinado gesto, também tem, mais uma vez, base nas demandas apontadas pelo discurso materno. Se se observarem as situações 7b e 7c (Cça.: 08m 25d), poder-se-á notar que a exigência por uma participação motora mais refinada da criança explicita-se no discurso da mãe: "mostra com o dedinho para a mamãe, mostra". Vê-se portanto que, embora a mãe recorte, aceite e interprete a maioria das movimentações da criança sendo, inclusive, sensível a diferenças sutis nela presentes, ela não deixa de negociar a forma precisa de um determinado movimento mostrando-se, assim, empenhada na construção da gestualidade pela criança.

Parece-nos que é justamente o reconhecimento pela mãe de uma indicação nestas tentativas frustradas da criança em pegar um objeto, que a leva a exigir uma movimentação mais refinada da criança e é isto, inclusive, que parece explicar o aparecimento de um novo jogo interacional no repertório desta idade. De fato, se considerarmos que o percurso apresentado pelo gesto indicativo em seu desenvolvimento mostrou estar relacionado com a ordem de apresentação dos diferentes jogos interacionais, é possível entender que seja o Jogo de Reconhecimento o primeiro a aparecer e conviver com os jogos Rítmicos que aparecem

nestes momentos iniciais do desenvolvimento gestual de M.. Este jogo, segundo LIER (1983), é o responsável pelo trabalho da face auditiva de objeto sonoro e se caracteriza pela instanciação da pergunta "Cadê X?", inicialmente formulada pelo adulto, cabendo à criança identificar o referente codificado na pergunta mostrando-o, pegando-o ou indicando-o.

Vemos então, mais uma vez, que é no olhar do outro que reside a possibilidade de um movimento transformar-se em um gesto. No momento em que a criança está apresentando um primeiro desenho do que virá a ser o seu gesto indicativo, a mãe introduz aquele jogo que entende este gesto como forma adequada de participação e pode, por um lado, trabalhar sobre a face auditiva do objeto sonoro e, por outro lado, negociar a forma adequada do gesto em questão. Ressalte-se que é justamente na instanciação de um Jogo de Reconhecimento que o discurso da mãe explicita a preocupação com uma participação motora mais refinada da criança (cf. situações 7b e 7c; Cça.: 08m 25d) dando, inclusive, a possibilidade da criança espelhar seu movimento na medida que ela própria, durante a formulação da pergunta "Cadê X?", indica o objeto referido pela pergunta, enquanto o nomeia.

Um segundo momento no percurso em direção ao gesto indicativo vem justamente evidenciar a intrínseca relação entre as demandas apresentadas pelo discurso materno e o desenvolvimento deste gesto pela criança. O trabalho de elaboração gestual que é esperado pela mãe mostra-se em todos os seus contornos, ou seja, é possível observar que a criança busca, "forma a forma", qual o desenho exato daquele gesto. Não se trata de realizar um esboço qualquer do gesto em questão, mas de descobrir quais os pequenos detalhes do movimento que o diferenciarão de um outro gesto. À medida que a criança apresenta estas diferentes tentativas de realizar o gesto indicativo, o discurso materno, por sua vez, mantém-se amalgamado ao contorno do movimento interpretando-o diferentemente e nem sempre, portanto, como uma indicação.

Na verdade, o interlocutor está empenhado em determinar qual o traço que distinguirá um gesto de outro e, conseqüentemente, quais movimentos tenderão ao desaparecimento. A busca, portanto, do traço distintivo faz-se através de um trabalho de elaboração conjunta e requer um longo tempo em sua trajetória. De fato, se pensarmos no sistema gestual adulto, podemos afirmar que os gestos a ele pertencentes não são, como estamos afirmando aqui, tão formalmente precisos. Deve-se lembrar, entretanto, que no caso dos gestos utilizados por uma comunidade ouvinte adulta, estes valem-se, a todo momento, do papel desambigüizador da linguagem verbal e se constituem, quase que majoritariamente, em um recurso de redundância

para esta. O mesmo, porém, não se pode dizer de uma linguagem de sinais sistematizada que seja utilizada por uma comunidade de deficientes auditivos onde, por sua vez, a precisão dos movimentos é condição primeira para a inteligibilidade da situação comunicativa uma vez que, obviamente, não se pode contar com um outro signo interpretante, no caso, com a linguagem verbal.

Desta forma, podemos pensar que relativamente a estes momentos iniciais do desenvolvimento lingüístico de M. onde, evidentemente a criança não dispõe do papel desambigüizador da linguagem verbal, a precisão gestual é fundamental para que o par possa interagir. Trata-se, de fato, de uma subversão da ordem canônica e, neste momento, são os gestos que deverão cumprir o papel de desambigüizar as vocalizações da criança, ainda indiferenciadas neste momento frente ao sistema lingüístico adulto.

Aos 10 meses de idade, podemos dizer que a criança encontra-se bastante próxima daquilo que poderíamos chamar, com propriedade, de gesto indicativo mas, por outro lado, é justamente a oscilação do desenho, bem como a conjunção de aspectos pertencentes a diferentes movimentos realizados em um único movimento que não nos permite ainda classificá-lo enquanto tal. Se observarmos a situação 08 integralmente (Cça.: 10m), poderemos identificar pelo menos três movimentos distintos mas que, em suas formas, assemelham-se muito ao gesto indicativo, sobretudo porque em todos há um movimento de estender o braço em uma dada direção. Entretanto, o discurso materno oferece diferentes interpretações a estes movimentos e estas, por sua vez, parecem assentar-se nas pequenas diferenças assumidas pelas mãos, ou mesmo pelo corpo, durante a realização do movimento. Assim, na situação 08b (Cça.: 10m), podemos observar que o movimento de "estender o braço numa dada direção e jogar o corpo à frente" e o movimento de "estender o braço numa dada direção, abrindo e fechando a mão", são ambos interpretados pela mãe como um "oferecimento" da criança, onde a tradução oral oferecidas a eles podem ser tanto "Vai oferecer?", como também "Dá para a mamãe!".

Por outro lado, o movimento de "estender o braço numa dada direção e esticar o dedo indicador mais que os outros" (cf. situação 08a) é, de fato, interpretado como uma indicação. Devemos notar, entretanto, que a criança acopla a este movimento uma outra ação, a saber, "mandar um beijo" e, tendo em vista a interpretação materna oferecida, este acoplamento merece um comentário especial. É sabido, embora não tenhamos registros visuais deste fato, que "jogar beijinho para o santinho" é um jogo bastante comum no repertório desta

díade, onde cabe à mãe mostrar o santo à criança e mandar que esta mande um beijo, o que a criança faz a seguir. Assim, considerando-se que o lugar "indicado" pela criança é, "tradicionalmente", um lugar onde se aloja um destes "santos", podemos entender que a interpretação da mãe tenha repousado na história interacional remetida pelo movimento conjugado, e não simplesmente na conjunção de dois movimentos isolados. Ou seja, exatamente por se tratar de um movimento acoplado a uma ação e, conseqüentemente, pela interpretação materna ter recaído sobre este acoplamento, que não podemos classificar o primeiro movimento da criança, ainda que muito semelhante em sua forma ao gesto indicativo, já como uma indicação.

Se nos remetermos à **situação 09** (Cça.: 10m), poderemos observar que o movimento apresentado pela criança constitui-se de três fases, ou com mais coerência, de três desenhos: a) estender o braço em uma dada direção com o dedo indicador esticado e os outros dobrados, b) manter o braço ereto esticando os demais dedos e c) jogar o corpo à frente, com o braço estendido e mão semi-aberta. Este movimento apresentado pela criança parece-nos extremamente eficaz em sua tarefa de demonstrar que, neste momento, ainda não estamos tratando com instanciações do gesto indicativo, tal qual ele é entendido dentro do sistema gestual adulto. Por um lado, se atentarmos para o terceiro momento do movimento (cf. ítem c), podemos compreendê-lo muito mais como aquela tentativa frustrada de pegar um objeto, já relatada em momentos anteriores, uma vez que "jogar o corpo à frente" delata tal intenção. Por outro lado, este tipo de movimento já se mostra reorganizado em relação àqueles anteriores na medida que, em seu conjunto ele vem demonstrar, justamente, o trabalho de elaboração sobre a forma do gesto indicativo de que vimos falando até então, ou seja, ele passa por vários "desenhos" já apresentados isoladamente em outros momentos e demonstra o trabalho da criança em buscar qual, dentre as muitas possíveis, a forma mais precisa para a realização do gesto.

Entender este momento do desenvolvimento da criança como indicativo de um "salto qualitativo", encontra ressonância na atitude da mãe, uma vez que ela interpreta o movimento como uma indicação e nomeia o objeto "indicado". Ou seja, é possível pensar que a mãe reconheça este trabalho de elaboração da criança como um momento diferenciado, relativamente aos anteriores, levando-a a instaurar um novo jogo interacional, a saber, o Jogo de Nomeação. Este jogo, segundo LIER (1983), é o responsável pelo trabalho sobre a face

articulatória do objeto sonoro, onde ao adulto cabe formular a pergunta "O que é isso?" e à criança, por sua vez, cabe nomear o objeto mostrado ou indicado pela mãe.

Podemos observar que os papéis interacionais dentro deste novo jogo estão invertidos. É o adulto (no caso, a mãe) quem está nomeando o objeto "indicado" pela criança e, evidentemente, este fato é explicado pelas capacidades lingüísticas de que dispõe o par neste momento. Interessa relevar, no entanto, que o movimento da criança está sendo interpretado pelo discurso do outro como uma indicação, ou seja, este movimento somente figura como um gesto indicativo na perspectiva do outro, mas isto não impede, entretanto, que o novo jogo seja instaurado. Além disso, se pensarmos que é dentro deste jogo que a face articulatória do objeto sonoro será trabalhada, podemos afirmar que a atitude materna de reconhecer o movimento da criança como a indicação de um objeto, nomeando-o a seguir, constitui-se num trabalho preliminar ao Jogo de Nomeação tal qual ele é descrito, uma vez que, ao nomear o objeto, a mãe está apresentando à criança o próprio objeto sonoro, cujas faces deverão ser negociadas. Assim, podemos dizer que a "gestualidade" da criança mostra-se extremamente eficaz em sua tarefa de levar o adulto a instanciar diferentes jogos interacionais.

Para concluirmos nossa discussão sobre a construção do gesto indicativo, é útil que retomemos aqui a discussão vygotskyana sobre este assunto. Para VYGOTSKY (1930a), o gesto indicativo não passa, inicialmente, de um movimento em direção ao objeto, ou seja, de uma ação de pegar fracassada. Remetendo-se aos conceitos hegelianos de "em si", "para o outro" e "para si", este autor classifica este primeiro momento do gesto indicativo como sendo, então, um gesto em si. É o outro que, através de seu discurso, atribui o sentido de uma indicação a este ato fracassado da criança e, por conseguinte, transforma-o em um gesto para o outro. Finalmente, a criança somente começa ver este gesto como uma indicação, quando ela já houver relacionado este ato fracassado com toda a situação objetiva circundante e, aí então, podemos falar que se trata de um gesto para si.

Se nos remetermos para a discussão de nossos dados, podemos identificar claramente que o percurso apresentado por M., em sua construção sobre o gesto indicativo, corrobora a teoria vygotskyana acima retomada. Assim, inicialmente, encontramos que o gesto indicativo não passa de uma tentativa de pegar fracassada que, ao ser interpretada pelo discurso do outro como uma indicação, assume o estatuto de um verdadeiro gesto indicativo. Ou seja, somente podemos classificar estes movimentos apresentados por M. como instanciações de gestos "para o outro". Continuando dentro deste raciocínio, uma questão se nos coloca

inevitavelmente: quando este ato de pegar fracassado tornar-se-á então um gesto indicativo "para si"?

Para a identificação deste terceiro momento, é necessário que continuemos a considerar aqueles que foram os critérios de classificação utilizados desde o início de nossa análise, a saber, a forma do movimento e a interpretação a ela oferecida. Desta maneira, consideramos estar diante de um gesto indicativo quando sua forma estiver estabilizada, ou seja, quando ela não mais apresentar aquele trabalho de elaboração, "forma a forma", que pudemos identificar em um momento anterior. Além disso, deveria estar ausente das demandas apresentadas pelo discurso materno considerações a respeito do desenho do gesto e finalmente, o reconhecimento daquele movimento como uma indicação não deveria advir do discurso do outro, mas sim do reconhecimento pela criança de sua função enquanto tal.

A adequação aos critérios acima mencionados foi encontrada quando M. estava com 11 meses de idade. A partir desta idade, é possível observar que a criança já incorporou a função deste gesto, mostrando-se competente para relacioná-lo com o contexto objetivo que a cerca. Não se encontram, dentro do discurso materno, considerações a respeito de seu desenho o qual, por sua vez, mostra-se simplificado, reduzido e, portanto, estabilizado. É necessário, entretanto, que se observem as situações em que comparecem as instanciações do gesto indicativo assim classificado.

Na **situação 14** (Cça.: 11m) podemos observar que a criança "estende o braço em uma dada direção, estica o dedo indicador e mantém os outros dedos dobrados". Embora este movimento tenha levado a mãe a olhar para a direção indicada, não seria coerente com nossas análises anteriores tomar esta situação como ilustrativa de uma instanciação do gesto indicativo. Deve-se observar que a criança acopla, ao movimento do braço, o movimento de "arregalar os olhos" e é este, na verdade, que é interpretado pelo discurso da mãe. Assim sendo, embora em seu desenho este movimento já possa ser reconhecido como um gesto de indicar, foi sobre um movimento conjugado que recaíram os recorte e interpretação maternos. À exemplo da **situação 08a**, portanto, o máximo que se pode afirmar deste movimento da criança é que ele remeteu a mãe a alguma situação interacional já ritualizada pelo par.

Por outro lado, a **situação 17c** (Cça.: 11m) reúne, ao nosso ver, todos os critérios para classificar o movimento da criança como um gesto indicativo "para si". Frente à pergunta da mãe "Cadê X?" que, por sua vez, caracteriza um Jogo de Reconhecimento, a criança responde através de um gesto indicativo dirigido ao objeto codificado em X. Assim, além da

forma precisa do movimento que, ressalte-se, não foi alvo de qualquer ressalva pela mãe, podemos dizer que a criança já é capaz de relacionar tal movimento com toda a situação objetiva, entendendo-no como uma resposta adequada a este tipo de jogo, ou seja, ela é capaz de simetrizar a situação através do gesto adequado e esperado pelo outro participante.

Devemos notar que, frente ao gesto indicativo da criança, a mãe nomeia o objeto indicado, ou seja, instaura o Jogo de Nomeação nos mesmos moldes descritos para a situação 09 (Cça.: 10m), onde ainda cabe ao adulto nomear o objeto indicado pela criança. Este fato reforça, segundo entendemos, a hipótese apontada por LIER (1983), segundo a qual não há relação hierárquica entre os jogos de Reconhecimento e Nomeação. Para esta autora, embora possa haver uma parcial predominância de um jogo sobre o outro, seus dados demonstram que as faces auditiva e articulatória do objeto sonoro são trabalhadas conjuntamente negando, desta forma, a precedência da percepção sobre a produção lingüística. De fato, nossos dados também apontam para um trabalho concomitante das face auditiva e articulatória do objeto sonoro, já que o gesto indicativo da criança funciona, por um lado como resposta ao reconhecimento da face auditiva de um dado objeto sonoro e, por outro lado, como forma de instanciação do Jogo de Nomeação.

Não é somente a partir da perspectiva da criança que podemos entender que já estamos diante de um gesto indicativo genuíno. Considerando-se também a perspectiva materna, detectamos mais um forte e decisivo argumento em direção à categorização deste movimento infantil como um gesto indicativo "para si". Trata-se da introdução pelo adulto de um outro jogo interacional, a saber, o Jogo Dramático. Este jogo, segundo LIER (op cit), caracteriza-se pela pergunta "Como faz X?" e tem como função representar a síntese das faces auditiva e articulatória do objeto sonoro que foram, por sua vez, negociadas nos jogos de Reconhecimento e de Nomeação respectivamente.

Desta forma, é possível pensar que o aparecimento da primeira instanciação de um Jogo Dramático esteja vinculado ao reconhecimento pela mãe da capacidade da criança em participar adequadamente do Jogo de Reconhecimento, ou seja, da capacidade de dele participar através de um gesto indicativo. Além do Jogo de Reconhecimento, pode-se dizer que a criança também participa do Jogo de Nomeação, desde que se considere que, neste momento, os papéis interacionais ainda estão invertidos. Ou seja, a criança também se encontra envolvida com o trabalho sobre a face articulatória do objeto sonoro, na medida que o referente por ela indicado é nomeado pela mãe. Este fato vem reforçar fortemente nossa

hipótese de que, nesse momento do desenvolvimento, é a elaboração gestual de M. que funciona, para a perspectiva materna, como o elemento indexador de seu desenvolvimento lingüístico. Note-se ainda, neste sentido, que a participação da criança no Jogo Dramático proposto não só se dá através de movimentos, como também estes são, claramente, frutos do espelhamento da criança aos movimentos realizados pelos adultos presentes (cf. situação 17b; Cça.: 11m). Assim, relativamente a este sujeito, a gestualidade é ao mesmo tempo, o "termômetro" de seu desenvolvimento e um importante aspecto do mesmo a ser constituído pela díade.

Podemos então concluir que o gesto indicativo tem suas origens em tentativas frustradas da criança em pegar um objeto ("gesto indicativo em si"). Quando o discurso do outro recorta este movimento, interpretando-o como uma indicação, ele transforma-se em um "gesto para o outro" e, nesse momento, temos a introdução pela mãe dos primeiros jogos de Reconhecimento, além de surgirem em seu discurso as primeiras demandas relativas à forma do movimento. Relativamente à criança, por outro lado, pode-se notar um trabalho de elaboração sobre o movimento, passando por várias configurações às quais a mãe, por sua vez, imprime diferentes interpretações. A partir daí, evidencia-se a busca do par pelo traço que distinguirá este movimento dos demais e, a esta altura, surgem as primeiras instanciações dos jogos de Nomeação nos quais ainda é o adulto quem nomeia os objetos "indicados" pela criança. Finalmente, a criança demonstra ter delimitado a forma de seu movimento, ou seja, ele simplifica-se e se reduz para aquela forma reconhecida socialmente como uma indicação. Além disso, a criança mostra-se competente para relacionar o então movimento com toda a situação objetiva que o cerca e isto, por consequência, desencadeia na mãe as primeiras instanciações dos jogos Dramáticos nos quais, ressalte-se, a participação da criança ainda é eminentemente motora. O gesto indicativo da criança atinge, portanto, o estatuto de "gesto para si" e, a partir daí, inicia-se um trabalho sobre as muitas funções que o mesmo pode efetivar.

3- Gesto Indicativo: um percurso de muitas funções

Desde os 11 meses de idade da criança, portanto, entendemos estar tratando com instanciações de um gesto indicativo "para si" e devemos, a partir daí, identificar como, quando e para quê a criança o está utilizando. Além disso, é necessário observar qual a

atividade instaurada pela mãe quando da realização do gesto pela criança para identificarmos, assim, quais os objetos de conhecimento que estão sendo negociados pela mãe, a partir da indicação da criança. Para tanto, é preciso que se considere também, nesta análise, as situações nas quais a mãe está utilizando o gesto indicativo e qual a resposta da criança a ele.

As diferentes funções atribuídas à indicação são constituídas a partir das interpretações a ela oferecidas no discurso materno, sendo que a interpretação majoritária a este gesto e, portanto, sua função privilegiada até o final do período observado, foi a instauração pela mãe do Jogo de Nomeação o que, lembremo-nos, já vinha acontecendo desde os 10 meses de idade da criança.

Poder-se-ia pensar, inclusive, reconsiderando a **situação 09** (Cça.: 10 m), que a interpretação da mãe esteja recaindo sobre a vocalização da criança, ou seja, que seja esta última o elemento desencadeador da nomeação da mãe. Há, ao nosso ver, alguns contra-argumentos a esta forma da análise. Em primeiro lugar, se a vocalização infantil fosse quem desencadeasse a instauração do Jogo de Nomeação, então, a primeira instanciamento deste jogo deveria ter acontecido já aos 08 meses de idade (cf. **situação 03**), onde a criança apresenta um movimento de pegar acoplado à vocalizações. Embora, já nesse momento, a mãe espelhe-as, sua atitude é unicamente a de dar o objeto à criança sem, entretanto, nomeá-lo. Nesta medida, mantemos aquela nossa conclusão sobre ter sido o trabalho de elaboração gestual o responsável pela primeira instanciamento do Jogo de Nomeação.

Além disso, naquelas indicações infantis em que se ausentam as vocalizações, também recaem as nomeações maternas as quais, por sua vez, mantêm-se as mesmas para o gesto indicativo da criança que esteja acoplado a alguma vocalização. A **situação 25** (Cça.: 1a 1m 3d) é representativa deste ponto de vista e demonstra o quanto a gestualidade da criança, frente à perspectiva materna, é eficaz na tarefa de fazer a mãe apresentar o objeto sonoro à criança.

Coerentemente com esta postura da mãe é também sua atitude indicar o objeto que nomeia. Assim a mãe, ao nomear o objeto indicado pela criança e ao indicar o objeto que ela própria nomeia, está constantemente apresentando à criança estas duas modalidades - gestual e vocal - como igualmente eficazes na tarefa da nomeação. A **situação 30** (Cça.: 1a 2m), bem como as **situações 45, 53a e 54** (Cça.: 1a 6m) são ilustrativas desta postura materna.

Com isto não queremos afirmar, entretanto, que a modalidade vocal seja desconsiderada ou, por outro lado, que ela não seja alvo de negociação para a perspectiva

materna. Ao contrário, como já apontamos anteriormente, a mãe nomeando o objeto indicado pela criança, apresenta-lhe a face articulatória daquele signo lingüístico, conforme demonstra a **situação 24** (Cça.: 1a 1m 3d).

Embora, para a perspectiva materna, o gesto indicativo da criança (com ou sem vocalização acoplada) seja interpretado majoritariamente como um pedido de nomeação, frente à perspectiva infantil mantém-se sua eficácia enquanto procedimento para requerer um determinado objeto. Ou seja, a mãe, através de seu discurso, apresenta constantemente novos usos para estes gestos que serão, posteriormente, incorporados pela criança mas, para esta última, seu uso mais original ainda se lhe apresenta como autonomamente eficaz, isto é, como aquele gesto que prescinde do acompanhamento da modalidade oral. Este fato se explica se considerarmos a origem do gesto indicativo: movimento fracassado da criança em pegar o objeto que desejava. Assim, utilizar o gesto indicativo para requerer um determinado objeto, constitui uma re-edição do movimento original, já transformado, mas cuja função primeira ainda se mantém. Somente desta maneira pode-se explicar o fato do gesto indicativo ser, para a criança, um procedimento altamente eficaz para a requisição de um determinado objeto.

A **situação 36** (Cça.: 1a 4m 14d) é representativa deste ponto de vista pois, apesar de não partilhar a atenção de seus pares, a criança lança mão de uma indicação para pedir o objeto que deseja, no caso, uma bola. Além disto, após o gesto indicativo, a criança realiza ainda um outro movimento (cujo estatuto discutiremos posteriormente), fato este que demonstra que a criança vem se utilizando da gestualidade como veículo comunicativo privilegiado até porque, note-se, somente vocaliza quando já está, ela própria, pegando a bola. Se a criança, apesar dos adultos não estarem olhando para ela, não vocaliza para chamar a atenção deles é porque, neste momento, ainda não apreendeu a oralidade como sua modalidade mais eficaz.

Contudo, além de sua função original de requerer um objeto, o gesto indicativo mostra-se competente para, ao ser usado pela criança, desencadear (e concatenar) diferentes jogos interacionais. Esta sua função, por sua vez, apresenta-se como uma "porta de entrada" fundamental em direção à constituição da oralidade pela criança pois se lhe mostra, a partir dos jogos propostos pela mãe, a possibilidade de adentrar o universo da linguagem oral.

A propósito da inter-relação dos jogos acima mencionados, observem-se os primeiros *turnos* da mãe e da criança na **situação 22a** (Cça.: 1a 1m 3d) onde, a partir do gesto indicativo da criança, a mãe nomeia o objeto apontado e, a seguir, propõe um Jogo Dramático

o qual, neste caso, não é complementado pela criança. Relativamente à **situação 39** (Cça.: 1a 4m 14d), a mãe exige que a própria criança nomeie o objeto que está indicando e, nesse caso, a criança também não é complementar à proposta materna. Pode-se então depreender destas situações, a dificuldade da criança em simetrizar situações que dela exijam uma participação vocal diferenciada.

Por outro lado, na **situação 42b** (Cça.: 1a 4m 14d), após nomear o referente indicado pela criança, a mãe propõe duas instanciações distintas do Jogo de Reconhecimento as quais a criança, por sua vez, simetriza adequadamente também através do gesto indicativo. Ou seja, dentro dos jogos de Reconhecimento a criança é capaz de participar, ao menos no que concerne à utilização do gesto adequado, da forma esperada e endossada pelo adulto. Vale lembrar, a esta altura, que a participação motora precisa dentro deste tipo de jogo vem sendo negociada pelo par desde os 08 meses e 25 dias de idade da criança (cf. **situação 07**) o que, evidentemente, explica esta performance infantil.

A sensibilidade demonstrada pela mãe em relação ao desenvolvimento gestual de M. mostra-se mais uma vez. Frente à participação gestual precisa da criança dentro dos jogos de Reconhecimento, a mãe começa a instaurar o que estamos denominando de versões lúdicas deste tipo de jogo, ou ainda, jogos Rítmicos que exijam da criança o reconhecimento dos referentes apresentados na cantiga. Na verdade, trata-se de jogos que exigem como resposta da criança o gesto indicativo a partir do qual a mãe procede à nomeação dos referentes indicados que são, no caso, partes do corpo humano. Portanto, uma vez mais, podemos observar a estreita relação entre os jogos de Nomeação e Reconhecimento.

A **situação 54** (Cça.: 1a 6m) ilustra a apresentação de um Jogo Rítmico pela mãe que, enquanto canta, indica e nomeia partes de seu corpo cabendo à criança, por sua vez, indicar as mesmas partes em seu próprio corpo. É importante ressaltar que a proposta materna era de que a criança "cantasse" a música, porém nenhuma participação vocal é por ela apresentada. Nota-se, então, que a mãe requisita o olhar da criança e, quando o obtém, passa a cantar indicando as partes nomeadas, ou seja, a mãe lança mão daquela modalidade que tem se mostrado, ao longo do desenvolvimento, eficaz para a perspectiva infantil e consegue, assim, que a criança participe da situação gestualmente, simetrizando-a por consequência.

Na **situação 30** (Cça.: 1a 2m) é a mãe quem indica os referentes enquanto os nomeia. Inicialmente a resposta que se espera da criança é o gesto indicativo e, de fato, a criança simetriza a situação em alguns turnos através dele. Porém, diferentemente da **situação**

54 (Cça.: 1a 6m), a intenção da mãe não é apresentar à criança as partes do corpo humano uma vez que, embora as aponte e as nomeie, o faz através de signos lingüísticos que não são aqueles convecionados pelo sistema. Este jogo tem por característica apresentar como finalização uma onomatopéia, no caso, referente ao som emitido por uma buzina, e a mãe demonstra estar empenhada em obter esta participação vocal da criança. Tal intenção materna demonstra-se na medida que, frente a uma vocalização da criança, a mãe é especular a esta e, posteriormente, a complementa com a onomatopéia referida.

Assim sendo, o gesto indicativo presta-se à instauração de práticas interacionais que visam o trabalho sobre a face auditiva do objeto sonoro através de diferentes versões do Jogo de Reconhecimento. Porém, dentro destes jogos, também se exige da criança uma participação vocal a qual, ainda que onomatopaica, reflete o trabalho do par sobre a face articulatória do objeto sonoro. Ou seja, a mãe vale-se daqueles jogos onde a criança mostra-se competente para usar o gesto indicativo e passa, portanto, a propor negociações sobre as diferentes facetas do objeto lingüístico.

Assim, gradativamente, a criança passará a ser competente a utilizar o gesto indicativo combinado (e não mais acoplado) às vocalizações que, por sua vez, começam a se assemelhar mais aos signos do sistema lingüístico sobre o qual a criança atua. Porém, se considerarmos que a vocalização da criança é, ainda nesse momento, um significante à espera da significação e que esta última deverá ser atribuída pelo discurso do outro, podemos afirmar que, em muitas situações, é o gesto quem define, para a perspectiva materna, qual significado deverá ser atribuído àquele significante. De fato, diante de uma vocalização não compreendida pela mãe, a criança remete-se ao uso do gesto indicativo para esclarecer sua intenção e é isto que garante, por consegüinte, uma (e não outra) interpretação materna. Assim, frente a indeterminação característica do discurso infantil, o gesto indicativo adquire uma vital função - a de definir para qual esquema interacional a mãe remeter-se-á.

Em conseqüência desta nova função, o gesto indicativo acaba por ainda funcionar como aquele que, juntamente com a oralidade, compõem sintagmaticamente o enunciado na medida que, tendo esclarecido para o adulto qual significado será atribuído à vocalização da criança, passa a se comportar como mais um elemento do enunciado e a receber, conseqüentemente, uma interpretação diferente daquela da vocalização.

Nesse sentido, vale notar a **situação 32** (Cça.: 1a 2m 29d) onde a criança, após ter sua vocalização checada pela mãe, acopla, no turno seguinte, o gesto indicativo à mesma

vocalização. A partir daí, não só se esclarece para a mãe qual significado oferecer ao significante da criança, como também leva a primeira a entender o gesto de apontar como a indicação de uma direção. Ressalte-se, sobre este ponto, que também em seu próprio discurso a mãe usará o gesto indicativo com esta função. A situação 35 (Cça.: 1a 2m 29d) nos mostra que nem sempre, porém, o gesto indicativo da criança conjugado a uma vocalização é suficiente para que a mãe compreenda a intenção da criança. Embora mantenha para o gesto de apontar desta a interpretação da indicação de um lugar, somente se esclarece para a mãe a intenção da criança quando esta última realiza uma ação, a saber, apoiar a mão num móvel da casa. A partir do discurso materno, conforme último *turno* da mãe nesta situação, é que podemos perceber que é esta ação da criança, acoplada ao gesto indicativo, que faz com que a mãe se remeta a uma certa prática interacional e possa, assim, significar a ação, o gesto e a vocalização da criança. De qualquer forma, o gesto indicativo ainda se constitui fundamental na tarefa de determinar sentidos para as vocalizações infantis.

O gesto indicativo começa então a funcionar como um signo interpretante para as vocalizações da criança, ou seja, como o elemento que, a partir da heterogeneidade de sentidos apresentada pelos significantes infantis, delimitará qual o significado a ser atribuído. Esta sua nova função transforma qualitativamente as práticas discursivas da díade em questão uma vez que leva a mãe, frente ao discurso da criança, a se aperceber da indeterminação apresentada por este. Em consequência, coloca-se para negociação a composição paradigmática do enunciado da criança onde a mãe, apoiando-se no significado definido pelo gesto, tenta adequar o próprio significante da criança àquele significado. Mais uma vez é a situação 32 (Cça.: 1a 2m 29d) que ilustra este ponto de vista. Nela, pode-se observar a mãe sendo complementar segmentalmente à vocalização da criança e, ao fazer isto, substitui o fone da criança plosivo, bilabial e sonoro por outro fricativo, labiodental e surdo, ou seja, altera a vocalização da criança a nível paradigmático. Além disso, complementa-a também a nível sintagmático "traduzindo" o gesto indicativo da criança pelo elemento dêitico "af" e acoplando ao seu próprio gesto indicativo o elemento dêitico "lá".

Ao se prestar ao trabalho de compor sintagmaticamente o enunciado, o gesto de apontar passa a desempenhar a função de indicar lugares e direções, ou seja, indicar a localização espacial de pessoas e objetos. A partir da idade de 01 ano e 03 meses, o gesto indicativo da criança é amplamente reconhecido com esta função pela mãe que, por sua vez, também o usa desta forma em inúmeros contextos. Na verdade, esse uso do gesto indicativo

pela mãe presta-se grandemente à tarefa de regular a participação da criança, relativamente ao seu posicionamento espacial, dentro de esquemas interacionais diversos. As situações 40a (Cça.: 1a 4m 14d) e 49 (Cça.: 1a 6m) nos mostram a mãe indicando o lugar onde a criança deveria ficar. Coerentemente com este seu uso do gesto indicativo, a mãe passa a interpretar algumas indicações da criança como representativas do lugar em que ela (a mãe) deve ficar, ou seja, através de seu discurso atribui esta função ao gesto da criança. Os *terceiros turnos* da mãe e da criança respectivamente, dentro da situação 37 (Cça.: 1a 4m 14d) demonstram esta atitude materna.

O fato da mãe passar a interpretar o gesto indicativo da criança como uma "tradução gestual" para aqueles signos do sistema lingüístico que funcionam como advérbios de lugar (alí, lá, aqui, etc.), parece explicar-se justamente pelo fato de que, a partir de 01 ano e 03 meses, estes gestos da criança são compreendidos como um elemento componente (e não redundante) do enunciado. É com esta forma de interpretação que a mãe é capaz também de significar algumas ações da criança acopladas ao gesto indicativo. Veja-se, nesse sentido, os *primeiros turnos* da mãe e da criança respectivamente, na situação 37 (Cça.: 1a 4m 14d), onde o objeto (bola) indo numa determinada direção significa um "gol". Assim, se atentarmos para esta situação 37 integralmente, poderemos identificar que a mãe, através de seu discurso, interpreta o gesto indicativo como representativo de direção mas, por outro lado, os sentidos a ele atribuídos distinguem-se conforme ele esteja ou não acoplado a uma ação e/ou vocalização. Concluindo, o gesto indicativo, ao compor o enunciado, esclarece-lhe o significado a ser atribuído pelo discurso do outro, o qual, por sua vez, apresenta à criança mais um modo de funcionamento deste gesto.

Pode-se identificar, até o final do período observado, ainda uma outra, e última, função assumida pelo gesto indicativo. Trata-se do uso deste gesto pela criança para indicar quem deverá ser o alvo da interação proposta pela mãe. Na verdade, é o discurso materno que oferece tal interpretação à indicação da criança mas, segundo entendemos, reside aí a possibilidade da criança em se iniciar na intrincada rede dos papéis discursivos. Assim, quando ao gesto indicativo da criança atribui-se o sentido de realizar a ação no outro, e se efetua tal ação, está-se mostrando que a ação foi realizada naquele que, referentemente à criança, não é ela própria. Ou seja, a compreensão pela criança frente ao complexo funcionamento das pessoas discursivas demonstra passar pela experienciação destes papéis a nível da ação.

A situação 39 (Cça.: 1a 4m 14d) é útil na tarefa de demonstrar que a mãe interpreta o gesto da criança como aquele que indica a pessoa sobre a qual se realizará a ação. Além disso, pode-se notar que a criança, após pegar a bola, realiza a ação anteriormente desempenhada pela mãe, bem como apresenta a mesma vocalização que esta. Assim, é numa situação em que se negociou os papéis discursivos que a criança consegue um momento importante de reversibilidade de papéis tanto a nível da ação, quanto vocalmente. Ainda deve-se observar que, neste jogo, há sempre um procedimento verbal acoplado pela mãe a sua ação e isto parece explicar a capacidade da criança em, através da especularidade diferida, assumir o papel originalmente desempenhado pela mãe, ou seja, é a atividade motora que contextualiza a vocalização e permite à criança reinstaurá-la no momento em que realiza a mesma ação que a mãe. De fato, como apontaremos posteriormente, a gestualidade da criança mostra-se fundamental para que ela consiga ser especular não imediatamente, na medida que é o gesto que parece remeter a criança a um (e não outro) procedimento verbal.

Voltando a nossa questão inicial vale observar também a situação 53a (Cça.: 1a 6m) onde, frente a uma proposta materna de "tocar o violão para X", a criança indica uma outra pessoa. Imediatamente a mãe interpreta a indicação como sendo uma resposta complementar a sua proposta, ou seja, como representando a intenção da criança em "tocar o violão" para o outro partici-pante. Assim, a mãe representa para a criança um uso para o gesto indicativo que envolve um completo domínio referente ao uso dos pronomes pessoais demandando, inclusive, que criança compreenda o sentido do enunciado materno. Embora não sejam estas as possibilidades lingüísticas da criança, a atitude materna demonstra sua preocupação com a constituição de mais um aspecto do funcionamento discursivo, a saber, os elementos dêiticos referentes às pessoas do discurso.

Nesse sentido, fica esclarecida também a introdução pela mãe daquele outro significado atribuído ao gesto indicativo da criança: representar os advérbios de lugar os quais também constituem uma categoria lingüística de elementos dêiticos. A utilização adequada dos marcadores lingüísticos que indicam localização implicam saber, antes de mais nada, seja por quem os usa, ou por quem os deve compreender, que eles estão co-indexados à pessoa do locutor, àquele que diz "eu". Assim, atribuindo ao gesto indicativo da criança estas duas interpretações - lugar e pessoa - a mãe está, na verdade, negociando com a criança categorias lingüísticas inter-relacionadas a partir do gesto que é, ele mesmo, uma categoria gestual dêitica.

Relativamente às diferentes funções desempenhadas pelo gesto indicativo pode-se concluir de uma maneira totalizadora que, seja qual for a função, esta se constitui inicial e necessariamente, através do discurso do outro. A criança já se mostra competente a utilizar o gesto de apontar como uma real indicação desde os 11 meses de idade, e continua a utilizar tal indicação com sua função mais original, ou seja, requerer um determinado objeto. Além disto, a partir das instanciações pela mãe dos jogos de Reconhecimento, é o gesto indicativo que funciona como sua resposta, ou seja, este gesto tem também como função simetrizar aquele jogo que se presta ao trabalho da face auditiva do objeto sonoro. Uma vez que o gesto indicativo neste contexto leva a mãe a nomear o objeto referido pela criança, ou até mesmo a instanciar um Jogo Dramático, podemos concluir que uma das funções prioritárias deste gesto é levar a mãe a instanciar aqueles jogos interacionais que envolvem, cada um com suas especificidades, o trabalho sobre as facetas do objeto sonoro. É a precisa participação gestual da criança nos jogos de Reconhecimento que leva a mãe, por sua vez, a instanciar versões lúdicas dos jogos de Reconhecimento onde se observa, nitidamente, uma preocupação com a participação vocal da criança. Assim, estabelece-se uma rede de relações entre os jogos interacionais a partir do uso adequado pela criança do gesto indicativo.

Entretanto a criança mostra ainda não ter eleito a oralidade como sua modalidade comunicativa privilegiada encontrando, inclusive, dificuldades em simetrizar as situações que dela exijam um procedimento vocal como resposta. Sendo assim, busca esclarecer sua intenção acoplando a sua vocalização o gesto indicativo e, ao fazê-lo, este gesto não só esclarece para a mãe qual a intenção da criança como também acaba por receber uma interpretação diferente daquela da vocalização, isto é, o gesto indicativo passa a compor sintagmaticamente o enunciado ao lado da vocalização. Esta postura infantil presta-se a fazer a mãe aperceber-se da indeterminação apresentada pelas vocalizações da criança e, por conseqüência, a conduta materna passa ser a de se engajar na adequação das vocalizações infantis tentando, a partir do esclarecimento prestado pelo gesto indicativo, conjugar o significante da criança ao significado desvendado, ou seja, operando sobre o eixo paradigmático das enunciações infantis, tenta transformá-las em signos arbitrários convencionados pelo sistema lingüístico.

O gesto indicativo é por excelência um gesto dêitico e, como tal, presta-se a indicar referentes presentes no mundo externo. É a mãe que, a partir da indicação da criança, pode interpretá-la de uma ou de outra forma em função, segundo estamos constatando, daquilo que logra ser trabalhado. Desta forma, é justamente se utilizando de um gesto dêitico que a mãe,

através de seu discurso, empenha-se na construção pela criança das categorias dêiticas da linguagem referentes a pessoas e lugares. Sendo estas categorias inter-relacionadas uma vez que a localização no espaço de objetos e/ou pessoas depende da perspectiva daquele que está falando, o que se começa a negociar com a criança são os usos do gesto de apontar na tarefa de indicar lugares e, gradativamente, também com a função de indicar pessoas. Os dados nos demonstram que nas situações em que se negocia estes usos do gesto indicativo é que se pode identificar momentos de reversibilidade de papéis, ou seja, pode-se localizar a criança assumindo o papel que fora desempenhado pela mãe anteriormente. Desta forma, podemos concluir que o domínio pela criança das categorias dêiticas dos sistema lingüístico começa sua constituição a nível da ação, isto é, com o trabalho sobre estes usos para o gesto indicativo a criança vai se tornando apta a ocupar um papel motora e vocalmente uma vez que, através do processo de especularidade diferida, a criança consegue também reinstaurar os procedimentos verbais que acompanham um dado esquema motor.

Finalmente pode-se apontar, como conclusão geral que, embora a criança mostre-se competente a utilizar os gesto de apontar relativamente a sua função de indicação, todas as outras funções aqui explanadas deverão ser, paulatinamente, incorporadas pela criança através de um longo trabalho de construção conjunta. Até o final do período estudado somente se pode afirmar que o gesto indicativo, enquanto uma categoria gestual "para si" relativamente às novas funções que o discurso materno se lhe atribui, ainda está sendo constituído pela criança mas que, neste momento, tais funções configuram-se unicamente através dos sentidos atribuídos a ele pelo discurso do outro.

4- O Gesto Representativo: sua constituição e sua função enquanto senhas gestuais

São considerados representativos aqueles gestos cuja relação entre o significante (forma / desenho) e o significado é convencionalizada e arbitrária e, por assim ser, cabe ao par, ao longo do desenvolvimento, delimitar a forma destes gestos atribuindo-lhes um determinado significado. Desde o início até o final do período observado, foram as instanciações de jogos Rítmicos, majoritariamente, que se mostraram como contextos privilegiados para este trabalho e, de forma minoritária, também os jogos Dramáticos prestaram-se a tais negociações. Cabe ressaltar que em ambos os jogos a mãe demonstra uma intensa preocupação com a constituição da gestualidade infantil, seja por colocar para negociação jogos Rítmicos que

apresentam uma representativa contraparte gestual, seja por apresentar propostas à criança que exijam como resposta algum sinal gestual. De fato, se desde o início a mãe vem se mostrando extremamente atenta à movimentação corporal da criança percebendo, inclusive, as diferenças sutis por esta apresentada, é coerente que a construção pela criança de outros gestos, que não só o indicativo, configure-se em um importante objetivo materno.

Para que possamos acompanhar o percurso apresentado por esta mãe em relação ao gesto representativo, faz-se necessário que explicitemos o que convencionamos chamar por senhas. Em inúmeras situações pôde-se constatar que certos procedimentos verbais do adulto desencadeavam uma determinada resposta motora da criança, assim como determinados gestos ou ações da criança levavam o adulto a uma resposta verbal específica. Este quadro mostra-nos então que alguns procedimentos verbais do adulto e motores da criança funcionam para o outro elemento do par, como um código de acesso a uma determinada prática interacional. Nesse sentido a metáfora da senha nos pareceu oportuna.

A título de exemplificação vale notar a **situação 11a** (Cça.: 10 m), onde, imediatamente após a proposta da mãe, a criança começa a "bater palmas". Considerando-se que não houve qualquer ação da parte da mãe que pudesse ser espelhada pela criança, a única forma de entender sua performance é atribuindo a esta o reconhecimento de um procedimento verbal específico que, funcionando como uma senha, desencadeia a resposta motora da criança. A eficácia de tais senhas, entretanto, depende de sua constante re-apresentação ao longo da história interacional do par e, assim, nada mais coerente que esta sua primeira efetivação se refira a um Jogo Rítmico, cuja contraparte motora venha sendo construída pela criança pelo menos desde os 08 meses de idade (cf. **situação 1a**, por exemplo). Considere-se ainda a este respeito que neste momento do desenvolvimento gestual de M., esta ação de "bater palmas" ainda convive com certos esquemas corporais (cf. discutimos acima no item 1), ou seja, se não se justifica sequer a atribuição de uma ação já constituída pela criança, não se pode, conseqüentemente, atribuir a ela o entendimento do enunciado materno e, portanto, somente a hipótese do reconhecimento da senha verbal pela criança é que pode explicar seu desempenho. Relativamente à perspectiva materna, a **situação 14** (Cça.: 11m) é representativa de como também para a mãe a ação da criança faz desencadear um esquema interacional específico, no caso, o Jogo Rítmico "Parabéns prá você".

Ao discutir a importância para a constituição do diálogo da tríade processual dialógica, LEMOS (1989) postula a presença da especularidade diferida (em oposição à

especularidade imediata) como base para os processos de complementaridade e reciprocidade, e a define como "reposição pela criança de fragmentos do discurso adulto, extraídos de práticas discursivas recontextualizadas / retextualizadas para instaurar novos diálogos" (pg. 64). Ao se observar a ação da criança (cf. situação 14 acima), pode-se perceber que não há qualquer elemento contextual que explique sua realização naquele momento porém, rastreando-se sua história, sabe-se que se trata de uma ação amplamente negociada pela criança com seus interlocutores e assim, parece-nos ser o processo de especularidade diferida que explica a ação infantil. Ao reinstaurar na negociação atual uma ação já reconhecida pelos adultos, a qual, além disto, faz parte de um jogo específico, a criança consegue não só uma forma de instaurá-lo como também figurar como aquela que inicia negociações, papel este majoritariamente desempenhado pelo adulto. Estas observações aplicam-se também à situação 08a (Cça.: 10m), na medida que o movimento de "estender o braço numa dada direção, mantê-lo nesta direção e esticar o dedo indicador ligeiramente mais que os outros" acoplado à ação de "mandar um beijo", realizado pela criança, recebe a interpretação materna de "santinho". Lembrando-se dos apontamentos já feitos sobre esta situação (vide pg.35), podemos entender que a criança quando alça uma parte motora de um determinado esquema interacional pertencente a sua história está, de fato, realizando sua parte naquele jogo mas, ao fazê-lo dentro da negociação atual, consegue uma maneira de instaurá-lo. Concluindo, já aos 10 meses de idade, a criança consegue, através da especularidade diferida, instaurar diferentes práticas interacionais e figurar, assim, como um hábil parceiro na tarefa de iniciar novas negociações e, importa ressaltar, o faz através de reinstaurações de procedimentos motores (gestos e / ou ações).

É a partir dos 10 meses de idade da criança que começam a surgir jogos Rítmicos nos quais a contraparte motora seja outra que não a de "bater palmas" e, nesses novos jogos, tanto ações quanto gestos representativos podem permear as cantigas. Buscando uma explicação coerente para o aparecimento destes outros jogos Rítmicos encontramos-na, novamente, no desempenho gestual de M., ou seja, é a esta época que a criança demonstra um intenso trabalho de elaboração gestual (no caso ainda sobre o gesto indicativo) e, assim, ao lado da primeira instanciação do Jogo de Nomeação, encontramos também duas novas efetivações de Jogo Rítmico ("Pombinha" e "Nana nenê"). Além disto, a capacidade da criança em propor novas negociações a partir da reinstauração de procedimentos motores também parece

funcionar, frente à perspectiva materna, como um elemento indexador do desenvolvimento gestual da criança colaborando, desta forma, para as novas propostas de jogos pela mãe.

O que se tentará mostrar a partir de agora diz respeito não somente à eficácia das senhas de que vimos tratando anteriormente, mas também a sua intrínseca relação com o desenvolvimento lingüístico da criança no que concerne a sua contraparte oral. De fato, pode-se adiantar a este respeito que os momentos de maior autonomia discursiva demonstrados por M. referem-se àquelas situações permeadas por jogos Rítmicos cuja contraparte motora é de gestos representativos ou ações.

Para ilustrar o que apontamos acima vale observar as situações 12 (Cça.: 10m); 13 (Cça.: 11m); 21 (Cça.: 1a 1m 3d); 41 (Cça.: 1a 4m 14d) e 43a (Cça.: 1a 4m 14d), uma vez que todas elas referem-se ao primeiro Jogo Rítmico proposto pela mãe em que se diferencia o procedimento motor acompanhante, a saber o "Nana nenê". Este jogo caracteriza-se pelo acoplamento de uma cantiga a uma ação demonstrativa, ou seja, a ação de "embalar um bebê", sendo que à mãe cabe cantar nem sempre realizando a ação correspondente, a qual, por sua vez é sempre desempenhada pela criança. Aos 10 meses (cf. situação 12) a forma da ação infantil ainda não se encontra totalmente estabilizada mas é suficiente para desencadear a intanciação do Jogo Rítmico pela mãe fazendo, mais uma vez, parecer que quem o instanciou foi a própria criança. Um mês depois (cf. situação 13) são os enunciados adultos que funcionam como um gatilho para a ação da criança e, se nota que a mãe endossa o comportamento da criança quando este ainda é somente uma parte da ação esperada (cf. grifos). É também a mãe, relativamente à conduta da tia, quem demonstra respeitar o funcionamento das senhas ao tentar que a criança aja, acrescentando ao pedido verbal também a cantiga correspondente ao jogo.

Fato semelhante ocorre na situação 21 (Cça.: 1a 1m 3d) onde a criança somente realiza a ação de "nanar o nenê" depois que a mãe realiza o gesto representativo desta ação, enquanto canta. Neste caso, porém, o fato da mãe efetuar também o procedimento motor correspondente não nos permite assegurar que a cantiga tenha sido uma senha eficaz. Por outro lado, esta situação é particularmente ilustrativa de que estando a primeira vocalização da criança (cf. 4º turno) co-indexada com os enunciados anteriores da mãe, leva esta última a reconhecê-lo como o signo "nenê", complementá-lo segmental e suprasegmentalmente instaurando, a partir daí, a proposta para o Jogo Rítmico. Não se pode negar que o objeto mediador tenha funcionado como um elemento coadjuvante na escolha pela mãe de um

determinado significado para o significante infantil (veja-se como exemplos os 8^o e 9^o turnos da criança e da mãe respectivamente) mas o que importa mostrar é que o trabalho sobre o objeto sonoro ocorre, levando a mãe a tentar instaurar a partir dele instanciações de jogos Rítmicos já negociados.

Somente quando a criança está com aproximadamente 16 meses e meio é que tal jogo reaparecerá em nossos dados e a esta época pode-se observar que a ação da criança encontra-se bastante reformulada. Se antes a criança "batia" no objeto mediador, agora temo-la realmente "ninando-o" pois apresenta, inclusive, o balanço de corpo característico. Neste sentido, se observarmos as situações 41 e 42a (Cça.: 1a 4m 14d) encontraremos este "balançar de corpo" realizado também pela mãe, o que nos demonstra que se trata de um procedimento motor que veio sendo negociado pelo par ao longo de sua história interacional. Quanto à contraparte oral deste jogo, pode-se afirmar que, durante os meses observados, de uma vocalização indiferenciada e extensiva a inúmeras situações (cf. 12, Cça.: 10 m) a criança passa a conseguir, através da especularidade diferida, aproximar a composição sintagmática de seu significante àquela pertencente ao sistema lingüístico adulto como podemos observar tanto no 4^o turno da criança na situação 21 (Cça.: 1a 1m 3d), quanto no 1^o turno da situação 42a (Cça.: 1a 4m 14d). Relativamente a esta última situação, faça-se notar ainda o enunciado da mãe que, ao complementar a vocalização da criança, instaura o Jogo Rítmico correspondente. Assim, ainda que parcialmente, tais situações prestam-se ao objetivo de ilustrar a hipótese apontada sobre a inter - relação dos jogos Rítmicos com acompanhamentos motores e as conquistas da criança a nível de sua linguagem oral.

Aos 10 meses de idade surge ainda o Jogo Rítmico "Pombinha" que nos vem apresentar as primeiras instanciações pela mãe dos gestos representativos - "voar", "embaraçar", "abraçar" e "rede". O discurso da mãe (cf. seu 1^o turno na situação 10b) atesta não ser esta a primeira efetivação deste jogo e assim levantam-se duas hipóteses na explicação ao movimento da criança (cf. seu 1^o turno em 10c): ou ele é fruto do espelhamento ao gesto anteriormente realizado pela mãe, ou o enunciado desta (cf. seu 1^o turno em 10c) funcionou como uma senha verbal a desencadear o movimento da criança. A situação 22b (Cça.: 1a 1m 3d) tende a argumentar em favor da segunda das hipóteses apontadas, uma vez que a instanciação do Jogo Dramático ("Como que a pombinha faz") remete a criança a um movimento semelhante em sua forma àqueles gestos representativos realizados pela mãe na situação 10c (Cça.: 10 m), ou seja, a palavra "pombinha" funciona como uma senha verbal

para a perspectiva da criança. Por outro lado, uma vez que o próprio discurso materno nesta situação 22b (cf. 2^o turno da mãe), demonstra que o desenho apresentado pelo movimento da criança é ainda impreciso; a possibilidade que a primeira das hipóteses seja a correta também se coloca. Na verdade, estas hipóteses que apontamos não são excludentes e embora o movimento da criança possa ser, em alguns momentos, fruto do espelhamento e portanto mais preciso em sua forma, em outros ele se mostra desencadeado pela senha verbal da mãe e, nessas situações, sua forma pode se mostrar ainda bastante instável.

Se observarmos a situação 23 (Cça.: 1a 1m 3d) detectaremos a reposição pela criança do movimento realizado em 22b (ocorrida segundos antes) o qual embora denuncie, em suas três efetivações (cf. 2^o, 3^o e 4^o turnos), uma sobreposição dos movimentos pertencentes aos diferentes gestos maternos realizados no Jogo Rítmico "Pombinha", mostra-se competente na tarefa de nomear o referente presente no contexto (através de uma foto). Na verdade, a mãe demonstra compreendê-lo como uma nomeação, uma vez que seu discurso é uma "tradução oral" ao movimento da criança que, portanto, pode ser classificado como representativo. Sua categorização enquanto gesto somente não se valida em virtude da imprecisão do desenho que apontamos. Porém, a adequação a este aspecto dependeria desta ser uma demanda materna o que, até o final do período observado, não acontece. O que se pode pensar a este respeito é que, uma vez que o movimento seja suficiente para remeter a um dado referente, sua forma não é alvo de negociação pela mãe e, de fato, este movimento infantil, embora com um desenho instável, é eficaz nesta tarefa.

Antes de prosseguirmos com os comentários sobre os dados, é necessário que se tracem algumas considerações sobre a forma / desenho dos gestos representativos a partir das quais estabeleceremos sua diferença relativamente a uma outra categoria a que denominamos gestos demonstrativos. Tendo em vista que alguns gestos representativos são de amplo reconhecimento social, não é raro que se lhes atribua um caráter altamente motivado, isto é, que se pense entender seu significado unicamente através de seu significante. De fato, para a maioria dos gestos que sobrevive ao sistema gestual adulto, seu pronto reconhecimento faz corroborar esta hipótese. Porém, somente o fato de existirem diferenças culturais para os significados de um mesmo significante já se configuraria em um forte argumento contra tal assunção mas, dentro de uma mesma cultura também é possível encontrar argumentos nesta direção ao menos no que se refere ao processo de constituição destes gestos. Quando se acompanha longitudinalmente tal processo, pode-se constatar que um mesmo movimento,

absolutamente icônico aos olhos menos atentos, não só deve ter seu significado delimitado, como também se presta a representar realidades onde seu sentido somente se esclarece a partir da "tradução oral" oferecida pelo outro. É possível atribuir a tais gestos uma parcial motivação na medida que seus significantes limitam o número de sentidos possíveis, mas a decisão por qual dos sentidos somente se faz a partir da linguagem oral conjugada. Ao se pensar sobre a função de tais gestos junto à constituição da linguagem por uma criança, o máximo que se pode afirmar é que eles apresentam a esta última o caráter simbólico da linguagem na medida que funcionam como signos representantes de uma certa realidade. A discussão que fizemos anteriormente sobre a **situação 23** (Cça.: 1a 1m 3d) serve-se a tal constatação na medida que o movimento infantil nomeia, representa um dado referente.

A esta altura é útil retomarmos a discussão realizada sobre a construção e as diferentes funções do gesto indicativo. Relativamente a este gesto era necessário que se buscasse uma forma adequada para diferenciá-lo da primitiva tentativa fracassada de pegar e, por se prestar a apontar para um referente presente no contexto (que evidentemente são inúmeros), precisava fazê-lo com absoluta precisão para que o outro pudesse remeter-se a uma (e não outra) interpretação. Neste caso, o traço distintivo era condição primeira para o prosseguimento das negociações e para as diferenciações entre elas. Quanto ao gesto representativo, entretanto, basta que sua forma remeta a um certo esquema interacional pois esta demonstra ser sua função, ou seja, para a perspectiva materna "precisão", nesta caso, significa ter uma forma tal que seja suficiente para evocar uma certa prática. De fato, é dentro destas práticas que se negociarão aspectos da linguagem oral e, como se trata de uma díade ouvinte, é a oralidade que se constitui em meta fundamental a ser atingida pois, quando esta já houver sido constituída, os gestos representativos serão ou um elemento de redundância ou, quando forem usados autonomamente, terão seu sentido definido ora pelo contexto circundante ora pelo discurso anterior. Assim sendo, durante o processo de constituição da linguagem oral pela criança, estes gestos servirão para introduzi-la no caráter simbólico da linguagem, bem como para instaurar aqueles jogos interacionais que se prestam ao trabalho sobre o objeto sonoro (Rítmico, Dramático, de Nomeação, etc.).

Por outro lado, compareceu no repertório gestual desta díade também uma instanciação dos gestos demonstrativos que, conforme definimos anteriormente, apresentam uma relação significado / significante motivada, através da qual representam ações, diferentemente portanto dos gestos icônicos que se prestam a representação não-arbitrária de

objetos. A função deste gesto mostrou ser a de auxiliar o gesto indicativo na tarefa de requisitar um determinado objeto pois, ao representar a ação característica deste, acaba por nomeá-lo. No caso de nosso sujeito, o objeto é representado pela ação de levantar a perna "como se chutasse uma bola", uma vez que os dados demonstram ser esta a intenção da criança. Na **situação 40b** (Cça.: 1a 4m 14d) podemos observar que a criança alia a um gesto indicativo, o gesto demonstrativo de "chutar a bola" não conseguindo esclarecer, entretanto, qual era a sua intenção para a mãe que por sua vez, instaura um Jogo de Nomeação. No entanto, a **situação 40c** (continuação de 40b) confirma que a criança tenha utilizado tal gesto para representar o objeto bola uma vez que, tendo esta rolado para uma determinada direção a criança aponta para aí ao mesmo tempo que realiza o gesto demonstrativo, ou seja, trata-se de um enunciado gestual que poderia ser traduzido por "a bola foi para lá".

Se considerarmos ainda a discutida **situação 36** (Cça.: 1a 4m 14d) notamos que a criança não lança mão da oralidade, quando esta seria a única maneira de obter a atenção de seus interlocutores, limitando-se ao uso de um gesto indicativo seguido de outro demonstrativo. Assim, devemos nos indagar sobre o que na história interacional da criança faz com que ela esteja apostando na eficácia de um gesto e, ao fazermos isto somos obrigados a retomar a discussão sobre os gestos representativos. Além do fato da criança ainda se utilizar do gesto indicativo com sua função mais original (cf. discussão sobre a situação 36, pg. 41) é a constante apresentação pela mãe de gestos para representar os referentes dentro dos jogos Rítmicos e Dramáticos, que parece explicar a compreensão pela criança de que procedimentos motores (gestos ou ações) sirvam-se a tal tarefa. Observe-se ainda neste sentido que, frente ao Jogo de Nomeação na **situação 40b** (Cça.: 1a 4m 14d), a criança acopla a sua última vocalização, após ter várias recusadas pela mãe, o gesto demonstrativo de que vimos discutindo (cf. *último turno* da criança). A mãe, entretanto, insiste na face articulatória ao apresentar à criança a composição silábica do signo demonstrado, ou seja, a mãe exige a nomeação verbal da criança. Daí podemos concluir que embora os jogos interacionais permeados por gestos representativos sejam constantemente apresentados à criança, a mãe demonstra que sua preocupação é inserir a criança no universo simbólico da linguagem e somente neste sentido é que se fazem valer os gestos representativos.

A esta altura é útil lembrar que o Jogo Rítmico caracteriza-se pela segmentação rítmica do contínuo sonoro e é ele, segundo LIER (1983), que inaugura o trabalho sobre o objeto lingüístico. Há de se notar que, embora tais jogos compareçam no repertório desta

dáde desde os 08 meses de idade, o que se negocia a partir dele complexiza-se com o decorrer do desenvolvimento. Assim, ainda que a marcação rítmica não desapareça - note-se como a criança ainda marca o ritmo da música na situação 51c (Cça.: 1a 6m) - dentro destes jogos também se passa gradativamente a negociar a análise e a sincretização das faces rítmica, auditiva e articulatória do objeto sonoro que foram trabalhadas isoladamente em outros jogos. Desta forma, os jogos vocais (LIER, 1985) que se prestam tanto à negociação da adequação do significante a nível segmental e suprasegmental (jogos Fonéticos), quanto à composição deste com o seu significado (jogos Fonológicos), fazem-se observar também dentro dos próprios jogos Rítmicos. Isto se explica na medida que os gestos representativos permeiam estes últimos jogos e a mãe demonstra ter eleito os primeiros para apresentar à criança o caráter simbólico da linguagem.

Neste sentido, considerando-se que o Jogo Dramático também representa um trabalho de síntese das faces do objeto sonoro - no caso, auditiva e articulatória - pode-se compreender que os movimentos e / ou ações representativas também o permeiem sendo que em nossos dados, as primeiras aparições deste jogo se dão aos 11 meses de idade da criança. Estando seu aparecimento vinculado a estabilização do gesto indicativo e, por conseqüência, à adequada participação da criança junto aos jogos de Reconhecimento; é compreensível que nestes momentos iniciais o outro endosse através de seu discurso participações motoras da criança em resposta a ele. Ou seja, o som onomatopaico característico enquanto resposta a este jogo, bem como representativo da síntese das faces auditiva e articulatória do objeto sonoro, realiza-se através do que poderíamos chamar de ação demonstrativa. Na verdade, em algumas instanciações iniciais, é esta demonstração que realmente se espera como resposta, como no caso da situação 16 (Cça.: 11m) a partir da qual pode-se concluir que tais jogos exigem da criança o reconhecimento ao enunciado do outro que, funcionando como uma senha verbal, desencadeia o gesto demonstrativo como resposta. Já na situação 15 (Cça.: 11m) é a pantomima infantil que complementa a proposta materna mas, tendo em vista ambos os casos, pode-se concluir que existam instanciações iniciais do Jogo Dramático feitas pelo adulto que somente esperam da criança o reconhecimento do gatilho verbal e a sua consumação num procedimento motor. Não se pode dizer destas instanciações que a elas somente interesse o trabalho sobre a face auditiva do objeto sonoro, uma vez que não é o gesto indicativo que comparece como resposta, mas antes que a face articulatória está sendo representada, neste momento, pelas ações demonstrativas e pantomimas infantis que funcionam, desta forma,

como representações desta face. Nesse sentido, pode-se compreender ainda melhor porque, em momentos posteriores, a criança tenha a iniciativa de nomear objetos através de procedimentos motores, no caso, um gesto demonstrativo (cf. situação 40b, por exemplo).

De fato, até o final do período estudado, ações e gestos demonstrativos e também pantomimas alternam-se na categoria de resposta ao Jogo Dramático. Aos 11 meses (cf. situação 17b) frente à pergunta "como o cavalinho faz?", a criança é especular aos movimentos dos adultos presentes e oferece como resposta duas ações demonstrativas consecutivas onde, uma delas constituía-se no resultado do espelhamento ao som onomatopaico de "estalar a língua" realizado por um dos adultos. Já na situação 18 (Cça.: 11m) acontecida instantes após 17b, a criança já prescinde do espelhamento para simetrizar o jogo fazendo-o através dos mesmos procedimentos motores que são, portanto, fruto da especularidade diferida. Com 01 ano e 04 dias (cf. situação 20), a criança responde com uma pantomima ao Jogo Dramático proposto pela mãe referente ao "coelho" e, nesta situação vale notar que, como a mãe não oferece qualquer pista motora, a criança somente simetriza a situação quando lhe é apresentada a pergunta - padrão do jogo, ou seja, sua resposta foi desencadeada pela senha verbal do adulto. Na situação 34 (Cça.: 1a 2m 29d) encontramos uma instanciamento do Jogo Dramático que não é simetrizada pela criança porém, se se considerar que antes de propô-la a mãe oferece a onomatopéia esperada como resposta, pode-se pensar que ela tenha sido colocada para se prestar ao espelhamento infantil num jogo que não apresenta, para esta idade, qualquer procedimento motor que pudesse ser efetivado pela criança a partir da proposta materna. Finalmente com 01 ano e 06 meses (cf. situação 46c) deparamo-nos com os dois últimos jogos Dramáticos instanciados pela mãe neste corpora os quais, deve-se ressaltar, encontram-se dentro de um Jogo Rítmico. Embora muito já se tenha negociado sobre a contraparte oral da linguagem de M. até este momento, o que se faz inclusive dentro deste próprio Jogo Rítmico, a mãe não abandona as propostas do jogo Dramático que nitidamente exigem da criança procedimentos motores como resposta que, neste caso, tratam de ações ("mandar beijo" e "mostrar a língua"). Não só mais uma vez o enunciado materno funciona como senha verbal para a resposta da criança, como também esta resposta ainda depende, em um dos casos, da especularidade imediata para se efetivar (cf. *5º turno* da criança).

Todas estas situações apontadas servem para demonstrar que a mãe, apesar de se mostrar empenhada na constituição da oralidade pela criança, o faz inúmeras vezes dentro de situações que também exigem participações motoras o que nos mostra, portanto, que a

gestualidade é alvo de negociação deste par até o final do período observado servindo para representar, inclusive, a face articulatória do objeto sonoro.

Não é somente nos jogos Dramáticos que aparecem as ações demonstrativas mas também junto aos jogos de Reconhecimento. Como se pode notar na situação 26 (Cça.: 1a 1m 3d), frente à pergunta da mãe (cf. seu 8^o turno), a criança responde com uma ação demonstrativa que tem sua origem em práticas interacionais bastante precoces. As situações 4 (Cça.: 8m) e 5 (Cça.: 8m 25d) mostram que desde então a mãe já realizava aquela ação que, posteriormente, transformou-se em uma ação demonstrativa para a criança que é, por sua vez, desencadeada por um signo lingüístico também pertencente a estas interações iniciais. Esta situação 26 (Cça.: 1a 1m 3d) referida nos mostra também que a pergunta característica do Jogo de Reconhecimento relativo às partes do corpo funcionam como uma senha verbal para a resposta da criança que, ao "errar", demonstra reconhecer o jogo, o que não significa que esteja interpretando o enunciado materno tanto que, ainda na situação 54 (Cça.: 1a 6m), o reconhecimento às partes do corpo continua permeando as interações desta díade. Tratando-se neste caso de um jogo Rítmico, podemos pensar que os nomes destas partes estejam se constituindo em objeto de negociações uma vez que, através do discurso materno, eles são inseridos numa marcação rítmica específica que lhes determina os limites sintagmáticos.

De fato, tanto para a perspectiva materna quanto para a infantil, o funcionamento das senhas verbais e gestuais (respectivamente) se mostra muito atuante até o final do período por nós estudado. Vejam-se neste sentido as situações 20 (Cça.: 1a 4d); 38 (Cça.: 1a 4m 14d); 52 (Cça.: 1a 6m) e 53b (Cça.: 1a 6m). Relativamente a última destas situações, pode-se observar que o gesto indicativo da criança desencadeia a instauração de um jogo Rítmico introduzido pela mãe quando a criança tinha 01 ano e 02 mese (cf. situação 30). O gesto indicativo, considerado em todo o seu percurso, poderia desencadear inúmeras práticas, mas a eleita pela mãe foi aquela que em seu final exige da criança uma participação vocal mostrando, assim, como a oralidade torna-se uma demanda cada vez mais apresentada pelo discurso materno.

Assim como para o Jogo de Reconhecimento efetivado majoritariamente pelo gesto indicativo, também para os jogos Rítmicos permeados por gestos representativos pode-se dizer que as senhas verbais do adulto remetem a criança a uma prática interacional integral e não a um ou outro gesto. Uma vez que estes jogos caracterizam-se pela presença de vários gestos representativos diferentes entre si, a realização pela criança de um deles, pertencente a um

certo jogo, faz com que o adulto prossiga com a negociação mas não demonstra, entretanto, que a criança os utilize para representar o enunciado adulto a ele referente. Veja-se neste sentido as situações 43 e 44c (Cça.: 1a 4m 14d) onde a personagem principal da cantiga também é uma "pombinha" a qual, ao ser citada na proposta da mãe (cf. seu 8^o turno, na situação 43), desencadeia na criança o gesto representativo de "embaraçar". Ora, se este gesto é pertencente ao primeiro Jogo Rítmico "Pombinha" e foi realizado pela criança, isto significa que a palavra - senha "pombinha" remete a criança ao esquema interacional como um todo, no caso, ao mais antigo, uma vez que já foi amplamente negociado pelo par.

Este gesto representativo de "embaraçar" que já apresenta um desenho mais estabilizado, onde se ausenta a sobreposição de formas referida anteriormente (cf pg. 54), é particularmente útil na tarefa de mostrar que a iconicidade não está presente nesta categoria gestual. Se se atentar para a situação 44a (Cça.: 1a 4m 14d), ver-se á que ao Jogo Dramático proposto pela mãe (cf. seu 4^o turno), a criança dá como resposta um gesto que, enquanto significativo, é exatamente o mesmo que aquele significado através do discurso materno por "embaraçar" dentro do primeiro Jogo Rítmico "Pombinha" (cf. situação 10a; Cça.: 10m).

Sendo então que estes gestos não são icônicos como os demonstrativos por exemplo, eles não se prestam a uma "tradução gestual" dos enunciados adultos. De fato, a criança demonstra reconhecer a seqüência gestual da música uma vez que, não só realiza determinados gestos antes que a mãe cante o enunciado correspondente, como acopla dois gestos numa seqüência que reconhecemos correta quando a mãe, a seguir, os "traduz" oralmente. O 11^o turno da criança na situação 44c (Cça.: 1a 4m 14d) e o seu 2^o turno na situação 44b (Cça.: 1a 4m 14d) são representativos deste ponto de vista.

Assim, podemos concluir esta discussão afirmando que a criança, ao demonstrar independer do enunciado materno para desencadear suas respostas motoras, faz parecer à mãe que já se encontra mais autônoma em sua linguagem, uma vez que a gestualidade sempre funcionou, frente à perspectiva materna, como um índice do desenvolvimento lingüístico da criança. Desta forma, esta "autonomia" é que parece responder pela crescente apresentação pela mãe de negociações sobre o objeto sonoro e é sobre elas que versaremos no próximo item. Portanto, postergamos para ele a discussão de várias outras situações em que há gestos representativos, na medida que elas nos servirão para mostrar a íntima relação entre esta categoria gestual e a oralidade da criança.

5 - Gestualidade X Oralidade: aspectos de uma relação de interdeterminação

Em diferentes situações, desde os 08 meses de idade, comparecem as vocalizações de M. que, embora possam vir isoladas, majoritariamente vêm acompanhadas por algum movimento ou ação, sobretudo pelos movimentos generalizados e é sobre estes que, quando recortados, recaem as interpretações maternas. Veja-se, neste sentido, a **situação 1a** (Cça.: 8m), como também o *3º turno* da criança e *4º turno* da mãe na **situação 7a** (Cça.: 8m 25d). Quando, porém, os procedimentos motores (movimentos generalizados e ações) que acompanham as vocalizações infantis não são recortados, sobre estas últimas não recaem qualquer interpretação e, nesse caso, os adultos presentes tendem a espelhar a produção vocal da criança, como se pode observar nas **situações 3** (Cça.: 8m), junto aos *2º* e *3º turnos* da criança e da mãe respectivamente; **4** (Cça.: 8m), conforme *4º turno* da criança e *turno* subsequente de seus interlocutores e **7c** (Cça.: 8m 25d), no *3º turno* da criança e *4º turno* da mãe. Também a complementaridade intra - turnos pode aparecer nestes casos, sendo que a **situação 4** (Cça.: 8m) nos mostra a mãe espelhando segmentalmente a produção vocal da criança (cf. seu *3º turno*) e a complementando a nível suprasegmental. Assim, quando os procedimentos motores não são recortados pelo discurso materno, as vocalizações infantis (inclusive quando aparecem isoladas) não são complementadas a nível segmental. A complementaridade segmental somente se efetiva, fazendo as vocalizações figurarem como uma categoria interpretada, quando elas estão acompanhadas de algum procedimento motor que é, de fato, o elemento recortado e significado. Ou seja, para esta idade, até os 10 meses de idade da criança, há uma supremacia do motor em detrimento do oral.

A partir desta idade, embora a atitude do adulto em somente espelhar as vocalizações da criança não desapareça, observa-se uma quantidade majoritária de situações em que as vocalizações infantis são alvos da complementaridade intra ou inter - turnos. É a essa época que a criança começa a demonstrar um intenso trabalho a nível de elaboração gestual (no caso, sobre o gesto indicativo) e, nesse sentido, corrobora-se nossa conclusão anterior sobre o desenvolvimento gestual funcionar, frente à perspectiva materna, como um índice do desenvolvimento lingüístico de M.. Ou seja, o trabalho sobre a oralidade infantil, seja através da instauração de jogos interacionais que o visam, seja através da complementaridade às vocalizações da criança, começa a se efetivar de modo mais sistemático quando a criança

demonstra já ter incorporado alguns recortes e interpretações que o discurso materno processou em sua gestualidade. Neste quinto e último item, interessa-nos então demonstrar como a criança apropria-se da linguagem oral, bem como por que entendemos estar esta apropriação vinculada, seja aos procedimentos motores presentes no discurso do outro, seja à interpretação adulta oferecida aos acoplamentos gestuais / vocais da criança.

Uma primeira possibilidade da criança figurar como um interlocutor verbal, mostrou ter sua origem no procedimento verbal oferecido ritualizadamente pelo adulto a um determinado procedimento motor da criança, em práticas outras que não as instanciações de jogos interacionais. Inicialmente, este procedimento infantil pode ou não vir acompanhado de uma vocalização pois, na verdade, o que demonstra ser fundamental é a sistematicidade da interpretação materna oferecida a um mesmo movimento. Gradativamente, a criança passa a ser "capaz" de espelhar o enunciado materno contemporaneamente à realização do procedimento motor para, posteriormente, ser capaz de fazer deste acoplamento uma constante que independe, ao menos imediatamente, do discurso materno. Uma vez que estamos tratando de práticas que não ocorrem dentro de nenhum jogo interacional, não há papéis pré-estabelecidos a serem cumpridos pelos participantes e, por sua vez, é isto que garante ao adulto a possibilidade de, através de seu discurso, fazer com que a vocalização especular da criança figure como uma real manifestação de intenção.

Para melhor se entender o que acabamos de expor, acompanhemos o percurso de construção pela criança da vocalização [da] enquanto o procedimento vocal que acompanha suas ações de oferecer um objeto. Inicialmente, aos 10 meses de idade (cf. situação 8b), alguns movimentos da criança ganhavam o estatuto de oferecimento somente através do enunciado materno no qual, faça-se notar, já aparecia o sintagma verbal "dá" como um de seus constituintes. Três meses depois, como demonstra a situação 22c (Cça.: 1a 1m 3d), a mãe requer o oferecimento infantil através do mesmo enunciado e a criança é capaz de complementá-lo a nível da ação, dando o objeto à mãe. No turno seguinte, quando a criança retoma especularmente parte do enunciado materno, sua vocalização é espelhada e complementada pela mãe e neste enunciado complementar, a mãe imprime à vocalização infantil, e portanto à criança, a intenção de dar o objeto que segura a alguém. A partir de então, inúmeras situações, dentre as quais a 27 (Cça.: 1a 2m), demonstram que a criança apropriou-se da vocalização [da] como aquele procedimento vocal privilegiado para acompanhar suas ações de oferecer um objeto e; embora seja um procedimento adequado ao

requerimento de um objeto; é este uso especular que a criança faz dele que garante, nestes momentos iniciais, que ela figure como um interlocutor verbal. Porém, mais fundamental ainda, é o fato de que esta possibilidade lingüística da criança tem suas origens na interpretação sistemática oferecida pelo discurso da mãe a um certo movimento infantil.

Por outro lado, o acoplamento pelo adulto de um determinado gesto com um determinado procedimento verbal, também mostrou ser um importante acesso à linguagem verbal para a perspectiva infantil, sendo que o percurso apresentado pela criança para chegar a um uso bastante autônomo do vocábulo [$\sim \omega$], é ilustrativo deste ponto de vista. Inicialmente, como se pode observar na **situação 19** (Cça.: 11m), os adultos que interagem com a criança usam o amálgama do meneio negativo de cabeça com a expressão [$\sim \omega$] como um procedimento lúdico e, assim, é bastante provável que quando a criança realiza o meneio negativo, ela o faça como uma forma de participação na situação. Entretanto, através de seus enunciados, os adultos imprimem ao movimento infantil, em suas duas instanciações, o significado de uma real negação, seja quando a tia diz "Você não quer, não é?", seja quando a mãe retoma a expressão "não, não" em tom interrogativo.

Essa passagem de um procedimento lúdico para um procedimento eficaz no contexto social, parece contribuir para que tal procedimento obtenha, gradualmente, sua saída de uma situação ritualizada para situações onde haja função no mundo real e promove, por conseqüência, a entrada da criança no universo simbólico. Na **situação 31** (Cça.: 1a 2m 29d), a criança ainda apresenta somente a contraparte motora do amálgama original, mas esta já é independente do comportamento adulto anterior. O adulto, por sua vez, apresenta a contraparte verbal do amálgama, em alusão nítida ao procedimento lúdico original, mas ao fazê-lo em tom interrogativo, novamente garante o significado de negação ao movimento infantil. Finalmente, aos 18 meses de idade, já podemos observar a criança utilizando-se do advérbio de negação de uma maneira bastante autônoma (cf. **situação 46b**), inclusive dirigindo-o a um outro participante que não a mãe (cf. **situação 45**).

A primeira aparição dos gestos representativos nesta díade deu-se quando a criança estava com 10 meses de idade, dentro de Jogos Rítmicos específicos e, desde então, estes gestos foram usados pela criança somente dentro destes contextos originais. A partir dos 13 meses de idade (aproximadamente) é que se pode detectar um uso já decontextualizado destes gestos como, por exemplo, quando a criança utiliza um determinado gesto representativo (originalmente de um Jogo Rítmico) como resposta a um Jogo Dramático (cf. **situação 22b**;

Cça.: 1a 1m 3d). Já discutimos anteriormente (item 4) que o desenho deste tipo de gesto não foi, em nenhum momento, alvo de negociações pela díade, uma vez que sua função mostrou ser a de introduzir a criança no caráter simbólico da linguagem. Assim, este uso decontextualizado de um gesto representativo pela criança coincide com um momento, dentro de sua história interacional, em que há uma maior ênfase na linguagem oral, isto é, a partir dos 13 meses de idade, pode-se encontrar um maior número de situações em que, tanto as vocalizações infantis, quanto o discurso da mãe, são desacompanhados de qualquer tipo de gesto, como se pode observar nas situações 28 e 29 (Cça.: 1a 2m).

A partir deste momento a atitude materna é de espelhar e complementar, tanto segmental quanto suprasegmentalmente, as vocalizações infantis e é nítido que quando a criança somente vocaliza, a mãe também abdica de qualquer gestualidade. Por outro lado, o gesto representativo, a exemplo do gesto indicativo, acaba por assumir a função de especificar o significado para o significante infantil que, neste momento, é ainda fluído e heterogêneo de sentidos. Na situação 33 (Cça.: 1a 2m 29d), por exemplo, a interpretação que o discurso materno oferece à vocalização infantil é determinada pelo gesto representativo da criança, assim como é o gesto indicativo, na situação 32 (Cça.: 1a 2m 29d), quem esclarece o significado da vocalização infantil a qual, deve-se notar, é idêntica, em sua composição fônica, a da situação 33 mostrando, portanto, a indeterminação que caracteriza a grande maioria dos significantes contidos no repertório oral da criança, neste momento de seu desenvolvimento.

Embora o número de seqüências interacionais predominantemente orais aumente a partir dos 13 meses de idade da criança, no período que se estende desta idade até os 16 meses e meio não se observa, referentemente à atitude materna, uma preocupação explícita com a forma dos significantes infantis. Neste intervalo de tempo, mantém-se os comportamentos de espelhar e complementar as vocalizações da criança que são aceitas integralmente tal qual se apresentam. Com a idade de 1a 4m 14d, a criança ainda se mostra "confiante" na eficácia de sua gestualidade visto que, por exemplo, somente recorre à oralidade como último recurso para chamar a atenção de seus interlocutores (cf. situação 36), ou ainda (cf. situação 40b) nomeia objetos presentes através de gestos demonstrativos. Porém, esta característica infantil, explicável em termos de sua história (vide pg. 56) convive, neste momento, com produções vocais que se caracterizam tanto pelo padrão silábico, quanto

pela adequação ao contexto lingüístico em que se inserem, como se pode observar, por exemplo, na situação 42c (Cça.: 1a 4m 14d).

Esta adequação, no entanto, mostra-se grandemente relacionada à dependência que estas vocalizações guardam em relação ao discurso adulto anterior, como se pode observar tanto nesta situação 42c, como também na situação 39 (Cça.: 1a 4m 14d). Entretanto, esta mesma situação e, mais especificamente a situação 42a (Cça.: 1a 4m 14d), suscitam a hipótese de que a existência de um esquema motor específico amalgamado à vocalização, auxilie a criança na escolha de um e não outro procedimento oral, visto que em ambas as situações havia ou um esquema motor (situação 39), ou uma ação (situação 42a), acompanhando as vocalizações infantis que, por sua vez, mostraram-se adequadas ao contexto em que estavam inseridas. Já em situações nas quais a vocalização esperada pelo adulto não possui, por conta de seu contexto de origem, um esquema motor amalgamado, o desempenho lingüístico da criança não responde às expectativas do adulto e, nesse sentido, corrobora-se a hipótese anteriormente delineada. A situação 40b (Cça.: 1a 4m 14d), que nos mostra a não aceitação pela mãe das vocalizações da criança, ilustra como é a performance infantil quando esta é exclusivamente oral.

Conquanto um adequado desempenho oral da criança seja ora dependente de sua gestualidade, ora fruto da especularidade (imediate ou diferida), a mãe parece estar tomando estas situações de adequação como um índice de que o trabalho sobre o objeto sonoro deva ser intensificado e, desta forma, começa a apresentar, ainda aos 16 meses, jogos Rítmicos que exigem da criança, além da participação gestual, também uma participação vocal. Duas estratégias distintas são utilizadas pela mãe para obter da criança a vocalização esperada, sendo que uma delas, por nós denominada de "reduplicação silábica", aparece aos 18 meses de idade e se faz apresentar através de jogos Rítmicos que já possuem, originalmente, a sílaba final de cada frase reduplicada como, por exemplo, na cantiga "Atirei o pau no gato". A presença deste tipo de Jogo Rítmico é ressonante com o padrão das vocalizações infantis que tem sido, desde os 16 meses de idade, predominantemente silábico. De fato, a criança demonstra, na situação 46a (Cça.: 1a 6m), que aquela não é a primeira instanciación deste tipo de jogo, uma vez que sua reduplicação silábica é concomitante a da mãe (veja-se o 2º turno da mãe e da criança respectivamente), ou seja, a criança é capaz de apresentar a vocalização requerida por este tipo de estratégia.

A outra estratégia, que denominamos estratégia do "preenchimento vocabular", caracteriza-se pela interrupção da emissão do vocábulo em tom ascendente e é este tom que, ao garantir a passagem do turno para a criança, marca que é ela quem então deverá completar a palavra. Nos jogos Rítmicos permeados por esta estratégia, a criança não é capaz de completar a palavra cuja emissão é interrompida pelo adulto no turno anterior, como se pode comprovar junto ao 3º turno da mãe e da criança respectivamente na situação 44d (Cça.: 1a 4m 14d) e também nos 3º e 4º turnos da mãe e os 5º e 6º turnos da criança na situação 47 (Cça.: 1a 6m). Enquanto nestas situações o desempenho da criança é falho, na situação 49 (Cça.: 1a 6m) a criança é perfeitamente capaz de efetivar o preenchimento vocabular instaurado pela mãe, como se pode ver nos 8º e 9º turnos da mãe e da criança respectivamente e, mais uma vez, a explicação para tal diferença na performance infantil está na ausência ou presença de um esquema motor ritualizadamente amalgamado à vocalização que se espera da criança. Note-se que nesta situação 49 a criança cessa a atividade que fazia para "abaixar-se" enquanto vocaliza, ou seja, a presença de um esquema motor conjugado à vocalização parece contextualizar (definir) para a criança, qual vocalização ela deve oferecer.

Da mesma forma, como se pode ver na situação 47 (Cça.: 1a 6m), quando a vocalização da criança tem, por conta de seu significante, múltiplas possibilidades de significado, quem define para a mãe por qual significado optar e, conseqüentemente, qual Jogo Rítmico instaurar, é também o esquema motor conjugado à vocalização, ainda que ele seja realizado pela criança através da boneca que ela segura (cf. 2º turno da criança e da mãe respectivamente). Também nesta situação a mãe utiliza-se da estratégia do preenchimento vocabular e, a exemplo de outras situações, a criança não é capaz de efetivar o preenchimento, limitando-se a reproduzir a ação e a vocalização com as quais introduziu o jogo (cf. 2º e 3º turnos da mãe e da criança respectivamente). Entretanto, em seu 5º turno, a criança muda a entonação de sua produção sonora de descendente para ascendente e é esta alteração no padrão entonacional que parece responder pela atitude materna de, no turno seguinte, realizar ela mesma o preenchimento vocabular. Ou seja, o fato da criança ter tido um momento de reversibilidade de papéis, mesmo que a nível suprasegmental, funciona para a perspectiva materna como uma forma de resposta à qual a mãe, por sua vez, é complementar a nível segmental e suprasegmental. A situação 48 (Cça.: 1a 6m) de fato comprova que, frente à exigência materna por algum tipo de preenchimento verbal, a criança tem somente o aspecto suprasegmental como recurso ainda que, neste episódio

especificamente, não se trate de preencher um vocábulo, mas sim uma frase. À semelhança do preenchimento vocabular, a criança não oferece a resposta esperada mas, assim como na **situação 47** (Cça.: 1a 6m), seu enunciado diferencia-se do materno através da entonação e, mais uma vez a mãe realiza, ela mesma, o preenchimento, neste caso, frasal e demonstra, portanto, que aceita esta complementaridade a nível suprasegmental como uma forma de resposta infantil. Assim, pode-se concluir que, a esta altura do desenvolvimento, a criança está conseguindo diferenciar-se de seus interlocutores através do elemento suprasegmental como, aliás, a literatura já demonstrou acontecer (cf. SCARPA, 1985).

A preocupação presente no discurso materno por uma maior participação vocal da criança, de que vimos falando anteriormente, atinge seu clímax nesta **situação 48** (Cça.: 1a 6m) visto ser o único Jogo Rítmico, ao longo do corpora coletado, em que se ausenta qualquer procedimento motor materno ou infantil; além da exigência por produções vocais da criança materializar-se em enunciados maternos do tipo "Canta!" e "Que mais?". Também na **situação 50** (Cça.: 1a 6m) encontram-se enunciados nesse sentido, como por exemplo "E daí?" e "Me deu o quê?", aos quais a criança, por sua vez, responde com a vocalização [aɪ]. Pode-se saber, a partir do turno subsequente da mãe, que nem sempre é esta a resposta adequada à pergunta (cf. **situação 50e**), mas o que parece fazer com que a mãe a aceite é o fato desta vocalização pretencer ao repertório de enunciados que compõem a cantiga (cf. **situação 50d**). A não aceitação pela mãe, no mesmo episódio, da vocalização [ɛ] (cf. **situação 50c**), que não integra a letra da canção, corrobora a hipótese de que a utilização de uma vocalização pertencente à canção demonstra ser, ao lado da diferenciação entonacional, um recurso da criança para participar destas negociações sobre o objeto sonoro.

Entretanto, negociações exclusivamente orais somente ocorrem na **situação 48** (Cça.: 1a 6m), uma vez que nesta **situação 50** (Cça.: 1a 6m) já ressurgem, ainda que minoritariamente, os procedimentos motores tanto da criança quanto da mãe, sendo que é esta última, inclusive, quem os introduz, batendo no objeto que segura com a mão fechada e oferecendo-o à criança para que esta também o faça (cf. **situação 50a**). Interessa notar que quando a criança realiza a ação requerida (cf. seu 6º turno), a mãe oferece um som onomatopaico desta ação (cf. seu 5º turno) resgatando, portanto, o amálgama motor / oral que vinha se mostrando eficiente na tarefa de dotar a criança com maiores possibilidades lingüísticas.

De fato, como se pode ver em 50c (Cça.: 1a 6m), a mãe alia à estratégia do preenchimento frasal (cf. seu 6^o turno) um gesto dêitico - no caso, mostrar - e somente após a criança ser especular a este gesto, é que a mãe oferece verbalmente o nome da parte do corpo que completaria a frase por ela interrompida (cf. seu 7^o turno). Tendo em vista que a criança conjuga seu gesto com a mesma vocalização ([ɾe]) de seus turnos anteriores (a saber, 4^o e 5^o), fica nítido que é a participação motora da criança que é aceita e interpretada pelo discurso materno. Com esta postura, a mãe demonstra estar atribuindo aos gestos dêíticos - "mostrar", no caso desta situação 50c (Cça.: 1a 6m) - o papel de elucidar para a criança o uso de um determinado signo lingüístico. Também na situação 54 (Cça.: 1a 6m) outro gesto dêitico - o indicativo - aparecerá com esta mesma função, como se pode ver nos 5^o, 6^o e 7^o turnos da mãe. Assim sendo, apesar de enfatizar o trabalho sobre a linguagem oral, a mãe não relegou a gestualidade a um segundo plano e continua a utilizá-la como uma ponte fundamental em direção à oralidade da linguagem.

Esta valorização da gestualidade pela mãe que, note-se, respeita a história interacional da criança, é explicitada novamente na situação 51a (Cça.: 1a 6m), quando a mãe requer da criança a realização dos gestos (cf. 3^o turno da mãe), e também na situação 51c (Cça.: 1a 6m), quando a mãe requisita o contato visual da criança (cf. 1^o turno da mãe) antes de realizar, ela mesma, um determinado gesto. Estas situações, ao lado de outras, fazem parte da situação 51 (Cça.: 1a 6m) que se refere a um Jogo Rítmico onde somente um elemento lexical, com posição fixa no enunciado, é trocado a cada estrofe da canção. Este elemento, normalmente uma ação, é sempre acompanhado de um gesto que o representa, e é para estes gestos representativos que a mãe chama a atenção da criança. O fato da criança realizar estes gestos ao mesmo tempo que a mãe, indica que este é um jogo que já vinha sendo negociado anteriormente por esta díade e, por outro lado, o fato da criança realizar ora o gesto (cf. situação 51c, 1^o turno), ora a vocalização (cf. situação 51f, 3^o turno), ora todo o amálgama (cf. situação 51d, 4^o turno) indica que a criança vem oscilando entre estas duas modalidades - oral e gestual. A mãe, no entanto, aceita todos estes tipos de resposta a se mantém realizando, todas as vezes, gesto e fala.

Esta aceitação materna de ambas as modalidades parece assentar-se na própria função que estes gestos representativos demonstraram desempenhar, a saber, contextualizar para a criança a opção por uma determinada produção oral. Enquanto que os gestos dêíticos prestam-se ao trabalho de elucidar o uso de um determinado signo lingüístico, os gestos representativos

contextualizam estes usos. As realizações gestuais / vocais da criança, concomitantes as da mãe, mostram que este jogo já foi amplamente negociado e é justamente isto que explica o fato da criança já poder prescindir da contraparte gestual e, ainda assim, apresentar o vocábulo adequado, como é o caso dos 3º e 5º *turno* da criança em 51f (Cça.: 1a 6m).

Ao lado destes usos adequados, que se dão em jogos que se valem do amálgama gestual / vocal, convivem situações que nos mostram o quanto a criança ainda está longe de ter processado todos os aspectos de sua linguagem. A situação 51g (Cça.: 1a 6m) é representativa deste ponto de vista e ilustra, além disso, como a criança se vale dos meneios de cabeça (negativo e positivo) como um recurso para complementar as perguntas polares que lhe são feitas sem, entretanto, compreender-lhes o significado.

Para finalizar este ítem, será útil comentar a situação 51h (Cça.: 1a 6m). Tratando-se inicialmente, do mesmo Jogo Rítmico que vinha sendo realizado anteriormente, a mãe propõe que a criança dirija um gesto representativo de "silêncio" (pertencente ao jogo) a uma terceira pessoa (cf. 6º *turno* da mãe). Embora a criança não atenda a solicitação materna, pois está envolvida em outra atividade, esta atitude da mãe promove o deslizamento de um uso lúdico para um uso eficaz do gesto o que, conseqüentemente, auxilia a criança na constituição do significado deste gesto. Parece-nos então que é lícito afirmar que um caminho eficaz e interessante para a constituição da linguagem por uma criança é, de fato, revelar-lhe todas as facetas desta linguagem e, se considerarmos que a gestual é uma delas, a relação de interdeterminação que tentamos apontar, torna-se mais evidente e - por que não - mais atraente.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA1 - Recursos comunicativos: em busca da atenção infantil

Em se tratando de uma interação entre adultos ouvintes e uma criança deficiente auditiva, uma questão se nos coloca em primeiro lugar: os adultos interagentes e, no caso de nosso sujeito, principalmente a mãe, utilizam-se de recursos comunicativos que levam em conta a deficiência de audição da criança? Em caso afirmativo, quais são estes recursos?

Em nossa pesquisa, desde a primeira coleta, quando a criança tinha então a idade 1a 3m 21d, até a última coleta (Cça.: 2a 4m 24d), estes recursos estiveram presentes e foram largamente utilizados tanto pela mãe, quanto pelos outros adultos participantes (a tia materna e o pai). O que estes recursos têm em comum e, na verdade, o que os torna importantes para esta pesquisa, é o fato de marcarem, quando de sua efetivação, o reconhecimento pelos adultos da deficiência auditiva infantil. Seja qual for o recurso utilizado, a base de sua eficácia é tornar possível à criança a visualização de uma certa realidade, seja esta um gesto, uma ação ou um objeto; ou seja, trata-se de enfatizar a utilização de um sentido (visão) para compensar a ineficácia de outro (audição).

Na **situação 01** (Cça.: 1a 3m 21d) a mãe se utiliza de um recurso comunicativo auditivo, a saber, bater palmas próximo ao ouvido da criança (cf. 4^o turno da mãe) mas, apesar da sua eficácia neste momento, em nenhuma outra situação até o final do período estudado, recursos desta natureza voltarão a aparecer. Ainda nesta **situação 01**, a mãe posiciona seu rosto no campo de visão da criança (cf. 3^o turno da mãe) para depois, neste caso, apontar uma certa pessoa para a qual, a seguir, a criança olha. Note-se que é a mãe quem se coloca no campo de visão da criança e é a partir desta especificidade que se estabelecerá um primeira categoria de recursos - aqueles em que o outro é ativo e a criança passiva.

Os recursos que integram esta categoria garantem uma apresentação precisa à criança de gestos, objetos e ações, além de lhe facilitar a compreensão da situação. Se se observar a **situação 7** (Cça.: 1a 6m 20d), ver-se-á que a mãe (cf. seu 1^o turno) vira a criança para a

direção onde está o objeto que quer negociar. Embora a criança se recuse a tal atividade, a mãe lança mão deste tipo de expediente como forma de garantir que a criança compreenda suas intenções. De forma semelhante, na **situação 15** (Cça.: 1a 11m), a tia materna (cf. seu 2º turno) carrega a criança para o lugar onde deverá se desenvolver a negociação, ou seja, a ação da tia serve para posicionar espacialmente a criança, o que garante, em última análise, que a interação possa ter prosseguimento.

Há ainda outros dois recursos característicos desta primeira categoria onde a criança é passiva, a saber, manter um objeto ou um gesto no campo de visão infantil. Embora o mecanismo do recurso seja o mesmo - manter o estímulo visível para a criança - a diferença entre objeto e gesto demanda uma divisão em dois recursos distintos, uma vez que não se negocia da mesma forma diante deles. Na **situação 8** (Cça.: 1a 8m 8d) a mãe posiciona um objeto de modo que ele fique visível para a criança (cf. 1º turno da mãe e 2º turno da criança), o que garante, em primeiro lugar, a captação de sua atenção uma vez que estava, inicialmente, olhando para a câmera. De posse da atenção infantil, a mãe pode então negociar com a criança o que se fazer com aquele determinado objeto e, se se considerar que para tal tarefa gestos serão necessários, de fato o contato visual com a criança é condição *sine qua non* para o prosseguimento da interação. Também no 2º turno da mãe (**situação 30b**; Cça.: 2a 2m 15d), aparecerá este mesmo recurso e, concordando com o que acabou de ser afirmado, a mãe tecerá, no turno seguinte, um comentário gestual sobre o objeto que segura. A **situação 42a** (Cça.: 2a 4m 24d) encerra a série de situações, que discutiremos neste momento, em que aparece este recurso e, a exemplo da **situação 30b** (Cça.: 2a 2m 15d), a mãe também tece um comentário gestual sobre o objeto mantido em evidência. Com base nestas situações podemos concluir que a mãe visa, através deste recurso, garantir a atenção da criança a um determinado objeto presente no contexto para, após consegui-la, poder negociá-lo, seja qualificando-o através de um gesto, seja especificando qual ação se deverá realizar. Em ambos os casos, a mãe garante que a criança trave contato com procedimentos motores que, evidentemente, são adequados às suas possibilidades expressivas, além de garantir a ela recursos para compor uma dada atividade.

As **situações 4** (Cça.: 1a 6m 20d); **35a** (Cça.: 2a 3m 26d) e **37** (Cça.: 2a 3m 26d) ilustram, entre outras, a atitude materna de manter um gesto no campo de visão da criança. Ainda que, dentre estas citadas, somente na **situação 37** (Cça.: 2a 3m 26d) a criança tenha atendido a ordem da mãe, dada através de um gesto representativo, e não o tenha feito nas

outras duas situações permeadas por um outro gesto representativo, ao usar este recurso, a mãe certifica-se que a criança está vendo o gesto e que, se assim o quiser, poderá negociá-lo. De fato, a criança elege outra atividade na situação 4 e, principalmente na situação 35a mas, com certeza, apercebeu-se do gesto materno.

Classificado como pertencente a uma outra categoria está o toque na criança, por se tratar de um recurso onde mãe e criança são ativas. O toque na criança é utilizado como forma de captar sua atenção e, nesse caso, a criança precisa movimentar-se para olhar para o outro, ou ainda cessar a atividade que fazia para atentar a um outro estímulo, ou seja, a criança precisa agir. Ainda que este toque possa ser efetuado em diferentes partes do corpo da criança, não se considerar tal diferença por ela não se ter mostrado determinante de qualquer variação na resposta infantil. Evidentemente que a finalidade deste recurso é captar a atenção da criança para dirigi-la posteriormente ou para um objeto, ou para uma ação ou ainda para o gesto que a mãe realizará. A função privilegiada para este recurso mostrou ser a de dirigir a atenção da criança para um determinado objeto como pode ser observado, por exemplo, nas situações 19a (Cça.: 1a 11m); 23 e 28 (Cça.: 2a 20d) e 34a (Cça.: 2a 3m 26d). Considerando-se que na maioria esmagadora das situações a criança olha para a mãe e para o objeto indicado, pode-se afirmar que se trata de um recurso altamente efetivo para a obtenção da atenção infantil. Em outras situações, das quais citaremos três, a mãe toca na criança e após conseguir sua atenção realiza uma ação. Na situação 3 (Cça.: 1a 5m), trata-se de uma ação demonstrativa; na situação 25a (Cça.: 2a 20d) a ação materna é sobre um objeto e, na situação 27b (Cça.: 2a 20d), a mãe dança para a criança, sendo que a atenção infantil para as ações foi obtida em todas estas situações. Também para indicar uma certa direção a mãe se utilizou do toque na criança e, como se pode observar na situação 4 (Cça.: 1a 6m 20d) e 43 (Cça.: 2a 4m 24d), o objetivo materno foi atingido. Finalmente, uma última instanciação deste recurso deu-se para dirigir a atenção infantil para um gesto representativo, conforme nos demonstra, por exemplo, a situação 5a (Cça.: 1a 6m 20d), e também nesta situação a criança atendeu a requisição materna. Tendo em vista o total de situações acima discutidas e, considerando-se que somente na situação 14 (Cça.: 1a 11m) a criança sequer olhou para a mãe, pode-se concluir que o toque na criança constitui-se num recurso eficiente em sua tarefa de obter o contato visual da criança para dirigi-lo, a seguir, a uma outra atividade (objeto, ação ou gesto).

Para concluir esta discussão, faz-se necessário apontar para a inadequação do termo "recursos comunicativos". Apontar recursos utilizados pelo adulto enquanto meios para se garantir a atenção partilhada com a criança justifica-se como os próprios dados nos mostraram. Nomeá-los de comunicativos, por outro lado, pode se levar a uma compreensão da linguagem enquanto uma partilha neutra de informações, em última análise, a uma visão de linguagem como um sistema de códigos isento de qualquer tipo de engajamento que, evidentemente, não é aquela aqui adotada. Na ausência de uma predicação mais adequada, qualificamos tais recursos como comunicativos apenas para identifica-los como estratégias que visam a inserção da criança num esquema de troca, onde se partilharão conhecimentos de mundo e de linguagem, ou seja, num esquema interacional onde se dará a constituição do conhecimento lingüístico que possui, como uma de suas facetas, também o aspecto comunicativo.

Pois bem, uma vez garantida a introdução da criança nestes esquemas interacionais, outras estratégias serão utilizadas para garantir a partilha do conhecimento lingüístico - entendido aqui em suas modalidades oral e gestual - e é sobre estas estratégias que versaremos a seguir.

2- Recursos demonstrativos: em busca da ação infantil

A exemplo do que se expôs no item 1, todos os recursos que aqui serão discutidos referem-se a atitudes dos adultos interagentes que visam compensar as dificuldades da criança advindas de sua deficiência auditiva. Os adultos que interagem com a criança, primordialmente a mãe, fazem uso de recursos (meios, estratégias) que garantam à criança a compreensão do que dela se está requerendo. O discurso verbal, evidentemente, não é eficaz nesta tarefa, uma vez que não se trata de uma criança deficiente auditiva que tenha sido oralizada terapeuticamente e, considerando sua deficiência auditiva severa e ausência de protetização, a modalidade oral é de difícil compreensão. Nesse sentido, fazem-se valer aqueles recursos apoiados na demonstração, e assim, interessa-nos discutir como as variações desta demonstração relacionam-se com os diferentes tipos de resposta da criança, ou seja, em que medida estes recursos demonstrativos garantem a ela a possibilidade de compreender e participar das interações.

Uma das variações da demonstração diz respeito ao já discutido gesto demonstrativo, ou seja, àquela categoria gestual em que a relação forma / significado é motivada e não-arbitrária. O gesto demonstrativo foi utilizado pela mãe, pela primeira vez, na situação 5c (Cça.: 1a 6m 20d), e pode-se observar que a mãe (cf. seu 1º turno), advertindo a criança através de um gesto demonstrativo alcança seu objetivo, na medida que desvia a atenção da criança para um outro objeto.

Na situação 12 (Cça.: 1a 9m 13d), a mãe realiza novamente um gesto demonstrativo (cf. seu 3º turno) que, neste caso, vem acompanhado de dois outros gestos - um representativo ("vem") e outro indicativo - visto que a intenção materna era trazer a criança para um determinado lugar para que dali se realizasse a ação. Faz-se necessário notar que este movimento que estamos classificando como "demonstrativo" somente apresenta uma relação não-arbitrária entre forma e significado na medida que ele é realizado através da mão que também segura o objeto (no caso, um carrinho de plástico) pois, se assim não o fosse, o movimento não apresentaria uma motivação precisa para a sua forma, o que nos levaria, portanto, a classificá-lo como um gesto representativo. A criança atende aos gestos representativo e indicativo da mãe - indo ao lugar indicado - mas não é possível saber se a criança realizaria a ação demonstrada pela mãe, uma vez que esta última a realiza (cf. último turno da mãe).

Na situação 10 (Cça.: 1a 8m 8d), a mãe também lança mão de um gesto demonstrativo (cf. seu 1º turno) mas, uma vez que a criança não realiza adequadamente a ação desejada (cf. seu 2º turno), a mãe recorre a uma outra forma de demonstração que é, sem dúvida, sua mais concreta efetivação: a realização da ação, ou seja, a demonstração propriamente dita (cf. 2º turno da mãe). Tendo a criança se envolvido em outra atividade, não vê a ação da mãe e portanto não a realiza. Na situação 9 (Cça.: 1a 8m 8d), no entanto, a criança pode observar a mãe realizando a ação sobre o objeto (cf. 3º turno da mãe) e, mesmo assim, não a realiza limitando-se a pegar o objeto.

Entender que a demonstração não seja um recurso efetivo é, sem dúvida, a conclusão mais aparente frente à realidade apresentada por estas situações, no entanto é preciso que se considere a possibilidade de que a criança não entenda que a mãe, ao realizar uma ação, esteja exigindo que ela (criança) também o faça. Alguns outros recursos utilizados seja pela mãe, seja pela tia materna, de fato parecem apontar para a segunda possibilidade.

Quando a criança está com 23 meses, a tia materna recorre a dois expedientes distintos mas que têm como denominador comum fazer com que a criança realize uma dada ação. Na **situação 15** (Cça.: 1a 11m), a tia segura a perna da criança e a movimenta de modo que uma bola seja chutada e, na **situação 17a** (Cça.: 1a 11m), a tia coloca os pés da criança sobre os pedais de um triciclo e o empurra fazendo, conseqüentemente, que os pedais se movimentem e que a criança, por sua vez, sinta-lhes o movimento. Ou seja, ambos os recursos impõem à criança a experimentação da ação a ser realizada o que é ainda mais concreto que a sua visualização.

O recurso utilizado pela mãe na **situação 26c** (Cça.: 2a 20d) parece-nos ser da mesma natureza que aquele de colocar os pés da criança sobre os pedais, uma vez que, neste caso, a mãe coloca um objeto na mão da criança, objeto este que deverá ser o instrumento utilizado para que a ação se realize. Observando-se o *1º turno* da criança nesta situação, pode-se constatar a eficácia do recurso mas, no entanto, a esta altura do desenvolvimento infantil, apontar o instrumento para a criança já é suficiente para que ela realize a ação através dele, como se pode observar na **situação 23a** (Cça.: 2a 20d). De qualquer forma, quando na **situação 32b**, em que a criança está então com 2a 2m 15d, a mãe toca de uma maneira específica na boca da criança (cf. *1º e 2º turnos* da mãe), tem-se novamente a efetivação de um recurso da mesma natureza daqueles utilizados em 17a (Cça.: 1a 11m) e 26c (Cça.: 2a 20d). Assim, proporcionar para a criança a experimentação sensorial daquilo que dela se requer não só se mantém como um estratégia ativa, como também eficaz, tendo em vista que a criança realiza a ação desejada (cf. seu *3º turno*).

Diferentemente do que ocorreu nas **situações 9 e 10** (Cça.: 1a 8m 8d), a demonstração reaparece como um meio eficiente de levar a criança à realização de determinadas ações, como se pode observar nas **situações 22 e 27b** (Cça.: 2a 20d). Desta forma, a experimentação pela criança da ação a ser realizada mostrou-se eficiente na tarefa de dotá-la com a compreensão de que a realização de uma ação pelo outro pode estar sendo uma forma deste outro requerer dela a realização da mesma ação.

É preciso esclarecer, no entanto, que algumas das atividades que se requer da criança e que ela, por seu lado, não realiza, advém de uma dificuldade independente de sua deficiência auditiva como é o caso, por exemplo, de pedalar o triciclo e também da ação de friccionar o carrinho que a criança, com a idade de 2a 3m 26d (cf. **situação 34c**), ainda demonstra não ter incorporado. Assim sendo, quando a criança está com a idade de 2a 2m

15d, a mãe ainda recorre à colocação de seus pés sobre o triciclo, como se pode observar nas situações 29a; b e c. De qualquer forma, importa ressaltar que este tipo de recurso, além de dotar a criança com maiores possibilidades de participar das interações com os adultos, funciona também como um elemento didático, auxiliando a criança na constituição do conhecimento sobre atividades práticas e / ou lúdicas. De fato, na situação 30a (Cça.: 2a 2m 15d), ocorrida minutos após a seqüência 29, a criança é capaz de pedalar seu triciclo demonstrando, portanto, que está processando tal habilidade embora não a tenha dominado completamente.

De todas estas situações apontadas como ilustrativas do uso de recursos demonstrativos, e que não são as únicas, pode-se depreender uma primeira característica da interação entre a criança deficiente auditiva e sua mãe ouvinte, a saber, seu caráter regulatório. Se se fizer uma simples leitura do total de situações que selecionamos, a impressão mais marcante que se obterá será, sem dúvida, da tentativa de cada um dos parceiros em regular o comportamento do outro. A ausência de um sistema lingüístico sistematizado, que seja comum aos participantes, impede que as negociações sobre os objetos do mundo físico atinjam um caráter mais complexo que aquele em que se determina para o outro o que fazer, como fazer e para quem fazer. Nesse sentido, é compreensível que inexistam negociações em que se ausentem objetos mediadores, bem como que aquelas em que se trabalha sobre as diferentes faces do objeto lingüístico (oral / gestual) sejam escassas e muito específicas. De fato, como se fará notar adiante, nem mesmo a forma (desenho) dos gestos comportou-se como um aspecto a ser partilhado na medida que, evidentemente, é a presença dos objetos que funciona como o elemento determinante do conteúdo destas formas.

Para que se estabeleça o que fazer e como fazer com os objetos, os gestos demonstrativos e a demonstração propriamente dita assumem um papel fundamental, ao lado dos gestos representativos aos quais também compete esta função, mas aqueles recursos comunicativos que posicionam espacialmente a criança e dirigem sua atenção são absolutamente imprescindíveis. Por outro lado, a negociação sobre para quem se dirigir ou fazer determinadas ações ou gestos depende vitalmente dos gestos dêiticos que, por conta de desempenharem variadas funções, serão discutidos separadamente.

3- Os gestos dêiticos e sua multifuncionalidade

Os gestos dêiticos recebem esta classificação por se referirem a movimentos dirigidos a referentes presentes no contexto e, por assim ser, indicar e mostrar integram esta categoria gestual. Enquanto que o indicar, ou gesto indicativo, caracteriza-se pela constante presença do dedo indicador ereto dirigido àquilo que se quer indicar, ou seja, por uma forma definida, o mostrar não apresenta esta necessidade de rigidez em sua forma e se realiza através de um direcionamento da mão para uma dada direção ou objeto. O mostrar pode ainda se dar quando o sujeito segura o objeto e o coloca em evidência para o outro participante, bem como pelo toque no objeto a que se quer referir. No caso desta díade mãe ouvinte - criança deficiente auditiva, mostrar e indicar funcionam em igualdade de condições, isto é, não se observa o uso de um deles equacionado a atividades em que o outro não possa ser utilizado. Assim, discutiremos as situações em que os gestos dêiticos acontecem, diferenciando-os em indicativo e mostrar exclusivamente em função da forma apresentada.

O gesto indicativo foi, ao longo de todas as situações interacionais, largamente utilizado para dirigir a atenção da criança para uma determinada direção, pessoa ou objeto. Se, através dos recursos comunicativos, se tiver obtido o contato visual com a criança, o gesto indicativo mostra-se absolutamente eficiente na tarefa de dirigir a atenção da criança para um determinado aspecto da realidade presente. A situação 1 (Cça.: 1a 3m 21d) é útil para ilustrar dois destes usos do gesto indicativo, uma vez que a mãe aponta para uma direção (cf. seu 2º turno) e para uma pessoa (cf. seu 5º turno) e a criança, por sua vez, dirige sua atenção para os pontos indicados. Também na situação 16b (Cça.: 1a 11m), a mãe aponta para um objeto e a criança, após olhá-lo, age sobre ele.

Da mesma forma que a mãe se utiliza do gesto indicativo para apontar para a direção onde se encontra um objeto ou uma pessoa, é também com este gesto que a mãe leva a criança a olhar para uma ação que ela acabou de realizar. É isto que acontece na situação 9 (Cça.: 1a 8m 8d) quando a mãe (cf. seu 3º turno) faz um carro à fricção movimentar-se e aponta para o carro em movimento, como forma de demonstrar para a criança como ela deveria proceder -note-se que a criança, em seus 2º e 3º turnos, não conseguira friccionar o carrinho. Também na situação 10 (Cça.: 1a 8m 8d), a mãe (cf. seu 1º turno) havia tentado, através de um gesto demonstrativo, que a criança chutasse uma bola e, como a

criança somente empurra a bola com a mão, a mãe chuta e aponta a bola em movimento. Neste caso, a criança não vê a indicação materna mas, de qualquer forma, o que se pode depreender destas situações é que o gesto indicativo, neste momento do desenvolvimento infantil, funciona como aquele que dirige a atenção da criança para as ações que ela não domina o funcionamento ou que não realizou adequadamente.

Ainda objetivando que a criança desempenhe certas ações, a mãe faz dois usos distintos do gesto indicativo. Quando a criança está com 1a 11m (cf. situação 18b), a mãe aponta para o pai que realiza aquela ação que se deseja da criança e, na situação 23a (Cça.: 2a 20d), a mãe aponta para o objeto que servirá de meio para a realização da ação. No primeiro caso, a criança observa o pai mas não espelha sua ação porém, no segundo caso, a indicação é eficaz e a criança age conforme se esperava. Vale notar novamente que naquela situações em que a mãe dirige a atenção da criança para a ação como forma de requisitá-la e a criança, de seu lado, não a realiza, a probabilidade de que a criança não compreenda esta estratégia como um requerimento é muito considerável e é por conta disto, que a mãe vai aliar a este gesto indicativo outras categorias gestuais conforme discutiremos adiante.

Ao analisarmos as coletas realizadas, não nos foi possível rastrear a história de constituição do gesto indicativo pela criança o que, considerando-se os dados da criança ouvinte, parece dever-se à faixa etária em que iniciamos o estudo. Na situação 2 (Cça.: 1a 3m 21d), a criança apresenta um movimento dirigido a um objeto que não possui uma forma precisa, parecendo-se mais com uma tentativa de pegar fracassada. É a investigadora, nesse caso, quem atribui ao movimento o significado de uma indicação (a um objeto), simetrizando a situação. Se considerarmos este movimento infantil e o compararmos com outros movimentos ocorridos alguns meses mais tarde, como por exemplo no 1º turno da criança na situação 7b (Cça.: 1a 6m 20d), somos tentados a classificar o primeiro como um gesto indicativo "para o outro". Levando-se em conta, porém, que este mesmo "pegar fracassado" (enquanto forma do movimento) aparecerá quando a criança está com 2a 2m 15d (cf. situação 29a, 4º turno) e que, a esta altura, há nítidas instanciações pela criança do gesto indicativo "para si", não é lícito tecer tal conclusão. Além disso, a forma dos movimentos infantis nunca mereceu a atenção materna e, portanto, a única afirmação fidedigna que podemos tecer é que a criança, desde os 18 meses aproximadamente, apresenta vários usos do gesto indicativo "para si" e que estes podem, eventualmente, conviver com momentos em que ela ainda recorre a um movimento mais original e menos recortado.

Ainda que o uso do gesto indicativo pela criança já seja um uso consciente, em que ela de fato aponta para requisitar um objeto, evidentemente que a intervenção do outro é fundamental. É ele quem deverá atender à solicitação infantil e, a partir daí, propor negociações sobre este objeto como acontece, por exemplo, na situação 21 (Cça.: 1a 11m). Nesta situação, a criança dirige seu gesto indicativo para um brinquedo que está com o pai e este, por sua vez, joga o brinquedo para a criança. A partir de então, instala-se um jogo exclusivamente motor em que o pai e a criança interagem através de suas ações - no caso - jogar o brinquedo de um para o outro. Também na situação 17b (Cça.: 1a 11m), a criança aponta para um objeto como forma de requisitá-lo (cf. seu 1º turno) e a tia materna (cf. seu 2º turno) pega o objeto para a criança. Por outro lado, quando o outro não atende ao gesto indicativo da criança é possível apenas saber-lhe o alvo, mas não a negociação que se procederia, uma vez que não há a parceria para isto necessária. Veja-se, nesse sentido, os 3º e 4º turnos da criança e os 3º e 4º turnos da mãe na situação 38 (Cça.: 2a 3m 26d). Pode ocorrer, entretanto, que o outro reconheça a requisição da criança mas deseje outra negociação, como acontece na situação 5c (Cça.: 1a 6m 20d), em que mãe e criança manifestam suas intenções através de indicações e, nesse caso, conseguem mútua compreensão.

A criança também demonstra compreensão para aquelas situações em que o adulto constrói um enunciado somente com gestos indicativos e este é, sem dúvida, um excelente recurso para que a criança compreenda a intenção do outro. Através de várias indicações concatenadas, o adulto pode especificar o que a criança deve fazer e com qual objeto. Evidentemente que ações e o próprio contexto são fundamentais para a compreensão da ordem, mas o que parece ser importante nestes enunciados gestuais é que eles apresentam à criança como realizar ações organizadas têmporo-espacialmente. A situação 29b (Cça.: 2a 2m 15d) é ilustrativa deste ponto de vista e nela se pode novamente vislumbrar como a criança, apesar de consciente da função do gesto indicativo, ainda oscila na realização de suas formas (cf. 1º turno da criança).

Em inúmeras situações, entretanto, o gesto indicativo, mesmo que concatenado a outros indicativos e ações, não é suficiente para esclarecer a criança da intenção materna. Vejam-se, nesse sentido, as situações 7 (Cça.: 1a 6m 20d); 14 (1a 11m) e 28 (Cça.: 2a 20d). Nesses casos, ou a mãe não consegue que a criança realize o que ela deseja, ou a criança não compreende que a mãe a está autorizando a pegar um objeto. Em virtude desta incompletude

é que a mãe, em um substancial número de situações, acoplará ao gesto indicativo ou um gesto demonstrativo, ou um gesto representativo ou ambos. Tais acoplamentos acabam também por constituir enunciados gestuais que, além de facilitarem a interação funcionam ainda, por conta da presença dos gestos representativos, como uma possibilidade de inserção da criança no universo simbólico da linguagem. Considerando-se que os gestos representativos aparecem majoritariamente acoplados a um gesto indicativo, optamos por discuti-los concomitantemente à discussão sobre aquilo que convencionamos chamar de sintaxe gestual.

4- A sintaxe gestual como forma de funcionamento da interação

4.1- Os gestos representativos

Conforme explicitamos no ítem anterior, os gestos representativos aparecem em um grande número de situações estando quase sempre acompanhado de outras categorias gestuais. Estes gestos caracterizam-se por uma relação arbitrária e imotivada entre o significado e a forma e, muitas vezes, somente é possível derivar-lhes o significado a partir do discurso oral que o acompanha, a não ser nos casos em que o seu significado é de amplo reconhecimento social. Contudo, para a perspectiva infantil, qualquer que seja o gesto representativo, a relação significado / significante terá que ser construída e, para tanto, os seus diferentes usos terão que ser negociados. Ao longo do período por nós estudado, pudemos observar que a criança incorporou o uso de alguns gestos representativos pertencentes ao repertório gestual desta idade, enquanto que outros - justamente aqueles cuja forma e o uso pela mãe foram muito variáveis - ainda demandavam, nas últimas coletas, novas negociações. Apesar dos gestos representativos funcionarem majoritariamente como mais um elemento dentro de uma sintaxe gestual, é possível detectar-lhes instanciações isoladas e é com elas que iniciaremos nossa discussão.

O primeiro gesto representativo a aparecer para negociação foi aquele que convencionamos interpretar como "positivo". No discurso materno ele foi amplamente traduzido pelo signo lingüístico "jóia" e usado em um número significativo de situações como uma forma de cumprimento ("tudo jóia?, você está jóia?"). A mãe normalmente dirige o olhar, ou um gesto indicativo, para a pessoa que quer que a criança cumprimente e mantém o gesto representativo no campo de visão da criança, como por exemplo no 6º turno da mãe

na **situação 1** (Cça.: 1a 3m 21d) e também nos *6º e 7º turnos* da mãe na **situação 04** (Cça.: 1a 6m 20d). Embora em nenhuma das ocasiões a criança tenha realizado o gesto, isto provavelmente se deve ao fato dela não entender a realização do gesto pela mãe como uma forma de requerer que ela também o faça, visto que na própria **situação 4** (Cça.: 1a 6m 20d) há uma realização infantil deste mesmo gesto (cf. *1º turno* da criança) dirigida a um brinquedo em movimento.

De fato, a criança demonstra ter entendido esta estratégia materna alguns meses mais tarde, visto que na **situação 32a** (Cça.: 2a 2m 15d) a mãe lança mão do mesmo expediente acima descrito e a criança olha para a pessoa indicada e lhe manda um beijo, ou seja, cumprimenta-a sim, mas de uma outra forma. Entretanto, a criança demonstra também ser capaz de fazê-lo através do gesto representativo, como se pode observar no *1º e 2º turno* da mãe e *2º turno* da criança na **situação 35d** (Cça.: 2a 3m 26d). A esta altura do desenvolvimento, a criança somente não simetriza a situação se não vir o gesto materno como é o caso da **situação 35a** (Cça.: 2a 3m 26d), conforme os *1º turno* da mãe e *2º turno* da criança. Resta ainda afirmar que a mãe também faz uso do gesto representativo ("positivo") como forma de qualificar uma determinada situação, como acontece em seu *3º turno* da **situação 34c** (Cça.: 2a 3m 26d) e *1º e 2º turnos* da **situação 42a** (Cça.: 2a 4m 24d). Assim, aquele uso infantil deste gesto na **situação 4** (Cça.: 1a 6m 20d) demonstra ter sido originado em negociações que, embora não tenhamos registro, versaram sobre a atribuição de mais este sentido a esta forma que caracteriza o gesto representativo de "positivo".

Um segundo gesto representativo que integra o repertório gestual da díade desde as primeiras interações é o gesto representativo de "negação" que, à exemplo do gesto representativo de "positivo", também é utilizado pela criança. O primeiro uso deste gesto data da **situação 5a** (Cça.: 1a 6m 20d), onde ele é inicialmente usado pela mãe (cf. seu *1º turno*) com um caráter eficaz, ou seja, impedir uma ação infantil. Em seu *2º turno* porém, a mãe retoma ludicamente o gesto e, quando a criança o espelha, a mãe atribui a ele, através de seu discurso, o significado de uma real negação como, aliás, o próprio enunciado materno (cf. seu *3º turno*) faz delatar. É interessante que a criança seja inserida no universo simbólico da linguagem quando do seu uso de um gesto de negação, ou seja, o caráter regulatório que subjaz nas interações deste par (cf. discutimos em 2) é tão intenso que se torna, inclusive, o espaço privilegiado para a apresentação à criança do caráter simbólico da linguagem. Ao longo do desenvolvimento infantil este gesto mantém-se evidentemente muito utilizado pela

mãe, normalmente acoplado ao gesto indicativo que, em geral, refere-se ao objeto que a criança não deve tocar (cf. situação 44a; Cça.: 2a 4m 24d), ou ainda a uma ação que a criança não deve realizar (cf. situação 35f; Cça.: 2a 3m 26d). Nestas situações citadas, foi a mãe quem se utilizou do gesto e a criança, por sua vez, demonstrou compreensão mas, na situação 44b (Cça.: 2a 4m 24d), podemos observar um uso muito apropriado deste gesto pela criança (cf. seus 2^o e 3^o turnos) o que, em última análise, é consonante com nossas observações sobre a criança compreender o funcionamento simbólico da linguagem (no caso, gestual), a partir deste gesto.

Ao lado dos gestos representativos de "positivo" e de "negação" a mãe ainda faz uso, desde as primeiras interações, de um outro gesto representativo que em seu discurso aparece normalmente acompanhado do vocábulo "vem" ou "vamos". Poder-se-ia perguntar, tendo em vista que a sua forma guarda relação com este significado atribuído, por que não o estamos classificando como um gesto demonstrativo. Nossa opção por representativo deve-se a dois fatores distintos, a saber: a) a forma deste gesto, apesar de parcialmente motivada, não se mantém constante em suas instanciações; b) o significado atribuído pela mãe a algumas variações desta forma (deste significante) varia com o contexto. Em geral, trata-se de um movimento do ante-braço dirigido ao próprio corpo que pode, ou não, vir acompanhado de um movimento de pulso porém, a localização deste movimento em relação ao próprio corpo varia muito e cada uma destas variações não está sempre equacionada a um mesmo significado.

Se se observar o 4^o turno da mãe na situação 5c (Cça.: 1a 6m 20d) e o 1^o turno da mãe na situação 6 (Cça.: 1a 6m 20d), pode-se comprovar que os dois movimentos maternos guardam muito mais semelhanças do que diferenças e, ainda assim, recebem uma tradução oral muito diferente. É por conta dessa especificidade que estamos categorizando este movimento materno como um gesto representativo, mas mais importante é relacionar este gesto com o desenvolvimento lingüístico da criança no sentido de entender como ele é (se é) compreendido pela criança e se ela, por sua vez, o utiliza e, em caso afirmativo, em quais situações. É isso que faremos no próximo sub-ítem.

4.2- A sintaxe gestual em ação

Um primeiro aspecto a ser discutido sobre o gesto representativo de "vem" é justamente o quanto sua forma imprecisa dificulta-lhe a compreensão pela criança e, adiante-se, os dados das situações iniciais indicam que isto de fato acontece. Na situação 5c (Cça.: 1a 6m 20d), quando da instanciação isolada deste gesto representativo pela mãe (cf. seu 4º turno), a criança mantém-se inativa e somente quando a mãe acopla a este um outro gesto, que demonstra a ação de friccionar um carrinho, é que a criança age (cf. seu 5º e 6º turnos). Também na situação 6 (Cça.: 1a 6m 20d), a criança somente parece ter compreendido a intenção da mãe quando esta (cf. seu 2º turno) acopla o gesto traduzido como "guardar" a um gesto icônico de "bola". Desta forma, parece plausível afirmar que, nestas primeiras coletas, o reconhecimento pela criança do gesto representativo de "vem" depende de um seu acoplamento com um gesto cuja forma seja mais motivada, como é o caso do gesto icônico de "bola" que é, aliás, a primeira e única instanciação de um gesto desta natureza.

Da mesma forma, na situação 11 (Cça.: 1a 9m 13d) o movimento materno (cf. seu 3º turno) é nitidamente semelhante àqueles significados pela mãe como "guardar" e "vem". No entanto, nesta situação, "jogar" foi a tradução oferecida e, mais uma vez, a compreensão da criança parece apoiar-se no conjunto de gestos apresentados - no caso, dois gestos indicativos e um gesto representativo. A atitude materna de oferecer diferentes significantes a um mesmo significado explicita-se na situação 13 (Cça.: 1a 9m 13d). Se se observar o 4º turno da mãe, poder-se-á constatar que o movimento para o qual apresenta a tradução de "jogar" é absolutamente diferente daqueles da situação 11, além de ser muito mais motivado para este significado. Ainda assim, no entanto, visto que a mãe acoplou a este gesto representativo dois outros gestos indicativos (cf. 2º e 3º turnos da mãe), não é possível afirmar que a criança tenha baseado sua compreensão somente no gesto representativo ou se em todo o enunciado gestual.

Entendemos, porém, que a atitude materna de sempre acoplar a estes gestos representativos cuja relação significado / significante está em negociação, outros gestos mais acessíveis à compreensão da criança, é que merece ênfase. No item 3 apontamos para a incompletude do gesto indicativo na tarefa de explicitar para a criança a intenção materna e, neste momento estamos novamente apontando para a ineficácia de alguns gestos

representativos. Ora, o que se pode apontar a partir destas "ineficácias" é justamente a sensibilidade materna de estar sempre acoplando uns aos outros e, quando necessário, aos gestos demonstrativos, de forma a garantir a compreensão e conseqüente participação da criança nas negociações. Na verdade, é a partir destes enunciados gestuais que a criança poderá construir o significado de cada gesto, onde uma categoria gestual interpreta para a criança um outro gesto e assim sucessivamente. Relativamente ao gesto representativo de "vem", por exemplo, podemos identificar-lhe compreendido pela criança na situação 30a (Cça.: 2a 2m 15d) apesar dele ter sido realizado isoladamente pela mãe, ou seja, aquelas situações em que ele era parte de um enunciado permitiram que a criança, gradativamente, conhecesse-lhe o significado isolado.

Também a participação da criança nas negociações, apresentando diferentes movimentações, é fundamental para que o significado dos gestos vá se constituindo e a situação 15 (Cça.: 1a 11m), por exemplo, ilustra este ponto de vista. Note-se que o movimento da criança, que é semelhante em sua forma aos gestos maternos de "vem" e "guardar" (cf. 2^o turno da criança), é interpretado pela tia materna como uma ordem para que ela jogue a bola. Alguns segundos depois (cf. situação 16a; Cça.: 1a 11m), é possível à criança entender o gesto da tia (cf. seu 2^o turno), mesmo que ele tenha vindo isolado, justamente porque ambos os gestos (da criança e da tia) tinham formas semelhantes e um determinado significado para esta forma havia sido estabelecido.

A utilização pela mãe de acoplamentos gestuais vai se tornando, com o desenvolvimento da criança, cada vez mais freqüente e começam a surgir enunciados compostos de dois gestos representativos. É o caso da situação 26d (Cça.: 2a 20d) em que a mãe se utiliza de um gesto representativo de "abaixar" (cf. 2^o turno da mãe) e o acopla ao gesto representativo de "vamos". A criança demonstra compreensão da ordem; entretanto, é preciso considerar que a mãe (cf. seu 1^o turno) esclareceu, através de uma ação, o significado do primeiro destes gestos. Ou seja, a mãe utiliza-se de ações para tornar possível à criança o entendimento da ordem dada, numa atitude que resgata aqueles recursos demonstrativos que discutimos em 2. Semelhante estratégia dá-se quando a mãe acopla gestos indicativos a gestos demonstrativos como, por exemplo, na situação 33 (Cça.: 2a 3m 26d) em que a mãe utiliza-se de um gesto indicativo para o objeto, outro para a direção e um gesto demonstrativo para mostrar à criança qual ação realizar (cf. 2^o turno da mãe). Deve-se ressaltar, a respeito deste último gesto, que a sua categorização como demonstrativo advém da presença imediata do

objeto a que ele se refere pois, em caso contrário, somente sua forma seria insuficiente para derivar-lhe o significado. É interessante notar, relativamente a esta situação, que a mãe (em seu *1º turno*) já havia realizado esta ação agora demonstrada e a criança (cf. seu *2º turno*) oferece o objeto a ela numa forma de requerer que ela o fizesse novamente. A mãe, entretanto, exige que a criança o faça mas, para tanto, explicita todos os passos necessários. Tal explicitação se faz observar também na **situação 41** (Cça.: 2a 3m 26d), em que o gesto demonstrativo da mãe novamente só pode ser assim classificado em função da presença do objeto.

Por diversas vezes utilizamos indistintamente os termos "enunciados gestuais" e "sintaxe gestual" sem, contudo, explicitar se se referiam ou não ao mesmo fenômeno. O que acontece, porém, é que quando a mãe acopla um gesto ao outro, muitas vezes sem uma pausa precisa entre eles, parece de fato estar construindo um enunciado no sentido de elementos lingüísticos (no caso, gestuais) reunidos numa certa organização sintagmática. Quando, por outro lado, se atenta para os enunciados verbais que acompanham os gestuais, percebe-se que a ordem dos signos verbais não corresponde, na maioria das vezes, à ordem gestual fazendo parecer, por conseguinte, a existência de uma sintaxe gestual própria. Ressalte-se, porém, que a explicação para a diferença entre as ordens sintáticas verbais e gestuais não se constitui no escopo deste trabalho e as considerações tecidas somente o foram para justificar a utilização dos termos.

A utilização pela mãe destes enunciados gestuais aliados à utilização de gestos também pela criança, determina a existência de verdadeiros diálogos gestuais, como por exemplo, na **situação 34** (Cça.: 2a 3m 26d). Neste caso, a mãe lança mão (na **situação 34a**) de um gesto representativo (cf. seu *1º turno*), um toque na criança (cf. seu *2º turno*), um gesto indicativo e outro demonstrativo (cf. seu *3º turno*) para conseguir que a criança realize uma ação. Como não alcança seu objetivo, considera que a criança se está recusando à atividade e lhe atribui um enunciado verbal / gestual (cf. seu *1º turno* em **34b**) ao qual a criança, por seu lado, responde com um sorriso. Note-se que a mãe insiste em perguntar à criança se a negociação "acabou" (cf. seu *2º turno* em **34b**) e, neste caso, a criança lhe responde tanto com um gesto representativo (cf. seu *2º turno* em **34b**), quanto com a própria ação requerida. O diálogo gestual permanece na **situação 34c** e nela se pode observar a criança realizando um movimento muito semelhante àquele interpretado como "vem" quando realizado pela mãe (cf. o *2º e 3º turnos* da criança). Estes movimentos, entretanto, não são interpretados pela mãe

mas, a julgar pela ação da criança em seu 4º turno, é possível entender que a criança o esteja utilizando como uma forma de requerimento. Esta hipótese é plausível se considerarmos o uso deste gesto pela mãe que, quando o realiza, está sempre requerendo a criança para alguma atividade.

A situação 35b (Cça.: 2a 3m 26d) parece-nos corroborar a hipótese apontada. Se se observarem os 2º e 3º turnos da criança e compará-los com o seu 4º turno, é possível afirmar que a criança esteja realmente se utilizando deste movimento como uma forma de requisição. Seu estatuto enquanto gesto dependeria, entretanto, do interlocutor recortá-lo e interpretá-lo mas a mãe, nesse momento, não o faz e insiste em demonstrar a ação que se passa (cf. 3º, 4º e 5º turnos da mãe). É fundamental notar que a criança (cf. seu 1º turno em 35c) espelha a atitude materna ao também demonstrar a ação que está acontecendo, a saber, demonstrar o movimento do carrinho. Mais do que isto, na situação 35e (cf. 2º turno da criança); a criança acopla àquele seu movimento interpretado como requisição este que demonstra o movimento do carrinho, ou seja, a criança começa a construir seus próprios enunciados gestuais que são, nesse momento, amplamente amparados por gestos realizados anteriormente pela mãe, isto é, são o resultado do processo de complementaridade intra-turnos.

Acoplando gestos dos quais é consciente de seu uso, com outros que são fruto da especularidade imediata ou diferida, a criança consegue narrar a uma terceira pessoa o que está se passando. Esta narração gestual" consiste na apresentação de um ou mais enunciados gestuais donde participam os gestos indicativo, representativo e também a mímica facial. Se se observar a situação 25b (Cça.: 2a 20d), percebe-se que a mãe (em seu 1º turno) realiza um gesto que representa sua insatisfação com o brinquedo que acabara de desmontar gesto este, cujo significado social mais corrente é "acabou" ou "não sei". A criança, após travar conhecimento com o fato (cf. seu 2º turno), estabelece contato visual com o câmara (cf. seu 3º turno) e aponta para este o caminhão (gesto indicativo). A seguir, realiza um gesto cuja forma é extremamente semelhante àquele que a mãe realizou inicialmente. Em seu 4º turno, a criança volta a se utilizar de um gesto indicativo, mostra toda a extensão do brinquedo, realiza o mesmo gesto representativo anterior e a seguir, um gesto que demonstra a ação de puxar o brinquedo. Este enunciado gestual, se traduzido literalmente, seria algo como "este - caminhão - acabou - puxar", ou então, "não é possível puxar este caminhão". Quando a mãe, em seu 3º turno, conserta o brinquedo e a criança o percebe, imediatamente narra para o câmara, batendo palmas, que o caminhão fora consertado. A situação 26a (Cça.: 2a 20d)

também ilustra um enunciado gestual da criança onde aquele gesto representativo parece ter o sentido de "E agora, o que fazer?". De fato a mãe, em seu 3º turno, repete o mesmo gesto enquanto diz "não sei...", ou seja, responde à criança. Em 26b (Cça.: 2a 20d), a criança volta a "contar" para o câmara, sorrindo, batendo palmas e vocalizando, que o caminhão está novamente consertado. Em todos os enunciados gestuais acima apresentados, fica nítida a presença de gestos maternos que foram retomados especularmente pela criança. Contudo, o fato da criança conseguir acoplá-los a gestos conhecidos para narrar uma situação demonstra que estes diálogos gestuais entre mãe e criança de fato garantem a esta última a possibilidade de constituir os sentidos possíveis para os seus movimentos e, conseqüentemente, de recontextualizá-los.

Antes de apresentar esta capacidade de "narração gestual" a criança, desde a idade de 1a e 11m, apresenta aquilo que estamos convencendo chamar de gesto dramático. O Jogo Dramático, conforme discutimos anteriormente, caracteriza-se pela pergunta "Como X faz?" e, na medida que representa a síntese das faces auditiva e articulatória do objeto sonoro, espera como resposta, na maioria dos casos, uma onomatopéia. Se observarmos na **situação 18a** (Cça.: 1a 11m) o 1º turno da mãe, podemos perceber que o discurso materno é uma instanciação deste jogo, numa sua versão gestual, uma vez que a mãe requisita à criança a ação característica de um certo animal e não o seu som onomatopaico. Evidentemente que a presença do objeto é fundamental, mas a criança deve reconhecer-lhe a ação característica. É bastante possível que, neste momento, a simetrização da situação pela criança tenha tido como base o espelhamento dos movimentos maternos, embora não tenhamos os seus registros. Se considerarmos ainda a **situação 19b** (Cça.: 1a 11m), vemos que nesta situação a mãe realiza a ação característica do animal, ou o seu gesto dramático e, embora a criança não veja os movimentos maternos, é provável que ela também os tenha realizado na outra situação. De qualquer forma, há duas considerações a serem tecidas: a) a mãe utiliza-se da realização da ação como forma de requerer que a criança também a realize; b) este gesto dramático é uma forma muito interessante de nomear ou caracterizar um objeto, embora não tenhamos dados que comprovem que a criança assim o utilize.

O que é possível de ser constatado, entretanto, é que naquele momento em que a criança já é capaz de construir enunciados e narrações gestuais, ela ainda se utiliza de gestos ou ações dramáticas para se comunicar. Observe-se, neste sentido, a **situação 39** (Cça.: 2a 3m 26d), em que a criança manifesta sua insatisfação para com aquele que mexia em em seus

brinquedos, dramatizando uma situação de advertência (cf. seu 3^o turno). Se se considerar que a criança gesticula e vocaliza, é plausível entender que se trate de uma recontextualização daquelas situações em que os adultos a advertem com os mesmo gestos e também com o discurso verbal. Desta forma, pode-se dizer que a criança vem incorporando a contraparte gestual das negociações de que participa conseguindo, inclusive, recontextualiza-las. Este tipo de recontextualização aparece ainda nesta mesma situação uma vez que a criança, em seu 4^o turno, ao observar o outro menino colocando uma miniatura de garrafa na boca, olha para a mãe, realiza um gesto representativo de "mal cheiro" e tira a garrafa da mão da criança. É interessante notar a "tradução oral" que a mãe oferece ao gestos da criança (cf. 5^o turno da mãe), ou seja, atribuindo-lhe a autoria de um enunciado. Entender esta dramatização que a criança dirigiu ao menino como uma recontextualização de uma situação vivida encontra ressonância na situação 42b (Cça.: 2a 4m 24) em que a mãe realiza o gesto representativo de "mal cheiro" para o objeto que a criança segura e o tira dela a seguir. Assim, é plausível imaginar que a mãe tenha tido atitude semelhante em situações anteriores a esta o que, por sua vez, legitima nossa conclusão acerca da dramatização infantil.

Entender este gesto infantil representativo de "mal cheiro" como fruto de um processo de recontextualização, encontra suas bases nas situações 30 b e 30c (Cça.: 2a 2m 15d) nas quais a mãe, utilizando-se de um gesto indicativo para apontar os objetos sobre os quais comentará, qualifica-os através deste gesto representativo de "mal cheiro". Note-se que as primeiras instanciações deste gesto pela criança, nestas situações, são nitidamente fruto da especularidade imediata, processo este, por sua vez, que está na base da especularidade diferida a qual garante a possibilidade da recontextualização. Desta forma, explica-se o uso deste gesto pela criança na situação 39 (Cça.: 2a 3m 26d) acima discutida.

Em inúmeras outras situações pode-se detectar a utilização pela mãe ou pela tia materna de outros gestos representativos aos quais a criança pode demonstrar compreensão, como também, relativamente a alguns deles, somente espelhá-los. O gesto representativo de "esperar" é um daqueles cuja utilização pela criança demonstra consciência de sua função, de seu significado. Observe-se, nesse sentido, o 2^o turno da criança na situação 25a (Cça.: 2a 20d) em que ela realiza o gesto que é, inclusive, espelhado pela mãe, numa atitude que endossa-lhe o sentido. Também na situação 27a (Cça.: 2a 20d) aparece este gesto, desta vez realizado pela mãe (cf. seus 2^o e 3^o turnos) e a criança, por sua vez, demonstra compreendê-lo na medida que não retorna à atividade que a mãe desejava suspender.

Também a criança utiliza-se da especularidade imediata relativamente a alguns gestos representativos que lhe são dirigidos e, ao fazê-lo, não só garante o prosseguimento da situação como também inicia-se naquele processo que lhe permitirá a constituição do significado destes gestos. Exemplos de situações em que a criança espelha o gesto materno são a 36 (Cça.: 2a 3m 26d) e a 37 (Cça.: 2a 3m 26d). Na primeira destas situações, a mãe utiliza-se do gesto representativo de "beber" para qualificar a miniatura de garrafa que segura e, no segundo caso, lança mão de um gesto representativo, cujo significado social mais corrente é de "basta", como forma de impedir a criança de continuar em sua atividade.

As situações 31 (Cça.: 2a 2m 15d) e 43 (Cça.: 2a 4m 24d) são ilustrativas da compreensão pela criança dos gestos representativos realizados pelos adultos. No primeiro caso, a tia materna (cf. seu 1º turno) acopla a um gesto indicativo, o gesto representativo de "nenê" e a criança (cf. seu 3º turno), olha para o referente representado e estende os braços nesta direção. Na segunda situação, a mãe mostra para a criança que outro menino está mexendo em seus brinquedos e orienta, através de um gesto representativo de "apanhar" (cf. seu 5º turno), o que a criança deveria fazer. Em seus 6º, 7º, 8º e 9º turnos a criança realiza uma série de ações que são, em última análise, o cumprimento da ordem materna demonstrando, portanto, tê-la compreendido.

Para finalizar a discussão sobre como se dá o funcionamento da interação entre a criança deficiente auditiva e sua mãe ouvinte, é preciso ressaltar a presença, ainda que não muito significativa, daquilo que convencionamos chamar de senhas gestuais. No caso deste sujeito, estas senhas baseiam-se não somente em gestos, como também em ações, além do fato de o próprio jogo que então se estabelece ser eminentemente motor. Na situação 17b (Cça.: 1a 11m), a tia materna reconhece uma ação da criança levantar o quadril do banco do triciclo (cf. seu 1º turno) - como a requisição de um certo jogo. A tia, demonstrando já ter negociado este tipo de atividade, coloca o objeto requerido pela criança no banco do triciclo (cf. 4º turno da tia) e a criança, apoiando-se no objeto, volta a pedalar. A realização pela criança de gestos representativos também funcionam como senhas gestuais para os adultos que, a partir daí, ou instauram um jogo motor, ou negociam com a criança a realização do próprio gesto. Como exemplo do primeiro caso temos a situação 20 (Cça.: 1a 11m), em que o pai, a partir do gesto da criança de estender-lhe a mão, passa a cumprimentá-lo seguidas vezes. Na situação 40 (Cça.: 2a 3m 36d), por outro lado, o desenho do gesto infantil é impreciso mas suficiente para a mãe reconhecer-lhe o significado. Após nomeá-lo verbalmente (cf. 1º turno

da mãe), mãe e criança envolvem-se numa longa seqüência de turnos em que a primeira tenta adequar a forma do gesto infantil (cf. 3º turno da mãe). Ao longo desta discussão atentamos diversas vezes para a ausência de preocupação relativamente aos gestos infantis. Poder-se-ia pensar portanto que esta situação se constituísse em um contra-argumento para esta asserção. Entretanto, o que parece levar a mãe a negociar com a criança a forma de seu gesto, é justamente a atitude da criança em tentar fazê-lo autonomamente (cf. seus 1º e 2º turnos).

Se então, como foi desenvolvido acima, tanto a criança quanto a mãe utilizam-se de diversas categorias gestuais para se comunicarem, cabe agora perguntar se, relativamente ao sistema lingüístico que põem em uso, existe um papel para a oralidade e, em caso afirmativo, qual é ele. Para tanto, traçaremos algumas considerações sobre a relação entre estas duas modalidades - gestual e oral.

5- Gestualidade X Oralidade: algumas considerações

Ao se deparar com a totalidade de coletas realizadas, considerando inclusive situações que não foram selecionadas para análise, constata-se que a presença de vocalizações infantis é muito escassa - oito situações contra um total de quarenta e quatro. Evidentemente que o fato de W. não estar protetizado, o que lhe impede de ter um *feedback* auditivo, é altamente determinante desta realidade. Da mesma forma, não ser submetido a atendimento fonoaudiológico impede a ele, e também a mãe, de conhecer recursos técnicos, como o aproveitamento de pistas táteis e visuais, que o auxiliariam no desenvolvimento de sua linguagem oral. Sendo assim, a contraparte oral da linguagem desta criança encontra-se minimamente desenvolvida.

A tentativa de buscar uma variável, dentro daquelas situações em que a criança vocalizou, que explicasse o porquê dela tê-lo feito naquele momento e não em outro, foi infrutífera. Observando-se, por exemplo, as situações 7 (Cça.: 1a 6m 20d); 15 (Cça.: 1a 11m) e 22 (Cça.: 2a 20d), não se encontra qualquer explicação para a presença destas vocalizações, no sentido de que elas não pudessem também ter ocorrido em outras situações. Pode-se afirmar somente que as primeiras vocalizações da criança datam de uma época em ela já frequentava a fonoterapia e assim, devemos considerar que este atendimento seja o responsável pelas incursões da criança no terreno da oralidade. De qualquer forma, mesmo

que assim o seja, a ausência de vocalizações em outras situações ainda permanece sem explicação.

A fonoterapia é, sem dúvida, a responsável pelas poucas situações em que o objeto sonoro foi alvo de negociação pela díade e, nesse ínterim, a **situação 24** (Cça.: 2a 20d) é amplamente representativa. Se se observarem os 1^o e 2^o turnos da criança, pode-se verificar que em ambos ela apresenta uma vocalização cuja composição fônica é eminentemente de vogais nasais. Considerando-se que a ressonância nasal é especialmente útil para que se obtenha as primeiras vocalizações de um deficiente auditivo, tendo em vista a presença marcante da pista tátil, é plausível supor que estas vocalizações infantis tenham, pelo menos em parte, origem nas terapias de linguagem. Por assim ser, pode-se inclusive entender que o mesmo padrão fônico compareça naquelas situações acima citadas (7; 15 e 22).

O que diferencia a **situação 24** (Cça.: 2a 20d) porém, é a presença da intervenção materna sobre a vocalização infantil. Nota-se que é a mãe (cf. seus 2^o, 3^o e 4^o turnos), quem requisita atenção da criança e lança mão de um amálgama motor / oral na tentativa de "adequar" a produção sonora da criança. A própria mãe (cf. seu 10^o turno) esclarece que aquele havia sido um recurso aprendido em terapia. A criança, por sua vez, também faz uso do esquema motor conjugado e apresenta a vocalização [m:::] (cf. seu 7^o turno) a qual é complementada pela mãe (cf. seu 7^o turno). Esta situação é particularmente importante na tarefa de mostrar que um amálgama motor / oral é muito eficiente na tarefa de se fazer apresentar vocalizações pela criança. Note-se, nesse sentido, que a criança leva as mãos aos ouvidos para vocalizar mesmo que esteja segurando algum objeto (cf. seu 11^o turno).

Relativamente àquelas outras situações em que a criança apresenta vocalizações não se detecta, por parte da mãe, qualquer tentativa de negociar sobre as mesmas e, quando a mãe é complementar verbalmente, seu discurso refere-se à situação ou à ação que acompanha as vocalizações (cf. **situação 7**; Cça.: 1a 6m 20d, por exemplo). A única iniciativa da mãe em requisitar vocalizações da criança se dá realmente através do recurso aprendido, como novamente ocorre em 35c (Cça.: 2a 3m 26d), onde a criança é especular à produção motora / oral materna. Em 35d (Cça.: 2a 3m 26d) tem-se uma vocalização infantil particularmente interessante na medida que, uma vez acoplada a um gesto indicativo dirigido à mãe, possibilita a esta última imprimir-lhe um significado específico, a saber, o de "minha mãe" (cf. 4^o turno da mãe). Ou seja, o fato da criança estar acoplando as suas vocalizações, categorias gestuais amplamente experienciadas, revelam uma reorganização no amálgama original e, mais que

isto, a capacidade da criança em integrar gestos já negociados à vocalizações para compor, então, um enunciado gestual / vocal.

Parece possível afirmar, portanto, que a escassez de vocalizações infantis, embora fortemente determinada por sua própria deficiência auditiva, tem origem também numa ausência de negociações a este respeito por parte da mãe. Uma vez que sobre sua única vocalização, a criança mostrou um trabalho de elaboração e que se tratava daquela também única vocalização que foi negociada, pode-se concluir que, na presença de outras negociações sobre outros sons, a criança poderia apresentar maiores conquistas em relação à contraparte oral de sua linguagem, sobretudo se nestas negociações se utilizassem de amálgamas motor / oral.

Para concluir estas considerações, bem como para fundamentá-las um pouco mais vale ressaltar que, quando a criança se apresentava utilizando-se somente de recursos gestuais, a atitude materna era de também o fazer. Ou seja, embora a mãe normalmente traduzisse seus próprios gestos, fosse qual fosse sua categoria, não era essa a sua atitude quando a criança adiantava--se em realizar algum gesto, em geral, representativo. Não nos parece necessário retomar aqui os episódios em que ocorreram estas ausências de tradução (a situação 25; Cça.: 2a 20d, seria um exemplo), visto que elas abundam durante todo o período observado e já foram, de algum modo, apontadas. Interessa-nos, neste momento, somente notar que esta atitude materna parece apontar para o fato de que, nesta idade, há uma predominância da modalidade gestual pois ela é, em se tratando de um deficiente auditivo severo, a mais eficaz. Quando a criança então realiza gestos representativos ou enunciados gestuais, confirma-se ainda mais para a mãe a realidade da deficiência da criança levando-a, portanto, a permanecer na modalidade então eleita pela criança.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO: em busca de uma Análise Contrastiva

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO: em busca de uma Análise Contrastiva

Uma vez terminada a análise dos dados referentes a ambos os sujeitos - ouvinte e deficiente auditivo, cabe-nos agora relacionar contrastivamente aquelas conclusões parciais que foram sendo apontadas ao longo do capítulo anterior. Anteriormente a isto, porém, retomaremos sucintamente aquelas conclusões parciais que foram sendo tecidas no decorrer da análise propriamente dita mas, considerando-se que se tratam de dois sujeitos distintos, o faremos separadamente.

1 - SUJEITO OUVINTE (M.)

Considerando-se que a análise do desenvolvimento gestual de M. iniciou-se quando ela estava com 08 meses de idade, foi-nos possível rastrear o processo de sua construção bastante precocemente. O primeiro passo em direção a sua gestualidade embasa-se na transformação de seus movimentos iniciais que são generalizados e indefinidos. Esta transformação ocorre quando o outro, reconhecendo nesta movimentação indícios de algum gesto ou ação culturalmente codificado, alça um certo movimento e o significa através de seu discurso. É a partir desta atividade interpretativa que ocorre uma diferenciação entre esta movimentação generalizada e os primeiros esquemas corporais que, constituindo-se de um movimento mais delimitado, remete o outro a uma certa prática interacional. Nesse sentido, estes esquemas são utilizados pela criança tanto para requerer um jogo, quanto para dele participar. A este respeito, é preciso lembrar que os primeiros jogos instanciados pela mãe são rítmicos, cuja contraparte motora consiste na ação de "bater palmas".

Convivendo com a movimentação generalizada, está ainda a tentativa fracassada em pegar um objeto ("gesto em si"). Mais uma vez, é o discurso do outro que interpreta este movimento, imprimindo-lhe o significado de uma indicação e, assim, o movimento infantil torna-se um "gesto para o outro". Nesse momento, o outro passa a instanciar os primeiros jogos de Reconhecimento onde, além de ser trabalhada a face auditiva do objeto sonoro, o

próprio gesto indicativo é negociado, uma vez que é ele a resposta esperada neste tipo de jogo.

Um segundo momento em direção ao gesto indicativo refere-se à busca pelo par do traço que distinguirá entre muitos movimentos semelhantes, a forma precisa da indicação. A criança (10 meses) busca "forma a forma" o desenho exato do gesto, uma vez que neste momento de seu desenvolvimento lingüístico oral há uma subversão da ordem canônica, ou seja, é o gesto quem deverá desambigüizar sua oralidade ainda indiferenciada. Reconhecendo este trabalho de elaboração, a mãe passa a instaurar jogos de Nomeação onde a face articulatória do objeto sonoro será negociada. Neste momento, ocorre um trabalho preliminar a esta negociação, uma vez que quem nomeia é a mãe. É justamente num Jogo de Reconhecimento que se dá a primeira instanciação pela criança de um gesto indicativo "para si", ou seja, um movimento simplificado e reduzido, do qual a criança é consciente de sua função. É a presença deste gesto "para si" que leva a mãe a instanciar, quando a criança está com 11 meses de idade, o Jogo Dramático, que se presta a trabalhar a síntese das faces auditiva e articulatória do objeto sonoro.

Também as diferentes funções do gesto indicativo infantil têm que ser a ele atribuídas pelo discurso materno. A interpretação majoritária e portanto, a função privilegiada do gesto indicativo, é a de instaurar o Jogo de Nomeação, ou seja, a mãe nomeia o referente apontado pela criança. Os jogos de Reconhecimento continuam a ser instanciados e, dentro deles, a mãe começa a exigir, quando a criança está então com 14 meses, algumas participações vocais.

Além da função de instanciar diferentes jogos interacionais, o gesto indicativo adquire o status de signo interpretante para as vocalizações infantis que, nesse momento, ainda são indiferenciadas. Esta nova função do gesto indicativo leva a mãe a se aperceber da indeterminação dos significantes infantis e a tentar, conseqüentemente, adequar-lhes a composição paradigmática. A esta altura, este gesto começa a compor sintagmaticamente os enunciados da criança, comportando-se como mais um elemento nestes enunciados gestuais / vocais. Ao ser um elemento componente (e não redundante) do enunciado infantil, o gesto indicativo da criança, então com 15 meses, começa a ser interpretado pela mãe como aquele que indica lugares e direções, sendo que a mãe, utilizando-o da mesma forma, acaba por regular a participação da criança dentro das práticas interacionais estabelecidas.

A última função pela mãe atribuída ao gesto indicativo da criança, então com 16 meses, é a de indicar quem será alvo do jogo que se realiza, ou seja, indicar pessoas. Ao

atribuir ao gesto infantil a função de apontar lugares e pessoas, a mãe passa a inserir a criança no funcionamento dos elementos dêiticos do discurso através de uma categoria gestual também dêitica. Considerando-se que nas situações em que se negociam estes usos para o gesto indicativo é que a criança apresenta momentos de reversibilidade de papéis, podemos concluir que o domínio pela criança das categorias dêiticas do discurso passa pela experimentação destas a nível da ação. Entretanto, referentemente às diferentes funções que a mãe atribui ao gesto indicativo, somente podemos afirmar que eles são gestos "para o outro", uma vez que a criança somente se mostra totalmente consciente do uso da indicação para requerer um objeto, que é a sua função mais original.

Enquanto a forma do gesto indicativo deve ser precisa, uma vez que sua função é indicar um (e não outro) referente presente no contexto, os gestos representativos, que surgem quando a criança está com 10 meses de idade, embora necessitem que a relação significativa / significado seja negociada, não demandam um trabalho específico sobre a sua forma. Os gestos representativos aparecem majoritariamente dentro de jogos Rítmicos, embora também possam fazê-lo nos jogos Dramáticos. Sua função mostrou ser a de inserir a criança no caráter simbólico da linguagem e isto explica o porquê da mãe exigir adequações nas vocalizações infantis dentro destes primeiros jogos, permeando-os, inclusive, pelos jogos vocais - Fonético e Fonológico - propostos por LIER (1983). Também as ações e os gestos demonstrativos comparecem no repertório gestual da criança e, sendo a função destes últimos auxiliar o gesto indicativo na requisição de um objeto, a criança passa a apresentar enunciados gestuais. As ações demonstrativas, por sua vez, demonstraram ser originárias de práticas interacionais bastante precoces e surgem como resposta a senhas verbais adultas.

Desde os 10 meses de idade, a criança consegue, através da especularidade diferida, reinstaurar procedimentos motores fazendo parecer que foi ela quem instaurou a prática interacional que então se estabelece. Nesse sentido, os procedimentos infantis funcionam como uma senha gestual que desencadeia no outro uma resposta, quase sempre, a instanciação de um jogo. Da mesma forma, algumas palavras - chaves, que normalmente comparecem nos jogos Rítmicos e Dramáticos, funcionam como uma senha verbal a desencadear respostas motoras na criança. Estas senhas verbais, no entanto, remetem a criança a uma prática interacional integral e não ao gesto que representa, especificamente, a palavra - chave, ou seja, a criança não está decodificando todo o enunciado materno. A remetência a um jogo, e não a um gesto, permite que a criança (aos 16 meses, aproximadamente) realize sequências

de gestos representativos que, uma vez adequadas, faz parecer à mãe que a criança independe de seu enunciado, o que a leva a intensificar o trabalho sobre a linguagem oral.

O trabalho específico sobre a linguagem oral da criança somente começa aos 10 meses de idade, quando as vocalizações infantis são complementadas segmental e suprassegmentalmente pela mãe. Antes disso, porém, as vocalizações só comparecem como uma categoria interpretada, quando estão amalgamadas a algum procedimento motor que é, na verdade, o elemento interpretado. A ênfase no trabalho sobre a oralidade inicia-se aos 13 meses de idade da criança e coincide com um uso decontextualizado de um gesto representativo. A partir desta idade, é nítido que quando a criança somente vocaliza, a mãe também abdica de qualquer gestualidade. Aos 15 meses, as vocalizações da criança ainda são indeterminadas, fluídas de sentido e o gesto representativo, a exemplo do gesto indicativo, define-lhes o significado.

Dos 13 aos 16 meses não há uma preocupação explícita com a forma dos significantes infantis, e a criança ainda se mostra confiante na eficácia de sua gestualidade. Aos 16 meses porém, o padrão de suas vocalizações é predominantemente silábico, além delas serem adequadas às situações. Embora esta adequação se mostre dependente da especularidade (imediate ou diferida), ou de algum procedimento motor amalgamado à vocalização definindo-lhe a escolha, a mãe interpreta esta adequação como um índice de que o trabalho sobre a oralidade deva ser intensificado e, para tanto, utiliza-se das estratégias da "reduplicação silábica" e do "preenchimento vocabular". À primeira, a criança responde adequadamente mas, relativamente à segunda, a criança somente consegue proceder ao preenchimento, se houver um esquema motor ritualizadamente amalgamado à vocalização que ela deve oferecer. Quanto a esta segunda estratégia, também a variação entonacional infantil funciona, para a perspectiva materna, como uma forma de resposta.

Apesar de uma marcação enfática sobre a oralidade, a mãe exige da criança, já com 18 meses, a realização de gestos representativos, bem como lhe requisita o contato visual para realizar gestos, ou seja, a mãe resgata o amálgama motor / oral que sempre se mostrou eficiente na tarefa de levar a criança à apropriação da oralidade. De fato, não só a mãe se mantém usando as duas modalidades, como também a criança oscila entre elas mas, quando apresenta a modalidade oral, fica nítido que o vocábulo esteve originalmente concatenado a um procedimento motor específico.

2 - SUJEITO DEFICIENTE AUDITIVO (W.)

A interação entre a criança deficiente auditiva e sua mãe ouvinte caracteriza-se pela presença marcante de recursos comunicativos e demonstrativos, sendo que ambos enfatizam a utilização da visão em detrimento da audição, considerando, portanto a deficiência auditiva da criança. Os primeiros destes recursos, visando obter a atenção da criança, efetivam-se em duas categorias. Na primeira, a criança é passiva e é o adulto quem coloca em seu campo de visão o alvo das negociações, enquanto que na segunda, a criança deve se mover para olhar o que se lhe mostra. Uma vez que os recursos comunicativos garantam a inserção da criança num sistema de troca, os adultos valem-se de recursos demonstrativos para efetuar a partilha dos conhecimentos de mundo e de linguagem.

Os recursos demonstrativos têm por objetivo explicitar para criança como fazer uma ação ou o que fazer com um objeto. Eles efetivam-se nos gestos demonstrativos, na própria realização das ações e num expediente que consiste em fazer com que a criança realize a ação, garantindo a ela a experimentação da mesma. Estes recursos, além de permitirem a participação da criança nas situações, funcionam ainda como um elemento didático, uma vez que levam a criança a conhecer o funcionamento de atividades práticas ou lúdicas. É justamente pela utilização destes recursos que se pode depreender o caráter regulatório que predomina nas interações desta díade.

De fato, a ausência de um sistema lingüístico sistematizado comum aos participantes, impede que as negociações sobre os objetos do mundo físico atinjam um caráter que não seja aquele de determinar para o outro o que fazer, como fazer e para quem fazer. Daí a inexistência de negociações em que se ausentem os objetos mediadores os quais, além disso, são os signos interpretantes dos gestos que podem, por consequência, não apresentar uma forma definida e precisa.

Os gestos dêiticos (mostrar e indicar) são utilizados pela mãe para indicar objetos, pessoas, direções e também ações que estejam sendo realizadas por outras pessoas, cujo funcionamento a criança ainda não dominou. Além disso, o gesto indicativo é utilizado para apontar à criança para quem ela deve realizar a ação. Não foi possível rastrear a história de constituição do gesto indicativo pela criança e o máximo que se pode concluir a este respeito, é que a criança, desde os 18 meses de idade, apresenta vários usos do gesto indicativo "para

si" que convivem com movimentos mais originais, ou seja, com aquelas tentativas fracassadas de pegar.

Os adultos valem-se, desde os 18 meses de idade da criança, do acoplamento de dois ou mais gestos indicativos, no intuito de esclarecer à criança todos os aspectos da situação. Embora estes enunciados gestuais mostrem à criança como realizar ações organizadas têmporo-espacialmente (esta é sua função), nem sempre eles conseguem esclarecer a criança e, nesses casos, o adulto aliará ao gesto indicativo também os gestos representativos e demonstrativos construindo, desta forma, enunciados gestuais mais elaborados. Estes acoplamentos gestuais também são realizados pela mãe quando ela percebe que a criança não compreendeu o significado de um gesto representativo, o que, aliás, não é incomum, tendo em vista que a forma deste gesto é, além de imotivada, realizada imprecisamente pela mãe. Quando a criança não compreende o significado de um gesto representativo e este é aliado a outras categorias gestuais, a compreensão infantil demonstra basear-se no conjunto dos gestos e é justamente a partir destes enunciados gestuais que a criança construirá o significado da cada gesto isolado. Esta tarefa infantil torna-se mais difícil por conta da atitude da mãe em não interpretar alguns movimentos oferecidos pela criança.

A partir dos dois anos de idade da criança, intensifica-se a presença de enunciados gestuais da mãe, inclusive acoplando dois gestos representativos. Tendo em vista que a criança também começa, com esta idade, a construir seus enunciados gestuais, estabelecem-se verdadeiros diálogos através dos gestos. Os enunciados infantis, entretanto, demonstram ser o resultado da complementaridade intra-turnos, uma vez que a criança acopla gestos dos quais é consciente do uso, com outros retomados especularmente da produção gestual materna. Considerando-se que a criança se vale destes enunciados para narrar gestualmente o que está se passando, conclui-se que os diálogos gestuais entre mãe e criança garantem a esta última a possibilidade de construir os sentidos possíveis de um gesto e, conseqüentemente, de recontextualizá-lo. Além dos enunciados e narrações gestuais, a criança ainda se utiliza de gestos ou ações dramáticas para se comunicar com seus interlocutores. Estas últimas são a incorporação pela criança da contraparte gestual de situações por ela vivenciadas.

Relativamente à linguagem oral de W., o que parece explicar a presença e a composição fônica de suas vocalizações, é a terapia de linguagem a que ele foi submetido dos 17 aos 21 meses de idade. Suas vocalizações, durante o período estudado, foram muito escassas, e os motivos para tal escassez demonstraram ser, ao lado da própria deficiência

auditiva, a ausência praticamente total de negociações sobre o objeto sonoro propostas pela mãe. Além disso, as únicas negociações que ocorrem são, nitidamente, aquelas aprendidas em terapia. Tanto estas negociações são importantes, que a criança (com 25 meses) é capaz de aliar àquela vocalização nasal, aprendida em terapia, um gesto indicativo o que determina, portanto, a produção de um enunciado gestual / vocal. Entretanto, a criança, ao se utilizar largamente de sua gestualidade, faz concretizar para a mãe a sua realidade de deficiente auditivo o que a leva, por consequência, a também privilegiar esta modalidade.

3- ANÁLISE CONTRASTIVA: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Já deve ter sido possível ao leitor, a esta altura, perceber que há muitas diferenças entre os desenvolvimentos gestuais das crianças ouvinte e deficiente auditiva. Entendemos que a diferença (inevitável) de faixa etária constitui-se num fator fundamental a impedir maiores comparações mas, de qualquer forma, é possível traçar alguns paralelos.

Ambas as díades utilizam-se do gesto indicativo para regular a participação do parceiro na situação, sendo que esta característica é marcadamente mais forte na criança deficiente auditiva. O uso deste gesto para requerer um objeto, guiar a atenção e compor, juntamente com o gesto demonstrativo, um enunciado gestual, é válido para as duas crianças. O gesto demonstrativo, entretanto, é utilizado, no caso de M., para auxiliar o gesto indicativo na requisição de um objeto, enquanto que, para W., sua função é de demonstrar a ação que dele se requer ou, quando ele o utiliza, a ação que está se passando e também a ação que ele deseja realizar. Também M., nesse ínterim, usa este gesto para demonstrar a ação que queria realizar.

Relativamente ao Jogo Dramático, as duas crianças apresentam procedimentos motores como resposta. Contudo, os outros jogos interacionais (Rítmico, de Nomeação, e Reconhecimento e Vocais), somente se efetivaram na díade ouvinte. O máximo que se pode dizer a este respeito é que a criança deficiente auditiva poderá usar uma ação ou gesto demonstrativa como forma de nomeação.

Assim como W., a criança ouvinte também acopla dois gestos representativos porém, diferentemente dele, somente o faz se os mesmos pertencerem a um jogo Rítmico, quando então os une na sequência específica da canção. Para ambas as crianças, entretanto, os gestos representativos foram os grandes eleitos para apresentar a elas o caráter simbólico da

linguagem. Além disso, estes gestos integraram jogos motores desencadeados por senhas verbais / gestuais. No caso de M., a senha verbal do adulto desencadeava a realização deste gesto e, no caso de W., o uso por ele destes gestos desencadeavam nos parceiros a instanciação de um jogo eminentemente motor.

Ambas as mães gesticulam muito, porém, a mãe da criança ouvinte entende os gestos como uma ponte para a oralidade, visto que representa sua filha como um interlocutor ouvinte, que ela de fato é. A mãe da criança deficiente auditiva, no entanto, elege os gestos como a modalidade privilegiada para a comunicação e partilha de conhecimento, o que parece se assentar numa sua representação da criança como um interlocutor minimamente capaz de se oralizar.

Que fique como conclusão geral deste trabalho a comprovação de que os procedimentos motores em todas as suas efetivações não são pré - cursores da oralidade, mas antes integram intimamente o seu processo de construção.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J. L. (1962). How do things with words? . Clarendon Press
- BATES, E.; CAMAIONI, L.; VOLTERRA, V. (1975). "The acquisition of performatives prior to speech". Merril-Palmer Quarterly, 21: 205-226.
- BATES, E.; SNYDER, L.; BRETHERTON, I.; VOLTERRA, V. (1979). "The Emergence of Symbols in Language and Action". Papers and Reports on Child Language Development. California: Stanford University, vol.17.
- BATES, E.; BRETHERTON, I.; SHORE, C.; MCNEW, S. (1983). "Names, Gestures and Objects: The role of context in the emergence of symbols". In: K. Nelson (ed.) Children's Language : volume IV.
- BENVENISTE, E. (1958). "Da subjetividade na linguagem". In: Problemas de Linguística Geral I. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp / Pontes, 1988.
- BRUNER, J. S. (1975). "The Ontogenesis of Speech Acts". Journal of Child Language, 2: 1-19.
- CASELLI, M. C. (1983). "From communication to language: Deaf and hearing children's development compared". Sign Language Studies, 39: 113-144
- CASELLI, M. C.; OSELLA, T.; VOLTERRA, V. (1983). "Gesti, Segni e Parole a due anni". In: G. Attili & P. Ricci-Bitti (eds.). I Gesti e i segni. Roma: Bulzoni
- LEMONS, C. T. G. (1981). "On specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition". In: L. Camaioni & C. Lemos (org.). Questions on Social Explanation: piagetian's themus reconsidered. Amsterdam: John Benjamins P.C.
- _____ (1986). "Retrospectiva: Interacionismo e Aquisição de Linguagem". Revista D.E.L.T.A., 2 (2): 231-248.
- _____ (1989). "Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões". Anais do I Encontro de Aquisição de Linguagem. Porto Alegre: PUC-RS

- LIER, M. F. A. F. (1983). A Constituição do Interlocutor Vocal. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP
- _____ (1985). "O jogo como unidade de análise". Série Estudos, 11; Aquisição da Linguagem: 45-54. Uberaba: F.I.S.T.A.
- LOCK, A. (1980). The Guided Reinvention of Language. London: Academic Press.
- PEREIRA, M. C. C. (1989). Interação e Construção do Sistema Gestual em Crianças Deficientes Auditivas, Filhas de Pais Ouvintes. Tese de Doutorado. Campinas: IEL / UNICAMP.
- PEREIRA, M. C. C. & LEMOS, C. T. G. (1987). "O gesto na interação mãe ouvinte - criança deficiente auditiva". Revista D.E.L.T.A., 3 (1): 01-18.
- PETTITO, L. A. & MARENTETTE, A. P. F. (1991). "Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontogeny of Language". SCIENCE, 251:1493- 1496.
- ROJO, R.H.R. (1991). "A consciência, esta replicante". Cadernos de Distúrbios da Comunicação, 4 (1): 59-71.
- SAUSSURE, F. (1916). Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SCARPA, E. M. (1985). "Intonação e processos dialógicos: Fusão ou Diferenciação". Série Estudos, 11; Aquisição da Linguagem: 56-74. Uberaba: F.I.S.T.A.
- _____ (1987). "O jogo, a construção e o erro: Considerações sobre o desenvolvimento da linguagem na criança pré-escolar". IDÉIAS, 10. São Paulo: F.D.E.
- VOLTERRA V.; OSELLA, T.; CASELLI, M.C. (mimeo). "Il ruolo del gesto nello sviluppo comunicativo e cognitivo del bambino sordo".
- VYGOTSKY, L. S. (1930). Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. La Habana: Científico - Técnica, 1987.
- _____ (1930a). "Internalização das funções psicológicas superiores". In: M. Cole & S. Scribner (1978). A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

APÊNDICE - A

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DO SUJEITO OUVINTE

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DO SUJEITO OUVINTE (M.)

SITUAÇÃO 01 (Cça.: 08 meses)

Paí (P.), Mãe (M.) e Criança (Cça.) no quarto de dormir dos pais. Cça sentada no meio da cama dos pais. O paí está abaixado do lado esquerdo da cça e mãe está ajoelhada nos pés da cama de frente para a filha.

1a) Cça.: (olha para a mãe e imediatamente volta-se para o rosto do pai, o qual olha longamente)

P.:(mexe no cabelo da cça)

Cça.: (agita o corpo e os braços chegando a juntá-los na frente do corpo, abrindo-os em seguida e vocalizando)

[ẽõ]

M: - Bate palminha, então!

(bate palmas)

- Palminha!

(cantando)

Cça.: (olha para a mãe e bate as duas mãos que estão ao lado do corpo na cama)

M.: - Palminha!

(cantando e batendo palmas)

1b-

Cça.: (enquanto bate as mãos na cama encontra o chocalho que estava do seu lado esquerdo e o pega. Leva-o para a frente do corpo e mexe nele com a mão direita enquanto o olha)

P.: - Parabéns prá Mayara...

(cantando e batendo palmas)

Cça.: (olha para o pai e depois para as mãos dele que estão em sua direção)

P.: (afasta o chocalho da criança e diz):

- Vamos bater palminha?

Cça.: (agita os braços e vocaliza):
[ẽõ.] [ẽõ.]

(começa a chorar)

P.: (batendo palmas)

– Parabéns prá Mayara!

(cantando)

M.: (começa a bater palmas)

Cça.: (olha para a mãe enquanto agita os braços. Depois olha para o pai, resmunga, vira-se para o seu lado direito e começa a chorar)

SITUAÇÃO 02 (Cça.: 08 meses)

2a) Criança sentada na cama e mãe na sua frente. Pai também está no quarto.

M.: – Cucaaaa!

Cça.: (olha imediatamente para a mãe)

M.: (tampa o rosto com as duas mãos, destampa-o abrindo as mãos e dizendo):

– Achôôô!

Cça.: (olha atentamente para a mãe e vocaliza):

[ɾ e :]

M.: (tampa o rosto com as duas mãos e diz):

– Cucaaaaa!

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (destampa o rosto e diz):

– Achôôô!

Cça.: (sorri e vocaliza):

[ɾ e :]

M.: (tampa o rosto com as mãos)

– Cuquinha!

Cça.: (olhando para mãe, ri)

M.: (destampa o rosto):

– Achôôô!

Cça.: (continua olhando para mãe)

M.: (batendo palmas)

– Bate palminha!

2b-

Cça.: (olhando para mãe)

P.: (começa a bater palmas junto com a mãe e canta):

– Bate palminha, bate!

M.: (começa uma movimentação labial imitando boca-de-peixe)

[bã] [bã] [bã]

P.: (bate algumas palmas)

P.: (imita a ação e a vocalização da mãe):

[bã] [bã] [bã]

M.: – Palminha!

(bate palmas, dizendo) :

– Palminha! Palminha!

M.: (bate palmas e canta):

– Bate palminha, bate! Palminha de São Tomé!

P.: (começa então a bater palmas e a cantar junto com a mãe):

– Palminha de São Tomé!

M.: – Bate palminha!

M.: – Eu vô pegá, eu vô pegá...

(carregando a criança)

Cça.: (olha para o pai e imediatamente para a mãe)

Cça.: (volta a olhar para o pai)

Cça.: (olha para as mãos do pai)

Cça.: (bate as palmas das mãos que estão ao lado do corpo sobre a cama, balança o corpo e olha para a mãe)

Cça.: (olha para a mãe, balança o corpo e choraminga)

Cça.: (fica em repouso, olha para a mãe e em seguida para as mãos do pai)

Cça.: (volta a olhar para a mãe)

Cça.: (balança o corpo e choraminga)

SITUAÇÃO 03 (Cça.: 08 meses)

Criança sentada no berço; mãe em pé do seu lado esquerdo e pai, em pé, atrás da criança

P.: (pega a criança por trás e a levanta)

M.: (enquanto o pai levanta a criança, diz):

- *É É*

(agitando um chocalho que é o rosto de um palhaço)

- Ó !

(girando a gravatinha do palhaço, dizendo):

- Eeeee!

M.: (continua girando a gravatinha, dizendo):

- É ! É !

(dá o chocalho à criança)

Cça.: (olha para o chocalho, estende o braço com a mão aberta em direção ao brinquedo e vocaliza):

[*ε :*]

Cça.: (segura o chocalho pela alça e mexe o braço para cima e para baixo devagar, tentando agitá-lo. Leva o chocalho à boca e vocaliza):

[*e.*]

(tira o chocalho da boca, segura-o com a mão direita, passa-o para a mão esquerda e balança todo o corpo, vocalizando):

[*æ*] [*ə :*]

(volta a segurar o chocalho com as duas mãos, olha atentamente para ele e vocaliza baixinho):

[*æ*] [*ə*]

M.: - *É* !

Cça.: (olha para a mãe e sorri)

SITUAÇÃO 04 (Cça.: 08 meses)

M.: – Ó a meia saindo...

(abaixa-se em direção ao berço para arrumar a meia da criança)

Cça.: [fica oculta pelo corpo da mãe]

P.: (senta a criança na cabeceira da cama)

M.: – Ai que chulé! Ai que chulé! Ai que chulé que ela tá, meu Deus do céu!

(enquanto coloca a meia na criança)
– Que chulezinho!

P.: (coloca a criança em pé no berço)

Cça.: [*é*]

M.: (continua arrumando a meia)

– Que chulezinho!

Cça.: [*é*]

(agitando o corpo enquanto olha para o móbile e vocaliza):

[*é*] [*é*]

M.: – *é* ! *é* !

P.: – Vamos por ela na cama!

(carrega a criança para a cama de casal, colocando-a de bruços)

Cça.: [*é* :]

M. e P. : [*é* :]

SITUAÇÃO 05 (Cça.: 08 meses e 25 dias)

Criança acabou de tomar banho. Mãe deita-a sobre a banheira para enxugá-la.

Cça.: (manipula o chocalho com as mãos)

M.: (está enxugando as partes do corpo da criança, enquanto as nomeia):

– Vamos enxugar o chulezinho! O outro chulezinho! Barriguinha da Mayarinha! Pescocinho!

Cça.: (quieta, manipulando o cho-
calho)

SITUAÇÃO 06 (Cça.: 08 meses e 25 dias)

Mãe preparando a criança para o banho.

M.: – Vamos tirar essa calça feia
aqui...(tirando a calça da criança)

Cça.: (junta as mãos semi-abertas na
altura do peito, afasta-as, junta-as
novamente, descansando-as sobre a
barriga)

M.: (cantando):

– Palminha! Palminha!

Cça.: (olha para a mãe, abre os
braços mantendo-os suspensos ao lado
do corpo)

M.: – Bate palminha! Bate palminha prá
Mayarinha, bate!

Cça.: (junta as mãos na altura do
peito)

M.: –Bate palminha!

(enquanto tira a calça plástica)

Cça.: (passa uma das mãos no rosto)

M.: – Bate palminha!

Cça.: (vira o corpo para o lado
esquerdo, volta e mexe as pernas)

M.: – Bate palminha!

Cça.: (espirra)

M.: – Opa! Saúde!

SITUAÇÃO 07 (Cça.: 08 meses e 25 dias)

Mãe segura a criança em pé, de costas para ela, enquanto coloca-lhe a blusa.

7a)

M.: (termina de colocar a gola pela cabeça da criança, aproxima-se de seu rosto pelo lado esquerdo e diz):

– Achô mamãe!

Cça.: (agita o corpo, flexionando os joelhos e mexendo os braços)

M.: (colocando uma manga da camisa no braço esquerdo da criança)

Cça.: (estende o braço para frente e vocaliza em baixa intensidade):

[9̃] [9̃]

(olha para o lado esquerdo)

M.: (coloca a outra manga no braço direito e diz):

– Ah que linda que você ficou!

Cça.: (joga o corpo ligeiramente para a frente e vocaliza):

[ʔ ʔ]

M.: (olha para a frente também e diz):

– Joga beijinho então!

Cça.: (olha para a filmadora e mexe os lábios, como se mandasse beijos)

M.: – Joga beijinho !

(faz um beijo com os lábios)

Cça.: (olha para frente e balança o corpo)

M.: – Joga beijinho então.

(enquanto coloca a blusa dentro da calça, "faz" dois beijos)

Cça.: (olha para cima, balança o corpo e olha para o lado esquerdo)

7b)

M.: (termina de arrumar a criança e diz):

- Eeeee!

(vira a criança para si com uma das mãos, enquanto com a outra pega o chocalho-palhaço)

- Ó o palhacinho Má, ó!

Cça.: (volta o rosto para olhar o objeto e pega-o com uma das mãos)

M.: - Que lindo!

(mexe na gravata do palhaço)

- Ó a gravatinha dele...

(continua girando a gravata)

Cça.: (continua olhando para o objeto)

M.: (agita o chocalho que também é seguro pela mão da criança)

Cça.: (volta o rosto para trás mas não larga o palhaço)

M.: (larga o palhaço, dizendo):

- Narizinho!

(batendo forte com o dedo no nariz do palhaço que "buzina". Cotuca a filha com uma das mãos, dizendo):

- Cadê o olhinho do palhacinho? Ó!

Cça.: (volta a olhar para o palhaço).

M.: (apontando)

- Cadê o olhinho do palhacinho? Ó!
Olhinho, narizinho, boquinha...

(apontando as respectivas partes do objeto)

Cça.: (olha para os movimentos da mãe que, agora, carrega sozinha o palhaço)

M.: - Cadê o olhinho do palhacinho?

Cça.: (enquanto a mãe fala, coloca a mão no palhacinho)

M.: - Mostra com o dedinho prá mamãe, mostra!

(olhando para o objeto)

Cça.: (volta a olhar para trás)

7c)

M.: (vira o rosto na direção da criança e diz):

- Olha aqui!

(procura o olhar da criança).

- Mã, olha aqui! (olhando para o rosto da criança)

Cça.: (volta-se para o objeto).

M.: - Cadê o olhinho do palhacinho? Mostra com o dedinho para a mamãe, mostra!

(segura e olha para o objeto)

Cça.: (inclina o corpo e pega o objeto, vocalizando):

[*é é*]

(joga o palhacinho no chão)

M.: [*é é*]

(abaixa-se para pegar o objeto)

Cça.: (acompanha a mãe com o olhar)

M.: (pega o suspensório e começa a colocá-lo na criança):

- Éééé !

Cça.: (encosta a boca no ombro da mãe e vocaliza):

[a .]

M.: - Ai! Não, não! Morder não pode!

SITUAÇÃO 08 (Cça.: 10 meses)

8a) Situação de alimentação. Criança sentada no cadeirão, mãe sentada ao seu lado em uma cadeira.

Cça.: (olhando para a direção do telefone e sorrindo)

M.: - Olá!

Cça.: (estende o braço na direção do telefone e depois vira o corpo e o braço para o lado direito, onde há uma estante)

M.: - Ó, Má! Bi, bi! Olha aqui!

Cça.: (estica o dedo indicador ligeiramente mais que os outros dedos e manda um beijo)

M.: (olha para a estante)

- Santinho! Ó Má, ó o santinho aqui!

(estende a colher para a criança)

Cça.: (vira-se para frente e sorve a sopa da colher. Imediatamente após leva a mão esquerda à boca e depois estica todo o braço para frente, direção em que olha)

8b)

M.: - Isso! Ah que caca! Ih, Mayara.

Cça.: (continua com o braço estendido, joga o corpo um pouco à frente e vocaliza):

[ẽ]

M.: - Vai oferecer?

(enquanto arruma o babador da criança)

Cça.: [ẽ]

M.: - Ela não qué, Má.

["ela" não é visível]

Cça.: (estende o braço na diagonal direita e abre e fecha a mão, olhando nesta mesma direção)

M.: - Dá para a mamãe!

(enquanto limpa o cadeirão)

Cça.: (olha para baixo, onde a mãe está limpando e traz o braço direito para a frente do corpo)

M.: - Oferece prá mamãe!

(continua limpando)

Cça.: (continua olhando para baixo e passa a escorregar a palma da mão direita por sobre a superfície que a mãe limpava)

M.: - Dá para a mamãe, Má?

(enquanto prepara outra colherada)

Cça.: (começa a bater a mão direita em vários lugares da superfície do cadeirão, fazendo a chupeta que ali estava pular de um lugar para outro. Pega a chupeta, leva-a para perto da boca e vocaliza):

[*éé*]

(sorrindo)

M.: - Ah, ah ! Olha que gostoso a papa da Má!

(enquanto leva uma colherada à boca da criança)

Cça.: (vira a cabeça para o lado direito para não comer)

M.: - Ih, Mayara...

(e leva outra colherada para perto da criança)

SITUAÇÃO 09 (Cça.: 10 meses)

Situação de alimentação. Criança no cadeirão.

Cça.: (acompanha com o olhar a avó que passou por ela)

M.: - Ó Má, que gostoso! Papa!

(levando uma colherada à boca da criança).

_ Ah que delícia de papa!

(voltando a colher para o prato)

Cça.: (sorve o alimento mas vira ligeiramente o rosto para a direita e vê a tia falando ao telefone. Estende então o braço direito na direção do telefone, inicialmente somente com o dedo indicador esticado e depois com todos os dedos esticados e um leve avanço do corpo para frente, vocalizando):
[e:]

M.: - É ! Telefone!

SITUAÇÃO 10 (Cça.: 10 meses)

10a) Mãe, criança e A. (amiga da família) sentadas no chão. Os adultos estão de frente um para o outro e a criança movimenta-se na sala, enquanto A. tenta distraí-la com uma bola.

A.: (sentada no chão, bate a bola rapidamente com a mão direita)

Cça.: (olhando para A., vira-se para trás tentando alcançar o cadeirão que está ao seu lado direito)

A.: - Mayarinha!

Cça.: (apoiada sobre os joelhos e de frente para o lado do cadeirão, apoia-se neste com o braço direito enquanto tenta alcançar o pé do cadeirão com o braço esquerdo)

M.: - Vamos cantar pombinha, Má? Óh! Mayarinha!

Cça.: (alcança o cadeirão também com o braço esquerdo e apoia-se nele)

M.: (bate palmas)

Cça.: (vira a cabeça na direção da mãe que está do seu lado esquerdo e olha para ela)

M.: (cantando):

- Pombinha, voou, voou.

(faz gesto interpretado como "voar", levantando e abaixando os braços que estão ao lado do corpo com as palmas das mãos voltadas para baixo)

Cça.: (olhando para a mãe, engatinha somente com os joelhos, aproximando-se do cadeirão e vocaliza):

[o.]

(solta o braço esquerdo do cadeirão, dirigindo-o para a bola que A. continua batendo e olha nesta direção)

M.: (cantando):

- Caiu no laço.

(faz gesto interpretado como "rede", unindo os dedos indicador e médio de cada mão e colocando um par de dedos sobre o outro na altura do peito).

- Se embaraço!

(faz gesto interpretado como "embaraçar", colocando as duas mãos com as palmas voltadas para o peito uma na frente da outra, movimenta as mãos de modo que uma mão passe para a frente da outra sucessivamente).

Cça.: (volta a apoiar-se no cadeirão, olhando para ele e vocaliza):

[e e e]

M.: (cantando):

- Pombinha, voou voou...

(faz gesto interpretado como "voar")

Cça.: [*εε*]

(olha para o seu lado direito e vocaliza):

[*εεε*]..

M.: (cantando):

- Caiu no laço, se embaraçô!
[gestos não visíveis]

A.: (pega a criança com as duas mãos por trás e a carrega)

M.: (cantando):

-Ai me dá um abraço...

(faz gesto interpretado como "abraçar", cruzando os braços na altura do peito, de modo que a mão direita fique com os dedos voltados para o ombro esquerdo e a esquerda fique com os dedos voltados para o ombro direito).

A.: (senta a criança no meio de suas pernas).

M.: (olhando para a criança, diz):

- Vamos cantar!

Cça.: (olha para a mãe).

M.: (cantando):

- Pombinha, voou voou...

(faz gesto interpretado como "voar")

A.: (segura com as mãos direita e esquerda os braços direito e esquerdo da criança, manipulando-os a fim de que a criança faça os mesmos gestos da mãe)

M.: (cantando):

- Caiu no laço, se embaraçô!

(faz os gestos interpretados como "rede" e "embaraçar").

10b)

A.: (continua fazendo com a criança os mesmos gestos da mãe).

M.: (olhando para frente diz):
- Ela sabe fazer!

A.: (solta os braços da criança).

Cça.: (joga o corpo ligeiramente para frente, apoiando as mãos no chão).

A.: (levanta os braços da criança com as mãos e diz):

- Vai Mayarinha!

Cça.: (olha para a mãe).

10c)

M.: (cantando):

- Pombinha, voou voou! Caiu no laço,
se embaraço!

(fazendo todos os respectivos gestos)

Cça.: (no momento que a mãe ainda canta a primeira frase da música, sustenta as mãos abertas na altura do peito, com as palmas voltadas para o próprio corpo. A mão direita está à frente da mão esquerda e o movimento consiste em passar a mão esquerda sobre a mão direita e vice-versa. Realiza o movimento duas vezes e volta o corpo para a direita, apoiando as mãos no chão e erguendo o quadril para engatinhar)

SITUAÇÃO 11 (Cça.: 10 meses)

11a) Mãe, criança e A. na sala. Mãe está sentada e A. carrega a criança para cima do sofá que está do lado direito da mãe.

M.: - Olha aqui, Má!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Vamos bater palminha?

Cça.: (imediatamente à proposta da mãe, começa a bater palmas)

M.: (cantando e batendo palmas):

- Parabéns prá Mayara!

Cça.: (sorrindo, bate palmas enquanto passa a olhar exatamente na direção em sua frente)

M.: (cantando e batendo palmas):

- Nesta data querida!

Cça.: (olha para a mãe e flexiona os joelhos inclinando o corpo, como se quisesse descer)

11b)

A.: (carrega a criança para o chão, sentando-a de frente para a mãe)

M.: - Muitas felicidades...

(cantando e batendo palmas)

Cça.: (olha para baixo e depois para o seu lado esquerdo jogando o corpo nesta direção e elevando levemente o quadril para se mover)

A.: (segura a criança fazendo-a sentar)

M.: (cantando e batendo palmas):

- Muitos anos de vida!

A.: (segura os braços da criança e a faz bater palmas)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (bate palmas e recomeça a cantar rapidamente):

- Parabéns prá você!

A.: (larga os braços da criança)

Cça.: (fica com os braços um ao lado do outro na frente do corpo; as palmas das mãos voltadas uma para outra, separadas, como se fosse bater palmas)

A.: (começa a bater palmas junto com a mãe)

Cça.: (olha para A.).

M.: (batendo palmas e cantando):

- Nesta data querida!

Cça.: (olha para M. com os braços ainda suspensos e as mãos como se fosse bater palmas)

M.: - Muitas felicidades...

(cantando)

Cça.: (olha para A.).

A.: (parou de bater palmas).

Cça.: (olha para a mãe).

M.: - Muitos anos de vida...

(somente cantando).

Cça.: (volta o corpo para A., apoia-se com o braço esquerdo na perna de A. e vocaliza):

[]

(dá um tapa em A.).

M.: - Não!

SITUAÇÃO 12 (Cça.: 10 meses)

Mãe e criança sentadas uma de frente para a outra. A. à direita da mãe.

Cça.: [de costas para a câmera]

(parece segurar o fone com a mão esquerda e bater nele com a mão direita, vocalizando):

[]

M.: - Ih, já vai na boca!

Cça.: (continua a ação anterior e novamente vocaliza):

[]

M.: - Ah! Nana nenê! Então faz nana pro nenê!

(vira-se para A., bate em sua perna e diz):

- Tá fazendo nana.

Cça.: (começa a bater o fone no chão)

M.: (cantando):

- Nana nenê...

Cça.: (continua a ação anterior)

M.: - Faz nana pro nenê então, Má!

Cça.: (larga o fone no chão e engatinha em direção à estante)

M.: - Ih, já vai subir!

SITUAÇÃO 13 (Cça.: 11 meses)

Criança e sua tia (T.) sentadas de frente uma para a outra. Mãe em pé atrás da criança.

T.: (oferece um boneco de pano para a criança dizendo):

- Faça nana pro bonequinho...

Cça.: (olhando para outro brinquedo)

M.: - Faça nana, Má! Faça! Nana...

(cantando)

Cça.: (olha para a câmera)

T.: (oferece outra boneca e diz):

- Faça nana para essa bonequinha, ela tá com sono!

Cça.: (pega a boneca com uma das mãos sem olhá-la)

M.: - Faz nana! Nana...

(cantando)

Cça.: (vira o rosto para o lado onde está a mãe e deixa cair a boneca)

T.: (devolve a boneca à criança)

M.: - Faz naninha!

Cça.: (carrega a boneca num dos braços)

M.: - Isso!

(começa a cantar):

- Nana nenê...

Cça.: (começa a ninar a boneca)

SITUAÇÃO 14 (Cça.: 11 meses)

Cça.: (sentada de lado para a mãe, observando alguns brinquedos)

M.: (observando a criança)

Cça.: (vira ligeiramente o corpo na direção da mãe e bate palmas)

M.: - Parabéns prá Mayara...

(cantando e batendo palmas)

Cça.: (para de bater palmas e olha para frente e para cima. Estica o braço direito nesta direção com o dedo indicador ereto e outros dedos dobrados. Olha para a mãe e arregala os olhos)

M.: - Ummm...

(olha na direção indicada e depois para a criança, elevando e abaixando os ombros como se estivesse com medo e diz):

- Ai!

Cça.: (vira-se e começa a engatinhar)

SITUAÇÃO 15 (Cça.: 11 meses)

Mãe sentada segurando a criança em pé : uma de frente para a outra.

M.: - Como que a Mayarinha bateu o coco? Como que a Mayarinha bateu?

Cça.: (faz uma "careta", esticando a boca e arregalando os olhos para a tia)

M.: (ri)

T.: - O menininho puxou seu cabelinho?

Cça.: (volta a olhar para a câmera e faz a "careta")

T.: - Nossa!

Cça.: (olha para a tia e faz duas vezes a mesma "careta")

M.: - Monstrinho?

(rindo muito)

T.: (começa a rir também)

Cça.: (ri também)

SITUAÇÃO 16 (Cça.: 11 meses)

Tia e criança sentadas uma de frente para a outra. Mãe sentada no meio delas.

Cça.: (olha para a direita e para cima e olha para a tia)

[local não visível]

T.: - É do nenê!

M.: - Como que puxô ... que o menininho puxô o cabelinho da Mayara?

Cça.: (coloca rapidamente a mão na região da cabeça logo acima da orelha; olhando para a mãe)

M.: - Assim? Ai coitadinha dela!

Cça.: (volta a brincar)

SITUAÇÃO 17 (Cça.: 11 meses)

17a)

M.: (pega um Garfield e traz para perto de criança de modo que ela possa vê-lo quando desvirar o corpo, enquanto diz):

- Olha Má, cadê o olhinho do gatinho Má?

Cça.: (desvira o corpo, mas passa a olhar muito rapidamente pelo gatinho)

17b)

M.: - Como que o cavalinho faz?

Cça.: (começa a se deitar no colo da mãe)

M.: (pega a criança e a senta de frente para a câmera enquanto diz):
- O cavalinho... Como que o cavalinho faz, Má?

Cça.: (olha para a tia)

T.: (estala a língua, imitando o cavalo)

M.: - Como que o cavalinho faz?

Cça.: (olhando para a câmera, abre e fecha a boca)

M.: - Como que o cavalinho faz? Faz!

Cça.: (olhando para a câmera, abre e fecha a boca e recosta-se no colo da mãe)

M.: - Como que o cavalinho faz?

Cça.: (volta o corpo e repete o movimento anterior)

M.: - Ééééé?!

(rindo)

Cça.: (sorri e continua olhando para a câmera)

M.: - Balança então!

(balança o corpo enquanto estala a língua)

- Como que o cavalinho faz?

Cça.: (leva o corpo para junto da mãe e volta enquanto abre e fecha a boca.)

Olha para a câmera e depois para baixo)

17c)

M.: - Tá com vergonha.

(pega o Garfield, coloca-o no campo de visão da criança e diz):

- Cadê o olhinho do gatinho, Má? Cadê?

Cça.: (olhando para o Garfield, coloca o dedo indicador direito no olho do gatinho)

M.: - Olhinho, que bonitinho! Né, Má?

SITUAÇÃO 18 (Cça.: 11 meses)

Mãe, criança e tia sentadas no chão.

M.: - Como é que o cavalinho faz?

Cça.: (balança os braços para perto e para longe do corpo e abre e fecha a boca)

M. e T.: (imitam a criança, balançando o corpo e estalando a língua)

Cça.: (olhando atentamente para um patinho)

T.: (aponta o brinquedo e diz):

- Joga beijinho pro nenê, joga!

Cça.: (aproxima o brinquedo, beija-o, afasta-o e olha para a tia)

T.: - Ai que linda!

Cça.: (volta a olhar o brinquedo)

SITUAÇÃO 19 (Cça.: 11 meses)

M.: (coloca um chapéu de pano na cabeça da criança)

Cça.: (com uma das mãos pega um brinquedo do chão e com a outra tira o chapéu. Olha para a tia e vocaliza):

M. e T.: - Ah!

T.: -Que que é?

Cça.: (olha para o chapéu e depois para a mãe)

M.: (pega o chapéu e coloca novamente na cabeça da criança)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Ai que bonequinha!

Cça.: (põe a mão no chapéu)

T.: - Fala para a mamãe: não , não !

(meneio negativo com a cabeça)

- Não, não!

Cça.: (tenta tirar o chapéu várias vezes, resmunga e olha para a tia)

T.: - Não, não !

(meneio negativo com a cabeça)

Cça.: (tenta tirar o chapéu várias vezes e, como não consegue, grita)

M.: (tira o chapéu dizendo):

- Não ! Pronto, pronto, pronto...

Cça.: (olha para a tia e põe um brinquedo na boca)

M.: (passa a mão na cabeça da criança e diz):

- Não , não , Má!

Cça.: (olha para a tia)

T.: - Não , não !

(meneio negativo com a cabeça)

Cça.: (olha para a câmera , mexe a cabeça para um lado e para o outro e volta a olhar para a tia)

M.: - Não ! Não !

T.: (reprete o meneio negativo com a cabeça e diz):

- Cê nãò quer, né?

M.: (aproxima-se mais da criança e diz):

- Joga um beijinho!

Cça.: (movimenta novamente a cabeça para um lado e para o outro, olhando para a câmara)

M.: - Não, não ?

Cça.: (olha para a tia e começa a manipular um brinquedo)

SITUAÇÃO 20 (Cça.: 01 ano e 04 dias)

Festa de aniversário da criança realizada em um salão de festas. Criança está no colo da mãe e tem um doce na mão direita.

M.: (está limpando a mão e a boca da criança com um guardanapo)

Cça.: (olha para o rosto da mãe)

M.: - Faz coelhinho, Má!

Cça.: (olha pra a câmara e cospe o doce que tinha na boca)

M.: - Coelhinho, Má!

Cça.: (ainda olhando para a câmara, morde um pedaço do doce e segundos depois olha para a mãe, estabelecendo contato visual com ela)

M.: - Como que o coelhinho faz?

Cça.: (olha para a câmara e franze o nariz, deixando aparecer os dentes centrais superiores)

M.: (continua olhando para a criança e diz):

- Ó lá, Ernan.

Cça.: (ainda olhando para a câmara, leva o doce à boca)

M.: (olhando para a criança, pergunta):

- Quantos aninhos a Mayarinha vai fazer, Ma?

Cça.: (tira o doce da boca e olha firmemente para a câmera)

M.: - Quantos aninhos a Mayarinha vai fazer?

Cça.: (olha para o lado direito, onde está o pai. Estica ligeiramente o braço direito nesta direção, com a palma da mão voltada para cima; os dedos polegar e médio unidos e o dedo indicador esticado)

M.: - Ó lá: um aninho!

(rindo bastante)

Cça.: (volta a segurar o doce com as duas mãos e o leva à boca)

SITUAÇÃO 21 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Mãe, criança e A. (amiga da família) na sala de estar com vários brinquedos, entre os quais, um mini-balanço em forma de cavalo.

M.: (coloca duas bonecas no banco do balanço, dizendo):

- Olha quanto nenê, Ma...

Cça.: (abaixa-se perto do balanço)

M.: - Balança o nenê no cavalinho!

Cça.: (balança o brinquedo, empurrando-o com uma das mãos)

M.: - Isso!

Cça.: (enquanto balança, uma das bonecas cai no chão)

M.: - Ah, caiu!

(abaixa-se, pega a boneca e a recoloca no banco do balanço)

Cça.: (pega a outra boneca e vocaliza):

[e.tç]

(enquanto olha para a mãe)

M.: - Nenê da Mayarinha? Faz nana pro nenê!

M.: - Balança o nenê no cavalinho!

M.: - Isso!

M.: - ã...tó!

(dá a boneca para a criança)

M.: - É nenê, né?

M.: - Opa nenê...

(pega a boneca e devolve à criança, dizendo):

-Faz nana pro nenê!

(realiza gesto interpretado como nanar, batendo devagar e sutilmente a mão direita contra o ombro esquerdo, enquanto canta):

- Nana...

M.: - Isso! Nana nenê...

Cça.: (coloca sua boneca no banco do balanço)

Cça.: (volta a balançar o brinquedo)

Cça.: (enquanto balança, cai outra vez a boneca. Olha para a boneca e vocaliza):

[ẽ]

Cça.: (pega a boneca e a coloca no banco do balanço. Vocaliza enquanto olha para a mãe):

[ẽ ɥ e]

Cça.: (derruba a boneca no chão)

Cça.: (carrega o nenê no braço esquerdo e repete o gesto da mãe batendo, devagar e sutilmente, a mão direita contra a boneca, enquanto olha para a mãe)

Cça.: (olha para o sofá onde A. está sentada)

SITUAÇÃO 22 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Contexto idêntico ao da situação 21.

22a)

Cça.: (está manipulando um óculos quando localiza um livro de figuras no chão. Solta imediatamente a mão esquerda do óculos, direciona-a para o livro, estica o dedo indicador nesta direção e olha para o sofá que está a sua frente, vocalizando):

[eó:]

M.: - Olha... o cavalinho.

(enquanto olha o livro. Passa a olhar para a criança e diz):

- Como que o cavalinho faz, Má?

(enquanto pega o livro do chão e o coloca sobre o banco de um triciclo que está bem à frente da criança)

Cça.: (olha para o livro)

M.: - Hum?

Cça.: (aproxima-se do triciclo, olhando atentamente para o livro)

22b)

M.: (folheia o livro. Pára em uma das páginas e pergunta):

- E a pombinha, como a pombinha faz?

Cça.: (leva os dois braços, ligeiramente afastados entre si, na altura do peito com as palmas das mãos voltadas para baixo e bate, duas vezes, com a palma da mão direita sobre a mão esquerda. Enquanto realiza o gesto, direciona o olhar para o sofá)

M.: - Assim?

(olhando para a criança)

- Que lindo!

(Olha para o sofá, onde A. está sentada, e diz):

- Ela não fez, ela faz assim agora...

(enquanto repete o movimento da criança. Volta a olhar para a criança e pergunta):

- Cadê a pombinha?

Cça.: (continua olhando para o sofá)

M.: (começa a cantar):

- Pombinha voou, voou. Caiu no laço, se embaraçou.

(realizando os respectivos gestos já descritos na situação 10)

Cça.: (mantém-se olhando para o sofá)

[não visível]

M.: (termina de cantar e diz):

- Cantel!

Cça.: (balança o corpo com os pés fixos no chão)

M.: - Ah, tá dançando... tá certo.

22c)

Cça.: (pega o óculos que ficara pendurado em seu pescoço com a mão direita e vira-se ligeiramente para a mãe)

M.: - Dá o óculos para a mamãe.

[*dê*]

Cça.: (dá o óculos à mãe e vira-se para o triciclo)

M.: - Brigada, viu Mayara?

Cça.: (pega o livro que estava no banco do triciclo, sai caminhando com ele em direção ao sofá e vocaliza):

M.: [*dê*]

[*dê*]

- Prá quem que cê vai dá? ã?

(levanta-se da mesa onde estava sentada)

Cça.: (vai à mesa onde a mãe estava sentada e põe o livro lá)

SITUAÇÃO 23 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Mesmo contexto das situações 21 e 22.

M.: (tenta chamar a atenção da criança, manipulando um pião sonoro)

Cça.: (não atenta para a mãe, porque está manipulando o livro)

M.: (olha para o sofá e diz):

- Tá quebrando o pião.

(olha então para a mesa onde está o livro dizendo):

- ... a o cavalinho.

(endireita o livro que estava torto, dizendo):

- Olha o cavalinho...

(colocando a mão sobre o livro)

Cça.: (olha para o sofá e leva os dois braços na altura do peito, ligeiramente separados entre si, e bate com a palma da mão direita sobre o pulso esquerdo quatro vezes)

M.: - Ah, a pombinha...

Cça.: (ainda olhando para o sofá, mantém a mão direita em volta do pulso esquerdo e levanta ligeiramente os dois braços, sem separá-los, algumas vezes)

M.: _ ... cadê a pombinha?

(aproxima-se bastante do livro, aponta uma figura [não visível] e diz):

- Ó a pombinha aqui!

Cça.: (olha para a figura apontada pela mãe, volta a olhar para o sofá e novamente bate com a palma da mão direita sobre o pulso esquerdo três vezes)

M.: (aponta outra figura [não visível] e diz):

- Ó o nenê. Ó a Bruna aqui, Mayara.

Cça.: (olha pra a figura apontada pela mãe)

SITUAÇÃO 24 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Mãe e criança uma de frente para a outra na sala de estar. Ambas de lado para o sofá onde está A., que não é visível. Mãe está sentada e criança está em pé.

M.: (joga uma pequena bola para a criança, dizendo):

- Chuta!

Cça.: (segura-se na mesa com a mão direita. Abaixa-se ligeiramente e com a mão esquerda segura a bola que estava se movimentando, enquanto olha para esta)

M.: - Chuta!

Cça.: (levanta-se, soltando a bola que então volta a movimentar-se. Olha para o sofá e estica o dedo indicador na direção da bola, vocalizando):
[ẽ ẽ.]

M.: [ẽ]

- A bola...

(colocando a bola perto da criança)

SITUAÇÃO 25 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Criança está em pé, apoiada na mesa de centro da sala de estar. Mãe está sentada de frente para a criança.

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Vem dá um abraço e um beijo na mamãe!

Cça.: (anda em direção à mãe enquanto, mantendo os outros dedos dobrados, estica o dedo indicador direito na direção do ombro da mãe)

M.: (olha para o local indicado e diz):

- Ah! O botão!

Cça.: (abre ligeiramente os outros dedos, olhando para o botão)

M.: (senta-se em outra posição, enquanto segura o braço direito da criança e diz):

- Olha o botão da mamãe...

Cça.: (ergue o braço esquerdo na direção do botão e estica o dedo indicador, enquanto os outros estão dobrados, excetuando-se o polegar que está esticado)

M.: - Ó o botão, Má!

Cça.: (mantendo os outros dedos dobrados, encosta o dedo indicador no botão, aperta-o, enquanto olha para o sofá e vocaliza):

[e :]

M.: (olhando para a criança):

-Botão!

SITUAÇÃO 26 (Cça.: 01 ano, 01 mês e 03 dias)

Criança está andando pela sala com uma boneca na mão esquerda. Mãe está em pé, parada próxima ao triciclo.

Cça.: (aproxima-se do triciclo que está no meio da sala, e bate duas vezes a boneca contra o guidon, vocalizando):

[pa : e]

(coloca a boneca no triciclo, sem largá-la)

M.: - Não, Má! Coitadinho do nenê.

Cça.: (volta a segurar a boneca com as mãos, olha para ela e dá uma risada)

M.: (imita a risada da criança)

Cça.: (segura a boneca com a mão esquerda, estica este braço para o lado esquerdo e, virando a cabeça para esta direção, olha para a boneca)

M.: - Cadê o olhinho do nenê, Má?
Mostra prá...

Cça.: (coloca o dedo indicador direito esticado na barriga do nenê, enquanto mantém os outros dedos dobrados)

M.: - ... mamãe. Ah, o umbigo, umbigo.

Cça.: (abaixa o braço direito e olha para o sofá)

M.: - E o olhinho do nenê?

Cça.: (indica novamente o umbigo da boneca)

M.: -Ah, o umbigo.

(vira-se para falar com A. que está no sofá)

[S.I.]

(volta a olhar para a criança e diz):

- Faz monstrinho pro nenê, Má!

Cça.: (olha para a câmera e vira-se para trás, onde está um sofá, elevando a boneca acima de sua cabeça)

M.: - E o olho? Cadê o olhinho do nenê, Má?

Cça.: (vira-se para o sofá onde A. está e passa a segurar a boneca somente com a mão direita. Enquanto caminha para o sofá, leva o dedo indicador direito esticado no olho da boneca, mantendo os outros dedos esticados, enquanto vocaliza):

[a ? r]

M.: - Ah, o olhinho! E o chulé do nenê? Onde que tá o chulezinho do nenê?

Cça.: (segura a boneca pela perna com as duas mãos. Aproxima o pé da boneca do seu nariz, cheira-o e olha sorrindo para A.)

M.: (rindo)

- Chulé do nenê, né Má?

Cça.: (vira de costas para A. e anda em direção ao triciclo com a boneca em uma das mãos)

M.: - Então dá um beijinho no nenê agora, Má!

Cça.: (aproxima a boneca de seu rosto e a beija)

M.: - Isso!

SITUAÇÃO 27 (Cça.: 01 ano e 02 meses)

Mãe, criança e C. (amiga da mãe) na sala de estar da casa da criança.

Cça.: (pega o fone de um telefone de brinquedo com a mão direita. Estica este braço em direção ao sofá onde C. está sentada e vocaliza olhando para C.):

[dá.]

C.: - Fala alô, fala!

Cça.: (mantém o braço estendido alguns segundos e depois vira o braço para a direção em que está sua mãe)

M.: (pega o fone e leva ao ouvido)

Cça.: (sai andando em outra direção)

SITUAÇÃO 28 (Cça.: 01 ano e 02 meses)

Mãe está sentada no chão ao lado de um sofá. C. está sentada no sofá e criança está andando pela sala.

Cça.: (andando, pára atrás da mãe)

M.: - Opa!

(virando-se um pouco para deixar a criança visível)

Cça.: (olhando para a câmera, começa a puxar mais para baixo a camiseta)

que veste, com uma das mãos, enquanto vocaliza):

[aã ă ă]

M.: (olhando a criança):

- Que foi?

[ă]

- Que que é?

Cça.: (puxa o lado da camiseta que veste com uma das mãos e vocaliza):

[ă]

M.: [ă]

- Cadê a barrigona da Má?

Cça.: (coloca a mão esquerda espalmada sobre a boneca que está no sofá, olhando a boneca)

M.: (aproxima-se do sofá, aponta a boneca dizendo):

- A fitinha do nenê saiu... Vamos arrumar a fitinha do nenê...

Cça.: (olha a mãe mexer na boneca e sai andando em outra direção)

SITUAÇÃO 29 (Cça.: 01 ano e 02 meses)

Mesmo contexto da situação 28.

Cça.: (pega a boneca que estava no sofá e anda em direção a um espaço entre o sofá e um grande vitraux)

M.: (em pé, observa a criança e pergunta):

- Onde cê vai?

Cça.: [ă]

(sentando-se no espaço acima descrito)

M.: [ă]

Cça.: [não visível]

M.: (rindo)

- Levanta Mayara.

Cça.: (levanta-se, ainda carregando a boneca e vocaliza):

[de]

M.: [de]

- Senta aí!

Cça.: (senta-se no parapeito do vitraux)

M.: - Issol!

SITUAÇÃO 30 (Cça.: 01 ano e 02 meses)

Mãe e criança encostadas num sofá. Mãe está sentada e criança em pé. entre as pernas da mãe.

Cça.: (ameaça chorar e tenta sair do colo da mãe)

M.: (pega com uma das mãos um chocalho com forma de rosto de palhaço, mexe em sua gravata que gira, dizendo):

- Ó Má!

Cça.: (olha atentamente para o palhaço)

M.: - Ó!

(continua girando a gravata do palhaço)

Cça.: (tenta novamente sair do colo da mãe)

M.: (põe o palhaço no sofá, dizendo):

- Ó o narizão dele...

(batendo com o dedo indicador direito no nariz do palhaço)

- Aperta o narizão dele!

Cça.: (resmunga e tenta sair)

M.: - Aperta o nariz aí.

(aponta o nariz do palhaço com o dedo indicador direito esticado)

- Ó o nariz!

M.: - É ... janela

(aponta um dos olhos do palhaço)

- ... janelinha.

(aponta o outro olho)

- Porta...

(aponta a boca do palhaço)

- ... campainha!

(aperta o nariz do palhaço com o dedo indicador direito e diz):

- Bi, bi!

Cça.: (volta a olhar o palhaço)

Cça.: (olha atentamente)

M.: - Janela... janelinha! Porta... campainha!

(tocando nos olhos, boca e nariz da criança, respectivamente)

Cça.: (resmunga e põe o dedo indicador direito no nariz do palhaço)

M.: - bi, bi! Faz aí então.

Cça.: (mantém o indicador no nariz do palhaço)

M.: - Janela...

Cça.: (coloca o dedo indicador esquerdo em seu próprio olho esquerdo, enquanto mantém os outros dedos dobrados)

M.: - ... janelinha...

Cça.: (olha para a frente onde está a câmara)

M. - Porta...

Cça.: (pega o palhaço com uma das mãos)

M.: - Campinha!

Cça.: [ẽ]

M.: [ẽ]

(segura com as mãos o palhaço, juntamente com a criança e diz):

- Bi, bi!

Cça.: (sai do colo da mãe e fica mexendo na gravata do palhaço)

SITUAÇÃO 31 (Cça.: 01 ano, 02 meses e 29 dias)

Mãe, criança e A. (amiga da mãe) na sala de estar da casa da criança.

Cça.: (em pé, num vão existente entre o sofá e o vitraux, olhando para a câmara)

M.: [não visível]

- Vem cá, Má! Ó o nenezinho.

Cça.: (olha para a direção onde está a mãe)

M.: - Vem pegar o nenezinho!

Cça.: (virada novamente para a câmara, baixa ligeiramente a cabeça e a gira para a direita e para a esquerda, duas vezes)

M.: - Não, não?

A.: [não visível]

- Vem chamar a Susi!

Cça.: (olha na direção de A.)

SITUAÇÃO 32 (Cça.: 01 ano, 02 meses e 29 dias)

Mesmo contexto da situação anterior, alguns segundo depois.

Cça.: (continua no vão entre o sofá e o vitrau. Vira-se de lado para a câmara e vocaliza, olhando para a mãe)

[o bo.]

M.: - Oí?

Cça.: [*o b/ó*]

(estica o dedo indicador esquerdo na direção do vitraux, mantendo-o esticado enquanto os outros dedos estão dobrados)

M.: - O bô não tá aí ! O vô tá lá!

(aponta para a direção da porta que leva à rua)

Cça.: (olha para a direção indicada pela mãe)

M.: - Foi lá na rua.

Cça.: (olha para a mãe e vocaliza):
[*õ*]

M.: - É!

SITUAÇÃO 33 (Cça.: 01 ano, 02 meses e 29 dias)

Mesmo contexto das situações 31 e 32.

Cça.: (em pé, apoiada na mesa que está no centro da sala)

M.: (encostada na mesa de centro, está sentada no chão tentando dar iogurte para a criança e diz):

- Quer mais?

(colocando a colher próxima à boca da criança)

Cça.: (vira-se de costas para a mesa)

M.: - Não?

Cça.: (de costas para a mesa, com os braços estendidos ao longo do corpo. Levanta ambos os braços até a altura da cintura, vira as palmas das mãos para cima e vocaliza):

[*b/ó.*]

(sai andando em direção à cozinha)

M.: (segue a criança com o olhar, perguntando):

- Acabou o que?

Cça.: (aproxima-se da mãe e vocaliza):

[ẽ]

M.: - Que que você quer, Mayara?

Cça.: (passa a prestar atenção em A.)

A.: (entrete a criança com um isqueiro).

SITUAÇÃO 34 (Cça.: 01 ano, 02 meses e 29 dias)

Mesmo contexto das situações 31, 32 e 33.

Cça.: (no corredor que leva à cozinha, está de frente para uma porta que leva ao quintal, com a mão na maçaneta)

M.: - Ó Má...

Cça.: (olha para a mãe, sem soltar a mão da maçaneta)

M.: - Olha a Susi vem vindo. Vem chamar a Susi!

[Susi é o nome do cachorro de A.].

Cça.: (permanece como estava)

M.: - Vem chamar a Susi...

Cça.: (encaminha-se para onde está a mãe)

M.: - A Terezinha... a Susi...

Cça.: (põe a mão direita na perna esquerda da mãe e fica olhando na direção da porta que leva à rua)

M.: (sussurrando)

- Escuta: au!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (aproxima seu rosto ao rosto da criança, dizendo):

- Au, au, au, au...

Cça.: (sorri e dá um passo para trás)

M.: (olhando para a criança, diz):

- Como que a Susi faz?

Cça.: (ameaça soltar-se da mãe que a segura com uma das mãos)

M.: (tenta entretê-la com outro brinquedo)

SITUAÇÃO 35 (Cça.: 01 ano, 02 meses e 29 dias)

Mesmo contexto das situações 31, 32, 33 e 34.

Cça.: (em pé, num espaço existente entre a estante da sala e uma parede)

M.: (sentada no chão, de frente para o lugar onde está a criança, diz):

- Senta aí!

Cça.: (ergue o braço direito ao lado do corpo até a altura do ombro. Estica o dedo indicador na direção da estante, mantendo os outros dedos esticados, enquanto vocaliza):

[*o e e*]

M.: - O quê?

Cça.: (apoia a mão direita espalmada sobre uma prateleira da estante e olha para a mãe)

M.: - Para a Andréa se esconder aí?
Não!

SITUAÇÃO 36 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Mãe, criança e B. (amiga da criança) estão brincando de chutar a bola uma para a outra.

M.: - Chuta Má!

Cça.: (chuta a bola na direção de B.)

M.: - Gooooo!!

(batendo palmas)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (está conversando com B.)

B.: (conversando com M. e segurando a bola)

Cça.: (olha para a bola que está com B. Estende o braço direito nesta direção com a mão aberta e a palma da mão voltada para o lado esquerdo dela. Imediatamente após, dobra os dedos deixando apenas o dedo indicador ereto)

M. e B.: (continuam conversando)

Cça.: (olhando para a bola, ergue ligeiramente a perna direita do chão jogando-a para a frente como se chutasse a bola. Repete este movimento três vezes)

M. e B.: (continuam conversando)

Cça.: (anda até a bola, abaixa-se e tenta pegá-la, vocalizando):

[] [] []

M.: - Pera aí...

(remetendo-se a B.)


-Fica aí chutando com a Bia...

Cça.: (pega a bola)

SITUAÇÃO 37 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Mãe e criança chutando a bola uma para a outra. Alguns segundos após a situação 36.

Cça.: (chuta a bola em diagonal. Observa o percurso da bola e vocaliza):

[]

(estica o braço direito na direção em que a bola está indo com o dedo indicador esticado e os outros dedos dobrados)

M.: - Ã, gooooo!!

(enquanto anda em direção à bola para apanhá-la)

Cça.: [3]

M.: [3]

(jogando a bola para a criança)

Cça.: (abaixa-se e segura a bola com as duas mãos. Solta a mão direita da bola e, sem levantar o corpo, estende o braço direito a sua frente com o dedo indicador ereto e os outros dobrados, enquanto vocaliza):

[3 3]

M.: (caminha para o local indicado pela criança, pára de frente para ela e pergunta):

- Aqui?

Cça.: (joga a bola para a mãe)

SITUAÇÃO 38 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Mãe, criança e B. na sala de estar da casa da criança.

Cça.: (próxima ao sofá, de costas para a mãe, manipulando a bola)

M.: (em pé)

- Vamos brincar agora um pouquinho de "pinhé"? Vem fazer pinhé com a mamãe...

(enquanto ajoelha-se no chão)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - ... vem !

(estendendo o braço esquerdo à frente, com a palma da mão voltada para baixo, para o chão)

Cça.: (aproxima-se da mãe e bate sua mão direita na mão esquerda da mãe)

M.: - Vem Bia, fazer pinhé!
(coloca sua mão direita sobre a mão da criança)

B.: (aproxima-se da dupla. Pega a mão esquerda da criança e a coloca sobre a mão direita da mãe e depois coloca sua mão esquerda sobre a mão da criança)

M.: - Pinhé, pinhé...

[todos levantam e abaixam os braços sem tirar as mãos das posições em que se encontram]

M.: ... pinhé !

[todos "desmancham" a figura que formavam]

Cça.: (ri e se afasta)

SITUAÇÃO 39 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Continuação da situação 38.

M.: -Venha aqui. Vamos brincar de novo!

Cça.: (pega a bola)

M.: - Ah, você vai brincar de bola?

Cça.: (anda em direção à mãe, carregando a bola)

M.: - Então chuta aqui.

Cça.: (dá a bola à mãe)

M.: (pega a bola das mãos da criança com as duas mãos. Põe a bola em cima de sua cabeça e a solta. Imediatamente impulsiona a bola para frente com a cabeça, segurando-a na altura da testa com as duas mãos e diz):

- Ai!

(olhando para a criança)

Cça.: (estende o dedo indicador na direção de B., mantendo os outros dedos dobrados, enquanto vocaliza):

[3]

B.: (sentada ao lado de M.)

M.: (joga delicadamente a bola contra a cabeça de B. segurando-a em seguida e diz):

- Ai!

(vira-se para frente dizendo):

- Agora na Mayarinha.

(jogando a bola levemente contra a cabeça da criança e a pegando em seguida)

Cça.: (estica o braço esquerdo em sua diagonal esquerda, mantendo o dedo indicador esticado e os outros dobrados, enquanto vocalia):

[ẽ]

[local não visível]

M.: - Não. Na Mayarinha...

Cça.: (olha para frente)

M.: (repete a brincadeira com a criança, dizendo):

- Opa!

Cça.: (olha para a sua diagonal esquerda e sorri)

M.: - Agora na mamãe!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (joga a bola contra a sua própria cabeça, pegando-a em seguida e diz):

- Ai!

Cça.: (olhando a mãe)

M.: - Na Bia...

(repete a brincadeira com B.)

Cça.: (olha para B.)

M.: - Agora na Mayarinha.

Cça.: (dá alguns passos à frente com o dedo indicador ereto e os outros dobrados na direção de um boneco, vocalizando):

[3 k z]

M.: (vira-se para a direita onde está o boneco. Vira a frente do boneco para si, dizendo):

- Ah, no ursinho.

(joga a bola contra o ursinho que bate em sua cabeça e escorrega para o chão)

- Opa!

(pegando a bola e olhando para a criança)

Cça.: (estica o dedo indicador na direção do ursinho, mantendo os outros dedos dobrados. Anda mantendo o dedo indicador ereto até que este encoste no ursinho, vocalizando):

[S.I.]

M.: - Quem que é?

(segurando a bola)

Cça.: (vira-se para a mãe e pega a bola)

M.: - ã?

Cça.: (segurando a bola com as duas mãos, vira-se para o ursinho e joga a bola na cabeça deste, vocalizando):

[k z]

M.: - Ai! Vai pegar a bola...

Cça.: (vai buscar a bola que saiu rolando)

SITUAÇÃO 40 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

40a)

M.: (ajoelhada no chão da sala, segurando a bola com a mão direita)

Cça.: (em pé, próxima ao sofá, olhando atentamente para a mãe)

M.: - Fica aqui, ó!

(apontando o lugar onde a criança deveria ficar)

Cça.: (sai andando, passa pelo lugar indicado pela mãe mas fica de costas para ele pois anda até a mesa de centro)

M.: - Não! Aqui ó!

(segurando a bola com a mão direita, flexiona o tronco de modo a se aproximar do lugar que indicara e bate a bola neste ponto por duas vezes, sem solta-la)

Cça.: (vira-se e anda de volta até o sofá)

M.: - Aqui Mayara...

(solta a bola, apoia-se na mão esquerda e aponta com o dedo indicador direito o lugar desejado)

- ... fica você aqui, ó! Aqui!

(batendo o dedo indicador direito duas vezes no mesmo lugar)

Cça.: (vai até o lugar indicado pela mãe, ficando de costas para esta)

M.: - É, isso!

(sentada sobre as pernas e segurando a bola com as duas mãos)

Cça.: (volta a se encostar no sofá e olha para a mãe)

M.: - Para você chutar. Vem chutar para fazer gol.

(levanta o corpo, ficando ajoelhada. segura a bola com a mão esquerda e mostra o lugar desejado com o braço direito um pouco à frente e a mão direita voltada para baixo)

- Vem cá. ó. Vem cá, fica aqui você.

(apontando o lugar com o dedo indicador direito)

Cça.: (sai andando)

M.: (detém a criança pelo braço, fazendo-a ficar no lugar que apontara)

- Isso! Olha aqui para a mamãe.

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Chuta a bola.

(jogando a bola para a criança)

Cça.: (detém a bola com a mão esquerda e a chuta com o pé direito)

M.: (pega a bola e sussura):

- Aaaaaa!

40b)

Cça.: (anda de volta para o sofá. Mantendo os outros dedos dobrados, estica o dedo indicador direito em direção ao chão próximo ao sofá e olha para a câmera)

M.: - O quê?

Cça.: (olha para a mãe, encostando-se no sofá)

M.: - O quê?

Cça.: (olhando para a mãe, estica o dedo indicador direito em direção ao mesmo lugar)

M.: - O quê?

Cça.: (levanta a perna direita à frente como se chutasse a bola)

M.: - O que que você quer?

Cça.: (afasta-se ligeiramente do sofá mas continua segurando-se nele com a mão direita. Estende o braço esquerdo na direção da mãe e estica o dedo indicador nesta direção, mantendo os outros dedos esticados)

M.: (segurando a bola com as duas mãos, ergue-a até a altura de seu peito, dirige-a para a direção onde está a criança e diz):

- Como que chama?

Cça.: (volta a se encostar no sofá, enquanto vocaliza em baixíssima intensidade)

[ẽ]

M.: (rindo)

[ẽ]

- Como que chama?

(olhando para a criança, passa a segurar a bola somente com a mão direita, erguendo-a até a altura de seu ombro direito)

Cça.: (mesma posição anterior)

[e e e]

M.: - Ā?

Cça.: (ainda encostada no sofá)

[a]

M.: - Como que chama?

Cça.: [u]

(enquanto ergue a perna direita à frente, como se chutasse uma bola)

M.: - Não! Fala bo-la! Bola.

(abaixando ligeiramente o tronco e olhando para a criança)

40c)

Cça.: (estende o braço esquerdo na direção da mãe, movendo ligeiramente o ombro nesta direção. Com a mão aberta, os dedos unidos e a palma da mão voltada para baixo, vocaliza olhando para a mãe)

[ẽ]

M.: (joga a bola para a criança)

[A bola bate na perna da criança e vai para outra direção]

Cça.: (olha para a direção da bola enquanto ergue a perna direita. Ao mesmo tempo, estende o braço direito nesta mesma direção, esticando o dedo indicador direito e mantendo os outros dedos dobrados. Volta a perna para o chão, novamente estica o dedo indicador mantendo os outros dobrados e olha para a mãe)

M.: - Pega lá...

(apontando com o dedo indicador direito a direção da bola)

- vai pegar a bola.

Cça.: (sai andando na direção da bola e se abaixa para pega-la)

SITUAÇÃO 41 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Mãe e criança brincando no chão da sala de estar. Há uma bola e um pequeno cavalo de madeira onde uma pequena boneca está sentada.

Cça.: (manipula o cavalinho, tirando dele a boneca)

M.: - Tira. Issol

(ajoelhada no chão, sentada sobre as pernas)

Cça.: (pega a boneca pelo pé deitando-a, em seguida, em seu braço)

esquerdo. Com a mão direita aberta, coloca a palma da mão na boneca, balança o corpo e olha para a mãe enquanto vocaliza):

[3̃]

M.: - Ah, nana nenê...

(cantando e balançando ligeiramente o corpo para os lados enquanto bate a palma da mão direita contra o peito do lado esquerdo e olha para a criança).

Cça.: (olha para a mãe e depois para a sua diagonal direita)

[não visível]

SITUAÇÃO 42 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

42a) Mãe e criança brincando com o cavalinho de madeira.

Cça.: (põe o cavalinho no chão e pega a boneca. Carrega-a no braço esquerdo, coloca a palma da mão direita sobre a boneca e balança o corpo para a frente e para trás enquanto olha para a mãe e vocaliza):

[ñe]

M.: (sentada no chão bem próxima da criança).

- Nana nenê...
(cantando)

42b)

Cça.: (ri e olha para a sua diagonal. Volta a olhar para a boneca e coloca o dedo indicador esticado na sua boca. Olha para a diagonal [não visível] sorrindo)

M.: - Boquinha. Cadê o olhinho do nenê, Má?

Cça.: (olha para a mãe. Mantendo os outros dedos dobrados, estica o dedo indicador direito para a direção do olho da boneca, enquanto olha para esta)

M.: - Isso! E o narizinho?

Cça.: (olhando para a boneca, coloca o dedo indicador esticado no nariz desta mantendo os outros dedos dobrados)

[A porta da rua é aberta, fazendo barulho]

Cça.: (olha para a direção da porta da rua)

42c)

M.: (sussurrando)

- Quem que é?

Cça.: (olha para a mãe e vocaliza):

[p e]

M.: [p e]

- Então bota o nenezinho aí.

Cça.: (olha para o seu lado direito e vocaliza):

[e]

M.: - Ai!

Cça.: (olha novamente para a porta e vocaliza):

[p a e]

(olha para a mãe)

M.: - Não é o papai, é a vó.

(olhando para a criança)

Cça.: (olhando para a mãe enquanto vocaliza):

[e]

M.: - É a vó.

Cça.: [e]

M.: - A vó...

(olhando para a criança)

Cça.: [b e]

M.: - É.

(meneando positivamente a cabeça)

Cça.: (olha para a diagonal, volta a olhar para a mãe e vocaliza):

[*bó*]

M.: - Vô!

SITUAÇÃO 43 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

Mãe e criança sentadas no chão da sala. Criança manipulando um brinquedo.

M.: - Má...

(batendo com a mão direita no pé da criança)

- ... vamos cantar a música daquela "pombinha branca que está fazendo"?

Cça.: (olha para a mãe e depois para a câmera)

M.: (cantando)

- Pombinha branca que está fazendo...

(com ambos os braços abertos ao lado do corpo parados enquanto as mãos, com as palmas voltadas para o chão, movimentam-se para cima e para baixo, através de um movimento dos pulsos)

Cça.: (olha para a tia que está sentada no sofá)

M.: (toca no pé da criança e diz):

- Olha aqui Mayara.

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Lavando roupa...

(a mão esquerda está fechada com a palma voltada para cima na altura do peito. A mão direita, também fechada, com a palma voltada para baixo)

colocada acima da outra mão. Enquanto a mão esquerda permanece imóvel, a mão direita desliza rapidamente sobre ela, para frente e para trás).

Cça.: (brincando com alguns brinquedos)

M.: - Olha aqui Mayara!

(toca no pé da criança)

- Psiu, Mayara.

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Vamos cantar da pombinha?

Cça.: (olha para o lado direito onde B. está sentada e realiza algum movimento)

[criança de costas para a câmera: movimento não identificável]

M.: (cantando)

- Pombinha branca que está fazendo?
Lavando roupa pro casamento!

(realiza os dois gestos já descritos)

Cça.: (olha para a tia, para a câmera e para o brinquedo que está em seu colo)

M.: - Vou me lavar...

(coloca a mão direita na cabeça e a esquerda no peito. Ambas as mãos estão abertas com as palmas voltadas para o próprio corpo e se movimentam através de um dobrar rápido dos dedos)

- Chiu! Olha aqui agora...

(aproxima-se da criança esticando seus braços e começa a tirar os brinquedos que estão no meio das pernas dela)

- ... que não é para brincar. Vamos cantar a música da pombinha!

Cça.: (sentada no chão, sustenta as mãos na altura do peito, com as palmas voltadas para o próprio corpo)

e movimenta as mãos de modo que uma mão passe para a frente da outra sucessivamente, enquanto olha primeiramente para a mãe e depois para B.)

[gesto interpretado como "embarçar", conforme situação 10]

M.: (cantando)

- Pombinha branca que está fazendo?
Lavando roupa pro casamento.

Cça.: (pega o cavalinho de madeira)

[Mãe continua tentando introduzir a canção mas a criança está envolvida com os brinquedos]

SITUAÇÃO 44 (Cça.: 01 ano, 04 meses e 14 dias)

44a) Mãe e criança sentadas no chão da sala, uma de frente para a outra.

Cça.: (sentada no chão com as pernas abertas, olhando para baixo)

M.: (cantando)

- Eu pulo prá frente...

(os dois braços estão dobrados junto ao corpo e as mãos estão com os dedos voltados para baixo. Enquanto canta, leva os dois braços para perto da criança colocando as mãos nas pernas desta)

Cça.: (olha para baixo)

M.: - (cantando)

- Eu salto prá trás.

(traz o corpo e os braços para trás)

Cça.: (vira-se, ficando em posição de engatinho. de costas para a mãe)

M.: - Como que o coelhinho dá cambalhotas, Mayara?

Cça.: (volta a se sentar onde estava, ficando de frente para a mãe e encostada no sofá)

M.: - Como que o coelhinho dá cambalhotas?

Cça.: (olhando para a mãe, sustenta as mãos na altura do peito, com as palmas voltadas para o próprio corpo e movimenta as mãos de modo que uma passe na frente da outra sucessivamente)

M.: (concomitantemente ao gesto da criança canta):

- Dou mil cambalhotas...

(realizando o mesmo gesto da criança)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: -Ó!

(abre os dois braços ao lado do corpo com as mãos fechadas e voltadas para cima e então canta):

- sou forte demais!

(mexe ligeiramente as mãos em direção aos ouvidos através de pequeno dobrar dos cotovelos)

Cça.: (olhando para a mãe)

44b)

M.: (cantando)

- Comi uma cenoura...

Cça.: (olha em direção à porta da rua)

M.: (cantando)

- ... com casca e tudo.

Cça.: (ainda olhando em direção à porta realiza, enquanto a mãe canta, o seguinte movimento: abre os dois braços ao lado do corpo, com as palmas das mãos voltadas para frente. Traz os dois braços para frente do corpo, encostando as palmas das mãos uma na outra)

M.: (ri)

- O Má...

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Tão grande ela era...

(abre os dois braços ao lado do corpo com as mãos abertas e as palmas voltadas para frente)

Cça.: (olhando para a mãe e depois para o lado)

M.: (cantando)

- ... fiquei barrigudo!

(une as duas mãos com os braços esticados à frente da barriga, como se estivesse segurando uma grande barriga)

Cça.: (levanta-se e fica de costas para a mãe, apoiada no sofá)

44c)

M.: - E da pombinha branca que está fazendo?

Cça.: (vira-se imediatamente para a mãe e sustenta os dois braços, com as palmas das mãos voltadas para o próprio corpo, na altura do peito. Movimenta as mãos de modo que uma passe pela frente da outra sucessivamente)

M.: (cantando)

- Pombinha branca, que está fazendo?

(sem realizar qualquer gesto)

Cça.: (vira-se novamente para o sofá, pega uma violinha de plástico e volta a ficar de frente para a mãe)

M.: - Dá aqui, a mamãe...

(estendendo o braço na direção do brinquedo)

- ... toca a viola e você dança. Dá aqui!

(tentando pegar a viola)

Cça.: (continua segurando a viola e olha para a tia que está sentada em outro sofá)

M.: (cantando)

- Pombinha branca, que está fazendo?

(enquanto bate palmas)

Cça.: (tira um adesivo da viola e o joga no chão)

M.: - Vamos cantar?

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (cantando)

- Lavando roupa pro casamento.

(o braço direito está dobrado de modo que a palma da mão direita fique na altura do peito. Balança a mão direita para cima e para baixo, através de um movimento do pulso, fazendo com que as pontas dos dedos (exceto o polegar) passe ligeiramente pelo seu corpo, como se tocasse um violão)

Cça.: (segura o cabo do violão com a mão esquerda e, com a mão direita semi-aberta, passa os dedos pelas cordas do violão)

M.: (cantando)

- Vou me lavar... vou me enxugar...

Cça.: (segurando o violão pelo cabo com a mão direita vira-se para o sofá e para frente novamente, enquanto ri)

M.: (ri)

- ...vou na janela prá namorar.

(cantando)

Cça.: (segura o cabo do violão com a mão esquerda. Com a mão direita semi-aberta, os dedos voltados para as cordas do violão, passa os dedos pelas cordas de baixo para cima. Em alguns momentos, movimenta todo o instrumento mexendo também a mão esquerda)

M.: (cantando)

- Passou um homem de terno branco chapéu do lado, meu namorado.

(enquanto marca o ritmo da música movimentando o dedo indicador direito que está esticado em direção à criança)

Cça.: (enquanto segura o violão pelo cabo com a mão esquerda, olha para mãe batendo o pé direito no chão)

M.: - Ó Má!

Cça.: (olha para a mãe, enquanto passa os dedos direitos semi-dobrados pelas cordas do violão por duas vezes)

M.: (cantando)

- Mandei entrar...

(levanta o braço direito à frente semi-dobrado, com a palma da mão virada para o seu próprio corpo. Inicialmente os dedos estão esticados com as pontas para cima depois, enquanto a frase é cantada, movimenta os dedos de modo que eles se dobrem um pouco e as pontas dirijam-se ao seu corpo)

Cça.: (ainda segurando o cabo do violão na mão esquerda. Olhando para a mãe, dobra o braço direito na altura do cotovelo e com a mão semi-aberta, a palma voltada para o chão,

abaixa e levanta o braço até a altura do cotovelo por três vezes, sendo que na terceira vez leva a mão até as cordas do violão)

M.: (cantando)

- ... mandei sentar.

(imediatamente após o momento em que a criança iniciara seu movimento, realiza um movimento muito semelhante: afasta o braço esquerdo do corpo, estende o ante-braço à frente com a mão aberta, palma voltada para baixo e os dedos estão retos e unidos. Movimenta a mão para baixo e para cima por duas vezes)

Cça.: (olhando para a mão esquerda da mãe)

44d)

M.: (com uma fala cantada)

- Cuspiu no chão?

(marcando o ritmo da fala com o dedo indicador esquerdo ereto, movimentando-o para cima e para baixo)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (com uma fala cantada)

- Limpa aí seu porcalhão, vai cuspir no seu salão.

(ainda marcando o ritmo da fala movimentando o dedo indicador esquerdo ereto para cima e para baixo)

Cça.: (volta a segurar o violão com ambas as mãos: a esquerda no cabo e a direita sobre as cordas)

M.: - Tenha mais edu...

(olhando para a criança, como se esperasse que ela terminasse a palavra)

Cça.: (segurando o cabo do violão com a mão esquerda e com a mão direita semi-aberta, a palma voltada

para as cordas, passa os dedos pelas cordas do violão para cima e para baixo)

M.: - ... cação!!!

(jogando uma bola para a criança)

[A bola bate na criança e vai em direção à porta da rua]

SITUAÇÃO 45 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mãe, criança, tia materna (T.) e prima da criança (B.) participam desta filmagem que acontece na sala de estar da casa da criança.

Cça.: (em pé, apoiada na mesa de centro, olhando o álbum de figuras da novela "Carrossel")

M.: (sentada no sofá, diz):

- Mostre para a Bruna o Cirilo.

Cça.: (vira-se sorrindo para a câmera com o álbum na mão)

M.: (ajuda a criança a levar o álbum para perto de B.)

Cça.: (ajoelhando-se no chão ao lado de B., enquanto vocaliza):

[b13̃ b13̃]

M.: (rindo)

- Vá mostrar para a Bruna o Cirilo.

Cça.: (ajoelhada, apoiada nas mãos, olha para o álbum que está no chão)

M.: - Fale para ela...

(apontando uma das fotos)

- o Cirilo.

(aponta outra foto)

- A Maria Joaquina...

Cça.: (senta-se no chão e, ao fazê-lo, arrasta ligeiramente o álbum)

M.: - (apontando as fotos e dizendo seus respectivos nome)

- ... a professora Helena, a Valéria, o David, o Rabito e o Mário.

Cça.: (olhando atentamente para as figuras indicadas pela mãe)

M.: (pega o álbum, dizendo):

- Vamos guardar?

(segurando o álbum com as duas mãos na altura do peito, bate-o contra o chão de modo a acertar as páginas que se soltavam)

Cça.: (olha para a mãe, estende o braço direito com a mão semi-aberta em direção ao álbum, vocalizando):

[nã]

M.: (colocando o álbum novamente no chão e dizendo):

- Então mostre para a Bruna. Sem rasgar!

Cça.: (pega o álbum)

M.: (segura o álbum junto com a criança)

Cça.: (vira o álbum para a capa final, colocando-o no chão e vocalizando):

[nã:]

M.: - Quem que é?

Cça.: (apoiada com as mãos no chão, olhando atentamente para o álbum)

M.: - Quem é Mayara? Quem que é?

Cça.: (olhando o álbum)

B.: (põe a mão esquerda espalmada sobre o álbum)

M.: - Ai! Agora vai destruir.

Cça.: (com a mão esquerda puxa o álbum para, depois de pega-lo com as

duas mãos, leva-lo ao lado de seu corpo enquanto vocaliza, olhando para B.):

[n̄ 3̄]

SITUAÇÃO 46 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Contexto idêntico ao da situação 45.

46a)

M.: (sentada ao lado da criança. Levanta-se para poder sentar-se de frente para ela e, enquanto anda, diz):

- Vamos cantar a música da borboletinha?

Cça.: (olhando para a mãe balança a cabeça para frente uma vez)

M.: (cantando)

- Fui morar numa casinha-nha

Cça.: (enquanto segura o álbum de figuras com a mão esquerda vocaliza, ao mesmo tempo que a mãe, olhando para a câmera):

[ʃ ʃ ʃ]

M.: (cantando):

- Enfeitada-da

Cça.: (levanta o braço direito à frente do corpo, dobra-o e deixa a palma da mão voltada para o corpo e os dedos voltados para cima. Fecha e abre a mão por duas vezes, de modo que os dedos unam-se e se afastem. Volta a segurar o álbum)

M.: (cantando)

- ... de florzinha-nha

Cça.: (solta a mão direita do álbum e com ela repete o abrir e fechar de mão descrito acima por mais três vezes, enquanto olha para a mãe sem soltar a mão esquerda do álbum)

M.: (cantando)

- Saiu de lá, lá, lá

Cça.: (volta a segurar o álbum com as duas mãos e fica olhando-o e manipulando-o)

M.: (cantando)

- Uma princesinha-nha

Cça.: (coloca uma página solta do álbum do seu lado direito)

M.: (cantando)

- Olhou prá mim, olhou prá mim e fez assim...

Cça.: (olha para a mãe sem soltar a mão direita da página que colocou no chão)

M.: - Como que a princesinha fez?

Cça.: (levanta o corpo e fica em posição de engatinho sobre a página solta que está no chão)

46b)

M.: Mayara! Você vai rasgar. Dá aqui!

(aproximando-se da criança enquanto diz):

- Deixa a mamãe guardar.

(pegando o álbum)

Cça.: []

(olha para a mãe e resmunga)

M.: - Ó lá o Tom e Jerry...

(apontando a televisão, com o álbum na mão)

Cça.: (começa a chorar)

M.: (coloca o álbum no chão dizendo):

- Tó!

Cça.: (abaixa ligeiramente o corpo para olhar o álbum)

M.: - Ó o carrossel...

(apontando uma foto)

Cça.: (olhando o álbum)

M.: (cantando)

- Embarque neste carrossel.

(falando)

- Dance então!

Cça.: (olhando atentamente o álbum)

M.: - Dance!

(abaixa-se para olhar o rosto da criança e diz):

- Dance!

Cça.: (vira-se para olhar uma página do álbum que está atrás dela)

46c)

M.: - Mayarinha! Como que a princesinha fez?

Cça.: (vira-se de frente para a mãe, com a palma da mão direita voltada para seu próprio rosto. Aproxima-a da boca e a beija afastando-a em seguida)

M.: - Isso!

Cça.: (pega na barra de seu vestido com ambas as mãos e o balança para os lados)

M.: - E como que a lagartixa faz?

Cça.: (aproxima a mão direita de seu rosto, beija a sua palma e a afasta rapidamente, por duas vezes)

M.: - A lagartixa!

Cça.: (beija mais uma vez a palma da mão direita)

M.: - Não!

(mostra a língua rapidamente por duas vezes, enquanto diz):

- Hum, hum!

Cça.: (mostra a língua uma vez)

T.: - Mostra beijo para o tio lá então.

Cça.: (olha para a câmera)

SITUAÇÃO 47 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Cça.: (segurando uma boneca em seu colo)

M.: (olhando para a criança enquanto diz):

- Faz nana para o nenê.

Cça.: (carrega a boneca de frente para si pelos braços. Aproxima os braços da boneca e os afasta, vocalizando):

[bɔ:]

M.: (cantando)

- Parabéns prá...

Cça.: (mesma ação e vocalização anteriores)

M.: (cantando)

- vo...

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - vo?

Cça.: (olhando para a mãe enquanto vocaliza):

[ɔ bɔ]

M.: (cantando)

- Cê!

Cça.: (começa a manipular a boneca)

SITUAÇÃO 48 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mãe e criança no chão da sala de estar. Mãe sentada de frente para a criança que está abaixada segurando uma boneca.

M.: - Canta "boi da cara preta".

Cça.: (olhando para o chão onde está a boneca que segura e vocaliza):

[b o i]

M.: (cantando)

- Boi...

(falando)

- Canta!

Cça.: [S.I.]

M.: - ã?

Cça.: (olhando e manipulando a boneca, enquanto vocaliza):

[b a]

(em baixíssima intensidade)

M.: [koma kɛf ɛ muzikɛ bɔi]

Cça.: (olhando para a boneca vocaliza):

[b a i]

M.: [b a i]

- Que mais?

(olhando para a criança)

Cça.: (olha para a mãe e vocaliza):

[a :]

M.: (cantando)

- Boi, boi, boi...

Cça.: (olhando para a mãe)

[*boi*]

M.: (cantando)

- Boi da cara preta.

Cça.: (levanta-se carregando a boneca e vai sentar-se ao lado de B.)

B.: (sentada no chão, apoiada numa almofada)

Cça.: (senta-se na almofada)

SITUAÇÃO 49 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Cça.: (sentada na almofada, ao lado de B., segurando um violão de plástico)

M.: - Brinca de roda aí!

(apontando um lugar no chão)

Cça.: (levanta-se e olha para a mãe)

M.: - Brinca de roda!

Cça.: (segurando o cabo do violão com a mão esquerda, passa os dedos da mão direita pelas cordas do violão)

M.: (cantando)

- Atirei o pau no gato-to. Mas o gato-to...

Cça.: (senta-se novamente ao lado de B. e tira dela um círculo de madeira)

M.: - Não! Ah, Má!

B.: (chora)

M.: (dá outro brinquedo a B. dizendo):

- Tó!

Cça.: (olha para B.)

T.: - Ela chorou. Você fez ela chorar.

Cça.: (tenta colocar o círculo de madeira atrás das cordas do violão)

M.: (cantando)

- Não morreu-reu-reu. Dona Chica-ca-ca, 'dmirou-se-se-se, do berrô, do berrô que o gato deu.

Cça.: (ainda segura o violão pelo cabo com a mão esquerda e continua tentando colocar o círculo de madeira atrás de suas cordas)

M.: - Como que é?

Cça.: (olha para a mãe e faz um bico com os lábios)

M.: Mí?

Cça.: (levanta-se e, sem largar o violão, abaixa-se dobrando os joelhos enquanto vocaliza):

[]

M.: - Minhaul! Isso!

Cça.: (senta-se novamente na almofada e volta a manipular o violão)

SITUAÇÃO 50 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mãe, criança, tia materna e B. (prima da criança) na sala de estar da casa da criança.

50a)

Cça.: (segurando e manipulando uma pequena raquete de plástico)

T.: [não visível]

- Canta a do "pintor de Jundiá"!

Cça.: (segurando a raquete, olha para T.)

M.: (sentada no chão, diz):

- Vamos cantar?

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (bate com a mão fechada por três vezes no violão de madeira que segura e diz):

- Bate então na porta.

(segurando-o pelo cabo aproxima o "corpo" do violão da criança)

Cça.: (ameaça bater com a mão direita no violão mas passa a segurar a raquete pelo cabo)

M.: - Tum...

Cça.: (começa a bater a raquete no violão)

M.: - tum, tum!

Cça.: (continua batendo a raquete no violão)

50b)

M.: (afasta o violão da criança, enquanto canta):

- Quem é que bate aí?

Cça.: (bate ainda duas vezes a raquete no ar e mais duas vezes em sua própria perna quando, então, a raquete cai no chão)

M.: (cantando)

- Sou eu minha senhora: o pintor de Jundiaí!

Cça.: (abaixa o corpo na direção em caiu a raquete, vocalizando):

[]

(pega a raquete do chão com a mão direita, passa-a para a mão esquerda e se levanta da almofada onde estava sentada)

M.: (cantando)

- Pode entrar...

Cça.: (em pé, dá dois passos e abaixa-se enquanto vocaliza em forte intensidade):

[*næw e*]

M.: - Vamos cantar então!

Cça.: (levanta-se com um vidrinho na mão e o leva à boca)

50c)

M.: (cantando)

- Tinha uma banana, no meio do caminho.

Cça.: (joga no chão a raquete que ainda segurava com a mão esquerda. Anda em direção à almofada, com o vidrinho na boca "como se" o mamasse)

M.: (cantando)

- Escorreguei. Cai no espinho!

(falando)

- Que aconteceu Mayara?

Cça.: (está parada, segurando com as duas mãos o vidrinho em sua boca)

M.: (cantando)

- Doeu, ai!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (falando)

- Fez dodói aonde?

Cça.: (enquanto tira o vidrinho da boca, senta-se na almofada e vocaliza):

[*ye ye*]

M.: - Fez dodói aonde?

(apontando o dedo indicador esquerdo para a criança)

Cça.: [t e t e t e t e]

M.: Aonde fez dodói? No meu...

(colocando a palma da mão esquerda sobre o quadril esquerdo)

Cça.: [t e]

(colocando a mão esquerda espalmada sobre seu quadril esquerdo)

M.: (falando)

- bum bum.

(cantando)

- Tchibum, tchibum.

50d)

Cça.: (volta a colocar o vidrinho na boca, enquanto balança o corpo de um lado para o outro)

M.: (falando)

- E daí?

Cça.: (sem tirar o vidrinho da boca, vocaliza):

[e e a e]

M.: (cantando)

- Aiaiaiaiaiaia.

Cça.: (olhando para a mãe com o vidrinho na boca)

50e)

M.: (falando)

- E daí?

Cça.: (com o vidrinho na boca, continua olhando para a mãe)

M.: (cantando)

- Fui para o médico de caminhão que para me curar...

(falando)

- Me deu o quê?

Cça.: (tira o vidrinho da boca, leva a cabeça para frente e para cima enquanto vocaliza):

[e | a | a:]

M.: (cantando)

- Uma injeção. Doeu ai!

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (falando)

- Fez dodói aonde?

Cça.: (olhando para a mãe enquanto vocaliza):

[a | a |]

M.: (cantando)

- Fez dodói no meu bum bum. Tchibum, tchibum...

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (falando)

- O que que vai acontecer?

Cça.: [e | a |]

M.: (cantando)

- Aiaiaiaiaiai.

Cça.: (volta a colocar o vidrinho na boca)

SITUAÇÃO 51 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mesmo contexto da situação 50.

51a)

Cça.: (sentada no chão, segurando o violão pelo cabo com a mão esquerda e com a mão direita segura o vidrinho na boca. Olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Eu perdi o dó da minha viola. Da minha viola eu perdi o dó!

(marcando o ritmo da música com um balançar de cabeça)

Cça.: (olha para T. que está sentada no sofá)

M.: (cantando)

- Dormir...

(levanta o braço esquerdo dobrado ao lado do corpo com a palma da mão voltada para a direção do ouvido. Inclina a cabeça para a esquerda de modo que a mesma fique recostada na palma da mão e canta):

- ... é muito bom, é muito bom!

(marcando o ritmo da música com um balançar de cabeça)

Cça.: (com o vidrinho na boca olha atentamente para a televisão)

M.: - Cante Mayara! Faça os gestos então.

51b)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

-Dormir...
(repete o gesto anterior)

Cça.: (inclina a cabeça para a direita e a apoia na palma da mão direita)

M.: (cantando e repetindo o mesmo gesto anterior)

- ... é muito bom, é muito bom!

Cça.: (ainda com a mão direita espalmada na lateral da cabeça, volta o pescoço para o centro do corpo. Inclina rapidamente a cabeça e volta com ela para o centro, abaixando o braço direito)

M.: (cantando)

- É bom camarada, é bom camarada. É bom, é muito bom!

(com as mãos na altura do peito, bate com os dedos da mão direita unidos contra a palma da mão esquerda deslizando-os sobre ela. Imediatamente, vira a mão direita para cima e bate com os dedos da mão esquerda unidos contra a palma da mão direita deslizando-os sobre ela. Realiza este "bater de palmas" enquanto canta, alternando as mãos: ora a direita sobre a esquerda, ora a esquerda sobre a direita)

Cça.: [ao mesmo tempo que a mãe]

(segurando o vidrinho com a mão esquerda, bate com a palma da mão direita contra a mão esquerda, enquanto movimenta esta mão para cima e para baixo. Marca o ritmo da música batendo o pé direito contra o chão)

M.: (cantando)

- É bom camarada, é bom camarada. É bom, é muito bom!

(repetindo o "bater de palmas" anterior)

Cça.: [ao mesmo tempo em que a mãe está cantando]

(marca o ritmo da música, batendo o pé direito contra o chão e olhando para ele. Mantém a mão direita parada e, com a mão esquerda, continua segurando o vidrinho)

M.: - Do ré agora! Remar...

Cça.: (segurando o vidrinho com as duas mãos, olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Eu perdi o ré da minha viola!

Cça.: (acompanha o ritmo da música, balançando o corpo para a esquerda e para a direita).

M.: (cantando)

_ Da minha viola...

Cça.: (vira o corpo para a esquerda e pega o violão de madeira que estava ao seu lado)

M.: (cantando)

- eu perdi o ré.

Cça.: (segura o violão como se fosse tocá-lo)

51c)

M.: - Ó!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Remar....

(com os dois braços encolhidos na altura do busto, as mãos fechadas voltadas para baixo. Estica os dois braços para frente, mantendo as mãos fechadas e volta a encolhê-los. Gesto interpretado como "remar")

Cça.: (ainda com o violão no colo, estica os dois braços à frente com as mãos abertas, olhando para a mãe)

M.: (cantando)

- é muito bom, é muito bom.

(repetindo o gesto interpretado
como "remar")

Cça.: [enquanto a mãe canta]

(olhando para a mãe, volta os braços
e os repousa sobre o violão,
enquanto vocaliza junto com a mãe):

[b o b o b o]

M.: (cantando)

- Remar...

(realiza gesto interpretado como
"remar").

Cça.: (encolhe os braços na altura
do busto com as mãos fechadas e
voltadas para baixo. Ameaça esticá-
los mas os repousa sobre o violão)

M.: (cantando)

- é muito bom! É muito bom!

Cça.: (olhando para o violão que
segura pelo cabo com a mão esquerda.
Passa os dedos da mão direita pelas
corda do violão de cima para baixo,
repetidas vezes)

M.: - É bom camarada, é bom camarada.
É bom, é muito bom!

(realizando "bater de palmas" já
descrito, enquanto canta)

Cça.: (olhando para o violão e
realizando sobre ele a mesma ação
descrita acima)

M.: (cantando)

- É bom camarada, é bom camarada! É
bom, é muito bom!

(realizando "bater de palmas" já
descrito)

Cça.: (olha para o chão enquanto
marca o ritmo da música batendo o pé)

direito contra o chão. Olha para as mãos da mãe e, imediatamente após, realiza o seguinte movimento: as mãos estão na altura do peito, sendo que a mão esquerda tem sua palma voltada para cima e a direita está com a palma voltada para baixo. Bate com os dedos da mão direita unidos contra a palma da mão esquerda e, em seguida inverte a posição das mãos, passando a bater com os dedos da mão esquerda unidos contra a palma da mão direita)

51d)

T.: [não visível]

- Ó lá, Má!

Cça.: (olha para a tia, sem parar de bater palmas da maneira descrita acima)

T.: - Ó lá! Lá na televisão.

M.: [ao mesmo tempo que T.]

(cantando)

- Eu perdi o mi...

Cça.: (sem para de bater palmas como descrito acima, olha para a mãe)

T.: - Na televisão!

M.: [ao mesmo tempo que a tia]

(cantando)

- ... da minha viola!

Cça.: (olha para a tia)

T.: [não visível]

- Ó lá, ó lá. O carrossel!

Cça.: (olha para a sua esquerda onde está a televisão)

M.: (cantando)

- Da minha viola eu perdi o mi.

(falando)

- Ó!

Cça.: (vira-se ligeiramente)

M.: (cantando)

- Mingau é muito...

(posiciona sua mão direita na altura do rosto com a palma da mão voltada para ele. Abre e fecha os dedos indicador, médio, anelar e mínimo de modo que, quando fecha a mão, as pontas dos dedos tocam na fronteira entre o final da palma da mão e o início do pulso. Realiza o gesto próximo à boca várias vezes, enquanto canta)

Cça.: (olha novamente para a televisão)

M.: - Mayara!

Cça.: (vira o corpo para trás e para baixo, como se procurasse algo atrás dela)

M.: (falando)

- Olha aqui do mingau...
(assovia)

- ... olha!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Mingau é muito bom, é muito bom!

(posiciona sua mão direita na altura do rosto com a palma da mão voltada para ele. Abre e fecha os dedos indicador, médio, anelar e mínimo de modo que, quando fecha a mão, as pontas dos dedos tocam na fronteira entre o final da palma da mão e o início do pulso. Realiza o gesto próximo à boca várias vezes, enquanto canta)

Cça.: (olhando para a mãe, aproxima sua mão direita de seu rosto com a palma voltada para ela. Abre e fecha os dedos indicador, médio, anelar e

mínimo de modo que, quando fecha, os dedos toquem a fronteira entre o final da palma da mão e o início do pulso. Realiza este movimento próximo à boca duas vezes, enquanto vocaliza):

[bõ bõ bõ]

(vira-se novamente para a televisão e realiza o mesmo movimento mais duas vezes).

51e)

M.: (cantando)

- É bom camarada, é bom camarada.

(com as mãos na altura do peito, bate com os dedos da mão direita unidos contra a palma da mão esquerda deslizando-os sobre ela. Imediatamente, vira a mão direita para cima e bate com os dedos da mão esquerda unidos contra a palma da mão direita deslizando-os sobre ela. Realiza este "bater de palmas" enquanto canta, alternando as mãos: ora a direita sobre a esquerda, ora a esquerda sobre a direita)

Cça.: (olhando para a televisão, bate palmas da seguinte maneira: bate com os dedos da mão direita sobre a palma da mão esquerda deslizando-os sobre ela e elevando um pouco a mão esquerda. Realiza este "bater de palmas" mais duas vezes, sem alternar as mãos)

M.: (cantando e rindo)

- É bom, é muito bom!
(mesmo "bater de palmas descrito acima)

Cça.: [enquanto a mãe canta]

(vira-se para a direção da mãe, bate palmas da maneira descrita acima mais duas vezes e olha para o violão que continua em seu colo. Coloca as mãos nele)

51f)

M.: (falando)

- Do fá agora.

(cantando)

- Eu perdi o fá da minha viola.

Cça.: (manipulando o violão, enquanto olha para ele)

M.: (cantando)

- Da minha viola, eu perdi o fá!

(manipulando uma bonequinha de plástico)

Cça.: (solta o violão, levanta-se e olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Falar...

(os dedos mínimo, anelar e médio estão unidos, sendo que o dedo médio está encostado no polegar e o dedo indicador está ereto. Com os dedos assim colocados, leva o indicador até a boca e o afasta através de um movimento do braço)

Cça.: (olhando para a mãe, vocaliza ao mesmo tempo que ela):

[f e a:]

M.: (cantando)

- ... é muito bom, é muito bom.

(realiza várias vezes o gesto descrito acima, enquanto canta)

Cça.: (balança a saia do vestido cuja barra segura com as duas mãos, enquanto vocaliza):

[S.I.]

M.: (cantando)

- Falar é muito bom, é muito bom!

(realiza o mesmo gesto descrito anteriormente várias vezes)

Cça.: (balançando a saia do vestido vocaliza, ao mesmo tempo que a mãe):

[a: bõ]

(volta a olhar a televisão)

M.: (cantando)

- É bom camarada, é bom camarada. É bom, é muito bom!

(com as mãos na altura do peito, bate com os dedos da mão direita unidos contra a palma da mão esquerda deslizando-os sobre ela. Imediatamente, vira a mão direita para cima e bate com os dedos da mão esquerda unidos contra a palma da mão direita deslizando-os sobre ela. Realiza este "bater de palmas" enquanto canta, alternando as mãos: ora a direita sobre a esquerda, ora a esquerda sobre a direita)

Cça.: (olhando atentamente a televisão)

51g)

M.: - Quem que é Mayara? Quem que é? À Mayarinha?

Cça.: (olhando a televisão)

M.: - Quem que é a chata? Ó lá, Má! Quem que é?

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - É a Xuxa?

Cça.: (balança levemente a cabeça para frente)

M.: - É a Xuxa?

Cça.: (balança levemente a cabeça para a direita e para a esquerda)

M.: - Não?! É a Angélica?

Cça.: (balança levemente a cabeça para frente)

M.: - Éééé!

(rindo)

Cça.: (olha a televisão)

M.: - O Má...

Cça.: (olha para a mãe)

51h)

M.: - ... a do silêncio agora!

(cantando)

- eu perdi o si...

Cça.: (olha para a televisão)

M.: (cantando)

- ... da minha viola! Da minha viola eu perdi o si!

Cça.: (olhando a televisão)

M.: (toca o braço da criança e diz):

- Ó!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (canta sussurrando)

- Silêncio é muito bom, é muito bom!

(levando o dedo indicador ereto para o meio dos lábios e mantendo-o aí enquanto canta)

Cça.: (olha para a televisão)

M.: - Faz o silêncio.

(toca novamente o braço da criança)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Ó lá! A Bruninha está falando.
Fala para ela: chiuuu!

(leva o dedo indicador ereto ao meio
dos lábios)

Cça.: (olha para a direção onde está
B.)

M.: (mantendo o dedo indicador no meio
dos lábios, enquanto diz):

- Silêncio!

Cça.: (olha a televisão)

M.: - Faz Mayarinha!

Cça.: (olhando atentamente a
televisão)

SITUAÇÃO 52 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mãe, criança, tia materna (T.) e prima da criança (B.) na sala de estar da
casa da criança.

Cça.: (sentada no chão de frente
para a mãe)

M.: (sentada no chão diz):

- Que que você quer?

Cça.: (estende o braço direito à
frente, com a mão aberta e a palma
voltada para o seu lado direito)

M.: - Ah! Boa tarde!

(estende seu braço direito e aperta a
mão da criança dizendo):

- Boa tarde! Vai fazer "boa tarde"
para a tia.

Cça.: (estende o braço direito com a
mão aberta em sua diagonal direita,
onde a tia está)

T.: (sentada no sofá com B. em seu
colo diz):

- Pode levantar aqui, eu não vou aí não.

Cça.: (volta o braço para perto do corpo)

T.: - Venha aqui!

Cça.: (estende novamente o braço direito com a mão aberta para a direção de T.)

T.: - Levanta!

Cça.: (mantendo o braço em posição, levanta-se e se aproxima de T.)

T.: (pega com sua mão direita a mão da criança e a balança para cima e para baixo rapidamente, enquanto diz):

- Boa tarde!

Cça.: (solta sua mão da mão da tia)

M.: - E para a Bru Bru?

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - E para a Bru?

Cça.: (estende o braço na direção de B.)

B.: (está chorando)

T.: (levanta-se do sofá carregando B. para troca-la)

Cça.: (volta a sentar-se de frente para a mãe)

SITUAÇÃO 53 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mesmo contexto da situação 52.

53a)

M.: (segurando uma revista)

Cça.: (em pé, de frente para a mãe, olhando para baixo onde está a revista)

M.: - Ó o violão!

(apontando a foto de um violão)

Cça.: (ajoelha-se)

M.: - Toque o violão para a Bruna ver.

Cça.: (olha para a foto apontada pela mãe)

M.: [dirigindo-se a T.]

- Vá lá buscar o violão dela, para ela cantar e dançar.

T.: (levanta-se e sai da sala).

Cça.: (acompanha o movimento da tia com o olhar)

M.: - Você toca o violão para a Bruninha ver?

Cça.: (estica o dedo indicador, mantendo os outros dedos dobrados, em direção à câmera)

M.: - Para o tio ver você tocar? Como que o violão faz?

53b)

Cça.: (leva o dedo indicador ereto para o seu olho direito e olha para a mãe)

M.: (coloca seu dedo indicador ereto em seu próprio olho direito e diz):

- Janela...

(olhando para a criança)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: - ... janelinha. Porta...

(aponta seu olho esquerdo e sua boca respectivamente e diz):

- ... campainha!

(aponta para o seu nariz dizendo):

- Bi, bi!

(enquanto aperta o dedo indicador contra o nariz por duas vezes)

Cça.: (volta a olhar a revista)

SITUAÇÃO 54 (Cça.: 01 ano e 06 meses)

Mesmo contexto da situação 53.

Cça.: (sentada no chão de frente para a mãe)

T.: (entra na sala e dá um violão de madeira para a criança)

Cça.: (pega o violão e o segura em posição para tocá-lo)

M.: - Cante a música da "cabeça, ombro, joelho e pé".

(cantando)

- Cabeça, ombro, joelho e pé! Joelho e pé! Joelho e pé!

Cça.: (balança o corpo para frente e para trás enquanto segura o cabo do violão com a mão esquerda. Com a mão direita aberta voltada para o violão, passa os dedos pelas cordas do violão de cima para baixo)

[corte na filmagem]

M.: (cantando)

- Olhos, ouvidos, boca e nariz!

Cça.: (manipulando o violão)

M.: - Mayara! Mayara!

(assovia)

- Ô Mayara!

(assovia)

Cça.: (com o violão no colo, mexendo em suas cordas)

M.: - O Mayarinha!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (cantando)

- Olhos...

(aponta seu olho direito)

- ... ouvidos.

(aponta sua orelha direita)

Cça.: (acompanha o ritmo da música girando o corpo para a direita e para a esquerda e olha atentamente para a mãe)

M.: (cantando)

- Boca...

(aponta para a sua boca)

- ... e nariz!

(aponta para o seu nariz)

Cça.: (põe o dedo indicador esticado em seu nariz, em sua boca e novamente em seu nariz)

M.: (cantando)

- Olhos, ouvidos, boca e nariz!
(apontando as respectivas partes de seu corpo)

Cça.: (olha para a T.)

APÊNDICE - B

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DO SUJEITO DEFICIENTE AUDITIVO

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DO SUJEITO DEFICIENTE AUDITIVO (W.)

SITUAÇÃO 01 (Cça.: 1a 3m 21d)

Pai, mãe e criança num quintal. Criança está num triciclo.

M.: (aproxima-se do triciclo por trás, coloca sua mão direita sobre o guidon direito, dizendo):

- Vai lá!

(empurrando o triciclo para frente)

Cça.: (vira a cabeça para cima, na direção onde está a mãe e fica olhando para ela)

M.: (continua empurrando)

-Ó lá!

(aponta para frente com indicador direito e volta, imediatamente, a empurrar o triciclo):

- Vai lá!

Cça.: (está olhando para a mãe, vira a cabeça para a direção apontada por esta e se mantém assim, olhando para frente)

M.: (continua empurrando o triciclo)

- Assim, direitinho. Vai lá!

(dá um empurrão no triciclo, solta-o para que ele ande sozinho, bate palmas e diz):

- [S.I.] da titia, prá ver que bonito que ele é.

(inclina o corpo sobre o corpo da criança, colocando sua cabeça na frente da cabeça da criança)

Cça.: (olhando para a frente e sorrindo)

M.: - Tá vendo?

(bate palmas próximo ao ouvido da criança)

Cça.: (olha para a direita, onde está a mãe)

M.: (aponta o câmara e diz):

- Brinca com ele!

Cça.: (olha o câmara)

M.: - Faz assim...

(estende o braço direito à frente com a palma da mão voltada para esquerda. Mantendo os dedos indicador, médio, anelar e mínimo dobrados, fica com o polegar estendido para cima, dizendo):

(Gesto interpretado como "positivo")

- Oi tio!

Cça.: (continua olhando o câmara)

SITUAÇÃO 02 (Cça.: 1a 3m 21d)

M.: (olhando para a criança)

- Brinca lá com ele!

(bate no chão a bola que está segurando)

Cça.: (vai na direção do carrinho estende o braço direito nesta direção com a mão semi-aberta)

I.(investigadora):

- Vai pegar!

[não visível]

Cça.: (anda até o carrinho, olha para o câmara, abaixa-se e pega o carrinho)

I.: [não visível]

- Dá prá mamãe!

Cça.: (levanta-se, olha para o carrinho e depois para a direção da investigadora. Vira-se e vai na direção da mãe, mas passa por ela e continua andando)

[CORTE NA FILMAGEM]

SITUAÇÃO 03 (Cça: 1a 5m)

M.: (aponta o triciclo, dizendo):

- Mostra prá ele... [S.I.]

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (levanta a perna direita para mostrar como se faz para subir no triciclo)

Cça.: (inclina o corpo sobre o triciclo, levanta a perna direita e tenta passa-la para o outro lado do banco. Como não consegue, volta a perna para o chão e olha para a mãe)

M.: (sorri e aponta o triciclo, dizendo):

- Mostra aí! Pra ele lá!

(apontando o câmara)

Cça.: (vai para trás do triciclo)

M.: (endireita o triciclo de modo que ele fique reto e com a frente voltada para a câmara e diz):

- Em casa ele vai mostrar prá vovó, prá mamãe... Tudinho lá!

Cça.: (aproxima-se do triciclo, segura no guidon e olha para o câmara)

M.: - Olha o Wagner, ele brincando! Como ele é inteligente!

(tenta olhar o rosto da criança, inclinando um pouco o corpo)

Cça.: (olha para o triciclo e o puxa ligeiramente para trás)

M.: - Põe o pezinho assim...

(levanta a perna direita)

Cça.: (tira as mãos do triciclo e olha para a mãe)

M.: (toca na criança e diz):

- Assim ó!

(levanta novamente a perna)

Cça.: (olha para a mãe, vira-se e anda para frente. Pega o carrinho que está no chão, volta para o triciclo, coloca o carrinho em seu banco e começa a empurrá-lo)

SITUAÇÃO 04 (Cça.: 1a 6m 20d)

M.: (coloca um carrinho no chão e o empurra em direção à câmera)

Cça.: (acompanha com o olhar o movimento do carrinho. Levanta-se e faz um gesto interpretado como "positivo" mantendo o polegar levantado e os outros dedos fechados. Mantém este gesto alguns segundos)

M.: (dá risada)

Cça.: (olha para a bola que a mãe segura)

M.: [não visível]

- Vai lá buscar!

Cça.: (levanta-se ligeiramente e ergue os braços abertos na altura da cintura, olhando para a mãe, como se quisesse pegar a bola)

M.: [não visível]

- Vai lá buscar!

(jogando a bola em direção ao câmera)

- Vai lá buscar os dois, vai!

Cça.: (levanta-se e dá um passo à frente, olhando para a bola em movimento)

M.: (toca no ombro da criança, dizendo):

- Anda, vai lá buscar!

(apontando na direção da bola)

- Vai!

Cça.: (olha para a mãe e depois para a direção indicada. Levanta o braço direito na altura do peito, e com a palma da mão voltada para frente, balança-a para um lado e para o outro. Traz as duas mãos para a altura do peito mexendo uma na outra)

M.: - Pergunta prá ele se ele tá legal!

(faz gesto interpretado como "positivo")

Cça.: (olhando para a câmera)

M.: (repete o gesto anterior e diz):

- Fala prá ele se ele tá legal!

(mantendo o gesto no campo de visão da criança)

Cça.: (mantém o olhar fixo na câmera)

SITUAÇÃO 05 (Cça.: 1a 6m 20d)

5a)

Cça.: mexendo num pedaço de madeira encostado a uma parede)

M.: (toca no ombro da criança e faz um gesto de negação, mexendo o indicador para um lado e para o outro)

Cça.: (dá alguns passos ao redor da madeira fica de frente para a mãe e olha para ela)

M.: (repete o gesto anterior dizendo):

- Quer falar, não?

Cça.: (balança o dedo indicador direito para um lado e para o outro olhando para a câmara)

(gesto interpretado como "negação")

M.: - Quer ver falar não?

Cça.: (repete o movimento anterior com o indicador esquerdo)

5b)

M.: (joga uma bola grande para a criança, dizendo):

- Brinca assim, é gostoso!

Cça.: (olhando para a câmara, abre e fecha a mão esquerda na altura do peito)

M.: (brinca com a bola grande)

Cça.: (passa a segurar a madeira com a mão esquerda e repete, com a direita, o movimento anterior olhando a câmara)

5c)

Cça.: (segura a madeira com as duas mãos)

M.: (faz um gesto "como se desse um tapa no ar", dizendo):

- Solta isso aí!

Cça.: (solta uma das mãos e aponta para trás)

M.: - Brinca com a bolinha!

Cça.: (vira-se e direciona o dedo indicador direito para a madeira que ainda segura com uma das mãos)

M.: - Com a bola.

(apontando para trás)

- Com a bola, ali ó!

(apontando para o local onde estão os carrinhos)

Cça.: (vai até o lugar indicado e pega os carrinhos. Senta-se no chão e coloca os dois carrinhos entre as pernas e olha para a mãe)

M.: (olhando para a criança realiza várias vezes o gesto interpretado com "vem", trazendo a mão para perto de si e afastando-a, através de um movimento de pulso)

Cça.: (olha atentamente para a mãe)

M.: (faz um gesto que representa a ação de friccionar o carrinho para que ele ande e depois novamente o gesto de "vem")

Cça.: (levanta-se e traz os carrinhos para a mãe)

SITUAÇÃO 06 (Cça.: 1a 6m 20d)

Cça.: (segurando um carrinho com uma das mãos)

M.: (estende a mão direita com a palma para cima na direção da criança e a balança para perto de si, através de um movimento do pulso, enquanto diz):

- Guarda o carrinho!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (repete o gesto anterior e diz):

- Guarda o carrinho.

(aponta a bola)

- Brinca com a bola!

(com os dedos polegar e indicador de cada mão faz dois semi-círculos e os une na altura do peito - gesto interpretado como "bola")

Cça.: (olha para a mãe e depois para a direção da bola. Aperta o carrinho contra o peito)

M.: - Esse daqui guarda.

(pega o carrinho da criança)

- Viu? Guarda o carrinho e brinca com a bola!

Cça.: (sai andando na direção da bola)

SITUAÇÃO 07 (Cça: 1a 6m 20d)

Cça.: (pega uma bola, dá alguns passos, larga-a, entra na cozinha e sai dali com o carrinho)

M.: (intercepta a criança, pega o carrinho e diz):

- Aquela lá, vai buscar aquela lá!

(apontando a bola)

- O carro não!

(guardando-o na cozinha)

Cça.: (acompanha os movimentos da mãe e vocaliza):

[ʒ.]

(andando em direção à cozinha)

M.: (detém a criança com uma das mãos e a vira na direção da bola, dizendo):

- A bola ali, a bola!
(apontando para a bola)

Cça.: (mantém o olhar voltado para a cozinha. Estende o braço nesta direção e estende o dedo indicador direito mantendo os outros dedos dobrados enquanto vocaliza):

[ɔ̃ ɔ̃]

M.: (aponta então para a cozinha e diz):

- Vai buscar lá, vai lá!

Cça.: (vira-se de frente para a mãe, resmunga e anda em direção à escada)

M.: (entra na cozinha, dizendo):

- Chatol

Cça.: (vira-se novamente, encaminha-se para a porta da cozinha e fica olhando lá para dentro)

M.: [não visível]

Cca.: (pega o carrinho mandado pela mãe e sai andando com ele)

SITUAÇÃO 08 (Cca.: 1a 8m 8d)

Mãe e criança no quintal da casa, à porta da cozinha.

Cça.: (olhando para a câmera)

M.: (segurando um carrinho com a mão, abaixa-o até que ele fique no campo de visão da criança)

Cça.: (olha para a mão da mãe que segura o carrinho e levanta ligeiramente o braço direito com a mão aberta na direção do carrinho para pegá-lo)

M.: (ainda segurando o carrinho com uma mão, afasta-a e volta com ela para perto da criança, como se indicasse onde a criança deveria colocá-lo)

Cça.: (pega o carrinho com as duas mãos e olha para frente)

M.: (curva-se ligeiramente e pega o carrinho das mãos da criança)

Cça.: (olha para as próprias mãos rapidamente)

M.: - Vamos brincar ali!

(aponta em direção à escada que ficava atrás deles)

Cça.: (olha para a direção indicada pela mãe)

M.: (encaminha-se para perto da escada, mostra o carrinho à criança, dizendo):

- Vem !

Cça.: (olhando para o local onde a mãe está)

M.: (coloca o carrinho no chão, dizendo):

- Vem!

[o carrinho começa a andar para frente]

Cça.: (abaixa-se e pega o carrinho)

SITUAÇÃO 09 (Cca.: 1a 8m 8d)

M.: (aponta a câmera e diz):

-Brinca de carrinho com ele!

Cça.: (olhando para a mãe. Depois se abaixa, coloca o carrinho que segura no chão e com a mão espalmada sobre ele, leva-o para frente e para trás sem tirar a mão, olhando para frente. Volta a carregar o carrinho)

M.: (abaixa-se e com as pontas dos dedos direito, empurra o carrinho para o chão)

Cça.: (empurra o carrinho para frente)

M.: (pega o carrinho, traz novamente para perto da criança, fricciona-o e o manda para frente, dizendo):

- Assim ó!

(apontando na direção do carrinho)

Cça.: (levanta-se e fica olhando o

carrinho)

SITUAÇÃO 10 (Cça.: 1a 8m 8d)

Cça.: (com a mão direita sobre uma grande bola e a direita segurando um carrinho, olha atentamente para a mãe)

M.: (chuta o ar com a perna, dizendo):

- Vai!

Cça.: (empurra a bola para frente e deixa cair o carrinho. Abaixa-se para pegá-lo)

M.: (chuta a bola e aponta na direção que ela foi)

Cca.: (não vê a mãe pois está abaixado brincando com o carrinho)

SITUAÇÃO 11 (Cça.: 1a 9m 13d)

Mãe, criança e investigadora (I.) no quintal da casa da criança.

Cça.: (em pé, segurando uma grande bola contra o chão com a mão direita, enquanto olha para I.)

I.: (sentada em um dos degraus da escada que leva à rua)

M.: (encostada em uma parede. Bate com as pontas dos dedos da mão direita na bola, dizendo):

- Joga pra mim...

Cça.: (olha para mãe)

M.: - ... joga pra mim...

(com a palma da mão voltada para o próprio corpo, bate duas vezes com as pontas dos dedos no peito)

Cça.: (solta a mão direita da bola)

que rola para o fundo do quintal)

M.: - ... a bola.

(o braço direito está dobrado. A mão direita está na altura do peito, com a palma voltada para cima. Através de um movimento do pulso e dos dedos traz a mão para a sua direita)

Cça.: (sai andando na direção da bola, pega-a e joga para a mãe)

M.: (conversando com I., não percebe a movimentação da criança)

Cça.: (olha pra a câmera)

SITUAÇÃO 12 (Cça.: 1a 9m 13d)

Mesmo contexto da situação 11.

Cça.: (encostada em uma parede, de frente para a câmera, segurando o carrinho de fricção com a mão direita)

M.: (aproxima-se da criança e pega o carrinho dizendo):

- Joga com o carrinho.

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (com o braço esquerdo semi - - estendido ao lado do corpo, com a palma da mão voltada para cima. Através de um movimento do cotovelo, aproxima a mão de sua cabeça, enquanto diz):

- Vem cá, vem!

(repete o gesto anterior mais uma vez e anda em direção à escada)

Cça.: (de frente para a escada, abaixa-se e olha para a mãe)

M.: [S.I.]

(olhando para a criança, segura o carrinho suspenso no ar com a mão direita. Movimenta o carrinho duas vezes para trás através de um movimento de pulso. Em seguida, semi-

estende o braço esquerdo na direção da criança, com a palma voltada para cima, aproxima a mão de seu corpo através de um movimento do cotovelo e pulso, num gesto interpretado como "vem". Imediatamente após, sem interromper o movimento, indica um lugar no chão próximo a ela, com o dedo indicador esquerdo ereto e voltado para baixo. Repete o gesto interpretado como "vem")

Cça.: (anda até o local indicado pela mãe)

M.: (vira a criança para o fundo do quintal, segurando-a e girando-a pelo braço direito e diz):

- Mostra lá para ele.

(indica a direção onde está o câmara, com o dedo indicador esquerdo, enquanto segura o carrinho com a mão direita)

Cça.: (olhando o carrinho que está na mão da mãe)

M.: (coloca o carrinho no chão e o empurra para frente, Enquanto o carrinho sai andando, bate palmas e diz):

- Êêêêê!

Cça.: (sai andando atrás do carrinho)

SITUAÇÃO 13 (Cça.: 1a 9m 13d)

Cça.: (em pé, de costas para a câmara. Bate com as duas mãos espalmadas na bola que há em sua frente, por duas vezes)

M.: (em pé, do lado direito da criança, de lado para a câmara. Toca com a mão direita a cabeça da criança, dizendo):

- Mostra pra ele...

(aponta, com o dedo indicador esquerdo, a direção da câmera)

- ... que você tá brincando.

(andando na direção da escada)

Cça.: (segura a bola com as duas mãos e deita a cabeça inclinada sobre ela)

M.: - Mostra pra ele...

(enquanto anda, aponta com o dedo indicador esquerdo para a bola)

Cça.: (olha para a mãe, levantando ligeiramente a cabeça para cima e para a direita)

M.: - ... mostra pra ele...

(apontando, com o dedo indicador esquerdo, para a direção do câmera, enquanto diz):

- ... que você está brincando.

Cça.: (deitado sobre a bola, olhando a mãe)

M.: - Mostra pra ele que você tá jogando...

(os braços estão soltos ao lado do corpo. Eleva-os de modo que os antebraços fiquem eretos ao lado da cabeça, com as palma das mãos voltadas para frente. Joga as mãos para frente, através de um movimento dos pulsos, fazendo com que as pontas dos dedos fiquem com suas pontas voltadas para baixo. Realiza este gesto, interpretado como "jogar", enquanto diz):

- ... jogando assim bastante.

(repete o gesto interpretado como "jogar" mais duas vezes enquanto fala)

Cça.: (carrega a bola com as duas mãos, vira-se para a câmera, perde o equilíbrio derrubando a bola)

M.: - Oi!

Cça.: (entra na cozinha)

SITUAÇÃO 14 (Cça.: 1a 11m)

Mãe, criança, tia materna e pai na laje da casa. A mãe está em adiantado estado de gravidez e a tia (T.) foi quem mais interagiu com a criança. Segundo a mãe, esta tia brinca sistematicamente com a criança.

T.: (abaixada, de frente para rua, colocando em pé os pinos de um jogo de boliche de plástico)

Cça.: (ao lado de T., também de frente para a rua)

M.: (batendo levemente com a mão direita espalmada no braço da criança, enquanto diz):

- Ó!

Cça.: (dá alguns passos à frente, abaixa-se e coloca sua mão direita sobre o carrinho que estava no chão)

M.: (em pé, ao lado do carrinho)

Cça.: (empurrando o carrinho para frente e para trás, sem tirar a mão de cima dele)

M.: (coloca as pontas dos dedos da mão direita na cabeça da criança, enquanto diz):

- Olha lá ô!

Cça.: (levanta-se com o carrinho na mão. De costas para tia, olhando para a rua)

M.: (aponta com o dedo indicador direito para a direção da tia, dizendo):

- Arruma lá com ela!

Cça.: (vira-se e vai para o fundo da laje, passando direto pela tia sem olhá-la)

SITUAÇÃO 15 (Cça.: 1a 11m)

Mesmo contexto da situação 14.

T.: (arrumando os pinos de um jogo de boliche)

M.: [não visível]

- Mande ele jogar a bola.

Cça.: (ao lado do pai, no fundo da laje. Segurando uma bola embaixo do braço esquerdo, coloca a mão direita na perna esquerda do pai e tenta subir em uma fileira de tijolos, elevando a perna esquerda)

T.: (aproxima-se da criança por trás e a carrega, dizendo):

- Ó, vamos lá.

M.: [não visível]

(enquanto T. carrega a criança, diz):

- Manda ele tacar a bola. Essa pequenininha aí!

T.: (coloca a criança no chão, ficando atrás dela e diz):

- Ó, para cá ó ...

(apontando um lugar no chão [não visível] à frente da criança)

Cça.: (estende o braço direito na direção indicada, com a mão aberta, palma voltada para baixo. Mexe rapidamente a mão para cima, através de um movimento de pulso, voltando-a imediatamente para a posição inicial)

T.: (pega uma pequena bola de plástico no chão e a joga contra os pinos do boliche)

Cça.: [encoberto pelo corpo de T.]

T.: - Taca a grande.

(pega a bola maior, que a criança segurava, e a coloca no chão, dizendo):

- Faz assim ó ...

(ligeiramente inclinada por trás da criança, segura a perna direita desta com sua mão direita e movimenta a perna da criança de modo que a bola seja chutada)

M.: [não visível]

(ri)

Cça.: (sai andando na direção da bola, vocalizando):

[ã:] [ã:]

(pega a bola)

SITUAÇÃO 16 (Cça.: la 11m)

16a) Mesmo contexto da situação 15.

T.: (ao lado esquerdo da criança, ligeiramente mais à frente que esta. Pega a bola da criança com a mão direita, vira seu rosto para a direção da criança dizendo):

- Taca a bola.

(jogando seu braço direito à frente. Volta o braço à posição original e coloca a bola no chão, à frente da criança)

T.: (com o braço direito ereto à frente do corpo, que se encontra ligeiramente curvado para frente. Gira o braço de modo que a palma de sua mão fique voltada para o jogo de boliche. Joga o braço nesta direção, dizendo):

- Taca a bola!

Cça.: (segurando a bola embaixo do braço esquerdo e olhando para frente onde os pinos do boliche estão arrumados)

Cça.: (abaixa-se e segura a bola com as duas mãos)

Cça.: (levanta-se segurando a bola com as duas mãos e anda até os

pinos. Derruba-os batendo a bola sobre eles)

M.: [não visível]

- Olha que jeito ...
Tem que vir até aqui.

16b)

Cça.: (ainda segurando a bola com as duas mãos, anda pela laje até que encontra uma bola menor de plástico. Coloca a bola grande embaixo do braço esquerdo, abaixa-se e pega a bola menor com a mão direita. Imediatamente, eleva o braço direito, dobrando o cotovelo, deixando a mão direita ao lado da cabeça com a palma, que segura a bola, voltada para frente. Anda em direção à mãe com o braço elevado, olhando para baixo. Abaixa o braço quando se aproxima da mãe)

M.: - Ó!

(tocando com as pontas dos dedos na cabeça da criança)

Cça.: (eleva a cabeça para olhar para a mãe)

M.: (apontando para um ponto da laje a sua frente)

- O cavalo lá no chão! O cavalinho.

Cça.: (olha para a direção apontada pela mãe, girando o corpo para ficar de frente ao ponto indicado)

T.: (coloca um pequeno cavalo de plástico em pé, próximo à criança)

Cça.: (abaixa-se e bate a bola no cavalo, derrubando-o. Levanta-se em seguida e fica observando T.)

T.: (coloca o cavalo em pé novamente. Anda em direção ao fundo da laje, fazendo o cavalo "trotar", pois o segura pelo lombo)

Cça.: (andando ao lado de T., olhando para o cavalinho)

SITUAÇÃO 17 (Cça.: la 11m)

Mesmo contexto da situação 16.

17a)

Cça.: (está sentado em um triciclo com as mãos no guidon)

T.: (atrás do triciclo, curvada de modo que suas mãos fiquem sobre as mãos da criança. Empurra o triciclo até o lugar onde estão arrumados os pinos do boliche. Bate a roda dianteira nos pinos, fazendo-os cair. Anda até os pinos e começa a arrumá-los)

Cça.: (impulsiona o corpo de modo que o triciclo ande e bata novamente contra os pinos)

T.: (abaixada, empurra a frente do triciclo para trás, olhando para a criança e dizendo):

- Ah Guinho, agora não!

Cça.: (com os pés no chão, impulsiona o triciclo para a frente e fica olhando para a tia atentamente)

T.: (termina de arrumar os pinos. Levanta-se dizendo):

- Vai...

(vai para atrás do triciclo, segura com a mão esquerda o guidon esquerdo, colocando esta mão sobre a mão da criança e aponta o jogo de boliche enquanto diz):

- coloca o pé em cima.

(enquanto coloca os pés da criança nos pedais. Empurra o triciclo)

[o triciclo anda e bate contra os pinos, derrubando parte deles]

17b)

T.: (em pé, logo atrás do triciclo)

Cça.: (tira a mão direita do guidon e com ela bate nos pinos restantes, derrubando-os. Gira o corpo para a direita e olha, alguns instantes, na direção do fundo da laje. Olha então para cima e estica o braço direito com o dedo indicador ereto e os outros dobrados. Olha novamente para o fundo da laje)

T.: (anda em direção ao fundo da laje, pega a bola e anda com ela em direção à criança)

Cça.: (continua com o braço esticado, com a mão aberta voltada para o chão)

T.: (aproxima-se do triciclo)

Cça.: (levanta o quadril do banco do triciclo)

T.: (coloca a bola no banco do triciclo)

Cça.: (senta-se novamente, apoiando as costas na bola. Volta e segura o guidon com ambas as mãos)

SITUAÇÃO 18 (Cça.: 1a 11m)

Mesmo contexto da situação 17.

18a)

Cça.: (anda em direção à mãe que está no fundo da laje, com a bola embaixo do braço esquerdo)

M.: [não visível]

- Faz o cavalinho assim para ele ver.

Cça.: (chega perto da mãe)

M.: (coloca o cavalinho de plástico no chão)

Cça.: (abaixa-se e pega o cavalinho com a mão direita)

M.: - Faz!

[não visível]

Cça.: (levanta-se e anda até o pai com o braço direito esticado)

M.: [não visível]

- Ah não!

Cça.: (abaixa-se, ao lado do local onde o pai está sentado. Segurando o cavalo com a mão direita pela cabeça, coloca-o no chão sem soltá-lo. Faz com que o cavalo "pule" duas vezes, elevando o braço)

P.: (sentado em um fileira de tijolo no fundo da laje, olhando a criança)

18b)

Cça.: (solta o cavalo e sai andando em direção à frente da laje)

P.: (pega o cavalo e tente tocar na criança, mas não consegue)

M.: - Ó lá...

(toca com a mão direita a cabeça da criança)

- ... o cavalo, o pai fazendo.

Cça.: (para de andar)

M.: (aponta em direção ao pai)

- O cavalo, ó! Faz!

Cça.: (vira-se para trás e fica olhando o pai)

P.: (segura o cavalo com a mão direita pelo lombo e o faz "trotar" sobre a fileira de tijolos através de um ligeiro movimento do braço, para cima e para baixo)

Cça.: (aproxima-se do cavalo e bate nele com a bola)

P.: (dá o cavalo para a criança)

Cça.: (pega o cavalo e sai andando)

SITUAÇÃO 19 (Cça.: 1a 11m)

Mesmo contexto da situação 18.

19a)

Cça.: (segura a bola com as duas mãos acima da cabeça e a joga em direção à tia)

T.: (pega a bola e começa a batê-la contra o chão com a mão direita)

Cça.: (anda em direção à rua, passando ao lado da tia)

T.: (toca no braço da criança, dizendo):

- Ó!

(volta a bater a bola contra o chão)

Cça.: (anda em direção ao fundo da laje. Pára, vira-se de frente para a tia e balança o corpo, batendo as mãos nas pernas, enquanto choraminga)

T.: (aproxima-se da criança, sem parar de bater a bola)

Cça.: (vira-se para o fundo da laje e anda nesta direção choramingando e batendo os braços nas pernas, algumas vezes)

M.: [não visível]

(conversando com a I.)

[S.I.]

Cça.: (aproxima-se da mãe, olha para ela e bate mais duas vezes as mãos nas pernas, enquanto dobra os joelhos. Volta a olhar na direção da tia)

19b) [a bola passa rolando pela criança, indo parar um pouco à frente desta, perto da cavalo]

M.: - Ó, o cavalo aí!

(apontando para o chão onde está o cavalo)

Cça.: (olha para o lugar apontado pela mãe, abaixa-se e segura a bola com as duas mãos)

M.: (toca duas vezes no ombro da criança)

- Ó o cavalinho aí.

(aponta o cavalo e aproxima deste o dedo indicador direito ereto)

Cça.: (olha o cavalo sem largar a bola e sem se levantar)

M.: (em pé, do lado direito da criança. A mão direita está aproximadamente na altura da cintura com a palma e os dedos voltados para baixo. Leva a mão à frente e a traz de volta várias vezes, como se fizesse um "trotar" de cavalo, enquanto diz):

- Faz assim!

Cça.: (levanta e anda em direção à rua sem ver o movimento da mãe)

SITUAÇÃO 20 (Cça.: 1a 11m)

Mesmo contexto da situação 19.

Cça.: (no começo da laje, virada para o fundo desta. Em pé, ao lado do triciclo com as mão no guidon. Olha para a direção em que está a mãe, sorri e abaixa a cabeça ligeiramente à frente. Sorrindo, estica o braço direito à frente com a palma da mão voltada para a esquerda. Dobra os dedos indicador, médio, anelar e mínimo de modo que suas pontas encostem na palma da mão, elevando o dedo polegar)
(gesto interpretado como "positivo")

M.: [não visível]

- Eh, eh! Ó a cara dele.

Cça.: (abre os dedos deixando a mão direita bem aberta, com a palma ainda voltada para a esquerda. Anda até o pai com o braço esticado à frente)

P.: (aperta a mão da criança e imediatamente direciona a mão direita, ainda aberta, para a direção do câmara, dizendo):

- Pergunta se...

[S.I.]

Cça.: (olha firmemente para o câmara e depois para o pai)

P.: (olhando para a criança, dobra o braço direito de modo que a palma direita fique próxima, e voltada, para o seu peito. Balança a mão aberta com os dedos unidos e eretos para cima, como se cumprimentasse alguém)

Cça.: (estica o braço direito na direção do pai, com a mão aberta)

P.: (aperta e balança ligeiramente a mão da criança)

Cça.: (sai andando em direção à rua)

SITUAÇÃO 21 (Cça.: 1a 11m)

Mesmo contexto da situação 20.

Cça.: (olha para o fundo da laje. Anda nesta direção, enquanto estica o braço e o dedo indicador direito, mantendo os outros dedos dobrados)

P.: (empurra o carrinho que segurava, de modo que este "ande" até a criança)

Cça.: (abaixa-se e pega o carrinho com a mão direita, vira-o de frente para o pai e o empurra para este)

P.: (empurra o carrinho de volta para a criança)

[problemas na filmagem]

SITUAÇÃO 22 (Cça.: 2a 20d)

Mãe e criança, no quintal da casa da criança, brincando com caminhões de plástico, alguns deles dados pela I. como presente para a criança.

Cça.: (sentada em uma mureta de cimento, encostando na parede olhando para a câmera)

M.: (em pé, de frente para a criança, diz):

- Você não sabe brincar!

(abaixando-se)

- Tira tudo assim...

(pega o caminhão, vira-o para baixo de modo que as miniaturas de botijão de gás, que estavam na carroceria do caminhão, caíam no chão. Pega um deles e pergunta à I.):

- É botijãozinho?

Cça.: (olhando para o caminhão)

I.: [não visível]

- É!

M.: - Agora põe dentro assim, ó...

(colocando de volta os botijões na carroceria do caminhão)

- ... pra ele ver como você gostou.

[referindo-se à I.]

Cça.: (coloca os botijões que tem na mão na carroceria, olha para a mãe juntando as mãos na altura do peito com as palmas voltadas uma para a outra, enquanto vocaliza):

[m:::]

M.: (pegando uma miniatura de garrafa na carroceria de um outro caminhão, enquanto diz):

- A garrafinha!

Cça.: [ao mesmo tempo que a mãe]

(pega um terceiro caminhão que está um pouco atrás da mãe)

M.: (trazendo o caminhãozinho de bebidas para perto de si, dizendo):

- O caminhão de bebidas! Que pena que o pai não tem mais caminhão de bebidas.

(rindo e olhando para a direção da I.)

[referindo-se ao desemprego do marido]

Cça.: (olha para o caminhão de bebidas que a mãe segura contra o chão)

M.: (pega uma garrafinha do caminhão, dizendo):

- Ó que bonito.

(eleva a garrafinha até a altura do rosto da criança)

- Ó!

Cça.: (estende o braço esquerdo na direção da garrafa, com a mão semi-aberta, olhando para a mãe)

M.: (coloca a garrafinha de volta no caminhão)

Cça.: (curva ligeiramente o corpo para frente e coloca as duas mãos no caminhão vocalizando):

[m : : :]

M.: (levanta-se do chão dizendo):

- Tira todos e põe.

Cça.: (olha para a mãe, inclinando a cabeça para cima)

M.: (olhando para a criança)

Cça.: (mexe nas garrafinhas, olha para a mãe e ri)

M.: (bate palmas)

Cça.: (segura o caminhão com a mão esquerda, elevando-a até a altura do peito)

M.: (curva-se e segura o caminhão junto com a criança, dizendo):

- [S.I.] esse caminhão de bebida. Não consegue, não é?

(pega o caminhão, segura-o na mão esquerda e com a direita tira uma garrafinha)

Cça.: (olha para a mãe e se levanta com o braço direito elevado, a mão aberta com a palma voltada para frente, vocalizando):

[m : : :]

M.: - Assim ó...

(coloca o caminhão no chão, ficando com a garrafinha em sua mão, enquanto diz):

- monta...

Cça.: (volta a se sentar na mureta de cimento, choraminga enquanto coloca a mão esquerda espalmada sobre a cabine do caminhão)

M.: - ... só assim ó!

(coloca a garrafinha na carroceria do caminhão, dizendo):

- Põe aqui assim, ó!

(batendo o dedo indicador direito na garrafinha para que ela encaixe no engradado)

Cça.: (mantém o caminhão no chão segurando com a mão esquerda a cabine e, com a direita, o final da carroceria)

M.: (bate palmas, dizendo):

- Viu?

SITUAÇÃO 23 (Cça.: 2a 20d)

Mesmo contexto da situação 22.

23a)

M.: (em pé, ao lado de um grande caminhão de plástico. Pega a ponta de um barbante que está amarrado ao caminhão e diz):

- Agora puxa assim ...

(estica o barbante, dizendo):

- ... puxa o carrinho!

Cça.: (inclina-se sobre a carroceria do caminhão, mexe num dos caminhões menores que estão ali, volta a ficar ereto e junta as palmas das mãos na altura do peito, olhando para o caminhão)

23b)

M.: (aponta com o dedo indicador direito o barbante, dizendo):

- Aqui ó!

(toca na cabeça da criança e aponta novamente o barbante, dizendo):

- [S.I.]

Cça.: (de costas para a câmera, pega o barbante com a mão direita, começa a andar para trás, fazendo andar o caminhão)

M.: - Tchauuuu....

(acenando com a mão esquerda aberta, com a palma voltada para a criança, para um lado e para o outro)

Cça.: (olha para trás, onde está o câmera)

M.: (ri)

Cça.: (dá dois passos à frente, passa o barbante para a mão esquerda e coça as costas com a mão direita)

SITUAÇÃO 24 (Cça.: 2a 20d)

Mesmo contexto da situação 23.

Cça.: [3 3]

(abaixa-se ao lado do caminhão, ficando de lado para a câmera)

M.: (em pé, de frente para a criança diz):

- Ó ...

(toca duas vezes na cabeça da criança e diz):

- ... Wagner, Wagner!

Cça.: (mexendo nas miniaturas de botijão de gás que estão na carroceria do caminhão. Senta-se no chão, vocalizando):

[*ẽ ẽ um;*]

M.: - Assim ó!

(levando os dois dedos indicadores aos ouvidos direito e esquerdo respectivamente e diz):

- Wagner!

Cça.: (mexendo na caminhão)

M.: - Wagner!

(tocando algumas vezes na testa da criança com as pontas dos dedos)

Cça.: (olha par a mãe)

M.: - Assim ó!

(leva os dois dedos indicadores aos ouvidos direito e esquerdo respectivamente, dizendo):

[*m ẽ: m ẽ: m ẽ:*]

Cça.: (olha para a direção da escada)

M.: - Chama a mamãe para ele ver.

[referindo-se ao câmera]

Cça.: (olha para a mãe e para a escada novamente)

M.: - Chama a mamãe para ele ver. Faz para ela ver.

[referindo-se à I.]

Cça.: (olhando na direção da escada com a palma da mão esquerda sobre a cabine do caminhão. Leva a mão direita espalmada ao ouvido direito e vocaliza):

[m : :]

M.: [ao mesmo tempo que a criança]

(leva os dedos indicadores aos ouvidos direito e esquerdo respectivamente, dizendo):

[ã mã: mã]

- Faz!

Cça.: (volta a olhar para o caminhão e a mexer nele)

M.: - Assim ó.

(os braços estão estendidos à frente do corpo e as mãos estão com os dedos voltados para o chão. Balança as mãos para trás através de um movimento dos pulsos, duas vezes)

Cça.: (olhando o caminhão)

M.: - Ó!

(dando um leve chute com o pé esquerdo no caminhão)

I.: [não visível]

- Foi a fono que te ensinou, Jô?

M.: - Foi! Fazer assim ...

(leva os dedos indicadores aos ouvidos respectivamente, dizendo):

[ã mã mã mã]

Cça.: (pega duas pequenas bolas de plástico que estavam na carroceria de um caminhão e bate uma na outra, enquanto olha para a mãe)

I.: - Ele está indo lá na DERDIC?

M.: (olha para a direção de I.)

Cça.: (com uma bolinha em cada mão. Leva a bolinha da mão direita ao ouvido direito e a bolinha da mão esquerda ao ouvido esquerdo, enquanto vocaliza):

[m : :]

(coloca as bolinhas no chão e as chuta com o pé direito)

M.: [para a I.]

- Não está indo porque eu estou de dieta ainda.

I.: [não visível]

- É. Mas foi esse ano?

Cça.: (levanta-se para ir atrás da bolinha que saiu rolando)

M.: - Esse ano não foi ainda não.

Cça.: (tentando pegar a bola)

SITUAÇÃO 25 (Cça.: 2a 20d)

Mesmo contexto da situação 24.

25a)

M.: (em pé, segurando com a mão esquerda o barbante que está amarrado a um grande caminhão plástico)

Cça.: (tentando colocar um pequeno caminhão plástico dentro da carroceria do caminhão grande, ao lado do qual está abaixado)

M.: - Chega com isso daí já!

(abaixa o corpo em direção ao caminhão grande. Tira o caminhão pequeno da mão da criança, coloca-o dentro da carroceria do caminhão grande e diz):

- Vem agora ...

(dá um toque na cabeça da criança com as pontas dos dedos e diz):

- ... assim ó!

(dá dois passos frente, esticando o barbante, enquanto diz olhando para a criança):

- Vem!

(dá mais alguns passos, fazendo andar o caminhão enquanto olha para a criança)

Cça.: (levanta-se olhando para o caminhão em movimento. Volta a cabeça para a direita e para cima, direção em que está a mãe. Gira todo o corpo para esta direção, enquanto semi-estende o braço direito à frente de seu corpo, com a mão na altura do rosto aproximadamente. A mão está aberta com os dedos separados e a palma está voltada para a mãe. Movimenta o ligeiramente a mão para frente e para trás, sem alterar o desenho desta) (gesto interpretado como "esperar")

M.: (olhando para a criança enquanto segura o barbante com a mão direita. Semi-estende o braço esquerdo à frente do corpo, com a mão aberta e a palma voltada para a criança. Movimenta ligeiramente o ante-braço para frente e para trás sem alterar o desenho da mão) (gesto interpretado com "esperar")

Cça.: (abaixa o braço e dá alguns passos em direção à mãe, olhando para trás onde está o caminhão)

M.: - Agora o que que você vai arrumar [S.I.]?

Cça.: (parada, olhando para a câmera)

M.: (dá mais alguns passos, puxando o caminhão pelo barbante e pára próxima à criança)

25b)

Cça.: (olha para o chão onde está o caminhão)

M.: (passa o barbante da mão direita para a mão esquerda, dizendo):

- Ó! Desmontou!

(o braço direito está solto ao longo do corpo. Gira o braço de modo que a palma da mão fique para cima e, ao mesmo tempo, joga o braço para a direita de seu corpo. Volta o braço para o lado do corpo, batendo sonoramente com a palma da mão em sua perna)

Cça.: (olha para a mãe, apoiando as mãos na cintura. Nesta mesma posição, curva o corpo para baixo para olhar o caminhão. Volta a ficar ereto e passa a olhar firmemente para a câmera, ainda com as mãos na cintura)

M: - Vamos, vamos!

(abaixando o corpo e mexendo no caminhão)

[objeto não visível]

Cça.: (olha rapidamente para o caminhão e volta a olhar para o câmera, enquanto anda para trás até encostar em uma parede. Curva ligeiramente o corpo para a direção do caminhão e passa a olhá-lo. Mantendo os outros dedos dobrados, estica o dedo indicador esquerdo para a direção do caminhão e, imediatamente após, volta a ficar ereto. Olhando para o câmera, gira o braço esquerdo de modo que a mão fique com a palma voltada para cima. Mantém-se olhando para o câmera, com o braço esquerdo semi-estendido ao lado do corpo e a mão voltada para cima)

[caminhão não visível]

[câmera focaliza somente o rosto da criança]

Cça.: (ainda encostado na parede, estende o braço direito à frente do corpo com os dedos dobrados, exceto o indicador que está esticado na direção do caminhão. Mantendo a "indicação", movimenta o braço para a esquerda e para a direita mostrando, portanto, toda a extensão do caminhão. Olha para o câmara e gira o braço para cima de modo que a palma da mão fique voltada para cima e ao lado do corpo. Volta a estender o braço direito à frente do corpo, com o dedo indicador ligeiramente mais esticado que os outros e movimenta o braço para o lado direito e esquerdo, olhando para o chão, como se puxasse o caminhão pelo barbante. Volta a olhar para o câmara com os braços estendidos ao longo do corpo)

M.: (dá alguns passos, puxando com a mão direita o barbante que está amarrado ao caminhão, fazendo-o andar)

Cça.: (olhando para o caminhão, junta as mãos na altura do peito com as palmas voltadas uma para a outra. Olha para o câmara e bate palmas)

SITUAÇÃO 26 (Cça.: 2a 20d)

Continuação da situação 25.

26a)

M.: (andando em direção à câmara. Com a mão direita, puxa um grande caminhão plástico pelo barbante)

Cça.: (andando atrás da mãe, olhando para o caminhão)

M.: (para de andar e vira-se de lado para a câmara. Passa o barbante da mão direita para a mão esquerda e, com esta mão, traz o caminhão mais à frente)

Cça.: (para de frente para a mãe, olhando para o caminhão. Imediatamente após, inclina a cabeça para cima, olhando para a mãe e

passa, em seguida, a olhar para o câmara. Vira ambos os braços para cima de modo que as palmas das mãos fiquem voltada para cima e os ante-braços fiquem suspensos ao lado do corpo. Estende então os braços, elevando-os um pouco, e soltando-os a seguir. Abaixa-se para olhar o caminhão, cuja cabine soltou-se da carroceria. Coloca as pontas dos dedos da mão esquerda sobre a cabine e levanta-se. Abre os braços ao lado do corpo, na altura do ombro aproximadamente, com as mãos e os ante-braços voltados para cima, enquanto olha para a mãe)

M.: [ao mesmo tempo que a criança]

(olhando para a criança, gira os braços de modo que os ante-braços e as mãos fiquem voltados para cima, enquanto os braços ficam suspensos na altura do quadril)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: - Não sei ...

(com as mãos apoiadas na cintura, diz):

- Que que você vai fazer?

(gira o braço esquerdo, ficando a mão e o ante-braço esquerdos voltados para cima)

Cça.: (olha na direção da I.)

26b)

M.: (abaixa-se e pega o caminhão com as duas mãos)

Cça.: (olha para a mãe e imediatamente para o câmara, sorrindo)

M.: (coloca o caminhão, já consertado, novamente no chão e o puxa pelo barbante para o fundo do quintal)

Cça.: (olhando para a câmara)

M.: (atrás da criança, diz):

- Vem, vem, vem!

Cça.: (olha para trás e vê o caminhão sendo puxado pela mãe. Volta a olhar para a câmera e bate palmas, enquanto vocaliza):

[]

26c)

M.: (anda para o fundo do quintal para onde leva o caminhão)

Cça.: (vai para o fundo do quintal e pára ao lado da mãe, de costas para a câmera)

M.: (ainda segurando e barbante com a mão direita diz):

- Agora você pega assim ó!

(com a mão esquerda, pega a criança pelo braço direito e a vira, dizendo):

- Pega você assim!

(pega o braço esquerdo da criança e coloca nesta mão o barbante que segurava)

26d)

Cça.: (volta a ficar de costas para a câmera. Começa a andar para trás, puxando o caminhão pelo barbante e fazendo a cabine levantar do chão)

M.: - Assim não!

(colocando o pé direito sobre o barbante para abaixá-lo, enquanto diz):

- Assim no chão, no chão.

Cça.: (pára de andar e olha para a mãe)

M.: (mantém os dois braços dobrados ao lado do corpo, de modo que os antebraços fiquem na altura dos seios, com as palmas das mãos voltadas para baixo, enquanto diz):

- No chão!

(movimentando a mão para baixo, enquanto diz):

- Vamos!

(joga o braço esquerdo para a direção da escada, com a palma da mão voltada para esta direção e os dedos voltados para cima)

Cça.: (volta a andar para trás indo, portanto, em direção à escada, enquanto puxa o caminhão pelo barbante)

SITUAÇÃO 27 (Cça.: 2a 20d)

Mãe, criança e um outro menino (Me), no quintal da casa da criança. A criança está brincando com um grande caminhão de plástico e a mãe está tentando jogar bola com ela.

27a)

Cça.: (de lado para a câmera, olhando para o caminhão que está no chão, enquanto segura o barbante amarrado ao caminhão)

M.: (no fundo do quintal, um pouco atrás da criança, de frente para a câmera. Chuta uma bola para perto da criança)

[a bola chega perto dos pés da criança]

Cça.: (curva ligeiramente o corpo para baixo e, pegando a bola com as duas mãos, joga-a para o fundo do quintal. Olha para o caminhão e, em seguida, para a direção em que jogou a bola)

M.: (chuta a bola para o menino dizendo):

- Ó!

(ergue a mão na altura do peito com a palma voltada para a criança. Movimenta a mão ligeiramente para frente, cinco vezes) (gesto interpretado como "esperar")

Me.: (chuta a bola de volta para M. e olha para a criança)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: - Deixa o carrinho lá ...

(apontando o caminhão e diz):

- ... espera!

(volta a posicionar a mão aberta, com a palma voltada para a criança, na altura do peito, movimentando-a um vez para frente)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: - Vamos brincar com a bola!

(enquanto aponta para a bola que está no chão ao seu lado esquerdo. "Pega" a bola com o pé direito e fica segurando-a com ele)

Cça.: (mexe o braço direito)

[movimento não identificável pois a criança estava de costas para a câmera]

M.: (chuta a bola para a direção da criança)

Cça.: (tenta chutar a bola mas não consegue)

[a bola passa mais perto de Me.]

Me.: (chuta a bola)

Cça.: (acompanha com o olhar a direção da bola)

[a bola vai para o fundo do quintal]

Cça.: (olha para Me. e direciona para este a palma da mão aberta, tendo o braço estendido à frente do corpo na altura do peito. Permanece com o braço estendido desta forma alguns instantes, olhando para Me.)

27b)

M.: - Ô Wagner! Dança pra ela ver assim. Ô Wagner!

(toca no ombro da criança)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Dança pra ela ver assim.

("dança", movimentando o corpo para os lados enquanto diz):

- Dança pra ela ver!

(apontando na direção da I.)

Cça.: ("dança" mexendo os pés e o corpo para um lado e para o outro)

SITUAÇÃO 28 (Cça.: 2a 20d)

Mesmo contexto da situação 27.

Cça.: (em pé, ao lado do caminhão de plástico grande em cuja carroceria estão os caminhões de plástico pequenos. Apoia as mãos na cintura)

M.: (chutando a bola para perto da criança várias vezes)

Cça.: (com as mãos na cintura, vocaliza):

[m : : :]

(solta os braços ao lado do corpo e dá dois passos para trás. Volta um passo para frente e coloca somente a mão direita na cintura. Estica o braço esquerdo na direção do caminhão, deixando o dedo indicador ereto também voltado para o caminhão, enquanto os outros dedos estão dobrados)

M.: - Ó!

Cça.: (ainda olhando para o caminhão, abaixa-se e pega, com as duas mãos, um dos pequenos caminhões que estavam na carroceria)

M.: (aproxima-se da criança e roça em sua cabeça com a ponta dos dedos)

Cça.: (carregando um pequeno caminhão com as duas mãos, olha para a mãe)

M.: (aponta a bola que está no chão dizendo):

- Brinca com a bola.

Cça.: (olha para a bola)

M.: - Depois você brinca com o carrinho.

Cça.: (abaixa-se próxima ao caminhão grande e começa a mexer nos caminhões pequenos que ali estão)

SITUAÇÃO 29 (Cça.: 2a 2m 15d)

Mãe, criança e tia materna na laje da casa da criança.

29a)

Cça.: (sentada em um triciclo, impulsiona-o para frente através de um movimento do corpo. Está indo em direção à rua)

M.: (aproxima-se do triciclo, segura-o pelo guidon e o vira de frente para o fundo da laje, dizendo):

- Vai lá! Pedalando assim...

(enquanto pega a perna direita da criança na altura do tornozelo e coloca o pé direito sobre o pedal do triciclo)

Cça.: (olhando para o fundo da laje, estende o braço esquerdo nesta direção com o dedo indicador esticado e os outros dedos dobrados)

M.: (continua curvada sobre o triciclo, atrás da criança. Coloca o pé esquerdo da criança sobre o pedal e o impulsiona o triciclo para frente)

Cça.: (pedala o triciclo até a metade da laje, olhando firmemente para um mesmo ponto)

[local não visível]

(para de pedalar, solta a mão esquerda do guidon e a impulsiona

para frente, com a palma aberta e voltada para baixo, como se quisesse pegar algo, e volta a impulsionar o triciclo para frente. No caminho, mantendo a palma da mão direita voltada para a esquerda, fecha todos os dedos, exceto o indicador que está esticado para frente. Mantendo a "indicação" bate com o pulso três vezes no guidon direito e pára o triciclo próximo a alguns caminhões plásticos que estão no chão. Solta a mão esquerda do guidon, e a vira ficando com a palma voltada para cima)

T.: (em pé, próxima aos carrinhos que estão no chão. Abaixa-se, pega um carrinho e o empurra para a direção da rua)

Cça.: (acompanha o movimento do carrinho com o olhar)

T.: - Vira, Wagner.

(virando o triciclo de frente para a rua, diz):

- Vai lá!

(apontando a direção da rua)

Cça.: (olha para a direção da rua, encolhe os ombros e vira a mão direita para cima)

M.: [não visível]

- Ó a cara dele!

Cça.: (com os pés no chão, impulsiona o triciclo para frente através de um movimento do corpo para frente e para trás. Chega perto da mãe)

29b)

M.: - Assim não pode!

(balançando o dedo indicador direito ereto para a direita e para a esquerda, enquanto se inclina sobre o

triciclo e diz):

- Tem que ser com o pé.

(colocando os pés da criança sobre os pedais do triciclo, vira-o para o fundo da laje)

Cça.: (sai pedalando para o fundo da laje, olhando para T. e sorrindo. Para próximo à T., solta a mão esquerda do guidon, estende o braço à frente do triciclo e o traz para trás de si)

T.: (pega um ursinho de pelúcia do chão, coloca-o no colo da criança e aponta a direção da rua com o dedo indicador direito. Imediatamente após, coloca rapidamente o dedo indicador esquerdo no ursinho dizendo):

- Leva esse daqui para lá!

(enquanto aponta com o dedo indicador direito para a direção da rua, olhando nesta direção)

Cça.: (após algumas tentativas, consegue virar o triciclo e impulsioná-lo na direção da rua. Segurando o ursinho na mão esquerda, para próximo à mãe e olha para ela)

29c)

M.: - Assim não pode.

(balançando o dedo indicador direito para um lado e para o outro)

- Assim não ...

(repete o gesto de negação anterior e se inclina sobre o triciclo dizendo):

- ... tem que ser com o pé!

(aponta o pé esquerdo da criança e, imediatamente após, coloca o pé direito desta sobre o pedal direito, fazendo o mesmo depois com o pé esquerdo. Pega o triciclo pelo guidon, vira-o para o fundo da laje)

Cça.: (olha para o seu lado esquerdo)

M.: (tira o ursinho da mão da criança)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: [S.I.]

(olhando para a criança, coloca o dedo indicador direito no guidon do triciclo. A seguir, aponta na direção da tia com o mesmo dedo, para onde também olha)

Cça.: (olha para a direção apontada pela mãe e novamente impulsiona o triciclo para lá)

SITUAÇÃO 30 (Cça.: 2a 2m 15d)

Contexto idêntico ao da situação 29.

30a)

Cça.: (sentada sobre o triciclo)

M.: (aproxima-se do triciclo e pega um pequeno caminhão de plástico que estava no chão, atrás do triciclo)

Cça.: (olha para os movimentos da mãe e estende o dedo indicador direito ereto na direção do caminhão)

M.: - Vem, vem!

(andando para trás, posiciona a mão direita na altura do peito, aproximadamente, com a palma voltada para o próprio corpo. Através de um movimento do pulso, joga esta mão para a direção do próprio corpo, duas vezes: gesto interpretado como "vem")

Cça.: (começa a pedalar o triciclo para a direção em que está a mãe, mas pára pois se distrai com uma menina (Ma))

Ma.: (abaixada no chão brincando com um carrinho)

30b)

M.: - Ó!

(aproxima-se da criança e toca em sua cabeça com as pontas dos dedos, dizendo):

- Wagner!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (com a mão esquerda, segura o barbante que está amarrado ao caminhãozinho que pegara, deixando-o suspenso no campo de visão da criança)

Cça.: (mantém-se olhando para a mãe)

M.: (ainda segurando o caminhão, aponta-o com o dedo indicador direito. Imediatamente após, leva a mão direita à altura do nariz, com os dedos eretos, unidos e direcionados para a sua esquerda. Balança a mão para cima e para baixo, dobrando ligeiramente os dedos e dizendo):

[S.I.]

Cça.: (ainda sentada no triciclo, olha atentamente para a mãe)

M.: - Fedendo. Faz!

(repete o gesto anterior duas vezes. Olhando firmemente para a criança, aponta o caminhão que ainda segura e repete o gesto anterior mais uma vez)

Cça.: (parada, olhando atentamente para a mãe)

M.: - Não está fedendo, não?

(balança para os lados a cabeça e o dedo indicador direito em riste, olhando para a criança. Aponta com o indicador direito o caminhão que segura com a mão esquerda, repete o gesto interpretado como "mal cheiro", e aponta novamente o caminhão)

Cça.: (estende o braço direito na direção da mãe, com o dedo indicador esticado e outros dobrados. Imediatamente após, balança a mão direita à frente do nariz com os

dedos voltados para o seu lado esquerdo, enquanto olha para a mãe)

M.: (vira-se para o seu lado direito e ri)

I.: [não visível]

(ri também)

Cça.: (volta a colocar a mão direita sobre o guidon do triciclo)

M.: (vira-se novamente para a direção da criança e realiza o gesto interpretado como "mal cheiro")

Cça.: (começa juntamente com a mãe a balançar a mão direita na altura do nariz. Para este movimento e estica bruscamente o braço direito a sua frente com a palma da mão voltada para a direção em que está a mãe)

30c)

M.: (abaixando-se para pegar um ursinho de pelúcia no chão)

Cça.: (observando os movimentos da mãe)

M.: (segurando o ursinho com a mão direita, aproxima-se da criança apontando o brinquedo e dizendo):

- Bichinho aqui ...

(repete o gesto interpretado como "mal cheiro". Aproxima o ursinho do rosto da criança, aponta-o novamente olhando para a criança)

Cça.: (estende o dedo indicador direito na direção do ursinho e realiza várias vezes o movimento de balançar a mão à frente do nariz, com a palma voltada para baixo. Volta a segurar o guidon do triciclo)

M.: [não visível]
- Brinca mais!

Cça.: (novamente estende o dedo indicador direito esticado na direção do ursinho, a seguir, balança a mão direita à altura do nariz, com a palma voltada para baixo)

M.: - Vai lá brincar!

(aponta em direção à rua)

Cça.: (vira o triciclo para a direção da rua e, o faz andar impulsionando-o através de um movimento do corpo)

SITUAÇÃO 31 (Cça.: 2a 2m 15d)

Mãe com o filho mais novo no colo, criança e tia materna na laje da casa da criança.

Cça.: (andando com o triciclo em direção à rua)

M.: (segurando o bebê no colo, toca na criança tentando detê-la e dizendo):

- Pega o nenê assim, toma!

(abaixando o bebê como se fosse colocá-lo no triciclo)

Cça.: (continua impulsionando o triciclo para frente, sem olhar para a mãe)

T.: (em pé, de frente para a criança. Aponta a direção da mãe com o indicador direito e une os braços à frente do corpo um sobre o outro, como se segurasse um nenê. Aponta novamente a direção da mãe)

Cça.: (para o triciclo e olha para a mãe, estendendo os braços à frente do corpo)

M.: (arruma o bebê no colo da criança)

Cça.: (começa a impulsionar o triciclo para frente com o irmão no colo)

T.: (segurando o bebê para que este não caia do colo da criança)

SITUAÇÃO 32 (Cça.: 2a 2m 15d)

Mãe no fundo da laje. Criança pedalando seu triciclo.

32a)

Cça.: (pedala o triciclo até o lugar onde está a mãe. Olha para a câmera)

M.: (bate a mão no guidon do triciclo)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (ligeiramente inclinada sobre o triciclo, direciona sua mão direita para a câmera. Fecha os dedos desta mão, exceto o polegar que fica ereto e apontado para cima: gesto interpretado como "positivo")

Cça.: (olha para a câmera)

M.: (repete o gesto anterior)

32b)

Cça.: (olhando para a câmera, manda um beijo)

M.: (coloca as pontas dos dedos na boca da criança, retirando-as rapidamente)

Cça.: (manda mais um beijo, olhando para a câmera)

M.: (coloca novamente as pontas dos dedos na boca da criança, retirando-as a seguir)

Cça.: (leva a mão direita à boca, com a palma voltada para esta, e a afasta rapidamente mandando um beijo. Repete este movimento várias vezes)

SITUAÇÃO 33 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mãe, criança e um seu amigo (Me) no quintal da casa da criança.

M.: (sentada na porta da cozinha)

Cça.: (em pé, de frente para a mãe)

M.: (coloca no chão um carrinho de fricção e o faz andar)

[o carrinho "anda" em direção à câmera]

Cça.: (acompanha o carrinho com o olhar. Abaixa-se, pega o carrinho e o oferece à mãe, aproximando-o dela)

M.: (enquanto realiza um meneio positivo com a cabeça, balançando-a para frente, aponta o carrinho e diz):

- Brinca você.

(aponta para o fundo do quintal. Imediatamente após, posiciona sua mão direita como se segurasse o carrinho e estende o braço direito para o fundo do quintal sem alterar o desenho da mão)

Cça.: (coloca o carrinho no chão e o empurra para o fundo do quintal. Pega um caminhão de plástico)

SITUAÇÃO 34 (Cça.: 2a 3m 26d)

Contexto idêntico ao da situação 33.

34a)

Cça.: (sentada em uma mureta de cimento)

M.: (em pé, de frente para a criança diz):

- Levanta pra gente brincar!

(o braço direito está dobrado fazendo com que o ante-braço fique suspenso à frente do corpo e voltado para cima. Eleva o ante-braço, chegando a movimentar a mão para o próprio corpo. Gesto interpretado como "levantar")

Cça.: (observando um caminhão de plástico que rolava para o fundo do quintal)

M.: - Vamos!

(toca na cabeça da criança)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Com esse daí agora ...

(aponta com o dedo indicador direito o carrinho que a criança segura e diz):

- ... vamos!

(traz a mão direita aberta, com a palma voltada para cima, para perto do corpo. Em seguida, vocaliza com o braço próximo ao corpo, fecha a mão e estende o braço em direção à escada, como se empurrasse um carrinho):

- Psssss ...

Cça.: (olhando atentamente para a câmara)

M.: (olhando para a criança, diz):

- Vamos, vamos, vamos.

(repete o gesto interpretado como "levantar" três vezes)

Cça.: (olha para a mãe)

34b)

M.: (semi-estende o braço à frente do corpo, com os dedos fechados, exceto o indicador que está esticado para cima. Balança este dedo para um lado e para o outro algumas vezes e diz):

- Qué não?

(sem parar de balançar o dedo)

Cça.: (olhando para a mãe, sorri para ela)

M.: (olhando para a criança com os braços semi-estendidos à frente do corpo, une os braços de modo que o pulso direito fique sobre o esquerdo e abre os braços para os lados num gesto interpretado como "acabou")

Cça.: (olhando para a mãe, balança

então a cabeça para frente três vezes e olha para o chão)

M.: (realiza um meneio positivo com a cabeça duas vezes, balançando-a para frente)

Cça.: (coloca o carrinho de fricção no chão e sem tirar sua mão direita de cima dele, tenta fazê-lo andar e acaba por virá--lo com as rodas para cima)

34c) [o carrinho fica virado próximo aos pés da mãe]

Cça.: (abaixada, apoiada nas mãos, olha para o carrinho e coloca a mão direita sobre ele)

M.: - Faz assim ó!

(pega o carrinho com a mão esquerda, vira-o e o coloca no chão. Afasta-o duas vezes para trás sem tirar a mão dele, fazendo-o andar para a direção da escada)

Cça.: (sentada novamente na mureta de cimento, olha para o carrinho em movimento com os braços estendidos e afastados à frente do corpo com as mãos abertas, palmas voltadas uma para a outra. Afasta ligeiramente o braço esquerdo para a direção do carrinho e o traz para próximo do corpo, fechando a mão)

M.: (olhando para o carrinho em movimento, bate palmas dizendo):

- Éeeee, que bonito!

Cça.: (olha para a mãe, realizando novamente o movimento anterior. Fica olhando para a mãe, com o braço esquerdo ligeiramente direcionado para o carrinho com a mão aberta)

M.: (olha para a criança batendo palmas. Imediatamente após, direciona o braço direito à criança, esticando o polegar para cima enquanto os outros dedos estão dobrados, num gesto interpretado como "positivo")

Cça.: (olha para o carrinho, levanta o quadril da mureta e inclinado o corpo para frente, pega o carrinho com a mão direita)

SITUAÇÃO 35 (Cça.: 2a 3m 26d)

Continuação da situação 34.

35a)

Cça.: (sentada na mureta de cimento, segura o carrinho com as duas mãos e olha atentamente para ele)

M.: - Você falou pra ela assim: jóia?

(realiza gesto interpretado como "positivo" dizendo):

- ã Wagner? Wagner! Ó!

(aproximando a mão direita da criança mantendo o gesto interpretado como "positivo")

Cça.: (olhando para o carrinho)

35b)

M.: (aproxima-se da criança inclinando o corpo para frente, pega o carrinho dizendo):

- Levanta! Brinca lá!

(impulsiona o carrinho para a direção da escada)

Cça.: (olha para o carrinho em movimento)

M.: (fica ereta novamente e bate palmas dizendo):

- Vai lá Wagner! Viu?

Cça.: (ainda sentada na mureta olhando para o carrinho, com a mão direita entre os joelhos. Estende o braço esquerdo na direção do carrinho com a mão aberta, palma voltada para cima. Dobra o braço em direção ao corpo fechando a mão. Realiza este movimento duas vezes o-

lhando para o carrinho e, depois, olhando para a mãe realiza-o mais uma vez)

M.: (posiciona o braço direito à frente com a mão como se segurasse o carrinho. Movimenta então o braço para o seu lado esquerdo até esticá-lo, sem alterar a posição da mão. Imediatamente após, aponta o carrinho)

Cça.: (olha para o carrinho, e novamente estende o braço esquerdo nesta direção. Dobra o braço em direção ao corpo, fechando a mão. Estende o braço novamente na direção do carrinho, com a mão aberta voltada para cima e olha para a mãe, apoiando a seguir, este braço sobre a sua perna esquerda. Olha então para a mãe)

M.: - (olhando para a criança, ri e novamente posiciona sua mão direita como se segurasse um carinho e estende este braço para o lado esquerdo até esticá-lo, sem alterar a posição da mão, enquanto vocaliza):

[s:::]

(cruza os braços e fica olhando para a criança)

Cça.: (com ambas as mãos entre os joelhos, ameaça chorar. Levanta-se, ficando em pé sobre a mureta e olha para a mãe)

M.: (repete o movimento anterior olhando para a criança e dizendo):

- Faz alguma coisa assim ...

(abre os braços semi-estendidos à frente do corpo com as palmas das mãos voltadas para cima. Volta com os braços para o próprio corpo batendo sonoramente as mãos nas pernas, enquanto diz):

- ... pra brincar bonitinho!

(andando em direção ao carrinho. Abaixa-se, pega o carrinho e, após friccioná-lo contra o chão, o faz

"andar" para o fundo do quintal, dizendo):

- Vamos!

(andando para o fundo do quintal, pára novamente de frente para a criança)

35c)

Cça.: (olha o carrinho em movimento)

[o carrinho pára de andar bem à frente da criança]

Cça.: (em pé olhando para o carrinho, direciona o braço direito para o chão com a palma da mão voltada para o fundo do quintal. Com a mão assim colocada, afasta o braço direito duas vezes como se empurrasse o carrinho. Olha para a mãe)

M.: - Assim ...

(aponta o carrinho dizendo):

- Faz!

(leva os dedos indicadores aos ouvidos direito e esquerdo respectivamente, vocalizando):

[m:::]

Cça.: (olhando para a mãe, leva as mãos aos ouvidos direito e esquerdo respectivamente e vocaliza):

[m:::]

(olha para a câmara e novamente para a mãe, sem alterar sua posição e sem interromper a vocalização)

35d)

M.: (olhando para a criança diz):

- Faz pra ela: jóia!

(realizando o gesto interpretado como "positivo" e, olhando para a direção da câmara)

[direção onde se encontra I.]

Cça.: (olha para a câmera)

M.: - Pergunta se ela tá jóia?

(realiza novamente o gesto inter-
pretado como "positivo")

Cça.: (ainda olhando para a câmera,
estende o braço esquerdo nesta
direção com o dedo polegar esticado
para cima e os outros dedos
dobrados)

M.: - Manda beijinho assim para ela!

(aproximando-se da criança, coloca os
dedos na boca da criança retirando-os
rapidamente)

Cça.: (olhando para a câmera,
vocaliza):

[m̃ ẽ]

(olha então para a mãe e vocaliza):

[m̃ ẽ]

(esvende o braço direito para a mãe,
com o dedo indicador esticado e os
outros dobrados enquanto vocaliza):

[ẽ m̃ ẽ]

M.: (rindo)

- A mãe do meu filho, é?

Cça.: (olhando atentamente para o
fundo do quintal)

35e)

M.: (aproxima-se da criança e, de
frente para ela, diz):

- Chama ela pra brincar com você!

(direciona o braço direito para o
lugar onde está I. e, a seguir,
aproxima-o de seu próprio corpo.
Realiza este gesto três vezes enquanto
está falando)

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Faz assim ...

(com o braço direito dobrado ao lado do corpo, abre e fecha a mão movimentando-a ligeiramente para a direção do próprio corpo, através de um movimento do pulso, enquanto diz):

- ... vem, vem.

(realiza novamente gesto anterior)

Cça.: (olha para o carrinho. Estende o braço esquerdo semi-dobrado ao lado do corpo, abre e fecha a mão movimentando-a ligeiramente para a direção do próprio corpo, através de um movimento do pulso. Imediatamente após, gira o braço esquerdo de modo que o ante-braço e a palma da mão fiquem voltados para o carrinho e estende este braço até esticá-lo completamente, como se empurrasse o carrinho. Realiza este último movimento duas vezes)

M.: (abaixa-se dizendo):

- Vamos com o outro assim, ó!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: (pega o barbante que está amarrado a um caminhãozinho de plástico, estica o barbante e começa andar puxando o caminhão)

Cça.: (olha para a mãe e imediatamente para cima, bocejando)

M.: (olha para cima também)

35f) [filho mais novo de M. começa a chorar intensamente]

M.: (aproxima-se da porta da cozinha)

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (realiza um gesto de negação, balançando o dedo indicador direito ereto para os lados. A seguir, aponta o caminhão que puxava e entra na casa)

Cça.: (fica olhando para a porta da cozinha)

SITUAÇÃO 36 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mãe e criança no quintal da casa, uma de frente para a outra.

Cça.: (olhando para a mãe)

M.: (ligeiramente inclinada, aponta uma miniatura de engradado com bebidas, dizendo):

- Isso aqui é ...

(olha para criança com a boca aberta. Com os dedos polegar, médio, anelar e mínimo unidos e voltados para a sua boca, estica o dedo indicador nesta direção colocando-o ligeiramente dentro da boca e retirando-o a seguir, repete este movimento várias vezes)

Cça.: (olhando para a mãe, abre a boca e coloca o ddo indicador direito próximo aos lábios, mantendo os outros dedos dobrados)

M.: - ... de beber!

(aponta novamente o caminhão e, com a mão fechada, estica o polegar voltado para baixo e o direciona para dentro da boca, olhando para a criança)

Cça.: (com o dedo indicador esticado apoiado no lábio inferior, olha para o caminhão)

M.: (começa a puxar o caminhão pelo barbante amarrado a ele, fazendo-o "andar")

Cça.: (olhando para o caminhão)

SITUAÇÃO 37 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mãe e criança no quintal da casa, brincando com um caminhão de plástico que tem em sua carroceria duas miniaturas de engradado de bebidas.

M.: (abaixada no chão, arrumando os engradados na caçamba do caminhão)

Cça.: (abaixada no chão, de frente para a mãe, também tentando colocar os engradados na caçamba do caminhão)

M.: - Deixa aí mesmo. Agora pega aqui ó!

(pegando o braço direito da criança com sua mão esquerda, enquanto com a mão direita, estica o barbante que está amarrado ao caminhão)

Cça.: (continua manipulando os engradados)

M.: - Chega!

(solta a mão esquerda do braço direito da criança. Posiciona esta mão exatamente à frente do rosto da criança com os dedos esticados para cima e a palma voltada para o rosto da criança)

C_a.: (levanta-se, estende o braço direito na direção do caminhão com a mão voltada para cima e os dedos esticados. Abaixa-se novamente mantendo a mão direita aberta, voltada para cima, com a palma voltada para o caminhão)

M.: (com um movimento de pinça, unindo os dedos polegar e indicador da mão esquerda, pega o dedo mínimo direito da criança puxando-o para cima e dizendo):

- Agora puxa ...

(puxa o braço direito da criança para cima dizendo):

- ... levanta e puxa. Assim!

(colocando o barbante que segurava com a mão direita, na mão esquerda da criança)

Cça.: (segurando o barbante com a mão esquerda)

M.: (posiciona sua mão direita aberta com a palma voltada para a escada. Estica o braço sem alterar o desenho da mão)

Cça.: (puxa o caminhão em direção à escada)

SITUAÇÃO 38 (Cça.: 2a 3m 26d)

Contexto idêntico ao da situação 37.

M.: (sentada na porta da cozinha)

Cça.: (está puxando o caminhão de plástico em direção à escada)

[com o peso dos engradados a caçamba vira e os engradados caem no chão]

Cça.: (olha para a mãe, dobrando e esticando os joelhos enquanto bate sonoramente as mãos nas pernas)

M.: - Que saco, não é?

(levanta-se e se aproxima da criança. Inclina o corpo sobre o caminhão e coloca um engradado em sua caçamba dizendo):

- Não consegue não é?

Cça.: (abaixada ao lado do caminhão, estica o dedo indicador direito, mantendo os outros dedos dobrados e o aproxima bastante de uma das garrafinhas do engradado)

M.: (coloca o outro engradado na carroceria do caminhão)

Cça.: (coloca novamente o dedo indicador esticado, com os outros dedos dobrados, próximo ao engradado chegando a tocá-lo em uma das garrafinhas)

M.: - Vamos! Puxa!

(ficando em pé próxima à porta da cozinha)

Cça.: (ao tentar levantar-se perde o equilíbrio, apoiando-se com as mãos no chão para não cair)

[o caminhão rola para o fundo do quintal]

SITUAÇÃO 39 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mãe, criança e um seu amigo (Me.) no quintal da casa da criança. A mãe está tentando que a criança jogue com ela.

M.: (jogando uma grande bola na direção da criança)

Cça.: (encostada em uma parede, olha na direção da bola)

Me.: (sentado na porta da cozinha, fricciona várias vezes um carrinho contra o chão)

M.: (aproxima-se de Me. dizendo):

- Chega de barulho, chega!

(estendendo a mão direita aberta e espalmada, dedos direcionados para cima na altura do rosto de Me.)

Cça.: (olha para Me.)

Me.: (para de friccionar o carrinho mas continua segurando-o)

M.: (joga a bola para a criança)

Cça.: (anda até a porta da cozinha e se posiciona de frente para Me.. Semi-estende o braço direito à frente com o dedo indicador em riste e o movimenta para cima e para baixo, como se estivesse advertindo alguém, enquanto vocaliza):

[S.I.]

M.: [não visível]

- Não vai! Ele não vai mexer não! Para de ser chato.

Me.: (pega uma miniatura de garrafa e a coloca na boca entornando-a, como se estivesse bebendo)

Cça.: (olha para a mãe. Leva a mão direita aberta com a palma voltada para baixo e os dedos direcionados para o seu lado esquerdo, e a

movimenta para cima e para baixo à altura do nariz. Pega o braço esquerdo de Me. e tira a garrafinha de sua boca)

M.: (olha para I. e diz):

- Dizendo que pôs a garrafinha na boca e

(realiza o mesmo movimento que a criança dizendo):

- ... fedendo.

SITUAÇÃO 40 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mesmo contexto da situação 39.

Cça.: (encostada em uma parede, olhando firmemente para a câmera. Com o braço direito dobrado próximo ao corpo, direciona o dedo indicador para cima, mantendo o polegar unido aos dedos médio, anelar e mínimo. Mexe no dedo indicador direito com a mão esquerda, abaixa ambas as mãos e olha para a mãe)

M.: - Pra fazer assim: dois. Faz assim!

(direciona a mão direita para a criança com os dedos médio e indicador voltados para cima e o dedo polegar unido aos dedos anelar e mínimo)

Cça.: (olha para a câmera e estende a mão direita aberta com a palma voltada para esta direção. Os dedos indicador, médio, anelar e mínimo eretos e voltados para cima e o polegar está dobrado, encostado na palma da mão. Imediatamente após, passa a olhar para a própria mão e pega com a mão esquerda os dedos indicador e médio tentando afastá-los dos demais. Olha novamente para a câmera e estende, nesta direção, a mão direita aberta com os dedos indicador, anelar e mínimo voltados para cima e o dedo médio ligeiramente estendido à frente. A seguir, estende somente o dedo

indicador para cima, abaixa a mão direita e passa a mexer nela com a mão esquerda)

M.: (rindo, aproxima-se da criança dizendo):

- Não consegue.

Cça.: (estende a mão direita aberta, com todos os dedos abertos e voltados para cima, na direção da câmera, para onde olha)

M.: - Faz assim ó ...

(segurando com a mão esquerda o pulso direito da criança e tenta, com a mão direita, dobrar os outros dedos deixando somente o indicador e o médio voltados para cima, enquanto diz):

- ... assim ó, dois.

Cça.: (olhando para os próprios dedos sorri mas, a seguir, tenta soltar-se da mãe)

M.: (continua tentando, mas não está conseguindo posicionar a mão da criança de modo que ela "faça" o número dois com os dedos)

Cça.: (solta-se da mãe e vai para o fundo do quintal)

SITUAÇÃO 41 (Cça.: 2a 3m 26d)

Mãe, criança e um seu amigo (Me.) no quintal da casa da criança. Há alguns caminhões plásticos no chão.

Cça.: (sentada no chão, de costas para a câmera)

M.: (à frente da criança, inclinada sobre um pequeno caminhão plástico. Olhando para a criança, aponta o caminhão dizendo):

- Vamos ...

(estende o braço direito na direção da criança com a mão aberta, palma

voltada para cima. Balança levemente a mão para cima dizendo):

- ... pega aqui assim!

(faz um movimento de pinça unindo os dedos polegar e indicador e estica o braço na direção da escada, sem alterar o desenho da mão e vocalizando):

[s:::]

Cça.: (levanta-se do chão, pega o barbante que está amarrado ao caminhão e o puxa para a direção da escada, andando para trás)

M.: (entrou na casa)

Cça.: (olha para dentro da casa, solta mão do barbante e vai atrás da mãe)

SITUAÇÃO 42 (Cça.: 2a 4m 24 d)

Mãe e criança na laje da casa, brinquedos variados espalhados pelo chão.

42a)

Cça.: (sentada sobre um triciclo, cuja roda dianteira está próxima aos brinquedos no chão)

M.: (abaixada, de frente para a criança. Pega um boneco no chão e, segurando-o com a mão direita, coloca-o no campo de visão da criança, dizendo):

- A tartaruga ninja Wagner! Olha que bonita!

Cça.: (olhando atentamente para a mãe)

M.: - A tartaruga. Jóia!

(enquanto segura a tartaruga com a mão direita, aproxima desta sua mão esquerda com os dedos dobrados, exceto o polegar que está esticado para cima. Gesto interpretado como "positivo")

Cça.: (olhando para a mãe, solta a mão direita do guidon do triciclo virando-a para cima)

M.: (mantém o boneco no campo de visão da criança enquanto olha firmemente para esta)

Cça.: (continua com a mão direita virada para cima na altura do guidon do triciclo. Posiciona esta mão à frente de seu rosto, palma voltada para a mãe, e movimenta o braço direito, sem alterar a posição da mão, do rosto para o ombro)

M.: (coloca o boneco no chão e, olhando para baixo, procura outro brinquedo)

Cça.: (leva a mão direita aberta, com a palma voltada para baixo, à altura do nariz com os dedos voltados para a sua esquerda e a movimenta para cima e para baixo. Volta a colocar a mão no guidon, olhando para o chão)

42b)

M.: (pega com a mão direita um outro boneco e o coloca no campo de visão da criança, dizendo):

- Olha outro aqui!

Cça.: (olhando para a direção do objeto, começa a impulsionar o triciclo para trás)

M.: (joga o boneco no chão e começa a procurar outro brinquedo)

Cça.: (inclina o corpo sobre o guidon do triciclo e coloca o dedo indicador direito esticado sobre o "farol" do mesmo. Olha para a mãe e bate, quatro vezes, o dedo indicador esticado no "farol")

M.: (olhando para a criança, realiza um meneio negativo com a cabeça, balançando-a para os lados e joga no chão o boneco que segurava)

Cça.: (impulsiona para frente o triciclo que fica com a roda dianteira sobre alguns brinquedos. Abaixa o corpo e pega uma lata de lustra móveis. Olha para a lata e depois para a mãe)

M.: (leva a mão direita aberta, palma voltada para baixo, à altura do nariz e balança-a para cima e para baixo num gesto interpretado como "mal cheiro". Imediatamente após, aponta a lata e estende o braço direito nesta direção, pegando a lata)

Cça.: (olhando atentamente para a mãe)

M.: (dá um lápis à criança)

Cça.: (começa a rabiscar o banco do triciclo com o lápis)

SITUAÇÃO 43 (Cça.: 2a 4m 24d)

Mãe, criança e um seu amigo (Me.) na laje da casa da criança.

Cça.: (pedalando o triciclo em direção à rua, de costas para a câmera. Pára de pedalar e olha para a roda traseira onde se enroscou uma pipa)

M.: (aproxima-se da criança e toca com a ponta dos dedos em sua cabeça, dizendo):

- Ó ele mexendo com seus brinquedos lá. Ó!

Cça.: (continua olhando para a roda traseira do triciclo)

M.: - Wagner!

(toca no ombro da criança)

Cça.: (levanta o quadril do triciclo sem tirar as mãos do guidon e olha para a mãe)

M.: (aponta para o fundo da laje dizendo):

- Ó ele mexendo nos seus brinquedos lá!

Cça.: (senta-se novamente no triciclo, olhando para a direção indicada pela mãe)

M.: - Briga com ele!

Cça.: (olha para a mãe)

M.: - Briga com ele lá!

(com o braço direito dobrado à frente do corpo, mão à altura do peito aproximadamente, com a palma da mão voltada para cima. Movimenta o antebraço para os lados, sem alterar a posição da mão, num gesto interpretado como "apanhar")

Cça.: (levanta o quadril do triciclo, movimenta os pés de modo a virar o triciclo para o fundo da laje. Senta-se novamente e sai impulsionando o triciclo para a direção indicada pela mãe)

Me.: (abaixado ao lado de uma série de brinquedos, mexendo neles)

Cça.: (chega próximo aos brinquedos e, através de um movimento dos braços para cima, ergue a frente do triciclo fazendo-o cair sobre os brinquedos)

Me.: (sai de perto dos brinquedos, sentando-se em uma mureta de cimento que havia logo atrás dele)

Cça.: (vira o triciclo para a mureta de cimento e o aproxima de Me., como se quisesse prensá-lo contra a parede)

Me.: (olhando para a criança)

Cça.: (coloca a mão direita espalmada no peito de Me. como se o empurrasse e vira o triciclo para a direção da rua)

SITUAÇÃO 44 (Cça.: 2a 4m 24d)

Mãe e criança na laje da casa da criança.

44a)

M.: (em pé próxima a vários brinquedos, entre eles o triciclo da criança e uma grande bola)

Cça.: (anda até o local em que está a mãe e se senta no triciclo, olhando para a mãe)

M.: - A moto não Wagner! A moto agora não!

(aponta a moto com o dedo indicador direito e, com este mesmo dedo realiza um gesto de negação, posicionando-o ereto para cima e movimentando-o para um lado e para o outro)

Cça.: (olhando para a mãe)

44b)

M.: - Vamos brincar com a bola!

(inclinando o corpo para frente, coloca ambas as mãos espalmadas sobre a bola que está sua frente e diz):

- Vem!

(carregando a bola com as duas mãos na altura do peito)

Cça.: (sentada no triciclo de frente para a mãe, semi-estende os dois braços à frente do corpo com as mãos "em concha" voltadas para cima. Movimenta os braços ligeiramente para cima sem alterar a posição das mãos)

M.: (ainda segurando a bola com as duas mãos, movimenta ligeiramente os braços para cima dizendo):

- Levanta, levanta!

Cça.: (estende o braço direito à frente do corpo com o dedo indicador esticado e voltado para cima, enquanto os outros dedos estão dobrados. Movimenta este dedo de um lado para o outro, sorrindo para a mãe)

M.: (ri e joga a bola para a criança dizendo):

- Ó! Gooool!

Cça.: (vira o triciclo para a direção da rua e começa a impulsioná-lo para a frente sem atentar para a bola)